

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Não nos falta, ao passo, coração. Avante!
**A intervenção urbana como processo comunicativo
contemporâneo**

**Juiz de Fora
Outubro de 2010**

Homero Cezar Nogueira Tostes Filho

Não nos falta, ao passo, coração. Avante!
A intervenção urbana como processo comunicativo
contemporâneo

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Francisco José Paoliello Pimenta

Juiz de Fora
Outubro de 2010

Dedico este trabalho àqueles que me impediram de desistir.

À minha família, mesmo que não sejam necessárias palavras.

Aos adesivos em minha rua, me mandando escrever. Autêntica intervenção urbana mirando em mim. Eu devia ter escrito sobre esta.

De alguma forma, quem tiver lido esta dedicatória será alguém que me apoiou. Vai pra você, que eu sabia que leria.

EPÍGRAFE

Os profetas do século XX estão sendo reabilitados

Luís Fernando Verissimo, 21 de fevereiro de 2010 – O Globo

Pareciam desmoralizados para sempre pelo futuro que não previram, ou previram mal. 1984 já passou e o inferno totalitário de Orwell não aconteceu, ou quase aconteceu, mas não vingou. O admirável mundo novo de Huxley, é verdade, ainda estaria por vir – está marcado para a metade deste milênio – mas tudo indica que não será como ele imaginou. Nada envelhece tão depressa como os futuros de antigamente. As profecias erradas só serviriam para mostrar o que se temia ontem – a coletivização forçada no caso do antiestalinista Orwell, a automatização da vida e a felicidade artificial na nascente americanização do mundo pelo fordismo e a padronização industrial, no caso de Huxley. Pelas previsões deles se conhecia o passado, não o futuro. Outros especuladores que pareciam visionários não sobreviveram a seus 15 minutos de notoriedade. Marshall McLuhan, guru de uma nova ciência da comunicação, desapareceu sem deixar vestígios ou seguidores. Herbert Marcuse, supremo sacerdote da contracultura, teve o mesmo destino do hully-gully, lembra dele? Não foi um bom século para os profetas.

Ou foi? Estão descobrindo que eles não erraram, apenas não foram adequadamente entendidos. A internet recuperou a idéia da Aldeia Global de McLuhan, que só estava esperando a invenção do chip de silício para se tornar realidade. Quando pensava, que Marcuse apenas dava uma bênção filosófica para mais sexo e roquenrol, ele estava falando do mundo unidimensional e das formas veladas de doutrinação ideológica que nos esperavam com o pensamento econômico único, e isto ainda na década de 70. O “Big Brother” pode não controlar nossas vidas totalmente como Orwell previu em “1984”, mas só porque não quer, pois hoje tem todos os meios eletrônicos para isto, e nenhum modo de ser resistido. E a padronização da vida e a felicidade em pílulas de Huxley não estão muito longe da monocultura americana e a da química onipotente do noticiário atual. Os profetas podem ter errado nos seus roteiros e nos seus exageros, mas acertaram no essencial. E espera-se para qualquer momento a volta, do também reabilitado, do hully-gully.

RESUMO

A proposta deste trabalho é investigar a validade da intervenção urbana como meio de comunicação, bem como procurar as razões pelas quais esta prática sobrevive em meio a um contexto tecnológico que aparenta superá-la. Com tal objetivo em mente, utilizamos estudos de caso que concatenam movimentos contraculturais da década de 60 com coletivos ativistas contemporâneos. Para tanto, pretende-se analisar o desenvolvimento das técnicas empregadas na gênese das práticas ativistas ao longo deste intervalo de 40 anos de desenvolvimento tecnológico.

Palavras-chave: comunicação, situacionismo, intervenção urbana, semiótica, lugar

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate the validity of urban intervention as a means of communication and seek the reasons for this practice survives in the midst of a technological environment that appears to overcome it. With this goal in mind, we use case studies that concatenate countercultural movements of the 60s with contemporary activist collectives. To this end, we intend to analyze the development of techniques employed in the genesis of practices activists during this interval of 40 years of technological development.

Keywords: communication, Situationist, urban intervention, semiotics, places

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Introdução | 07 |
| Capítulo 1: SOB AS CALÇADAS, A PRAIA | 15 |
| 1.1 O VERÃO DO AMOR..... | 18 |
| 1.2 SITUACIONISMO E RESISTÊNCIA..... | 25 |
| 1.3 TÉCNICAS CONTRA A TÉCNICA..... | 30 |
| 1.4 A TREPANAÇÃO DE UMA CIDADE..... | 33 |
| 1.5 PERDIDOS NO ESPAÇO..... | 44 |
| | |
| Capítulo 2. A CIDADE, O LUGAR E O CONTEXTO | 48 |
| 2.1 OUTROS OLHOS, NOVAS RUAS..... | 54 |
| 2.2 SEMIÓTICA, ESSE DESCONHECIDO..... | 58 |
| 2.2.1 A teoria dos interpretantes..... | 61 |
| 2.2.2 Mudança de Hábito..... | 63 |
| 2.2.3 O Interpretante Último Final..... | 64 |
| 2.3 CARACTERÍSTICAS DAS MANIFESTAÇÕES..... | 66 |
| 2.4 NOVOS E VELHOS INTERVENTORES..... | 68 |
| 2.4.1 Juiz de Fora, <i>Mon Amour</i> : estudo de caso..... | 70 |
| 2.4.1.1. <i>Graffiti, picho, intervenção e história</i> | 73 |
| 2.4.1.2. <i>Nos muros de Juiz de Fora</i> | 78 |
| 2.4.2 Seja realista, exija o impossível: o coletivo “Novos Bárbaros”..... | 84 |
| | |
| 3 ANÁLISE SEMIÓTICA APLICADA: INTERVENÇÃO EM JUIZ DE FORA | 91 |
| 3.1 PONTO DE VISTA QUALITATIVO-ICÔNICO..... | 93 |
| 3.2 PONTO DE VISTA SINGULAR INDICATIVO..... | 94 |
| 3.3 PONTO DE VISTA CONVENCIONAL-SIMBÓLICO..... | 96 |
| | |
| Considerações Finais | 98 |
| Referências | 102 |
| Anexos | 105 |

INTRODUÇÃO

O termo “guerrilha urbana” é só mais um para tentar denominar algumas das ações de intervenção cultural no cotidiano que indivíduos vêm realizando nas cidades de grande e médio porte, em muitos pontos do planeta. Movimentos dessa natureza têm muito em comum do ponto de vista operacional, mas poucas afinidades quando listamos intenções (ou falta de). Felizmente, poucas são as características em que podemos encaixar todos os movimentos desta natureza, já que as propostas (ou ausência delas) se modificam bastante de grupo para grupo. *Culture Jamming*, terrorismo poético e Comunicação Psíquica são outras nomenclaturas que podem nos dar alguma noção dos campos de atuação de tais movimentos.

Estes fenômenos são ramificações híbridas de campos diversos. Interseções de movimentos que têm raízes em campos como a política, sociologia, arte e comunicação. Interdisciplinaridade comum à nossa época.

Por ser um termo relativamente novo e de aplicação em ramos diversos, seu significado ainda não está suficientemente definido. Cremos que o que consegue deixar menos lacunas conceituais seja este:

Como prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para **promover alguma transformação** ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial. Trabalhos de intervenção podem ocorrer em áreas externas ou no interior de edifícios. As linguagens, técnicas e táticas empregadas nesses trabalhos são bastante heterogêneas. Intervenções podem ser ações efêmeras, eventos participativos em espaços abertos, trabalhos que convidam à interação com o público; inserções na paisagem; ocupações de edifícios ou áreas livres, envolvendo oficinas e debates; performances; instalações; vídeos; trabalhos que se valem de estratégias do campo das artes cênicas para criar uma determinada cena, situação ou relação entre as pessoas, ou da comunicação e da publicidade, como panfletos, cartazes, adesivos (*stickers*), lambe-lambes; interferências em placas de sinalização de trânsito ou materiais publicitários, diretamente, ou apropriação desses códigos para criação de uma outra linguagem; manifestações de arte de rua, como o grafite. (Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Plásticas. **Intervenção Urbana**. Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882. Acesso em 03/04/2009)

Embora esta seja uma definição voltada para a vertente da arte, a intervenção urbana aproxima-se da política e da opinião quando compreendemos que seu foco está atrelado à modificação de pensamento. A interdisciplinaridade supracitada é um desdobramento dos movimentos artísticos que perseguem a inserção da arte na vida cotidiana. Movimentos estes que defendem a reinserção da produção artística onde ela pode causar reflexão, não sendo apenas valorada como mercadoria cultural. E esta propriedade “anti-alienante” denuncia: talvez a primordial característica do interventor urbano seja a disposição para atuar. Através da consolidação e popularização, nos últimos anos, da arte de rua, vemos obras com objetivos diversos: desenhos herméticos, propostas de debates, mera reflexão ou representação visual, enfim: exposição de pontos de vista.

Desta forma, procuramos definir o espectro de pesquisa, buscando perceber as características gerais das intervenções urbanas, sem entrarmos no mérito dos assuntos abordados por elas. Em síntese, procuramos entender estas formas de expressão como esferas de discussão alternativas às já instituídas.

Esta opção tornou-se imprescindível durante o percurso de pesquisa, quando percebemos que as motivações destas manifestações vão se tornando múltiplas e plurais, apontando para um campo muito mais experimental, alheio a regras de conteúdo. Logo, a definição do objeto seria muito mais proveitosa se nos focássemos em **como**, e não **o que** estava sendo representado, indo além de uma interpretação pura e simples das intervenções.

Independente das motivações de cada um dos ativistas de rua, o que se pode perceber é que, em sua imensa maioria, o ativismo busca modificar, ou, ainda melhor, influir. Vemos, hoje, intervenções urbanas de várias naturezas, como atuações cara-a-

cara, teatros de improvisação, *happenings*, *détournements*¹... Sob a ótica caleidoscópica e autocorretora da cidade, tão difícil de ser apreendida em sua totalidade, podemos ousar dizer que o que há de comum em toda intervenção urbana é a tentativa de disponibilizar informação.

As intervenções urbanas costumam utilizar-se de suportes comunicacionais pouco ortodoxos. Meios de comunicação de baixo custo, produções manufaturadas e atuações tête-à-tête eram as ferramentas mais comuns antes da explosão tecnológica do fim do século XX.

Um dos anos mais importantes na linha do tempo da intervenção urbana foi 1995. É o ano da eclosão da internet como mídia acessível. Desde então, somou-se ao arsenal midiático do ativista um novo mar de possibilidades, associadas ao computador. Com efeito, o acesso às novas mídias tornou-se uma importante ferramenta, possibilitando novas formas mescladas de ativismo de baixa e de alta tecnologia. O *insight* que deu início a essa pesquisa parte exatamente deste ponto: embora as possibilidades se multipliquem num ambiente tecnológico cada vez mais globalizante e acelerado, as manifestações de intervenção urbana que se utilizam de práticas pouco atreladas à tecnologia ainda são muito comuns.

Os conceitos de *hightech* e *lowtech* são igualmente órfãos de boa conceituação. É flagrante que o estudo interdisciplinar a que nos propusemos encontra-se em estado embrionário, posto que as pesquisas que concatenam nossos objetos ainda são parcas. Como única possibilidade, nos resta conceituar alguns deles de maneira menos incompleta possível.

A expressão *hightech* entrou em voga no ambiente das bibliotecas a partir da discussão do papel da mediação humana nas consultas aos acervos², quando a

¹ Práticas descritas posteriormente

² Como visto em <http://badinfo.apbad.pt/congresso8/com29.pdf>. Consultado em 14/11/2008>

tecnologia e a interação humana começaram a exigir novas capacitações para funcionarem juntas. A informática lida com a simples definição/tradução: alta tecnologia. Em comunicação, o assunto torna-se mais claro, mas não menos traiçoeiro. O que seria um meio de comunicação *hightech*?

Optamos por classificar os suportes comunicacionais em de baixa e alta tecnologia utilizando como parâmetro a inovação tecnológica inerente à época. Por exemplo: quando da supremacia do rádio, o transistor foi perdendo “*status*” como supra-sumo tecnológico com o desenvolvimento do tubo de raios catódicos, ancestral da televisão. Já a internet enuncia uma enxurrada de mudanças que força a transformação da televisão em um meio híbrido, migrando para a conexão em rede. Exemplos como estes devem permear o trabalho, tentando eliminar esta arbitrariedade que vem a seguir: meios de comunicação de alta tecnologia são aqueles que se aproveitam do que há de mais inovador em termos técnicos, pegando carona nos saltos quantitativos pontuais, sob recorte histórico, de alcance e conectividade.

Como o próprio exemplo do rádio e de tantas outras técnicas comunicacionais pode ilustrar, o meio de comunicação de baixa tecnologia seria aquele que já ultrapassou seu auge tecnológico, quando comparado a um novo. Suas características, antes inovadoras, já teriam sido assimiladas ao coeficiente tecnológico de uma sociedade.

É importante lembrar que estas definições vêm sendo cunhadas neste trabalho, mediante certa falta de referências anteriores às nossas.

Estas explicações nos dão aporte para introduzir o problema de nossa pesquisa: por que as intervenções urbanas ainda utilizam-se, quando falamos em larga escala, de manifestações de baixa tecnologia, quando as novas mídias já permitem práticas em nível mundial sem que o ativista precise se levantar da cadeira? Nossa

hipótese de trabalho é que a intervenção urbana associada a práticas menos sofisticadas tecnologicamente possui peculiaridades que ainda a legitimam como influenciadora do pensamento. Estas peculiaridades estão atreladas a três pontos de vista sobre o assunto, e procuramos associá-los a três outras perguntas, que aqui chamaremos de estratégias metodológicas, que precisam ser respondidas para testarmos nossa hipótese principal. Esta opção se torna mais inteligível quando percebemos que o percurso lógico proposto possui pontos nebulosos, que precisam ser explicitados, mas que não compõem dúvidas primordiais.

A primeira procura analisar o papel dos meios tecnológicos dentro da história do suporte material para o ativismo. Acreditamos que os meios *hightech* não são acessíveis à população, em seu momento de implantação. Esta afirmação acusa o fator econômico como relevante na escolha dos instrumentos de intervenção urbana. Torna-se mister evidenciar aqui o conceito de mídia táctica:

Mídias tácticas são o que acontece quando mídias baratas do tipo 'faça você mesmo', tornadas possíveis pela revolução do consumo eletrônico e pelas formas expandidas de distribuição (do acesso público ao cabo até à Internet) são exploradas por grupos e indivíduos que se sentem excluídos ou ofendidos pela cultura mais ampla (GARCIA E LOVINK, 1997, p. 107).

O fator econômico também se torna relevante quando percebemos os locais de aplicação das intervenções urbanas. O ativista procuraria ocupar a cidade exatamente onde ela não possui uma etiqueta de valor: o espaço público não-comercializável ou o espaço privado já locado como propaganda.

A segunda estratégia lida com a idéia de que as “vanguardas artísticas históricas” (DE MICHELLI, 1991) - grupos de contestação artística que eclodiram no século XX -, funcionam como mediadores entre novos paradigmas e a grande massa, desprivilegiando as novas tecnologias no processo de impacto da intervenção graças a seu posicionamento de inserção da arte no cotidiano. Foram

movimentos de uma arte que procurava se libertar das preocupações da representação figurativa, causando fraturas no pensamento sobre a experiência artística, visando sua renovação, e com franca disposição para renovar também as relações entre homem e sociedade. (GONZALVES e ESTRELLA, 2006, p2)

Esta disposição vai de encontro aos pontos de ruptura propostos por Debord e os situacionistas, de desconstrução da cidade como estandarte espetacular e reapropriação das ruas como local de construção de situações.³

A postura de reinserção da criatividade artística no dia-a-dia pressupõe a existência de uma atualização dos princípios guia da sociedade, onde uma nova manifestação serviria como estopim para a geração de novas formas de ver. Neste trabalho pretendemos nos apoiar na semiótica como quadro de referência para analisar esta possibilidade.

A terceira procura se focar mais na esfera do novo ativismo, baseado numa comunicação híbrida, tática e procedimental. Que utiliza toda e qualquer inovação disponível como nuance na aquarela de opções do interventor urbano. Esta estratégia irá nos dizer, quando respondida, de que maneira a intervenção urbana *lowtech* imiscui-se à modernidade.

Para tentar responder estas questões, utilizaremos como arcabouço teórico a semiótica Peirciana, teoria que parte da representação como forma de entender o mundo, e das considerações teóricas e práticas de alguns dos movimentos de contestação onde os interventores urbanos parecem beber, com ênfase na internacional Situacionista e no movimento Provokatie (os Provos holandeses). A semiótica servirá como guia dentro das materialidades das intervenções, e as idéias das vanguardas ativistas serão o norte no campo do conflito social.

³ Toda a obra situacionista aponta para estes dogmas, mas seu maior expoente foi o livro *A Sociedade do espetáculo*, de Guy Debord.

O primeiro capítulo explicará um pouco destas estratégias e do contexto histórico das manifestação a partir da década de 50, pontuando os usos dos movimentos no âmbito comunicacional. O segundo tentará elucidar a semiótica no processo e o papel da cidade como meio de comunicação efetivo. Apresentará também nossos estudos de caso que, a nosso ver, parecem ser correspondentes, apesar da diferença de quase meio século entre eles: o movimento Provos e o terrorismo poético em Curitiba, em especial o desenvolvido pelo coletivo “Doços Bárbaros”, nesta primeira década do século XXI; e a Internacional Situacionista e a herança de intervenção urbana em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Já o terceiro capítulo contará com uma análise semiótica aplicada das intervenções urbanas de Juiz de Fora, tentando ampliar a gama de informações sobre o assunto em sua contemporaneidade.

Muito embora a linha do tempo seja desconsiderada nestas associações entre os movimentos, as proximidades ideológicas se tornarão flagrantes, no primeiro caso. Se mantivéssemos a França como estudo de caso contemporâneo, por exemplo, nos depararíamos com um ambiente de crítica às grandes corporações, atitude muito mais atual no “velho mundo”. A bonança tecnológica dos países europeus, fruto de intrincadas relações entre as flutuações cambiais e do investimento estatal na indústria da informação seriam fatores abrangentes demais para analisar neste trabalho. Além disso, a distância geográfica nos impediria de uma observação mais acurada dos fatos. Este é, inclusive, o motivo pela escolha da cidade de Juiz de Fora como palco da segunda associação, posto que aqui é a morada do pesquisador/*flâneur*.

Para que esta proximidade geográfica fosse aproveitada ao máximo, utilizamos a deriva: método situacionista de construção de situações inesperadas como nosso método de observação. Nossa metodologia consistia de passeios a esmo, em

períodos que não ultrapassavam os 20 dias de intervalo, tentando observar o fluxo de nascimento/morte das intervenções urbanas de Juiz de Fora. Esta prática foi a mais proveitosa, e a recomendamos para qualquer pesquisador do tecido social.

1 SOB AS CALÇADAS, A PRAIA

A intervenção urbana teve na arte seu nascedouro. Muito embora seja difícil dizer quando a primeira manifestação alcunhada como intervenção foi executada, pode-se dizer que algumas correntes artísticas são as fontes para este tipo de prática.

É fácil distinguir uma tradição vinda do Espírito Livre, pelos escritos de Winstanley, Coppe, Sade, Fourier, Lautréamont, William Morris, Alfred Jarry, atravessando o Futurismo e o Dadá – e depois o Letrismo, via Surrealismo, continuando por meio de vários movimentos situacionistas, Fluxus, Mail Art, Punk Rock, Neoísmo e cultos anarquistas contemporâneos. (HOME, 1999, p14)

Todos os movimentos descritos estão atrelados a momentos de ruptura com a práxis instituída. A arte de rua é um rótulo que acaba por abarcar os movimentos que usam a cidade para tentar realizar este intento.

Seu berço parece ter sido a segunda metade do século XIX, quando os desdobramentos da Revolução Industrial começavam a produzir riqueza suficiente para que a recém-nascida classe burguesa começasse a investir em arte como mercadoria. Alguns artistas não ficaram satisfeitos com o que viram.

Na Inglaterra Vitoriana (1837-1801), o movimento *Arts & Crafts*, tendo o escritor e artista William Morris como principal expoente, articulou formas de trabalho artesanal e cooperativo como reação às transformações sócio-econômicas e a desestabilização da vida comunitária, formando uma prática artística que se recusa a aceitar os domínios da mecanização da produção industrial em massa e das novas leis de mercado. (MESQUITA, 2008, p13)

A importância desta nova prática estava na tentativa de recriar uma arte “para todos”, insurgente às tendências econômicas da época. Artistas ligados a Morris começaram a se sentir atraídos pela noção de arte como prática socialista, e a

Comuna de Paris (1871) começava a receber loas de artistas descontentes com os rumos da arte como produto final.

A chegada do século XX dá fôlego a uma nova leva de movimentos politicamente engajados que também pressupunham outro posicionamento. Principalmente o Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo e Construtivismo tentavam reacender a discussão “inovação técnica *versus* posicionamento político” através da negação das instituições artísticas e políticas vigentes.

Contra o aparelho de submissão às convenções da arte burguesa, o projeto utópico das vanguardas apoiou-se na crítica da autonomia de campo da prática artística e de sua independência relativa em relação ao contexto social e dos sistemas econômicos e políticos. (MESQUITA, apud BÜRGER, 2008, p69)

O período pós-guerra (1945) viu países vencedores tomarem impulso rumo ao crescimento. Nações derrotadas iniciavam suas reconstruções. A lógica do crescimento militar funcionava novamente, fortalecendo as instituições formais, valorizando os governos, o exército, movimentando a economia.

Os anos 50 começam com ligeiros sintomas do que esta organização mundial causava em sua população. Nos EUA, uma nova geração de poetas e “vagabundos” – os *beatniks* – já começavam a demonstrar sua indignação e indiferença para com o *status quo*. Viajando pelo país como clandestinos em trens de carga, a geração *beat* produzia seus primeiros poemas e *folk songs* contra a lógica ocidental de organização social. Herdeiros dos movimentos que se negavam a aceitar a ótica racionalista herdada do iluminismo, os *beatniks* foram a primeira leva de uma onda que viria a ser chamada de contracultura.

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que

floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo bastante adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente. (MACIEL, apud PEREIRA, 1983, p13)

Sua definição, em oposição, de cultura é: “um produto histórico, isto é, contingente, mais acidental do que necessário, uma criação arbitrária da liberdade – cujo modelo supremo é a Arte”. (idem). Tal definição procura salientar não a formalização acadêmica de cultura, que a classifica como conjunto de normas, padrões e comportamentos da sociedade ou de uma sociedade em particular, mas, como queremos crer, a marcha agonística de hábitos sociais estabelecidos rumo a outros novos, revistos incessantemente, num processo infinito. O processo evoluiria de maneira imprevisível e rizomática, numa seqüência de aleatoridades que, em conjunto, formariam o megassigno chamado cultura. Tal proposição daria ao tempo uma posição privilegiada no processo, posto que a incessante atualização do signo cultural seria a tônica principal de sua definição, independente da direção tomada por este processo. A definição maniqueísta de certo e errado poderia mudar de posição impunemente, dependendo do desenvolvimento cultural das épocas.

Parece-nos certo afirmar que algumas destas correções seriam maleáveis, passíveis de influência externa, embora impossíveis de serem controladas em todos os seus desdobramentos. Aí entraria a segunda parte do conceito de Maciel (idem), que transforma a arte num complexo de pistas deixadas pela cultura em sua orientação rumo ao devir.

E tal devir tendia para a contestação de uma sociedade voltada para a racionalização formal dos problemas, apoiada na razão. Os anos subseqüentes viram surgir o movimento *hippie* e os grupos de terrorismo nacional como o *Baader Meinhoff*, na Alemanha. Os anos 1960 começam com mudanças na maneira de se

vestir, portar, agir. Cabelos compridos, misticismos e novas posturas ante as drogas e minorias modificavam as cidades.

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura. Ainda que diferindo muito dos tradicionais movimentos organizados de contestação social – e isto tanto pelas bandeiras que levantava, quanto pelo modo como as encaminhava. (PEREIRA, 1983, p8)

As confluências destes novos grupos de vanguarda alcançaram seu ápice no emblemático ano de 1968.

1.1 O VERÃO DO AMOR

O ano de 1968 foi o ano da convulsão: um ano após a morte de Che Guevara, os países sul-americanos lutavam para manter seu legado, o Brasil intensificava sua luta interna contra a ditadura. O Vietnã recebia apoio dos próprios norte-americanos, bem como de japoneses e alemães, que pediam a retirada das tropas. O movimento negro e seu braço armado, os Panteras Negras, se engajavam com ainda mais força pelos direitos civis.

Nos Estados Unidos, 1968 foi um ano agitado pelas mortes de Martin Luther King e Robert Kennedy. Na Universidade de Columbia se deram as principais manifestações estudantis em resposta à descoberta de uma ligação entre a universidade e o Pentágono.

Em Abril de 1968 nascia na antiga Tchecoslováquia a esperança numa nova forma de socialismo com uma "face mais humana". Alexander Dubcek era o

líder do Partido Comunista Tcheco, foi ele que iniciou as reformas que ficariam conhecidas como a "Primavera de Praga". Durante cerca de quatro meses os tchecos viveram um sonho democrático: Liberdade de imprensa e tolerância religiosa eram algumas das propostas de Dubcek para a nova Tchecoslováquia. Em Agosto, a URSS respondia com tanques contra o sonho de liberdade. Na França, as bases que ajudariam a convulsionar Paris já estavam instauradas: revoltas estudantis unidas à massa de trabalhadores grevistas bebiam das mesmas fontes: o situacionismo.

A Internacional Situacionista nasceu na Itália, em 1957, proveniente da fusão entre o Internacional Letrista, de onde vieram Guy Debord e Michelle Bernstein, Associação Psicogeográfica de Londres (cujo único membro era Ralph Rumney) e o Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista, que trouxe Asger Jorn e Pinot-Gallizio. Durante toda sua existência, a I.S. contou sempre com um número pequeno de integrantes, como era a intenção. O movimento situacionista não precisava de grandes números em suas fileiras, porque foi um movimento de agitação cultural de cunho predominantemente artístico, em sua primeira fase. Isso bastou como difusor de conhecimento para a fase das ações.

Inicialmente, a I.S. se apresentava como uma frente revolucionária na área cultural: a arte, para os situacionistas, não deveria ser alienada, elitista e voltada somente às questões de natureza estética e formal, e sim uma expressão da realidade da vida cotidiana permanentemente criada e reconstruída, estando o material para realizá-la ao alcance de todos.

Em 1962, os únicos fundadores remanescentes na I.S. eram Guy Debord e Michèle Bernstein. Debord expulsara, como era praxe, os outros membros fundadores, acusando-os de se voltarem à sociedade do espetáculo. A parte alemã da

I.S. foi excluída e os dois mantiveram o nome original, inaugurando a segunda fase deste movimento.

A partir daí, a intenção de Debord passou a ser livrar a I.S. das características de grupo vanguardista de arte e transformá-la em uma organização política de fato, a partir do argumento de que o tempo de pensar a arte já havia passado.

Deste momento em diante, as idéias situacionistas passaram a primar pelo otimismo da ação e por um sentido de urgência muito forte no que diz respeito à tomada de posição dentro da luta de classes. Os textos inflamados do periódico situacionista atacavam artistas, políticos, estudantes, polícia... tal qual uma metralhadora giratória, as palavras miravam os soldados, buscando conquistar espaço para fincar uma bandeira nova, um novo grupo de idéias que as instituições pudessem adotar: A crítica a uma sociedade passando por fundamentos antes não atrelados ao pensamento político - a arquitetura como fator preponderante. A arte como caminho de recriação do cotidiano. A elevação da sociedade tecnicista a inimiga número um de uma vida plena.

Para a I.S., que se dizia anti-hierárquica, o centro do movimento subversivo era a luta de classes, e propostas como a eliminação do trabalho em prol de um novo tipo de atividade livre e da autogestão faziam parte do novo estilo de vida que pretendiam instaurar.

Apesar dessas influências, o posicionamento da I.S. era contrário aos projetos revolucionários dos quais era contemporânea, porque estes combatiam a sociedade burguesa em uma mesma esfera institucional política e, mesmo que conseguissem derrotar o capital, também manteriam a sociedade sob o jugo de uma hierarquização das estruturas políticas formais: Tudo o que abominavam.

Depois de 1962, Debord e Raoul Vaneigem, o segundo expoente teórico da I.S, dedicaram-se ao trabalho teórico, como uma espécie de preparação para a nova fase de guerra que visualizavam. O resultado foi o periódico *Internationale Situationniste*, que já vinha sendo publicado desde 1958 e que somou 12 edições até 1969, quando foi extinto. Passa a existir, então, a ambição de sistematizar o pensamento, mas sem deixar que ele se tornasse uma ideologia. Vaneigem e os situacionistas sempre rejeitaram a idéia de um “situacionismo” como movimento, uma vez que isso deixaria subentendida a existência de dogmas e doutrinas que destruiriam sua base, ou seja, a permanente dinâmica de crítica e superação.

A aproximação de Henry Lefebvre com Debord foi importante nesta mudança do foco artístico para o político. Lefebvre era um pensador do Partido Comunista que não acreditava no Stalinismo, e começou a trabalhar na revisão do Marxismo, realizando um trabalho crítico comparado por muitos ao desenvolvido pela Escola de Frankfurt. Foi ele quem apresentou aos situs as “possibilidades reais do marxismo atual”.

A soma do conteúdo teórico do *Internationale Situationniste* com o livro “A Sociedade do Espetáculo”, obra maior de Debord, mais as discussões sobre a deriva e psicogeografia abasteceram de instrumentos de guerrilha os estudantes seguidores das ideologias situs.

As intervenções nos muros de Paris, bem como ações diretas dos ativistas, como distribuições de panfletos e conferências de discussão em cineclubes que espocavam desde o fim da Segunda Guerra, foram gerando condições de conflito por toda a cidade, e o estopim estava aceso: em Nanterre, depois na Sorbonne, o famoso Maio de 68 começava.

As *campi* foram ocupadas, Paris conheceu batalhas campais entre estudantes e operários contra um polícia que parecia estarecida com as mudanças nas ruas da cidade. A retirada dos calçamentos para formação de barricadas, palavras de ordem enfeitando as paredes, histórias em quadrinhos norte-americanas com suas falas trocadas por frases de Marx, pelo chão.

Aqui estão algumas das frases encontradas em Paris, na época:

Ne vous emmerdez plus! Emmerdez les autres! (Nanterre)

(Não se chateiem! Chateiem os outros!)

Savez-vous qu'il existait encore des chrétiens? (Hall. Gd Amphi. Sorbonne)

(Você sabia que ainda existem uns quantos cretinos?)

Notre espoir ne peut venir que des sans-espoir. (Hall Sciences Po.)

(A nossa esperança não pode vir senão dos desesperados)

J'aime pas écrire sur les murs. (Amphi. Musique. Nanterre)

(Não gosto de escrever nas paredes)

L'agresseur n'est pas celui qui se revolte mais celui qui affirme. (Nanterre)

(O agressor não é aquele que se revolta mas aquele que motiva)

La liberté n'est pas un bien que nous possédions. Elle est un bien que l'on nous a empêché d'acquérir à l'aide des lois, de règlements, des préjugés, ignorance, etc... (Nanterre)

(A liberdade não é um bem que possuímos. Ela é um bem que nos impedem de adquirir mediante leis, regras, preconceitos, ignorância, etc...)

Quand le doigt montre la lune, l'IMBECILE regarde le doigt. Proverbe chinois. (Conservatoire Musique)

(Quando o dedo aponta a lua, o IMBECIL olha o dedo. Provérbio chinês.)

Les gens qui ont peur seront avec nous si nous restons forts. (Gd Hall Nlle Fac. De Médecine)

(As pessoas que têm medo estarão do nosso lado se nos mantivermos fortes)

Je décrète l'état de bonheur permanent. (Escalier. Sciences Po.)

(Decreto o estado de felicidade permanente)

Etre libéré en 1968, c'est participer. (Escalier. Sciences Po.)

(Ser livre em 1968 é participar)

Un homme n'est pas stupide ou intelligent: il est libéré ou il n'est pas. (Médecine)

(Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é)

Make love not war. (Bâtiment C. 2e ét. Nanterre)

(Faça amor, não guerra)

O sonho é realidade

As reservas impostas ao prazer excitam o prazer de viver sem reservas

Sejamos cruéis!

Tenho algo a dizer, mas não sei o quê

Todo o poder abusa. O poder absoluto abusa absolutamente

Nós somos ratos (talvez) e mordemos.

Não me libertem, eu encarrego-me disso

A poesia está na rua

Vivam sem tempos mortos.

A ação não deve ser uma reação, mas uma criação

Corre camarada, o velho mundo está atrás de ti

Sob a calçada, a praia

A vontade geral contra a vontade do General

A Revolução tem de deixar de ser para existir

Abram o vosso cérebro tantas vezes como a braguilha

E se queimássemos a Sorbonne?

É proibido proibir

Quando a assembléia nacional se transforma num teatro burguês, todos os teatros burgueses devem transformar-se em assembléias nacionais.

Sejamos realistas, exijamos o impossível

A liberdade, o crime que contém todos os crimes, é a arma de todos nós!

Abramos as portas dos asilos, das prisões, e de outras Universidades

A barricada fecha a rua mas abre o caminho

Trabalhador: tu tens 25 anos, mas o teu sindicato é do outro século. Para mudar isso, visite-nos

Não reivindicaremos nada. Não pediremos nada. Conquistaremos. Ocuparemos

Tomem os vossos desejos pela realidade

Não é o homem, mas sim o mundo que se tornou anormal

Enfureçam-se!

A arte morreu. Não consumam o seu cadáver!

Quanto mais faço amor, mais vontade tenho de fazer a Revolução. Quanto mais faço a Revolução, mais vontade tenho de fazer amor

Vejo-te na calçada

A Humanidade só será feliz quando o último capitalista for enforcado com as tripas do último esquerdista

A sociedade é uma flor carnívora

Quando ouço o termo “cultura” lembro-me da tropa de choque

Abolição do trabalho alienado (reprodução de tela de Debord)

Às realizações, mesmo as mais modestas.

O Poder tinha as Universidades; Os estudantes tomaram-nas. O Poder tinha as fábricas; Os trabalhadores tomaram-nas. O Poder tinha a ORTF (Office de radiodiffusion télévision française); Os jornalistas tomaram-na. O Poder tem o Poder; Tomemo-lo.

Não é uma revolução; é uma mutação

Não vão à Grécia este Verão, fiquem na Sorbonne

Não consumamos Marx

A imaginação no poder⁴

1.2 SITUACIONISMO E RESISTÊNCIA

Colocando o Situacionismo em uma posição central na produção de crítica intelectual da época, nos resta descrever que tipo de prática era defendida por eles em suas digressões.

Os situacionistas deram muita importância à arquitetura e ao urbanismo em seus escritos. Guy Debord entendia a cidade como fator preponderante na mudança de postura ante a sociedade. Em seu texto “Crítica da Geografia Urbana” (1955), afirmava que “nada realmente novo pode ser esperado até que as massas em ação despertem para as condições que lhes são impostas em todos os domínios da vida, e para as formas práticas de mudá-las”. E entendia que esta mudança vinha da transformação da cidade em morada de homens como indivíduos, não como base para a circulação de meros operários. Em uma época onde o cinema era a tecnologia inovadora, conceitos como o *détournement* – deturpação de esquemas preestabelecidos em prol da construção de

⁴ Essas frases de Maio de 68 foram retiradas das seguintes fontes: www.mai68.net ; <http://www.dhnet.org.br/desejos/revoluc/maio68slg.htm> ; e dos livros I.S Situacionista. Teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002 ; I.S., BERENSTEIN JAQUES, Paola (org). Apologia da deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003 ; e COELHO, Teixeira. Guerras Culturais. São Paulo: Iluminuras, 2000.

novos significados – fizeram da Internacional situacionista (IS) um movimento que procurava usar a cidade como instrumento de reviravolta cultural. **A cidade como suporte comunicacional contra a sociedade técnica.**

O historiador Eric Hobsbawn denomina o século XX como breve e sangrento. Foram cem anos conturbados. Foi nele que ocorreram as duas maiores guerras da história contemporânea. Dezenas de países rearranjaram seus territórios e fronteiras, a custo de muitas vidas.

Mas, como sempre, com a guerra vem o salto no desenvolvimento tecnológico, motivado pelos incentivos militares. A década de 1950 testemunha o fortalecimento dos Estados enquanto potências industriais. Muitos já se consolidavam como nações tecnocráticas, afeitas ao aperfeiçoamento racional em busca da perfeição produtiva.

Os meios de comunicação tinham acompanhado o salto econômico e alcançavam patamares antes inimagináveis. A TV ganhava força como eletrodoméstico familiar e necessário. O aparato midiático massivo, que depois Adorno batizou como Indústria Cultural, engatava terceira marcha e deslanchava, passando a influenciar diretamente a maneira de absorver conceitos – tarefa antes delegada mais diretamente a círculos sociais restritos como a família, por exemplo. Em mutação, a nova organização social evidenciava:

Uma sociedade tecnocrática voltada para a busca ideal de um máximo de modernização, racionalização e planejamento, com privilégio dos aspectos técnico-rationais sobre os sociais e humanos, reforçando uma tendência crescente para a burocratização da vida social. Tudo isto, por sua vez, apoiado e referendado pelo dogma da ciência, ou melhor, pela crença absoluta na objetividade do conhecimento científico e na palavra do especialista, o intérprete autorizado do discurso da tecnologia, da produtividade e do progresso. (PEREIRA, 1983, p29).

A disseminação dos *campi* universitários foi grande, à época, e tinha como causa a necessidade de abastecimento, no mercado, desse novo profissional técnico, o

especialista, rumo à indústria. Mas acabou propiciando aos jovens da época uma oportunidade de intercâmbio cultural mais diverso, entrando em contato com ideologias diferentes da dominante. E como veremos mais à frente, acabou por auxiliar as condições de explosão da contracultura.

Todas as atualizações tecnológicas provenientes do desenvolvimento industrial modificaram a maneira como os homens viviam. A aceleração dos processos produtivos impactava na exigência de trabalho, exigindo dos homens a eficiência que o método racional conseguia retirar da produção. Tais modificações técnicas conseguiram melhorar as condições básicas de vida da burguesia, alcançando pujança na produção de bens de consumo e elevação da renda per capita, mas também causavam distorções.

A aparelhagem técnica de produção e distribuição (com um setor de automação aumentado) funciona não como a soma de simples instrumentos que podem ser isolados de seus efeitos sociais e políticos, mas antes como um sistema que determina o produto do aparelho bem como as operações de utilização e sua extensão. O aparelho produtor tende a tornar-se totalitário na medida que determina não somente as especializações e atitudes como também as necessidades e aspirações individuais. (MARCUSE, 1973, p15)

De fato, o cerne da crítica às sociedades industriais estava na anulação do homem como indivíduo em prol da produção acelerada. Segundo os pensadores da época, ao invés de trabalhar para viver, o homem passou a viver para trabalhar, tendo que cumprir exigências cada vez mais altas para se manter dentro do construto social capitalista. A lógica racional de Descartes, acusada de iniciar este processo de desumanização forçada, começou a ganhar críticos ferrenhos. Mesmo com as posturas políticas claramente limitantes, como o Macarthismo.

Nos EUA, os *hipsters*, boêmios que afirmavam sua identidade negando o modo de vida americano, são batizados de “*White negro*”⁵, os negros brancos,

⁵ Batizados por Norman Mailer em artigo chamado White Negro: Superficial Reflections on the Hipster (PEREIRA, 1983, p21)

aproximando dois movimentos que reagem, diariamente, com rebeldia às repressões do mundo tecnicizado.

Amealhados nos desvãos de uma sociedade profundamente burocratizada, aqueles que discordavam do sistema estabelecido procuravam, através da afirmação do indivíduo e da busca do prazer, preencher as lacunas identificadas por esta forma de organização social. Estouram, também na Europa, vários movimentos de contestação política e artística, talvez pela longa tradição de atuação esquerdista da Europa. A revolução era instaurada não apenas nos campos de batalha institucionalizados, mas no choque de gerações que colocava, lado a lado, o modo de enxergar a vida diferenciado dos pais e filhos da burguesia.

Não se tratava da revolta de uma elite que, embora privilegiada, visasse uma redistribuição da riqueza social e do poder em favor dos mais humildes. Nem de uma “revolta dos despossuídos”. Ao contrário. Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante, por suas grandes possibilidades de entrada no sistema de ensino e no mercado de trabalho, rejeitava esta mesma cultura de dentro. E mais. Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais.(PEREIRA, 1983, p23)

A descrença nas instituições normativas acabou por ajudar a parir a característica mais interessante dos grupos de agitação cultural que brotavam deste contexto histórico. Os ativistas destes e de outro movimentos que veremos adiante não poderiam usar os meios naturais de combate político e cultural para desestabilizar as estruturas. A violência e o debate político convencional, legitimado pelo Estado, faziam parte de tentativas anteriores de desconstrução, e já não davam conta da nova problemática que se instaurava. Posto que a lógica do sistema burocratizava também estes espaços, engolfando-os em suas lógicas inadequadas para manifestantes que exigiam o lugar de direito do prazer e da imaginação como pilares do desenvolvimento humano.

Os meios de comunicação, como dito, tinham papel interessante nesta cena. O espaço para a contestação não seria cedido pelas mídias convencionais, administradas grandes corporações atreladas aos governos “caretas”. O cinema ensaiava uma nova tendência, alheia aos filmes produzidos em série por *Hollywood*, mas a produção ainda não se impunha, e Marx talvez tateasse o correto diagnóstico para isto: na obra *A Ideologia Alemã*, ele defendia que a classe que dispusesse dos meios de produção material controlaria também os meios de produção espirituais, o que relegaria aqueles que não possuíam os bens de produção material às idéias dos que os possuíam⁶.

A sociedade era desvelada como uma empresa dirigida por uma elite tecnológica e metódica, procurando desenvolver a técnica além da organização e coordenação, mas no sentido de conformar o todo, ideológica e industrialmente. A produção realimentaria os aparelhos reguladores do Estado⁷, necessários pra manter o motor capitalista funcionando, mesmo que isso signifique o desperdício de uma superprodução. Para tanto, a máquina atualiza as necessidades e aumenta os desejos, construindo um “(...) universo realmente totalitário em que a sociedade e a natureza, a mente e o corpo são mantidos em um permanente estado de mobilização para a defesa do seu universo” (MARCUSE, 1973, p 15).

⁶ MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução Frank Müller. Editora Martin Claret - Coleção Obra Prima de Cada Autor – Textos Integrais, 2006, p. 78.

⁷ Althusser utiliza o conceito de superestrutura para descrever os aparelhos repressores do Estado, bem como a idéia de infraestrutura para cunhar o termo aparelhos ideológicos do Estado. Muito embora as idéias do autor sejam claramente estruturalistas, o que não condiz com o quadro de referência que pretendemos adotar, elas parecem retratar bem os discursos das vanguardas culturais capturadas neste projeto.

1.3 TÉCNICAS CONTRA A TÉCNICA

Como vimos, a I.S tinha a sátira como marca registrada. O movimento expulsava e admitia membros com critérios arbitrários, numa clara paródia aos movimentos de cisão dos partidos de esquerda. Acreditavam que a única forma de trabalhar contra o sistema sem cair nos antigos erros seria a manipulação das próprias características postas, retirando-as de seu contexto, ridicularizando-as e as transformando em crítica de si mesmas. Esta prática, o *detournement*, é a contribuição mais relevante dos situacionistas para o que hoje é chamado de guerrilha de mídia.

Pelo dicionário, *detournement* deve ser traduzido como “desvio”, “descaminho”, “roubo” ou “rpto”. Os *situs* usavam o termo no sentido concebido por Lautremont: um método que consiste em tomar as coisas dos inimigos para montar uma outra coisa, que ajude a combater o inimigo. Uma das ações de *detournement* mais queridas dos *situs* era tomar histórias em quadrinhos americanas e substituir os balões por textos revolucionários. ‘Subversão é um jogo possível pelo fatos das coisas poderem ser desvalorizadas’, escreve asger jorn, em 1960, “cada elemento da cultura pode ser reinventado ou fragmentado”. E Debord acrescenta: “Os dois princípios básicos da subversão são a perda da importância de cada elemento originalmente independente (o que significa a perda completa de seu sentido original) e a organização de um novo significado que confere um sentido vivo a cada elemento”. (IS, 2002, p. 8)

A desconstrução das revistas em quadrinhos, exemplo perfeito e não único do *detournement* da época, evidencia também uma preocupação com o moderno. Enquanto esta técnica assemelha-se à bricolagem dadaísta, os gibis eram o supra-sumo do entretenimento gráfico da época. O ataque aí parece querer atingir toda e qualquer manifestação midiática que pode ser replicada sem muito trabalho.

Outra característica relevante à IS estava no otimismo da ação. Em verdade, tal otimismo já vinha da internacional letrista e parece ser fundamental na delimitação da importância do movimento.

Mesmo que as idéias situacionistas pareçam sempre se transformar em prática na distância geográfica/geracional/temporal do núcleo central de Paris (Provos na Holanda, os estudantes de Strasbourg e os enragés de Nanterre, parte dos autonomistas da Itália dos 70 e, enfim, os punks, com toda a confusão que acompanhou essas apreensões das idéias situ, o fato é que sempre houve uma paixão pela ação e um sentido de urgência nos textos da Internationale. Um sentido de urgência que os distingue claramente de tantos teóricos revisionistas do marxismo, com os quais possam ter pontos em comum. (IS, 2002, p22)

A própria letargia era diagnosticada como resultado dos mecanismos da sociedade espetacular, não como reação possível em um mundo de homens livres. Este otimismo, aliado à crítica do urbanismo como regulador, é uma característica importante porque nela se baseia boa parte das medidas de comunicação e de guerrilha que o movimento realizava. A herança do *graffiti*, sintonizada às idéias de reavivamento do urbano, foi outra contribuição das táticas midiáticas dos situacionistas. Com efeito, “ a história do maio francês podia ser vista nos muros de Paris” (idem). Embora a técnica fosse utilizada até mesmo na antiga Roma, e tenha sido reapropriada na década de 50, com a invenção da tinta em spray, como método comunicacional era arcaica, frente as possibilidades da TV e do cinema. Num exemplo contemporâneo de nosso ponto de vista, se comprarmos um novo microfone ultramoderno pra fazer um discurso no meio da rua, a base material será moderna, mas o método comunicativo será antiquado.

Panfletos e revistas feitas em papel jornal eram outros dos suportes utilizados pelos franceses na difusão de seus novos preceitos. A difusão através de performances formava o quadripé comunicacional da Internacional Situacionista.

Parece-nos clara a adoção de táticas alheias aos aparelhos de mídia massiva. O rádio e a TV, por sua necessidade de investimento e, obviamente, indisponibilidade na grade para a manifestação de cidadãos comuns, soam como uma resposta positiva à nossa primeira estratégia metodológica. **Os meios de comunicação mais modernos não estavam à disposição das vanguardas culturais libertárias.**

Talvez a grande incursão de um situacionista nessas novas mídias tenha sido a filmografia do próprio Debord, que já possuía acesso à produção fílmica. Um único membro de um movimento que ensandeceu Paris em 1968, entrando para a história. É ela quem denuncia que as opções dos ativistas por meios de difusão não seria a de massa, estruturalmente encaixada no que poderia (e pode) ser entendido como *status quo*.

Nas palavras de Mattellart (2006, p. 234), “o esquema mecânico do processo de comunicação é consentâneo à representação linear do progresso. A inovação se difunde de cima para baixo, do centro para as periferias”. Então, a difusão da tecnologia, **mas não necessariamente o saber tecnológico**, seria um processo elitista em duas etapas. Quem tivesse possibilidades financeiras seria o usuário beta da tecnologia.

Mas nos atemos aos situacionistas e desprezamos o outro movimento por nós sublinhado. Quais seriam as técnicas utilizadas pelo movimento Provos?

1.4 A TREPANAÇÃO DE UMA CIDADE

PROVO é uma folha mensal para anarquistas, provos, beatniks, noctâmbulos, amoladores, malandros, simples simoníacos estilistas, magos, pacifistas, comedores de batatinhas fritas, charlatães, filósofos, portadores de germes, moços de estribarias reais, exibicionistas, vegetarianos, assistentes do assistente, gente que se coça e sífilíticos, polícia secreta e toda a ralé deste tipo.

PROVO é alguma coisa contra o capitalismo, o comunismo, o fascismo, a burocracia, o militarismo, o profissionalismo, o dogmatismo e o autoritarismo.

PROVO deve escolher entre uma resistência desesperada e uma extinção submissa.

PROVO incita à resistência onde quer que seja possível. PROVO tem consciência de que no final perderá, mas não pode deixar escapar a ocasião de cumprir ao menos pela quinquagésima e sincera tentativa de provocar a sociedade.

PROVO considera a anarquia como uma fonte de inspiração para a resistência.

PROVO quer devolver vida à anarquia e dá-la a conhecer aos jovens. PROVO É UMA IMAGEM. (GUARNACCIA, 2001, p 9)

Este é o manifesto pragmático do movimento Provos em Amsterdã, lançado em jornal próprio. Ele demonstra as intenções dos holandeses que não queriam, como os situacionistas, a imaginação no poder. A idéia era usar a imaginação pra inventar um lugar que não precisasse de poder, como veremos quando tomarmos conhecimento dos planos brancos.

Tudo começa com os *Nozems*. Eles eram delinquentes juvenis holandeses, sem problemas aquisitivos. De famílias que lucraram com a expansão econômica do pós-guerra, eles passavam os dias errando por Amsterdã, provocando a polícia e inventando distrações.

O termo "Provo" foi cunhado pelo sociólogo holandês Buikhuizen, numa descrição dos *Nozems*. Roel Van Duyn, um estudante de filosofia da Universidade de

Amsterdã, foi o primeiro a reconhecer o potencial dos delinquentes. "É nossa tarefa transformar a agressão deles em consciência revolucionária" escreveu em 1965.

Inspirado pelo anarquismo, pelo Dadaísmo, por Herbert Marcuse e pelo Marquês de Sade, Van Duyn, um introvertido intelectual, logo se tornou o cabeça por trás da revista Provo. Mas enquanto Van Duyn representava a braço teórico dos Provos, outro aspecto era providenciado, mesmo antes, pelo outro co-fundador do movimento, Robert Jaspers Grootveld, um ex-limpador de janelas que seria o alicerce para toda a revolução holandesa.

Mais atento à misticismos do que a Marx, Grootveld era um artista performático teatral. No início dos anos 1960 ele atraía multidões com seus *happenings* em Amsterdã. No núcleo da sua filosofia estava a crença de que as massas haviam sofrido uma lavagem cerebral que as transformou num rebanho de idiotas consumidores viciados, o "desprezível povo de plástico". De acordo com Grootveld, eram necessários novos rituais para despertar esses complacentes consumidores. Enquanto Van Duyn apelava para a plebe educada, Grootveld encontrou seus seguidores nos vagabundos de rua.

O fenômeno Provo foi uma consequência da alienação na vida dos anos 1960. Era irresistivelmente atrativo para a juventude holandesa e parecia poder se espalhar por todo o mundo. Mas o movimento não chegou aos cinco anos de existência.

Em 1962, Grootveld fazia visitas semanais a um oficial da polícia, vestido à moda dos índios norte-americanos. Eram conversas amigáveis sobre o uso da maconha. Como o oficial tinha pouca ou nenhuma informação sobre o assunto, o agitador falava o que queria, sem se preocupar com a verdade. Assim começou o "*Marihuettegame*" um jogo de desinformação praticado por Grootveld e seus amigos.

A idéia era demonstrar a completa ignorância do sistema em relação à *cannabis*. Os jogadores deveriam se divertir, enganar a polícia e fumar. Não havia outras regras além dessas. Tudo que se parecesse, mesmo remotamente, com maconha era chamado "*marihu*": chá, feno, comida de gato, especiarias e outras ervas.

Ganhava pontos o fumante que fosse perseguido por consumir uma substância legal. Eram os próprios jogadores que chamavam a polícia. Um ataque dos "viciados em nicotina fardados de azul", procurando por alguma coisa que não estava lá, era considerado o prêmio máximo. Com os seguidos equívocos da polícia, prendendo usuários de feno e orégano, o grupo começou a adquirir alguma liberdade de ações quando acendia um cigarrinho suspeito.

O "*Marihuettegame*", essa desconstrução conseguida através do jogo, acabou por se tornar a inspiração para a revolta Provo. Os jogos se revelaram uma eficiente maneira de desconstruir as figuras de autoridade. A polícia, que tinha normalmente reações exacerbadas, caía no ridículo durante os processos.

No final dos anos 50, Grootveld já era bem conhecido como um tipo de artista performático. Uma rápida temporada num hospital logo o convenceu que o pior dos vícios era o cigarro. A partir daí começou sua cruzada solitária para fumar todos os cigarros do mundo sem gastar um tostão. Grootveld tinha uma lógica tão diferente do estabelecido que começou a ser notado.

Os chefes da chamada "Máfia da nicotina" eram os papas maiores do culto ao cigarro; comerciais e *outdoors* eram seus totens. As agências de publicidade eram feiticeiras, entoando mantras sobre um público hipnotizado. No sopé do monte estão os consumidores viciados, em rituais de sacrifício através do câncer ao grande "Nico-Deus".

Grootveld começou um ataque de um exército de um homem só contra a indústria do tabaco. Primeiro ele passou a rabiscar, em todos os cartazes de cigarro pela cidade, a palavra "*Kanker*" (equivalente a câncer, em holandês), com alcatrão preto. Por isso ele foi preso e colocado na cadeia. Depois da soltura, Grootveld começou a ir a lojas armado com um pano cheio de clorofórmio. Pedia para usar o telefone e ficava horas gritando sobre câncer e problemas motivados pelo cigarro, sem nem ao menos ter discado um número.

Um rico e excêntrico dono de restaurante, chamado Klaas Kroese, resolveu patrocinar a cruzada de Grootveld. Ele providenciou um estúdio, apelidado de "Templo Anti-Fumo". Declarando a si mesmo como o "Primeiro Bruxo Anti-Fumo", Grootveld começou a celebrar missas negras semanais, com performances convidadas de artistas *underground* locais.

A baixa cobertura da mídia sobre essas bizarras celebrações enervou o homem que já tinha *status* de guru. Logicamente (pra tal louco), a culpa seria dos empresários do ramo do fumo, que teriam a imprensa em seus bolsos. Numa estratégia suicida, Grootveld reuniu todos os seus seguidores no templo e... ateou fogo no prédio. Isso eliminou seu patrocínio, além de quase lhe custar a vida.

Em 1964 Grootveld mudou suas missas negras, agora conhecidas como "*Happenings*", para a Praça *Spui*, perto dali. No centro da praça havia uma pequena estátua de uma criança - "*Het Levertje*". Por coincidência, a estátua tinha sido bancada por uma grande empresa de cigarros. Para Grootveld, essa pequena evidência provava a infiltração dos sindicatos dos niconarcóticos. Ele começou a aparecer na praça todos os sábados, à meia-noite, com estranhos trajes, apresentando-se para uma platéia fiel e cada vez maior formada por *Nozems*, intelectuais, curiosos e a polícia.

Uma noite, em maio de 1965, Van Duyn apareceu num dos *happenings* e começou a distribuir panfletos anunciando o nascimento do movimento. Ele incitava a provocação como a única forma de retirar a vantagem de campo da sociedade burguesa. Grootveld leu o primeiro manifesto Provo e decidiu cooperar. Ele acreditou que a “ideologia obsoleta do século XIX” – a anarquia – seria uma boa forma de contestação naquela cidade parada no tempo.

A esses panfletos seguiram-se outros, mais elaborados, anunciando a criação dos Planos Brancos. Constant Nieuwenhuis, mais um entre tantos artistas atraídos pelo movimento, foi o formulador da Filosofia Branca, que considerava o trabalho (especialmente nas fábricas) obsoleto. A renúncia dos Provos ao trabalho apelou para os *Nozems* e marcou uma importante ruptura ideológica com o capitalismo, o socialismo e o comunismo, já que todos apreciavam o trabalho como valor. Os Provos, entretanto, simpatizavam mais com o genro anarquista de Karl Marx, Paul Lafargue, autor do "Direito à Preguiça".

Os tópicos mais famosos da filosofia branca foram:

a) o plano das bicicletas brancas: várias bicicletas distribuídas pela cidade para usufruto geral, sem que houvesse um título de propriedade sobre os veículos: a intenção era demonizar os automóveis, outro objeto da ira de Grootveld. Luud Schimmelpenninck, o pai da idéia, calculava que além da validade ecológica deste plano, do ponto de vista estritamente econômico, o plano traria grandes benefícios para Amsterdã.

b) o plano da vítima branca: qualquer um que causasse um acidente automobilístico fatal seria forçado a pintar a silhueta do corpo da vítima no local do

acidente. Dessa maneira, ninguém poderia ignorar as fatalidades causadas por automóveis.

c) plano da Chaminé Branca (cobrar um pesado imposto dos poluidores e pintar suas chaminés de branco)

d) o plano das Crianças Brancas (creches gratuitas)

e) o Plano da Habitação Branca (para acabar com a especulação da propriedade imobiliária, atual totem de nossa crise econômica mundial)

f) o Plano da Esposa Branca (tratamento de saúde gratuito para as mulheres).

Outra intervenção digna de nota foi o Plano da Galinha Branca, proposto por um subcomitê dos Provos chamado Amigos da Polícia. Depois que a polícia começou a responder cada vez mais violentamente às manifestações dos Provos, eles se dedicaram a mudar a imagem dos policiais, que eram conhecidos como "as galinhas azuis". As novas "galinhas brancas" andariam desarmadas, montadas em bicicletas brancas, prestando primeiros socorros, distribuindo galinhas fritas e contraceptivos gratuitos. Na tentativa de demonstrar a validade desta medida, alguns Provos se fantasiaram como galinhas brancas, e o confronto subsequente teve como vencedores, as azuis.

As teorias de Van Duyn sobre a vida eram parecidas com as de Grootveld: “as classes trabalhadora e dominante tinham se fundido numa única, cinzenta e grande classe média. Esta entediada burguesia estava vivendo num estado catatônico, sua criatividade era incinerada pela TV.” (*Provokaatsie* nº 2)

Os escritos de Van Duyn combinavam pessimismo e idealismo. Realista demais para esperar pela revolução total, ele tendia a seguir uma estratégia mais

reformista. Eventualmente ele defendeu a participação nas eleições para a câmara de Amsterdã. Outros Provos denunciaram isso como uma traição aos ideais anarquistas. Perto do fim do movimento, um membro Provo seria eleito vereador, começando e terminando todos os seus discursos na câmara com guturais arrotos.

Amsterdã começou a ser infestada por manifestos Provos. Os panfletos eram colocados clandestinamente no meio das páginas dos maiores jornais da cidade, jogados dentro da barca real, aludindo ao passado nazista de algumas das autoridades e famílias mais imponentes do *high society* da época. *Provokaatsie* nº 3 (o panfleto jogado na barca) foi a primeira de uma série de publicações que foram confiscadas pela polícia. A desculpa era que os Provos tinham usado algumas imagens sem permissão. Um processo foi aberto e Van Duyn foi considerado responsável. Mas em vez de comparecer ao tribunal, Van Duyn enviou uma nota dizendo que "...era simplesmente impossível responsabilizar uma única pessoa.... O movimento Provo é o produto de uma gangue anônima de elementos subversivos, sempre mutante. Os Provos não reconhecem *copyrights*, pois isso é só mais uma forma de propriedade privada, que é renunciada pelo movimento Provo....Suspeitamos que isso seja uma forma indireta de censura, já que o Estado é muito covarde para nos enquadrar diretamente no crime de lesa majestade [uma ofensiva violação à dignidade do soberano]....A propósito, nossos corações estão cheios de desprezo pelas autoridades e por qualquer um que a elas se submeta..."

Não tardou a aparecer o primeiro número da revista Provo. Foi em 1965. O periódico continha antigas instruções do século XIX para fabricar bombas, explosivos e armadilhas. Os fogos de artifício que vinham junto à revista deram o motivo para a polícia confiscar o número. Presos sob a acusação de incitação à violência, os editores foram soltos dias depois.

Os Provos tinham uma atitude realmente ambígua em relação à polícia, que era vista por eles como um elemento não-criativo essencial para um *happening* bem sucedido. "É claro, é óbvio que os policiais são os nossos melhores cúmplices", escreveu Van Duyn. "Quanto maiores em número, quanto mais fascista e rude for a performance deles, melhor para nós...A polícia está, como nós, provocando as massas. A polícia está provocando ressentimento. Nós estamos tentando transformar esse ressentimento em revolta." E as autoridades percebiam que aquela turba de aloprados tinha condições de se organizar, o que começava a tornar os Provos muito perigosos.

Em julho de 1965 o movimento tinha se tornado o principal assunto da mídia, muito graças à reação da administração municipal, que tratava o assunto como uma grave crise. Embora não existisse realmente mais do que um punhado de Provos, parecia que havia milhares deles vagando pelas ruas, graças à manipulação que eles faziam da mídia. Nos primeiros *happenings* da Praça *Spui*, a polícia normalmente respondia prendendo Grootveld, o que não era nada de mais. Grootveld era considerado um excêntrico inofensivo e era sempre tratado com respeito.

Em setembro de 1965 os Provos focalizaram suas ações em outra estátua, o monumento Van Heutz. Embora para a maioria dos holandeses Van Heutz fosse considerado um grande herói, os Provos o tachavam de "explorador carniceiro imperialista e criminoso de guerra". No mês seguinte os primeiros comícios contra a guerra do Vietnã foram organizados pelos estudantes de esquerda, que lentamente iam se juntando aos Provos. Apesar dos *happenings* da Praça *Spui* ainda estarem acontecendo, as manifestações pelo Vietnã foram o grande assunto de 1965. Eram centenas de presos toda semana. Enquanto isso, o vírus Provo estava se espalhando pela Holanda. Toda cidade provincial respeitável ostentava sua própria classe de

Provos, com suas próprias revistas e estátuas em volta das quais os *happenings* eram encenados.

O governo começou a retaliar. Mas, quando uma permissão para manifestação era sumariamente negada, os Provos apareciam com faixas em branco e com panfletos também em branco. A opinião pública a respeito dos Provos começou a ficar bipolarizada. Embora muitos fossem mesmo a favor do uso de força contra os incitadores da ralé, uma crescente parte da população simpatizava com o movimento e começou a ter dúvidas quanto à reação excessiva da polícia.

A monarquia se tornou o principal alvo dos Provos. No "Dia da Princesa", quando a rainha fazia seu discurso anual, os Provos prepararam um discurso falso, no qual a rainha Juliana declarava que se tornara anarquista e estava negociando a transição do poder com os Provos. O Provo Hans Tuynmann convidou a rainha para uma conversa particular na frente do palácio, onde e outros Provos tinha ajeitado algumas cadeiras confortáveis. A rainha não apareceu, mas a polícia sim, dispersando rapidamente o *happening*.

O grande acontecimento que foi, a um só tempo, a grande realização e o fim dos Provos começou em 1966, no mês de março. A princesa Beatrix anunciou seu casamento com Claus Von Amsberg, um antigo membro da juventude nazista. Imediatamente começou a boataria sobre a reação dos Provos. A opinião pública, dividida e perdida, começou a considerar como possíveis medidas como: os Provos colocarão LSD no reservatório de água na cidade, eles construirão uma enorme bomba de tinta para acabar com o casamento, os cavalos reais seriam dopados...

Dias antes do casamento, todos os Provos conhecidos desapareceram, temendo serem presos antes de tentarem algo. Com a chegada do casamento, os agitadores, infiltrados no meio dos convidados sabe-se lá como, soltaram meras bombas

de fumaça por toda a cerimônia. Confusa, a polícia espancou todos os “suspeitos”, incluindo jornalistas estrangeiros e policiais à paisana. Na semana seguinte, os Provos inauguraram uma sessão de fotografias mostrando os momentos mais dantescos da ação policial. Todos os convidados da exposição foram espancados e presos.

Neste momento, a sociedade já pedia investigações sobre a ação policial excessiva, e as conseqüências foram a demissão do comissário de polícia e subsequente cassação do mandato do prefeito. Os Provos, sem seus dois “correligionários”, já se perdiam em conflitos internos, e as novas autoridades já vinham preparadas para enfrentar o movimento: cederam espaço da cidade para os manifestantes. E assim eles perderam o estímulo para contestar. Os Provos eram um grande choque enquanto eram considerados anti-sociais. Mas, assim que o sistema começou a acolhê-los, o fim estava próximo.

Os Provos reservavam ainda uma última proeza. Foi espalhado um Boato Branco, que as universidades americanas queriam comprar os arquivos dos Provos, documentos que na verdade não existiam. A Universidade de Amsterdã, temendo que o tesouro sociológico pudesse desaparecer além mar, rapidamente fez uma oferta que os Provos não poderiam recusar.

As técnicas do movimento holandês são voltadas para a guerrilha midiática. O uso criativo das mídias táticas com o objetivo de causar confusão tornou o ajuntamento de párias que constituía o Provos em movimento relevante na cidade de Amsterdã.

Os *hapennings*, atuação tête-a-tête onde artistas performáticos utilizavam as reações do público como elemento relevante na produção da obra, espocavam em

Amsterdã. A trepanação⁸ promovida por Bart Huges, em plena calçada, mostrava, em conjunto com o boato de que LSD seria jogado nas abastecedoras de água da cidade inteira, uma sintonia destes novos atores sociais com a explosão de novas culturas que se abriam ao ocidente.

Os jogos criados à base do disse-me-disse, como o *Marihuetette Game*, são precursores do que hoje o *marketing* endossa como prática funcional e efetiva e batiza de *buzz marketing*⁹.

Como podemos ver, a guerrilha da informação estava presente como ferramenta comunicacional em Amsterdã. A adulteração dos cartazes de cigarro são o documento da prova de herança da intervenção urbana para com o Provos. As pichações e pasquins também eram parte importante do “arsenal” Provo, e era neles que começava a difusão de idéias até então ainda embrionárias: a consciência ecológica, a preocupação com a popularização dos carros e caos no trânsito, o papel da mulher numa sociedade cada vez mais sem tempo para refletir sobre as pessoas.

Estas preocupações deram frutos em “planos brancos”, a marca registrada dos Provos. Eles consistiam em disponibilizar alternativas criativas para problemas que antes mal eram percebidos como tais.

Como exemplo, podemos citar o plano das bicicletas brancas. Assim o ataque acertava a propriedade privada, o trânsito caótico, a preocupação ambiental (bicicletas não poluem) e a própria incompetência das instituições em lidar com novas alternativas (a polícia apreendia uma bicicleta e encontrava outras cinco pintadas em seu lugar). Outros foram os planos executados, mas nos atemos a este por seu caráter

⁸ Processo cirúrgico onde um furo é feito na caixa craniana, “promovendo” alívio de pressão intra craniana e subsequente abertura do “terceiro olho”: uma alusão a novas nuances de percepção.

⁹ Forma de propaganda centrada na difusão do nome do produto pelos próprios consumidores.

simbólico forte no contexto holandês. Amsterdã é uma das cidades com mais bicicletas por habitante, ainda hoje¹⁰.

Por fim, o próprio palco de encontro dos ativistas já era, por si só, uma tática. Os monumentos e praças, locais já à época abandonados pela população, eram reavivados pelos *hapennings* e confraternizações. Multiplicadas pelos movimentos de revalorização da Europa no pós-guerra, estes palcos eram os exemplos ideais quando se falava da musealização dos espaços na sociedade espetacular. A representação esvaziada de significado no cotidiano citadino. Esse cotidiano será agora mostrado sob a ótica dos movimentos de vanguarda cultural.

1.5 PERDIDOS NO ESPAÇO

Os situacionistas propunham um método para aplicar todas as técnicas de reinvenção do cotidiano e apropriação da arte como viés de mudança. Esta importante ferramenta recebe o nome de deriva.

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica de andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à idéia que essa época tem de felicidade. A valorização dos lazes não é uma brincadeira. Nós insistimos em que é preciso inventar novos jogos. (JACQUES, 2003, p17)

Este é o manifesto dos situacionistas quanto à deriva. Uma técnica que consistiria em superar a hierarquização das horas em produtivas ou não, numa

¹⁰ Disponível em qualquer site de turismo sobre os países baixos, como este: <http://64.233.163.132/search?q=cache:DzrFHsXd7VEJ:www.easyterra.pt/aluguer-carros-holanda.html+holanda+bicicletas+per+capita&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a> consultado em 23/05/2009.

terminologia muito próxima à do desbunde. Este método procurava desqualificar a tendência do urbanismo no pós-guerra europeu, caracterizado pelo privilégio do funcionalismo em detrimento à convivência. Reflexo das condições arquitetônicas parisienses da época:

O centro de Paris foi radicalmente remodelado em função do automóvel, o que não exclui a tendência complementar de restaurar, aqui e ali, alguns redutos urbanos isolados, transformados em objetos de espetáculo turístico, simples extensão do museu tradicional, tendência segundo a qual um bairro inteiro pode tornar-se monumento (IS nº 9, 1964)

A tendência da arquitetura, influenciada pela Carta de Atenas, importante manifesto do século XX no tocante às questões da cidade, que evidenciava as construções de grandes avenidas, arborizadas, e da separação da cidade em áreas “setoriais”, ora na construção de bairros residenciais, ora na estandardização de monumentos como áreas “próprias para o lazer”, era a de planejamento dos cenários, embelezamento das áreas com funções já instituídas e prioridade na fluência do trânsito sobre o fluxo de pedestres.

A proposta urbana de Le Corbusier, exposta como uma doutrina da Carta de Atenas, vinha sendo massificadamente construída na Europa do pós-guerra, principalmente sob a forma de enormes conjuntos habitacionais modernistas. Para os letristas (futuros situacionistas), esses conjuntos monótonos e repetitivos, sobretudo a separação de funções proposta por Le Courbusier, que virou ponto de doutrina na Carta, provocavam a passividade e a alienação da sociedade diante da monotonia da via cotidiana moderna. (JACQUES, 2003, p32)

Esta tendência seria o desdobramento natural, para os situs, da sociedade espetacular. Com a transição do movimento de vanguarda artística para grupo de ação revolucionária, as conjecturas teóricas que os embasavam tendiam a subverter e apropriar-se da cidade num contra-ataque que dava nome ao movimento: a criação de situações.

A apologia da deriva apoiava-se na figura problematizada por Benjamin (1889), a do *Flâneur* Baudeleriano, um ser que negava as características do tempo e do espaço do seu tempo e se abandonava em passeios sem rumo, através das ruas e dos cotidianos da cidade. Este ser descontaminado da “febre da cidade” apontaria uma alternativa à espetacularização, posto que ele possui a disponibilidade e o estado de espírito necessários para se engajar nas questões da cidade onde os situacionistas achavam que deveria estar o homem. A deriva não seria uma teoria urbanística, era a crítica do urbanismo.

Se eles se posicionavam cada vez mais contra o urbanismo, ficaram sempre a favor das cidades, ou seja, eram contra o monopólio urbano dos urbanistas e planejadores em geral, e a favor de uma construção realmente coletiva das cidades (idem, ibidem, p19).

E aí estão as principais técnicas dos movimentos que pretendemos ressaltar. Elas vêm demonstrar que havia uma tendência a influir diretamente no cotidiano, não apenas pela impossibilidade de alcance dos meios massivos de mídia, mas também por coerência a um discurso que apenas começamos a desvendar. Um discurso de atitude cotidiana e resgate da esfera pública no encontro dos homens com seus semelhantes. Um discurso que não precisava passar pelos altos investimentos com maquinaria, usando a criatividade como ferramenta.

O palco para estas práticas é a urbe. A cidade começava a pensar de uma maneira diferenciada, bem como a relação dos seus habitantes para com esse construto:

Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos dos dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e o que alteram. (DEBORD, 1955, p43)

E a cidade e como ela funciona como meio de comunicação é o assunto de nosso próximo capítulo.

2. A CIDADE, O LUGAR E O CONTEXTO



A urbe é objeto de estudo interdisciplinar. Para aprofundar-mo-nos em seu estudo, precisamos fazer opções. Podemos historicizar a cidade, ou usar apenas o viés econômico como catalisador. Ou ainda utilizar a arquitetura como unidade de medida. Palco das intervenções aqui estudadas e de tantas outras, a cidade se reinventa. Na época chamada de modernidade, isso não é diferente. Como vimos no capítulo anterior, as opções por uma arte nas ruas parece ter uma razão de ser. Pincelemos, então, um pouco da história da arquitetura.

No período entre guerras, as cidades se reerguem seguindo duas correntes arquitetônicas emergentes: de um lado, os funcionalistas, representados por Le Corbusier, Ozenfant, Gropius, Oud, Rietvelt e Van Eesteren. E do outro, pelos culturalistas, dentre eles Camillo Sitte, Ebenezer Howard e Raymond Unwin.

Os funcionalistas deslocaram o planejamento urbano dos aspectos sociais e históricos e voltaram suas atenções à funcionalidade técnica. Procuravam idealizar a cidade como um espaço setorizado e fluído, já antevendo as transformações que o automóvel exigiria, adiante. É desta corrente o amplo uso de ruas com muitas pistas ladeadas por alamedas. Havia uma preocupação em tornar o espaço urbano mais amplo e agradável, adotando a construção de praças e monumentos como característica.

Já os culturalistas procuravam utilizar seu urbanismo numa retomada da organização sócio-histórica das cidades, criticando a reorganização industrial que a modernização impunha. É curioso perceber que este posicionamento é semelhante ao olhar do situacionismo sobre a cidade. O que a arquitetura sintetizava como reorganização do cotidiano ao redor da produção é uma boa definição para a sociedade do espetáculo de Debord. Essa corrente hoje é influência do novo urbanismo, pregando

uma maior caminhalidade, característica de uma proposta de concentração urbana menos esparsa.

As cidades européias adotaram, em sua maioria, a corrente funcionalista, e como consequência, via-se uma profusão de novas praças e monumentos de honra. Mais rápida, com maiores distâncias a percorrer, com espaços planejados e delimitados para transporte, lazer, moradia. Era nesta nova cidade que crescia a juventude responsável pelos ativismos aqui estudados. A cidade era aproveitada de novas maneiras. O espaço urbano era incorporado pela publicidade. A lógica da chamada sociedade técnica exigia uma cidade como essa. A arquitetura começou a ser enxergada como ciência de importância peculiar.

A rua planejada pelo urbanismo se consolidava como espaço de tráfego, artéria entre órgãos cada vez mais específicos (bairros residenciais, centros de comércio, etc). No discurso da contracultura, aí estava a falha na práxis arquitetônica. A cidade espetacular “era musealizada”, os espaços de contemplação propostos pelos funcionalistas eram vistos como local de esvaziamento de sentido.

Mas esta cidade funcional acaba por se tornar o suporte das manifestações destes críticos. Não se via um abandono do espaço urbano, mas uma tentativa de reconfigurá-lo. As materialidades da cidade eram exploradas de novas maneiras. O repúdio à propriedade, característico dos movimentos de vanguarda, encontrava tradução na pichação de muros. Modificar a rotina da cidade passa a ser enxergado como possibilidade de choque imediato, através da construção de situações dos *happenings*. A cidade, a despeito de sua nova configuração, permanece como palco. Por quê?

Primeiramente, é preciso lembrar que a capacidade tecnológica do mundo, a esta altura, ainda não contava com a fluidez da informação compartilhada atualmente.

Não obstante a velocidade com que se desenvolvia a tecnologia onde pululavam as experiências com novas máquinas, a lógica de mercado ainda dependia das materialidades da cidade. Portanto, era uma questão de bom senso imaginar a urbe como terreno efetivamente determinante no embate econômico e político.

Mas este caldo complexo acaba se mostrando uma característica atemporal de qualquer cidade. Ainda podemos utilizar estas palavras pra descrevê-la:

Na rua, no espaço público, comum, de acesso irrestrito e convivência de diversidades, a polifonia está mais evidente. Ali se materializam conflitos, disputas, e negociações. A rua é o espaço da luta política, da luta pela apropriação, dos usos, das ocupações, dos vínculos afetivos, das táticas que vão se delineando ao longo da história, produzindo narrativas e práticas que integram a dinâmica social e seus processos de reprodução, transformação e manutenção. Na rua circulam saberes e sentidos que constituem o mosaico da cidade. É um espaço de pretensões universais, que, ao menos em definição, garante acesso e participação igualitários a todos. Nela, os homens e os grupos sociais deixam suas marcas, através das quais pode-se ensaiar um saber acerca da cidade. (FONSECA, 2008, p6)

Uma cidade alongada. Talvez esta seja a síntese mais prosaica possível dos objetivos da corrente funcionalista. Como se a cidade tivesse sido espremida, com ruas se transformando em *highways*, marginais, linhas amarelas e vermelhas. A tendência é que grandes espaços entre “locais de chegada” se transformassem em desertos feitos de paredes e poeira. Paisagens. Como se houvessem terras improdutivas entre uma avenida e outra. Num contexto de rede como o nosso, os lugares não seriam mais pensados como locais de confluência entre grupos e funções, mas como trata Castells (1999), como espaços de fluxos. Seria uma modificação na relação entre o lugar e o espaço, onde as apropriações do espaço tradicional são substituídas por uma configuração mais fluida: o fluxo. Estes fluxos representariam a equivalência geográfico-social no paradigma das redes para as trilhas dos *hard disks* ou para as ligações entre os nós na rede propriamente dita. Um local de passagem de informação que ganha importância por ser o portal de ligação entre os nós conectados.

É nesse quadro que a intervenção urbana parece se ploriferar. Fazendo um breve retrospecto deste trabalho, podemos já afirmar que a intervenção urbana costuma acontecer em locais sem importância comercial ou função definida. E constitui-se de uma forma criativa de reutilização desse espaço, normalmente em prol de uma conduta de desobediência civil¹¹. Talvez não seja precipitado dizer que toda intervenção urbana é um ato político, quando enxergamos o assunto desse ponto de vista.

Logo, parece óbvio que a intervenção apropriava-se de um local sem identidade para acontecer. Foi assim que começamos nossa pesquisa: acreditando ser preciso enxergar os lugares do ponto de vista antropológico. Por isso, o autor de nossa predileção foi Mark Auge, que estudou as relações dos lugares e suas funções em seu livro “Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade” (1994).

Augé define um lugar antropológico como possuidor de relações identitárias, históricas ou relacionais. Um local que funciona como

(...)uma construção simbólica do espaço que, por si só, não poderia dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela atribui um lugar, por mais humilde e modesto que seja.(AUGÉ, 1994, p58)

Já os não-lugares seriam o oposto. Espaços que não são definidos por suas condições identitárias, relacionais e históricas. Mark Augé vem nos dizer que a nova configuração urbana seria “Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias” (idem, p74). Não-lugar seria algo desconectado, intencionalmente ou não, da realidade local. Algo encerrado em sua própria função.

¹¹ Proposta de Henry David Thoreau que consistia em causar confusão e desobedecer o governo quando julgamos haver discrepância entre a lei e a justiça. De fato, o que ele defendia era que o único delito a que um sistema de governo não sanciona limites é a retirada da legitimidade de governança. “O motivo prático pelo qual se permite o governo da maioria e a sua continuidade - uma vez passado o poder para as mãos do povo - não é a sua maior tendência a emitir bons juízos, nem porque possa parecer o mais justo aos olhos da minoria, mas sim porque ela (a maioria) é fisicamente a mais forte.” (disponível em www.culturabrasil.pro.br/desobedienciacivil.htm)

Um shopping, um aeroporto, uma maternidade seriam não-lugares por serem reconhecíveis em qualquer lugar do mundo, mas onde sua função é fluída, passageira, sem qualquer possibilidade de relacionamento mais profundo com os que por lá passassem.

Podemos estender esta descrição a uma praça com um outrora povoamento e importância para a cidade, mas que agora só não está abandonada porque abriga desviantes. Ou uma rua que deixou de ser ligação entre concentrações urbanas importantes, esvaziando-se. Este segundo tipo de não-lugar encontraria em sua inutilidade funcional, sua caracterização.

Toda a lógica da pesquisa parece encaixar-se nesta direção, mas adotar o falibilismo Peirciano – que é, em resumo, sempre duvidar das certezas – prova-se importante neste ponto.

Se a perspectiva funcional da cidade gira em torno de produção e relações de consumo, como explicar a combustão de intervenções sem fins lucrativos ou fixidez no espaço urbano? Ao que parece, a perspectiva de Augé não ultrapassa a classificação imaginária do espaço, levando em consideração apenas a configuração funcional e essencialmente dependente da vertente humana do processo de ocupação das cidades. O não-lugar e o lugar são lugares imaginários, como o próprio autor admite nesta passagem:

Sem dúvida, o estatuto intelectual do lugar antropológico é ambíguo. Ele é apenas a idéia, parcialmente materializada, que têm aqueles que o habitam de sua relação com o território, com seus próximos e com seus outros. Essa idéia pode ser parcial ou mitificada. Ela varia com o lugar e o ponto de vista que cada um ocupa. Não importa: ele propõe e impõe uma série de marcas (...), mas cuja ausência, quando desaparecem, não se preenche com facilidade. (idem, *ibidem*. p. 54)

As adoções de novas informações como variáveis em um urbanismo menos técnico acabaram por demonstrar que o conceito de lugar antropológico obsoleceu. Sua superação nasce do situacionismo e chama-se urbanismo unitário.

2.1 OUTROS OLHOS, NOVAS RUAS

O urbanismo unitário propunha, como “antídoto” ao funcionalismo, a inserção de variáveis psicológicas e de indeterminação ao planejamento urbano.

A arquitetura e o urbanismo eram preocupações primordiais dos situs, já que a cidade é o espaço de realização da vida. Alguns dos situacionistas dedicaram boa parte do seu tempo à reflexão e crítica da cidade como espaço planejado. Os estudos já apontavam para preocupações extremamente atuais nos dias de hoje, como o excesso de veículos nos grandes centros e da cidade como espaço projetado para privilegiar a funcionalidade, coibindo práticas tidas como importantes para o ser social como o ludismo e a deriva¹². Em seus primeiros textos, os situacionistas chamavam suas idéias de Urbanismo Unitário:

[O Urbanismo Unitário] opõe-se ao espetáculo passivo, típico de nossa cultura, na qual a organização do espetáculo se estende de forma tanto mais escandalosa visto que o homem pode cada vez mais interferir de novas maneiras. Enquanto hoje as próprias cidades se oferecem como um lamentável espetáculo, um anexo de museu para turistas que passeiam em ônibus envidraçados, o UU vê o meio urbano como terreno de um jogo do qual se participa. (IS nº 3, dezembro de 1959, texto coletivo “o Urbanismo Unitário no fim dos anos 1950”. p. 100)

Esta passagem já introduz a proposta de criação de situações pregada desde os primórdios dos trabalhos de Guy Debord no Movimento Letrista. A filosofia de

¹² Deriva é o nome dado à prática de caminhar a esmo pela cidade, utilizando-se desta disponibilidade para resistir à rotina funcionalizada do cidadão comum. Escapar da rotina casa-trabalho-trabalho-casa abriria o leque de possibilidades que a deriva procurava, gerando situações atípicas e com potencial lúdico. A freqüente completude do conceito de deriva é intencional.

transposição da arte para a vida cotidiana seria uma tentativa de socializar a arte, retirada de seu andor como “obra” e reencapsulada nas realizações mínimas de cada cidadão. Arte como modo de vida. A idéia de espetacularização das cidades, denunciada por Debord em “A Sociedade do Espetáculo” já estava aqui subentendida, como esta passagem nos leva a crer:

O Urbanismo Unitário não está idealmente separado do atual terreno das cidades. É formado a partir da experiência desse terreno e a partir das construções existentes. Deve tanto explorar os cenários atuais, pela afirmação de um espaço urbano lúdico tal como a deriva o reconhece, quanto construir outros, totalmente inéditos. Essa interpretação (uso da cidade atual, construção da cidade futura) implica o manejo do desvio arquitetônico. O urbanismo unitário não aceita a fixação das cidades no tempo. (idem, ibidem, p. 101)

Como se pode ver, a idéia de lugares potencialmente limitados por relações antropológicas é desconstruída por eles. A criatividade seria a única ferramenta necessária para a reinvenção de um espaço. Se, logo após a sua adoção como local de ação, um lugar se torna relacional, histórico ou identitário, basta uma nova situação, seja ela criada por qualquer um, para se reconfigurarem outras relações. O lugar parece ser, primeiramente, palco de possibilidades, para depois tornar-se algo classificável antropológicamente. Logo, dizer que locais esvaziados de sentido social são o suporte da intervenção urbana seria tão precipitado e arbitrário quanto dizer que os locais são divididos apenas pelas experiências vividas neles.

Isso posto, nosso enfoque foi se encaminhando para uma perspectiva realista, perspectiva essa que constitui uma das bases da teoria sógnica de Peirce. Tal perspectiva apregoa a existência de gerais fora do âmbito da cognição: Uma afirmação que elimina a necessidade de uma mente interpretadora para “atestar” a existência das coisas.

A idéia do lugar antropológico eliminava, em sua base, a observação de qualidades intrínsecas aos lugares, já que não dialogava com o conceito de

indeterminação. A primazia antropológica não leva em conta a existência do lugar no tempo e no espaço como relevante o suficiente para que cause interações genuínas. Essa conduta acabava por hierarquizar os lugares globalmente, culminando na eliminação das características particulares de cada uma.

Lucrécia Ferrara, a autora que foi, ao longo do ano, substituindo Mark Augé em nossas predileções teóricas, crê que o global e o local precisam ser vistos sob um prisma universalista, unificando as duas generalidades peircianas para que alcancemos um ponto de vista mais completo e complexo sobre a cidade.

[...] se nos libertarmos dessa nostalgia dos lugares antropológicos e adotarmos uma ótica de análise mais lógica do que moral ou ideológica, poderemos descobrir que a força desses espaços é intensa neste momento de projeto global. Isto é, aqueles lugares apresentam uma contra face na medida em que constituem a reação situada e fenomênica que corrige o plano e lhe impõem uma revisão mais condizente com a realidade. Em confronto com o figurino global, o lugar tende a exacerbar a identidade que exige ser enfrentada como definição em movimento e lhe empresta diversas caracterizações. No projeto global, o lugar é múltiplo nas suas dimensões, nas suas durações e nas suas formas. Um lugar autônomo, autodeterminado e imprevisível, mas que se deixa descobrir nos percursos do espaço da cidade, embora suas faces sejam várias e próprias. (FERRARA, 2002, p. 18)

A autora propõe, como forma de significar o lugar de maneira mais universal, o seguinte conceito:

Os lugares correspondem à arquitetura ou ao design do espaço da cidade. O espaço construído tem uma dupla caracterização: de um lado, demarca as formas de apropriação do espaço urbano; de outro, estas marcas representam o elemento comum de mútuo pertencer entre o espaço e a coletividade que o dinamiza. (idem, p. 15)

Desta forma, o lugar seria a mera intersecção flutuante entre o físico bruto e o que dele se captura. Uma possibilidade que começa a ser realizada sempre continuamente e em muitas direções, criando o caleidoscópio citadino. Em entrevista, ela reforça tais conceitos:

A cidade contemporânea é pluricentralizada na medida em que se verticaliza e se horizontaliza, ao mesmo tempo. Portanto, a legibilidade dos seus signos supõe operar com escrituras verbais e não verbais localizadas, mas

descentralizadas ou pluricentralizadas. Ou seja, a leitura da **cidade** em suas imagens supõe fragmentá-la na articulação dos seus lugares e não na suposta totalidade do seu conjunto. (Com Ciência. **Entrevista com Lucrecia D'Alessio Ferrara**. Disponível em:

http://74.125.155.132/scholar?q=cache:BS23JXQys_EJ:scholar.google.com/+lucr%C3%A9cia+cidade+comunica%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&as_sdt=2000. Acesso em 30/04/2009)

A autora propõe, como ferramenta deste método, a aplicação de dois conceitos básicos - a imagem e o imaginário (ou visibilidade e visualidade) - trabalhando juntos, como forma mais correta de pensar os espaços. Numa leve pincelada, a imagem seria a cidade como ela se expõe, o ambiente *per se*. Em outras palavras, a primeiridade da cidade, antes de ser apreendida pelo olhar: as coisas como realmente são, não como as observamos. Este conceito, tão próximo ao de objeto dinâmico em semiótica, só consegue se evidenciar utilizando seu conceito siamês: o imaginário. A imagem da cidade seria algo inefável em toda a sua complexidade, mas, como ferramenta de pesquisa, pode ser apresentada e sistematizada. O imaginário é como, através de nossos processos de interpretação, enxergamos ou utilizamos a cidade. Os dois, unidos, nos dariam um retrato muito mais completo e pragmático dos objetos de estudo. Para isso, as técnicas de observação válidas deveriam seguir os princípios da fenomenologia, partindo da identificação de termos notáveis no objeto de estudo e posterior generalização das descobertas, num processo claramente Peirciano. As faculdades úteis para tal são chamadas por Ibr (FERRARA, 2002) de “ver, atentar para e generalizar”.

Em um estudo crítico sobre Ferrara, Raquel Rennó resume bem o posicionamento que aqui preferimos adotar.

O espaço é sempre possuidor de uma densidade complexa e única. Complexa por que o espaço ‘é ao mesmo tempo, cenário e ator da relação encenada’, e única por que esta relação ‘se processa sempre nova e singular para cada espaço e para cada lugar das cidades do planeta’ Assim, a autora defende que não há a possibilidade de se mimetizar ou repetir lugares, isto é, cada espaço deve ser compreendido em sua complexidade e não apenas a partir de uma crítica generalizada sobre planos que reconfiguram a cidade a partir de

conceitos globalizantes. (RENNÓ, revista online Galáxia n 6, outubro de 2003, p. 259)

Esta postura enriquece a pesquisa em diversos âmbitos: a consideração da idéia de primeiridade da cidade nos conduz a uma constante autocrítica, já que lidaremos com ambientes diferentes em comparação. Será constantemente necessário revisar nossos processos de análise para que algum fator contextual não nos escape, o que significa considerar mais lados da questão na geração de sentidos.

Portanto, tomamos o caminho da semiótica e da cidade como mais correto em nossa pesquisa, suspeitando que a aparente atualização das intervenções urbanas, bem como o caráter colaborativo destas, consigam ser melhor observados quando não colocamos as funcionalidades do lugar em primeiro plano, mas sim o seu caráter geral como primeiridade e, só então, sua ambientação dentro da sociedade.

Mas já que começamos a falar de primeiridades, é hora de conhecermos um pouco melhor a semiótica.

2.2 SEMIÓTICA, ESSE DESCONHECIDO

Mas, afinal, para que serve a Semiótica? Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal. A arte é o oriente dos signos; quem não compreende o mundo icônico e indicial não compreende o Oriente, não compreende mais claramente por que a arte pode, eventualmente, ser um discurso do poder, mas nunca um discurso para o poder. (...) A Semiótica acaba de uma vez por todas com a idéia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob a forma de palavras. (PIGNATARI, 2004, p. 20).

Talvez esta seja a melhor forma de explicitar a aparente conexão entre semiose e arquitetura, que tanto buscamos. Por que a intervenção urbana tornou-se

ferramenta de ativismos? De que forma ela ultrapassaria o mero exercício estético e se tornaria útil estrategicamente? Podemos nos arriscar a dizer que o alvo da manifestação desatrelada do consumo, por eliminação, é a atualização do pensamento.

Isto posto, podemos ousar definir a semiótica de maneira resumida, para que o trabalho seja mais inteligível. Nada mais ela seria do que uma teoria geral dos signos e suas correlações. Já entendido? Claro que não. Signo, então, seria nosso próximo conceito a ser desvendado.

Signo ou representamen é qualquer coisa que, de alguma maneira, representaria algo. Para quem? Isso depende. Pode ser para alguém, mas não necessariamente é preciso haver um objetivo, um alvo, para que haja semiose. Esta proposição está aliada à reforma que o próprio Peirce executou em sua teoria inicial, como veremos adiante. Mesmo em seu célebre *Collected Papers*, podemos encontrar mais de vinte definições de Peirce para o signo.

Este alguém, a quem Peirce se refere como alvo da representação, na verdade não passa de uma ferramenta, uma marionete literária empregada na tentativa de reduzir a complexidade do conceito, procurando encontrar a melhor forma de explicar o que se passava no processo semiótico.

O signo seria, de forma geral, um *primeiro* no processo de significação qualquer. Em termos chulos, seria a propaganda do que está sendo representado: um *segundo*, um objeto. Seguindo tal lógica, conseguimos até então explanar que o processo semiótico (mais precisamente, o signo) representa um objeto, que nem de longe necessita de uma relação física concreta para ser real. Se utilizarmos o recurso Peirciano da marionete, do alguém a quem apresentar tal signo, podemos alcançar, sem precisarmos nos aprofundar demais, o *terceiro* vértice do triângulo, que seria o interpretante.

Um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. (CP. 2228)

Aprofundando-nos um pouco mais neste pensamento, alertamos que o objeto não é representado em sua totalidade por um signo. Não é possível, segundo uma eliminação lógica, representar um objeto com perfeição, ou a própria representação seria seu objeto. Assim como é importante perceber que o interpretante é uma característica do signo, não uma variável dependente de uma mente interpretadora para existir.

Um interpretante não é uma mera interpretação, mas também as possibilidades de interpretação que a relação triádica aqui descrita quer criar. Ele tem um caráter de lei, norma, padrão. É a correção lógica do apreendido nas outras duas categorias. Logo, o interpretante também é um signo. Queremos crer que tal sentença consegue abarcar a obrigatoriedade do interpretante no processo de significação, mas não a de uma mente interpretadora.

Esta confusa definição tem sua razão de ser nas definições das categorias por suas funções. Admitindo a existência de universais, alheios à existência de mentes interpretadoras, Peirce desenvolveu estas três categorias.

A primeiridade de um signo em particular seria o microcosmo de um geral externo, caótico, portador das qualidades e possibilidades de um existente, mas intraduzível. A primeiridade seria a indeterminação, o que não pode ser explicado porque é fugidio, impossível de ser representado totalmente, não importa o quanto tente completar sua informação. O objeto seria a representação “real” deste signo, um aspecto essencialmente existente (mesmo que não obrigatoriamente físico) da representação. A relação interdependente da tríade deixaria ao objeto o cargo de âncora, o

estabelecimento específico das possibilidades na esfera do concreto. Logo, podemos deduzir que as três características do signo são, todas elas, signo.

O signo semiótico genuíno seria aquele onde o interpretante cumpriria, até sua última instância, seu papel na correção das impressões sobre o proposto. O caráter corretor do interpretante aponta este momento da semiose como o de virada. Se a atualização da reflexão sobre uma lei (objetivo da semiose) ocorrer, quer dizer que, ou sustentamos este padrão, ou o rejeitamos e reconstruímos. E toda nova proposição parte de uma indeterminação. Logo, o terceiro de um signo genuíno tem papel de primeiro num processo sígnico subsequente. E o processo semiótico perfeito seria infinito, um eterno devir em reconstrução.

2.2.1 A teoria dos interpretantes

Para Peirce, o fundamento último do pensamento não seria a ação, mas a mutante e infinita criação e modificação de hábitos, que, em última instância, são pensamentos que se cristalizam em nós. Em sua primeira versão para o Pragmatismo, Peirce chegou à beira de conceitos que ele passou a rechaçar completamente, como o nominalismo. Para provar seus insights, usou o famoso exemplo da dureza, dizendo que um diamante não é duro ou mole até que seja testado. Com o amadurecimento de seus apontamentos e a chamada à baila do conceito antes ignorado da Estética, Peirce aderiu ao Realismo Escolástico, mais universal, que tratava da existência das coisas além da compreensão humana. Tudo aquilo que seria cognoscível seria real, mas não dependente de um pensamento humano em particular. O que não quer dizer que seja independente do pensamento em geral. Através desta proposição, Peirce rechaçava o nominalismo que uma opinião de um grupo finito poderia gerar em uma busca pela verdade, além de

começar a expor seu ideal de que o pensamento tende a uma razoabilidade que precisa ser a mais coletiva possível.

Não devemos adotar uma visão nominalista de Pensamento, como se fosse algo que o ser humano tivesse dentro de sua consciência. A consciência pode significar qualquer uma das três categorias. Mas se for significar Pensamento, ele está muito mais fora de nós, do que dentro. Nós estamos no Pensamento e não ele em nós. Isso conduz, então, ao sinequismo¹³ que é a pedra angular do arco (PEIRCE, CP 8.256, 257).

Peirce esclarecia que sua teoria não podia ser compreendida de maneira isolada: as categorias semióticas seriam o alicerce para o pragmatismo dito “verdadeiro”. E, no cerne destas categorias, já em sua versão madura, havia a proposição mais ousada: a estética seria a primeira propriedade de qualquer signo, com um caráter de isca.

Lucia Santaella descreve o processo:

A aprovação deliberada de qualquer ato voluntário é uma aprovação moral. A Ética, como uma ciência normativa, estuda aqueles fins que estamos deliberadamente preparados para adotar. Isto levou Peirce, algumas vezes, a considerar a Ética como a ciência normativa por excelência, porque um fim é relevante a um ato voluntário de modo fundamental. Entretanto, ele concluiu que a Ética precisa da ajuda de uma ciência mais básica cuja tarefa está em discernir o que é finalmente admirável em si mesmo. Essa ciência, ele chamou de Estética, numa acepção muito diferente daquela que considera a estética como ciência do belo. (SANTAELLA, 2004, p.77)

A partir da Estética, que está atrelada a primeiridade, estaríamos prontos a mesurar idéias que seríamos capazes de admirar. E quanto mais próximo do icônico é esse ideal, maior sua possibilidade de servir a dezenas de ideais particulares. O amor, por exemplo, seria um ideal que, por uma investigação Pragmática de suas premissas levaria a idéias de bondade, compartilhamento ou saciedade, sem que perdesse suas características intrínsecas em cada relação amorosa em particular.

¹³ A continuidade, o movimento natural universal de que tudo tende a um devir.

Esta aferição do admirável e posterior absorção de certos conceitos acerca do estético nos levaria a um segundo esforço, ainda que simultâneo ao primeiro, de reconhecimento do que estamos prontos a adotar. Aí está nossa secundidade, a Ciência Normativa da Ética agindo na atualização daquele que seria o nosso interpretante lógico, explicado adiante.

À luz da teoria dos interpretantes, todo processo cognitivo semiótico nos leva por este esquema: a atração do que é “admirável”, seguida da adoção ou negação do que este ideal estético representa através da autocorreção de um princípio que já nos era caro. O processo culminaria então, partindo da Estética e da Ética, para a Lógica. Lógica sendo o autocontrole, a capacidade de se autocorriger, que é, para Peirce, “a qualidade mais útil que um animal pode possuir” (PEIRCE, 1877, p.3).

A teoria dos interpretantes, então, leva a crer que um ideal estético de razoabilidade a mais coletiva possível é o objetivo do pensamento. Mas há uma característica que pode completar a semiose, se o processo assim a atualizar, que é o cerne da semiótica e também de todo e qualquer ativismo.

2.2.2 Mudança de Hábito

Quando do seu segundo Pragmatismo, Peirce procurava encontrar um interpretante lógico diferente do conceitual, que aprisionava a semiose num processo infinito de ressignificação fisicamente inerte, embora existente. Se o ideal é o devir mais razoável possível, era preciso identificar qual gatilho levava as pessoas do pensamento à ação, resultando na correção dos ideais apreendidos em cada processo semiótico.

Santaella perspassa o caminho:

[...] que tipo de fato mental poderia ser? As concepções, como já vimos, foram descartadas também porque, embora elas sejam, de fato, interpretantes lógicos, não podem funcionar como uma explicação da natureza deles, pois que eles são conceitos nós já sabemos. Em continuidade, para desempenhar o papel do interpretante lógico foram também analisados os desejos e as expectativas, mas estes foram descartados porque não têm uma aplicabilidade geral, exceto na medida em que estão atados a um conceito. Os desejos também foram rejeitados porque são efeitos do interpretante energético. Por exclusão, Peirce chegou, então, ao hábito como interpretante lógico. De fato, não há nada que possa melhor preencher a definição de interpretante lógico do que o hábito. A regra ou hábito, nos diz Savan (1976: 43-4), é um padrão

de ações que, sob certas condições apropriadas, será repetido indefinidamente no futuro [...]. As ocorrências da regra ou hábito se dão em um conjunto particular de ações dentro de um período de tempo limitado. Estes conjuntos de ações particulares são interpretantes energéticos; mas, uma vez que eles exemplificam um hábito indefinidamente repetível, eles também são réplicas de interpretantes lógicos. Note-se que, enquanto os interpretantes emocional e energético têm uma terminação finita, o interpretante lógico é sempre potencialmente repetível sem terminação. (SANTAELLA, 2004, p.83)

O hábito seria a continuidade. Não o particularismo finito de um sentimento ou de uma ação, mas um princípio-guia, atualizado pela experiência, de como reagir a uma determinada situação, identificando pequenas rotinas “familiares” e nos mostrando o que se “deve fazer”. Aí está a chave do pragmatismo que adota o hábito como precedente à ação. É aqui que repousa a força de uma intervenção na cultura, anterior à ação direta do ativismo. O que regularia o comportamento da sociedade em um determinado fato seria a razoabilidade estética (ou *summum bonum*) atual deste grupo e os hábitos que se formam a partir deste ideal, gerando os princípios-guia do comportamento coletivo.

O ativismo agiria neste construto, tentando provocar, de alguma forma coletivamente admirável, a atualização da lógica sobre processos com os quais os ativistas não concordariam. Mas como?

2.2.3 O Interpretante Último Final

O interpretante último final carrega em si a mudança de hábito. E, como visto em Pimenta, “O processo de mudança consiste na compreensão dos princípios-guia do raciocínio, em harmonia com o *summum bonum*, em direção a uma razoabilidade coletiva.” (2006, p. 3).

A busca por uma recorrente atualização das inferências estaria no cerne da lógica defendida por Peirce. Este processo seria o momento semiótico ideal, alcançado

com muita dificuldade, já que “apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos” (PEIRCE, CP, p5372).

Peirce irá basear a validade da inferência na validade a longo prazo do processo pelo qual é atingida: num tempo suficientemente longo as inferências revelam-se aproximadamente correctas. A sustentação deste tipo de doutrina exige duas teses especiais: o falibilismo – as inferências erradas são afastadas quando as condições de informação ou o choque com a experiência o permitem, nunca se podendo obter certezas em cada caso concreto; e exige também a ideia de verdade como limite ideal. (GRADIM, 2009, p. 5)

Postas as características que provocariam uma heterocrítica mais acurada, podemos afirmar que, em qualquer que seja o suporte, é imprescindível o caminho até uma razoabilidade coletiva cada vez mais plena, mais palpável, mas sempre fugidia, num devir infinito que não é só a busca por aprimoramento do homem, mas do próprio universo. A palavra expansão cabe como uma luva nesta relação metafísica/intelectual.

Outra relevante contribuição está na concepção de que a modificação não pode ser apenas terceiridade. A modificação de crenças passa também pela atualização de ações e sentimentos. Para tanto, entra em cena o signo degenerado, que se aproxima mais de seu objeto, escapando do escopo da lei para atingir outros níveis de significação.

Para que a mudança de hábitos de sentimento ocorra, é necessária a existência de processos semióticos híbridos, nos quais os interpretantes últimos finais mantêm seu caráter de portadores da lei de geração de semioses, mas, ao mesmo tempo, se apóiam na formação de outros tipos de interpretantes, dinâmicos, energéticos e emocionais. Isto se dá pela entrada em jogo de signos degenerados, ou seja, índices e relações de fundo icônico. (PIMENTA, 2006, p.3)

De posse destes importantes conceitos de mudança de pensamento, podemos agora pincelar, em um âmbito ainda geral de nosso objeto de pesquisa, sobre as propriedades da intervenção urbana direta, em detrimento ao ativismo baseado em

alta tecnologia. A intenção desta comparação está na possibilidade de identificar certas diferenças de linguagem e de sentido.

2.3 CARACTERÍSTICAS DAS MANIFESTAÇÕES

A Estética, a Ética e a Lógica, presentes no mais ínfimo dos processos semióticos, seriam as propriedades a ser lapidadas num ativismo que, para ser funcional, deveria ser o mais razoável possível. E, se o objetivo pode ser alcançado sob qualquer tipo de suporte, já que, por ser do campo do pensamento, afeta os princípios gerais, o que poderia definir a escolha de um veículo comunicacional de baixa ou alta tecnologia? Cremos, e tomamos esta hipótese como base, que esta escolha embasa-se nas características peculiares dos suportes, que oferecem linguagens diferenciadas e, conseqüentemente, públicos diferentes. Alicerçada nos conceitos de razoabilidade peircianos, nossa pesquisa aponta para algumas das características dos dois grupos de suporte.

Considerando a barreira da língua, podemos dizer, sem medo de errar, que uma intervenção urbana possui um menor alcance do que uma manifestação baseada no que há de mais moderno em redes telemáticas. Explica-se: um *site* ou vídeo viral, pode ser acessado, na pior das hipóteses (quando do uso do recurso textual) por pessoas de todo um contingente de países que fala a mesma língua. Se os recursos forem outros, em todo o mundo. A dificuldade de alcance do *hightech* seria a barreira econômica.

Uma vantagem da manifestação de baixa tecnologia está atrelada à idéia de ocupação da cidade, que nos leva à outra característica da intervenção: não é preciso procurar por uma intervenção urbana. Ela simplesmente ocorre, para os atingidos.

Quase que acidentalmente. Não é preciso estar atento a ela para que sejamos pegos num processo semiótico. Basta um olhar de relance para um muro abandonado ou ser atraído por um “psiu” na rua para que a situação nos inunde. A intervenção impõe-se ao olhar.

Este contato direto, pelo menos em sua contemporaneidade, abarca uma gama de possibilidades que a intervenção baseada em tecnologias de ponta não consegue: a interação humana direta, que, se não é assim tão imprescindível, gera uma gama de processos comunicativos que passa pela leitura mútua de diversas outras linguagens. O contato analógico ainda superaria o digital por sua gama de informações simultâneas superior, como cheiros, linguagem gestual “ao vivo”, reação e *feedbacks* instantâneos. A intervenção de baixa tecnologia gera, num encontro em condições perfeitas, um leque mais amplo ou, no mínimo diferente, de informações. Informações essas que podem ser as lacunas que ainda precisavam ser preenchidas para levar a mudanças de hábito de indivíduos em particular.

[...] buscar o interpretante último final, ou seja a mudança de hábitos, por meio de signos genuínos [...], seria um processo incompleto, predominantemente racional, no qual se perderia o impacto das degenerescências sógnicas, tanto de secundidade como de primeiridade, que propiciam mudanças no hábito dos sentimentos. (PIMENTA, 2006, p.5)

Outra vantagem da intervenção direta está na disposição em aproveitar-se da rotina diária das pessoas. Ela agiria sobre a distração dos transeuntes, que na maioria dos casos, não sai de casa a procura de tais interações. Este estado de surpresa nos deixaria mais abertos às sugestões, já que nosso corpo não reconheceria, nessas ocasiões, as rotinas (ou hábitos) com as quais nossos princípios-guia trabalham.

O caráter físico da intervenção urbana pode gerar também uma afirmação da esfera social atingida como comunidade: antes de chegar ao interpretante lógico, o emocional e energético seriam mais exigidos porque a linguagem do ativista pode ser mais voltada para o local: se uma pichação como a existente na cidade de Juiz de Fora,

com o retrato do prefeito com roupas de presidiário, pode ser decifrada por um pesquisador estrangeiro ou leitor assíduo de jornais, ela é muito mais facilmente assimilada por aqueles juiz-foranos que se preocupam com a política local, o que reforça o caráter degenerado do signo, aproximando-o mais rapidamente do objeto.

Com o fim deste capítulo, esperamos que as relações entre arquitetura, semiótica e intervenção urbana estejam explicitadas.

Queremos crer, também, que a segunda hipótese do trabalho foi, ao menos parcialmente, comprovada. Se não é possível afirmar que todo e qualquer interventor urbano é uma agente consciente de seu papel na atualização do *summun bonnum*, ao menos podemos dizer que a escolha por meios de manifestação com as características da intervenção urbana evidencia a legitimidade da atuação exclusiva na cultura que a guerrilha midiática proporciona.

Nossa análise, agora, procurará aplicar todas estas elucubrações às comparações de objetos de estudo, apresentando nossos estudos de caso.

2.4 NOVOS E VELHOS INTERVENTORES

Munidos, agora, de todas essas ferramentas teóricas, nos debruçamos mais preparados sobre nossos estudos de caso.

Como já descrito, procuramos traçar paralelos entre o movimento situacionista e sua apropriação da rua com o grafitti na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Os próximos movimentos comparados são o Provos Holandês e o coletivo curitibano autodenominado “Novos Bárbaros”.

Na introdução, já falamos um pouco sobre os motivos pelos quais estes fenômenos figuram entre os analisados.

Muito embora fosse, do ponto de vista metodológico, mais sensato comparar movimentos usando como intersecção o momento histórico ou a localização geográfica entre ambos, pensamos que estes movimentos, afastados no tempo e no espaço, possuíam propriedades comuns interessantes, muito mais úteis na concepção de uma conclusão para o trabalho. A análise de movimentos com grande intervalo de tempo entre si compila um volume de dados maior. E, conseqüentemente, traz informações mais úteis na busca de respostas.

Já a escolha de movimentos brasileiros em detrimento às vanguardas européias explica-se pela diferença de motivação que os movimentos ativistas do velho mundo hoje adotam. Enquanto os “inimigos” do ativista do primeiro mundo estão nas figuras das grandes corporações, evidenciando uma realidade econômico-histórica em outro patamar, o impacto da tecnologia chega ao Brasil de forma mais lenta, proporcionando um ambiente observacional em ebulição, mais próximo do encontrado na Europa do século XX. Estas constatações tornam possível a união de movimentos aparentemente tão improváveis quanto estes.

É praxe na academia falar em hibridismo das mídias, um processo definido por Lúcia Santaella como:

(...) um traço dominante dos meios de comunicação de massa, que influencia e se deixa influenciar pelos meios de produção artística. Por exemplo, o cinema mistura som, imagem, diálogos e figurinos. Isso leva à facilitação da comunicação ao se reforçar o significado através de uma relação intersemiótica. As “belas artes”, ou seja, a pintura, a escultura e a música, foram se transformando e perdendo seu caráter de pureza, ao incorporarem máquinas reprodutoras de linguagem e ao utilizar dispositivos tecnológicos de produção. Esse uso em comum dos meios de produção entre os meios de comunicação e os meios artísticos deve-se em grande medida à apropriação pelos indivíduos dos dispositivos tecnológicos da cultura das mídias, bastante diferente da lógica da comunicação de massa. O acesso facilitado a esses equipamentos deu origem à novas formas de arte tecnológica, inaugurando uma nova cepa nas artes, as quais, através do experimentalismo, foram moldando um novo olhar artístico, mais identificado com a contemporaneidade (SANTAELLA, 2005, p 72)

Sendo uma constatação deveras embasada, queremos crer que a análise destes movimentos por semelhança – sejam os franceses e mineiros com suas pichações ou os holandeses e curitibanos e suas inserções satíricas no cotidiano – podem reunir dados importantes na percepção de como esta hibridação funciona no impacto sobre as manifestações. Assim, temos oportunidade de perceber o que se desenvolveu, permaneceu ou foi abandonado na prática de intervenção da cidade.

Aprofunde-mo-nos sobre nossos objetos.

2.4.1 Juiz de Fora, Mon Amour: estudo de caso

O movimento francês já foi bem descrito em nosso primeiro capítulo. Eram jovens artistas e intelectuais que rompiam com as instituições estabelecidas, tentando reinventar a rotina social através da ruptura com os padrões estabelecidos. A sociedade técnica que eles condenavam seria reciclada através da desconstrução do estabelecido, demarcação de parâmetros mais humanizados nas ciências e liberdade individual garantida. Contando com a adesão de estudantes e, posteriormente, da classe trabalhadora, o movimento utilizava-se principalmente de jornais e publicações próprias na difusão de informação, bem como da pintura de muros e deturpação de propaganda ideológica ou econômica na cidade.

Já a cidade de Juiz de Fora foi pouco citada, até o momento.

Sua população, no último censo (2007), era de 526.706 habitantes. Situada em posição privilegiada no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, tem nos setores industriais e de serviços sua maior geração de receita. Suas três principais avenidas formam um triângulo, expandindo seus lados até bairros mais afastados da cidade. Este é considerado o eixo central de Juiz de Fora, e é onde encontramos a maior concentração de pinturas nas paredes.

Em um caderno especial sobre a intervenção urbana, encontramos dados sobre o *boom* da pichação na cidade:

Não existem registros sobre as primeiras intervenções urbanas em Juiz de Fora. É sabido que nos anos 80, sob o final da ditadura, havia um grupo literário inspirado em movimentos urbanos que ainda reverberavam na época, como o punk, responsável por ações no calçadão, entre elas um varal de poesias. Já o graffiti apareceu atrelado ao hip-hop no final dos anos 90, ainda voltada para o fortalecimento dos valores da periferia.

Foi só na metade dos anos 00's que grupos de graffiti e intervenções do tipo surgiram sem uma ligação formal com a cultura do hip hop. Nesta mesma época, dezenas de pessoas avulsas começaram a intervir, impulsionadas pelo que viam na internet e pela facilidade dos stickers, stencils e lambe-lambes. Deixando um pouco de lado o graffiti clássico, as intervenções, antes mais presentes na zona norte, invadiram postes, placas e muros do centro, principalmente no bairro São Mateus. Em 2008, Juiz de Fora assistiu ao boom dos stencils e stickers, quando eles foram usados pela publicidade, assunto de reportagens e tema de curso de extensão universitária. (Especial Intervenção Urbana. Disponível em: <http://www.wix.com/inhamis/intervencao-urbana>. Acesso em 23/05/2010)

Palco de alguns coletivos criados no momento subsequente a esta exposição, Juiz de Fora conta com relativamente poucos praticantes do que convencionalmente chamamos de intervenção urbana. Os coletivos e artistas “avulsos” não contabilizam uma centena. Mas a história recente da cidade demonstra que não são necessárias tantas mãos para notar-se um novo movimento. Manifestações contra o aumento da passagem de ônibus tornaram-se comuns, trazendo para as ruas a discussão de assuntos públicos importantes. A cidade passou também pela renúncia do prefeito Carlos Alberto Bejani, depois de escândalos com propinas e desvios de dinheiro, no ano de 2008. Tudo documentado nas paredes. Um dos grupos com maior destaque é o coletivo “A Fábrica”, que atua com experimentações de técnicas de *graffiti* e discurso pró-animais de cunho vegetarianista. Um dos pioneiros na cidade, o publicitário João Paulo de Oliveira atua em duas vias: insere seus trabalhos pela cidade e difunde a prática em blogs ou cursos que ele mesmo ministra. Contamos com sua participação em discussões e entrevistas, bem como no vagar pela cidade, a procura de demonstrações do nosso objeto. Em entrevista ao especial, podemos grifar:

Sobre a relevância dos símbolos espalhados pela cidade, João destaca dois stencils: um recente que expressa a igualdade entre os sexos, outro, mais conhecido, do ex-prefeito Bejani com uniforme de presidiário. “A do Bejani foi a que mais me chamou a atenção e teve o maior apoio da cidade. Surgiu numa hora ótima em que a cidade estava em polvorosa pelo caso de corrupção e acho que ajudou no reforço da idéia de que queríamos uma reação de verdade contra a rouboalheira política. Foi algo anônimo, provavelmente ilegal, mas que a maioria das pessoas deve ter apoiado”, afirma João Paulo – para ele, questionamentos ainda melhores estão por vir. (idem, ibidem, Acesso em 23/05/2010)

O que podemos evidenciar são as semelhanças entre Juiz de Fora e Paris. Apreendemos ambas em momentos de questionamento da ordem instituída. Embora o desenlace francês tenha entrado para a história, o que é mais do que se pode prever para a amostra brasileira, podemos perceber que os grafismos são um elo comum à comunicação dos cidadãos insatisfeitos das duas cidades. Mesmo estando os dois momentos distantes quase 40 anos.

Entendamos um pouco mais sobre a prática da pichação.

2.4.1.1. *Graffiti, picho, intervenção e história*

“Para mim, é diversão associada a uma forma de expressão”, explica o grafiteiro Geisler Rodrigues, conhecido como Gê e que assina seus trabalhos como Scene2¹⁴

A arte da gravura nas paredes, como qualquer outro campo criativo, vai se desenvolvendo a medida em que se fundamenta. Os primeiros grafismos na parede de uma cidade foram achados nas ruínas de Pompéia. No início da Era Cristã, quando da tragédia do Vesúvio, pôde-se perceber que a prática do *graffiti* (grafitos em italiano) era

¹⁴ (JF HOJE, Versão ONLINE, 03/04/2008. Disponível em www.jfhoje.com.br. Acessada em 04/04/2008)

muito comum. Utilizando carvão para escrever, os habitantes deixavam mensagens nas paredes da parte nobre da cidade: o Fórum. Eram mensagens de natureza eleitoral, comercial e também de descontentamento. As paredes funcionavam como jornais murais. A importância deste achado ultrapassa a crônica de Pompéia:

(os graffiti) (...) têm grande importância para a história da sociedade romana do século I, mas para a Filologia estas inscrições foram importantes porque contribuíram para o conhecimento do latim vulgar. Sabemos que se preservaram muitos documentos do latim, o que permitiu que se conhecesse relativamente bem esta língua, devido à contribuição dos grandes escritores e de outros textos não-literários, porém estes textos eram escritos em latim culto (clássico), o que tem permitido que o latim se possa estudar até nos dias de hoje. Sabe-se que as línguas românicas, também chamadas neolatinas ou novilatinas (português, espanhol, francês, italiano, romeno, catalão, sardo e outras) não se originaram no latim clássico, mas no latim vulgar ou corrente (língua falada em toda a România, mas com variantes em cada região). Esta língua era a falada ou vulgar, mas ao escrever usava-se, ou pretendia-se usar, a língua clássica, por isso quase não há nada escrito nessa língua falada. Para ter idéia de como seria, procuraram-se meios diretos ou indiretos: as chamadas fontes do latim vulgar. Nessas fontes destacam-se as inscrições que se conservaram em diversos suportes (pedra, chapas de metal, paredes, mosaicos, etc.)(Kultura Kooperativo de Esperantistoj. **Dos Grafiteiros de Pompéia aos Pichadores Atuais.** Disponível em: http://www.kke.org.br/palestras/dos_grafiteiros_de_pompeia_ao_pichadores_atuais. Acessado em 11/02/2009)

Um passo importante na história da pichação é o Muralismo mexicano na década de 1920. José Clemente Orozco, Diego Rivera e David Aldaro Siqueiros desenvolveram um projeto apoiado pela Secretaria de Educação Pública do México, numa tentativa de combate ao analfabetismo e elevação dos ideais comunistas provenientes da Revolução Mexicana de 1910. Murais coletivos enlevando a história indígena e campesina no México enfeitaram os muros com patrocínio estatal e intenções didáticas e de propaganda.

Nossa próxima parada fica exatamente na década de 60. Muito embora diversos artistas tenham desenvolvido a pintura em paredes como forma de expressão ao longo dos anos, estava na Europa a nova contribuição das pichações: slogans revolucio-

nários coalhavam as paredes das cidades em efervescência. Baldes de tinta e brocha ou mesmo o ainda funcional carvão eram os materiais utilizados.

A invenção da tinta em spray acelerou o desenvolvimento da pichação até o que podemos ver hoje. Isso ocorreu em 1949, mas podemos ver novamente que a novidade tecnológica demora a se difundir. É na Nova York dos anos 1970 que o *graffiti* ganha notoriedade. Os *tags* (assinaturas) tornam-se febre. Gangues usam marcações nas paredes como limite territorial. No bairro do Brooklyn, Michel Basquiat ganha notoriedade. Suas pichações vão tornando-se, com o tempo, obras neo-expressionistas. Mas seu legado ajuda a diminuir o espaço que separa a arte de rua do reconhecimento devido.

Hoje as técnicas vão se proliferando, a tolerância da sociedade aumenta e a linguagem do *graffiti* caminha a passos largos para seu reconhecimento como tal. Isso gera também distorções. Elas são muito peculiares por mostrarem o choque entre seu campo de atuação e interesses econômicos.

Com efeito, podemos citar alguns exemplos. Um deles ocorreu na Bienal de São Paulo, em 2008. Um dos andares da mostra ficou sem qualquer exposição, no que foi chamado de espaço “Em vivo contato”, mas que acabou ficando conhecido como Bienal do vazio. Nele, as paredes nuas convidavam a refletir sobre as formas da arte. Um grupo de ativistas invadiu o espaço utilizando-se de stickers e pichações. A comoção foi grande e acabou com a prisão da pichadora Caroline Pivetta da Mota. Um exemplo análogo é o da frase “Matou a família e foi ao Bahamas”, pintada em um muro da av Independência, em Juiz de Fora. Em clara alusão ao filme “Matou a família e foi ao cinema” de 1969, a pintura faz troça de uma rede de supermercados da cidade. A pichação não durou uma semana. A palavra Bahamas foi apagada, e hoje, figura a expressão

“açogue” (grafado como no muro), por cima da pintura corrigida. A pichação incomoda, como podemos ver.

Alheia à destruição privada, utilizando espaços públicos, ela é apenas coibida. Quando toca no patrimônio privado, ganha a máscara do vandalismo. É o que podemos notar em matérias nos portais da cidade, que evidenciam os prejuízos dos proprietários para cobrir a “expressividade” de pichadores.

Há cerca de cinco meses as pichações estampam o muro de uma loja de informática no Centro de Juiz de Fora. De acordo com o gerente do local, **Jorge André Maia Geara**, o dano é tão comum que a empresa não tem condição de providenciar a pintura sempre que uma nova pichação aparece. "O costumeiro é fazer a limpeza do local e logo após aparecer um novo dano. (CAMPOS, C. Pichações distorcem cenário urbano de Juiz de Fora. Portal Acessa.com Disponível em: http://www.acessa.com/cidade/arquivo/noticias/2010/02/18-pichacao/?utm_source=indique&utm_medium=email&utm_campaign=indique Consultado em 05/03/2010).

O quadro já se agrava em algumas outras cidades, onde o prejuízo causado pela pichação passa a ser melhor controlado através da contratação de grafiteiros como ilustradores de fachadas de lojas, como é bem descrito pelo artigo especialmente escrito para essa dissertação por Tiago Santos Vieira, jornalista do Diário de Guarulhos e da revista Rolling Stone:

Estratagema de gosto duvidoso repele pichadores

Detroit retro-futurista; vista do outro lado de um caleidoscópio; com pedras acinzentadas, disformes e opressoras; galpões de cobertura chapeada, ornados com pichações dispostas em toda lateral; um giro pela cercania convida à regressão; sensação próxima a de assistir Robocop na primeira infância; a pouca idade potencializava o claustrofóbico caos urbano na tela; décadas mais tarde, a impressão é a mesma, mas o lugar é outro; das relações às condutas, tudo é cartesiano; linha de montagem,

Fordismo; cada um aperta uma porca e um parafuso; Detroit retro-futurista; Cidade das Montadoras; Motor Town; contração: Motown; mas não há música; em Guarulhos, só ecos de martelos, bigornas e sacolejar de latas de spray.

Próximo de completar 450 primaveras, Guarulhos, apêndice não circuncidado da capital paulista, sofre com prática postada no limiar entre arte e vandalismo. “Certa vez peguei um moleque pelos braços, tinha lá seus 16 anos. Pichava as portas de minha loja. O levei para os fundos e com o spray pinteí suas pernas, braços, barriga... só poupei a cabeça. Respondo processo até hoje por isso”. A revelação foi espontânea, de quem estava ao lado no coletivo, quando externava em voz alta embasbacamento ao ver, pela primeira vez, os “grafites” que ornaram estabelecimentos locais.

De mau gosto, muito mau gosto. Mas uma defesa interessante contra pichadores: um consultório médico ou odontológico, costumeiramente, teria às suas portas uma discreta placa anunciando nome e especialidade do profissional. Um luminoso, dependendo excentricidade do “Doutor”. Em Guarulhos, às favas com a discricção e o bom gosto. No consultório do dentista, por exemplo, a extensão da fachada é “grafitada” com um dente de triste feição. O molar apresenta uma nojenta carie em sua extremidade superior e, com dificuldades, caminha amparado por muletas. Não é preciso ser iniciado nos mistérios da semiótica, ou um Robert Langdon da simbologia, para saber a que se referem os signos.

Irmãos metralhas cavando um túnel com pás e picaretas adornam a entrada de uma loja de materiais de construção. Um português bigodudo oferece uma bandeja com diversos quitutes de trigo: falamos de uma padaria. Tio Patinhas, com cara de poucos amigos, conta um maço de notas na pintura da fachada de uma financeira. Gran

finale: um peixe, trajando bermudas florais, faz “hang loose” com seus dedos-barbatanas, ao lado uma vaca com peruca loura e um frango punk, com um moicano vermelho no lugar da crista: discorremos sobre uma casa de carnes.

Não são obras de arte; expressivos grafites como as intervenções dos gêmeos Otávio e Gustavo Pandolfo, espalhadas pela paulicéia desvairada e mundo afora. Apenas um estratagema utilizado pelo comércio e setor de serviços, aproveitando-se de um implícito código de honra: quem realiza tais ilustrações é, ou era, um pichador. Todos se reconhecem por assinaturas ou pelos traços. E não ousam gastar spray sobre a “obra” de outros arrolados à causa. O que torna Guarulhos digna de nota: zero em bom gosto.

Os exemplos nos dão importantes informações sobre a natureza desta linguagem. A pichação não é ignorada. A demarcação gera mensagens que, forçosamente, chegam a qualquer transeunte em condições de enxergar seu próprio caminho. A pichação possui penetração e fixidez no ambiente comunicativo da cidade. Seu caráter impositório não se equipara ao poder surdo das mídias convencionais, mas já explicita o uso da pichação como forma de comunicação.

Outra característica importante é a relação dos pichadores entre si. O exemplo da cidade de Guarulhos já demonstra o respeito que os ativistas têm pelas manifestações uns dos outros. Mas o que pode se tornar uma armadilha, trabalhando como código de conduta de uma categoria instituída, é demolido por outra característica presente na intervenção em muros. A possibilidade de atualização da informação. Não é nada incomum ver um grafite ser “complementado” por um outro, posterior, como pode ser visto na imagem 3.4. A pichação é crime, mas pode ser realizada por qualquer um com disposição e alguns trocados para a lata de tinta.

Semioticamente, a pichação é de uma variedade ampla demais para ser generalizada. As diversas técnicas alcançam níveis diferentes no uso de cores, formas ou sobreposições, tornando o caráter multicódigo bem amplo. Imagens, textos, texturas e complementaridades com o cenário urbano multiplicam as possibilidades desta manifestação. Desta forma, a observação é possível apenas quando restringimos o campo de observação.

2.4.1.2. *Nos muros de Juiz de Fora*

A cidade possui a maior parte de seus graffiti espalhados pela avenida Independência, Rio Branco e Getúlio Vargas. Nichos importantes são o bairro São Mateus, famoso reduto boêmio universitário; a rua Santo Antônio, via secundária de grande importância para a cidade, de caráter mais comercial e histórico de negligência policial; a Avenida Brasil, próxima à Rua Benjamin Constant, avenida marginal de trânsito rápido, é a área de um famoso baile *funk* da cidade.

Os locais escolhidos para pichação ramificam-se em duas vias. As pichações mais simples, meros traços ou *tags*, costumam ignorar o caráter público/privado da questão, pululando por toda a cidade, fruto de oportunismos. A segunda ramificação costuma tomar cuidado, apropriando-se apenas do supérfluo urbano: caixas de energia em calçadas, muros de madeira de novas obras, orelhões, muros de terrenos baldios, bueiros, bancas de jornal, praças, placas.

Lucrécia classifica os lugares por sua relação signo/objeto. Ela subordina esta escolha à necessidade de apego ao existente como atalho para a particularização de um lugar.

Tendo em vista que a oposição entre espaço e lugar só se concretiza quando percebemos que o primeiro é uma abstração, em confronto com a capacidade que o segundo tem para produzir significados, ações e comportamentos, e

considerando, de um lado as distinções entre comunicação e informação e, de outro a diferença entre signos icônicos, indiciais e simbólicos para a concretização dos significados, utilizaremos estas distinções como parâmetros que nos ajudarão a compreender a diferença entre os lugares de uma cidade (FERRARA, L. 2002 ,p23)

Em Juiz de Fora, a característica principal dos *graffiti* ditos "engajados" acompanha o que Lucrécia define como lugares simbólicos. Os centros de decisão econômica, empresarial e administrativa. Constituem o lugar de caracterização da imagem global da cidade e seus significados são de ordem comunicativa (idem p25). É o que representam as três avenidas principais e os nichos supracitados. Talvez a única exceção seja a avenida Brasil, que encontra-se numa área planejada para ser esvaziada (uma via de trânsito rápido, ou uma versão modesta de uma *highway*). A particularidade deste local talvez encontre sua explicação nesse abandono, com diversas construções inacabadas, gerando um espaço de expressão muito mais por conveniência do que por escolha consciente. A cidade também é feita de oportunidades.

Mas os locais em si não são do tipo simbólico. Embora esta proximidade com a "vitrine" da cidade evidencie uma preocupação com a difusão das intervenções, elas pertencem ao liquefeito campo dos lugares indiciais.

O coletivo banal é sua marca e diferença. É movediço e flutuante porque se introduz nas brechas dos outros dois tipos de lugar, a fim de acomodar, no espaço global, o indivíduo carente de soluções para pequenas e corriqueiras necessidades funcionais, utilitárias ou, simplesmente, ociosas. (...) na sua banalidade, é um drible no código da comunicação simbólica, desconstruindo-a e se transformando em lugar de informação, na medida em que é o espaço onde se produz a escolha entre alternativas para soluções de necessidades coletivas, porém desvinculadas de qualquer pretensão moral mais edificante, como aponta Milton Santos, Via Durkheim (1996: 32). No lugar indicial, a união se processa como simples e natural reação ante as dificuldades sempre novas e originais do cotidiano que atingem o coletivo e, assim, são enfrentadas. (idem, ibidem, p. 28)

Imiscuído ao cotidiano, o lugar indicial dura apenas o tempo que precisa. Atinge o simbólico instituído e se desfaz. Parece-nos claro que esta é a descrição do espaço alvejado pela intervenção urbana em sua maior simplicidade.

Arelado ao seu lugar, o *graffiti* vem incorporando novas propriedades. As cores enriquecem os sentidos das imagens, gerando sofisticacões. O acesso às técnicas tornou-se mais amplo com a internet. De fato, João Paulo aponta este como um dos fatores pelos quais a intervenção urbana se multiplicou tanto.

(motivam) O maior acesso à informação oferecido pela internet, a proliferação da imagem como estandarte de comunicação em todos os sentidos, além da necessidade de se tornar um protagonista do espetáculo e que esta transcenda os meios de comunicação convencionais e protegidos pelas grandes corporações e pelo estado. Além disso, há um apelo novo pela arte e que ela esteja presente no meio urbano. (registro textual)¹⁵

Os signos do *graffiti*, em relação a seu objeto, apresentam elevado grau de degenerescência. Mas, não raro, alcança o status de símbolo. Afinal, é um processo que é pura representação, ideal para incorporar qualidades por associação.

Gravitando entre o ícone, o índice e o símbolo, caminhando, até este momento da semiose, em condições plenas para tornar-se signo genuíno. Mas a efemeridade da experiência de ver-o-*graffiti*, unida à sua acelerada, porém reduzida fixação como linguagem popular, o degeneram na díada dos interpretantes. A exposição ao *graffiti* afeta muito mais o campo das emoções e das experiências. Isto, como já dissemos, não pode ser desconsiderado no caminho para uma mudança de hábito.

¹⁵ Entrevista concedida por email. Mensagem recebida por homeronogueira@gmail.com em 13/10/2009.

Os signos degenerados, no caso, os ícones e índices, demonstram-se imprescindíveis no caminho da atualização de hábitos, posto que são suas bases. Primeiro, é preciso reafirmar tal informação.

Isso quer dizer que se você tem uma idéia de Terceiridade você deve ter tido as idéias de Secundidade e de Primeiridade para desenvolvê-la. Mas o que é necessário para a idéia de uma Terceiridade genuína é uma Secundidade sólida e independente e não uma Secundidade que é um mero corolário de uma Terceiridade inconcebível e infundada; e uma observação semelhante deve ser feita em relação à Primeiridade (PEIRCE, C. S, v5, p91)

O que isso significa? Que, para modificar o pensamento, é tão importante questionar os princípios que possuem caráter de lei, quanto ancorá-los no real através da indicialidade e de suas características icônicas. Qualquer processo de comunicação torna-se mais efetivo quando há uma disponibilidade de informação melhor.

Quando o choque entre as representações e os objetos alcança uma relação que já não é mero corolário, suas chances de conduzirem até os próximos passos da semiose aumentariam. Quando a secundidade torna-se forte, através de uma representação que sirva como substituto bruto do que o signo quer representar, a associação com a mente interpretante seria forte o suficiente para desencadear os passos lógicos da semiose.

Esta característica semiótica nos dá outra pista da permanência do *low tech* no ativismo. Muito embora a prática seja deveras atecnológica, a intervenção urbana embarcou na supervia da informação. Experimentando todos os seus componentes estruturais em novas configurações, a tecnologia e arte de rua se misturam. A AGP¹⁶, *blogs, twitter...* todas essas ferramentas têm servido de esquadro e mesa de projetos

¹⁶ Ação Global dos Povos, aliança ativista internacional cuja origem remonta a Chiapas, no México, numa reunião realizada em 1996. Um encontro, um ano depois, na Espanha, fundamentou a idéia de uma campanha global mais concreta de ativismo e organização militante. Foi formada por um grupo com dez dos maiores e mais inovadores movimentos sociais, incluindo o Movimento Sem Terra brasileiro e o Sindicato dos Agricultores do Estado de Karnataka (KRRS), dos agricultores radicais da Índia. Teve atuação destacada nos movimentos de contestação atrelados a encontros do G-7.

para as produções. Numa dinâmica híbrida, a pichação pode conter a URL para o site do coletivo que a produz. Os *sites* sobre as intervenções prolongam o alcance e eternizam a pichação que pode já ter desaparecido da parede. Desta forma, a secundidade do signo dá pistas para que a mente possa completar as lacunas que o impacto da intervenção pode gerar. É comum os coletivos possuírem *sites* com maior conteúdo do que defendem, funcionando então como *link* para um diálogo mais profundo sobre os assuntos.

Esta característica é importantíssima para explicar a permanência da intervenção em sua configuração menos tecnológica: ela pode ser facilmente adaptada para o meio digital.

Outra informação importante repousa no nível de inclusão digital no país. Se a intervenção pode ser digital, ela ainda se ancora no real por duas razões. A primeira, de fundo ideológico, é de que a arte na rua não seleciona seu público. Ela é ampla na medida em que é pública. A segunda razão está na equivocada constatação de que o meio digital alcança a todos.

Segundo estimativa do órgão de pesquisa consultado pelo Governo Federal, o Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (Cetic)¹⁷, aqueles que não têm acesso deixaram de ser maioria, no Brasil, em 2007. Nesse ano, 47% da população brasileira nunca tinha usado um computador, enquanto, em 2006, o percentual era de 54%. Estes dados demonstram que a situação melhorava a passos lentos, mas a grande esfera pública que é a rede ainda tinha acesso restrito, no país. O uso de internet ainda apontava dados preocupantes: os números de 2007 diziam que 59% da população brasileira ainda não havia acessado a *world wide web*¹⁸.

¹⁷ Disponível em <<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/>>. Consultado em 31/03/2008

¹⁸ Muito embora estes dados tenham sido divulgados em 2007, eram dos mais atualizados e completos. A informação sobre a exclusão digital é muito vaga, num país de regiões tão discrepantes quanto ao grau de desenvolvimento tecnológico como o Brasil.

A pesquisa do ano seguinte, do mesmo instituto, aponta um crescimento significativo na inclusão, mas ainda muito distante de um ideal como, por exemplo, o da Coréia do Sul, que possui mais de 90% dos domicílios conectados através de banda larga. Pela primeira vez, a pesquisa encampou também a zona rural no escopo de pesquisa, o que reduziu novamente a população que já teve contato com a internet para menos da metade do total. O ponto positivo é que a taxa de crescimento na inclusão gravita em torno de 17% ao ano.

Parece óbvio conjecturar que a inclusão digital ainda demorará para alcançar os 100% em países pobres ou em desenvolvimento, mas a porcentagem aumenta, em progressão aritmética, graças a novas condições de uso da rede. Não é mais necessário possuir um computador para haver um acesso regular à internet, por exemplo. A proliferação de *lan houses* e facilidade de conexão disponibilizada pelo barateamento do custo dos provedores (os custos de manutenção com a internet ainda são um fator considerável na exclusão digital, sendo apontados como causa principal por 54% dos entrevistados) e expansão da tecnologia wireless são fatores que demonstram que a conectividade torna-se cada vez mais acessível.

Embora esta constatação possa negar a falta de acesso como fator preponderante na escolha dos ativistas pela rua como palco de atuação, ela ainda demonstra-se relevante, posto que os níveis de inclusão em países emergentes como o Brasil ainda são muito preocupantes.

Vejamos o que nosso outro caso pode fornecer.

2.4.2 Seja realista, exija o impossível: o coletivo “Novos Bárbaros”

À semelhança de nosso primeiro estudo de caso, a vanguarda cultural holandesa já foi suficientemente destrinchada em nosso primeiro capítulo. A semelhança que justifica a associação dos Provos com o coletivo curitibano está na semelhança operacional deles. Contrários à mera exposição de pontos de vista, ambos pontuaram suas atuações com testes de tolerância das instituições à situações insólitas, buscando que a reflexão sobre o assunto fosse suficiente para causar choque. E parece que ambos se divertiram muito no processo.

O que precisa ser explicitado antes de caminharmos sobre a arraia-miúda curitibana é um resumo das vitórias dos Provos. Da reapropriação de lugares simbólicos, criavam seus lugares indiciais. Utilizando ferramentas como a sátira e a criatividade nas novas propostas que sugeriam, os agitadores modificaram para sempre a maneira como a cidade lida com o novo, transformando Amsterdã numa espécie de Meca da contracultura. Progressiva: a capital das bicicletas.

Já pudemos ver que a secundidade dos ativismos precisa de uma base sólida. E, na Holanda, ela a encontrou. Amealhado aos ataques e planos, estava todo um aparato de combate ao instituído. Os aparelhos de regulação e controle do Estado tiveram seu terror personificado num símbolo fortemente icônico: a cor branca. Vemos, então, como um trabalho de base na divulgação da informação pode ser feito de forma irônica e até galhofeira, mas que chega a seu intuito. Planos como o da esposa e bicicleta brancas demonstravam preocupações modernas para sua época. Os jornais faziam o trabalho de divulgação convencional. As bizarras atitudes terminavam de associar os fatos aos discursos. Numa construção caleidoscópica de relações, estava a força midiática dos Provos.

Guardadas as devidas proporções, vejamos como isto ocorreu no sul do Brasil.

Com 1.828.092 habitantes, Curitiba é a sétima cidade brasileira em número de habitantes¹⁹. Sua vocação industrial uniu-se a um grande desenvolvimento tecnológico, tornando a capital do Paraná o quinto maior PIB²⁰ do Brasil.

Mas foram jovens iniciantes em suas profissões, ainda recebendo salários pequenos, que resolveram se rebelar contra as “injustiças” de Curitiba. Auto-intitulados poetas, artistas ou apenas delinquentes, eles começaram a criar situações inusitadas dentro do cotidiano da cidade, experimentando novas possibilidades de atuação no cenário social.

Tomamos conhecimento deste grupo quando uma matéria de jornal descreveu a indignação da alta sociedade curitibana ao chegar a um parque de tradicional *jogging* canino e encontrar jovens fantasiados de cães, com faixas associando os cuidados com os animais de companhia às crianças que morrem de fome. Por pouco o tumulto não acaba em pancadaria. A matéria consta, também, nos anexos.

Estas situações foram todas descritas em um *blog*²¹, cujo título é “Manual Prático da Delinquência Juvenil”. É deste trabalho que tomamos emprestadas as situações aqui estudadas. Como o grupo atuou por mais de quatro anos desde 2003, foram mais de cem ações dignas de nota, cada uma intitulada “ataque”. Os primeiros dois anos de intervenções estão transcritos em nossos anexos, e devem ser consultados. Alguns dos ataques beiram o insólito.

¹⁹ ANDRICH, M. IBGE revela que população de Curitiba chega a 1,8 milhão. Portal Paraná Online. Disponível em: www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/320683/?noticia=IBGE+REVELA+QUE+POPULACAO+DE+CURITIBA+CHEGA+A+18+MILHAO, consultado em 14/05/2009

²⁰ Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2003_2007/tab01.pdf, visitado em 15/05/2009

²¹ Ferramenta de conteúdo dinâmico administrável, de hospedagem gratuita e com características de diário.

Contamos com a conjugação desta consulta aos anexos como complemento aos apontamentos que começaremos a partir de já, acerca de algumas das características destes ataques.

A primeira intervenção descrita já demonstra uma semelhança com o movimento holandês. Sentados em lugares aleatórios de uma loja de departamentos, os jovens começam uma confusão quando sacam quentinhas de macarrão e começam a comer a marmitta em meio às vitrines internas das lojas. A provocação proposta por eles era a reflexão do que era realmente um lugar público. Para tanto, escolheram uma conduta imprevisível e observaram a reação do corpo de funcionários. Armada a previsível confusão, eles abraçaram e beijaram a todos, e se retiraram distribuindo panfletos com os dizeres “Seja realista, exija o impossível” e este sermão:

Realmente vocês tem razão! Este é um sagrado lugar de comprar onde não se deve nunca, jamais, cometer a heresia de não gastar. Senhor gerente! Estes três delinquentes juvenis são meus irmãos e o senhor pode ter ser certeza que contarei tudo, tim-tim por tim-tim para nossa mãe e esses três marginaizinhos ficarão pelo menos um mês sem comer macarrão²².

Tal ataque já evidencia um otimismo de ação, marca do grupo e semelhança para com o movimento situacionista. De fato, este coletivo torna-se notório por aliar técnicas situacionistas de psicogeografia e deriva à irreverência das ações dos Provos.

A trajetória continua no segundo ataque, a primeira experiência com invasões a propriedades privadas. Munidos de quadros pintados por eles próprios, redecoraram a casa da família de uma amiga. A partir das experiências menores com infrações como estas, as intervenções foram ganhando em ousadia. Os ataques passaram por asperções com água benta em caixas eletrônicos de bancos, com direito a roupas de

²² Ataque número 1, realizado em 16/06/2003. Disponível em www.delinquente.blogger.com.br, consultado em 26/09/2008.

padre e coroinha. Continuaram nas invasões a vizinhanças com a posterior introdução de CDs com sermões anticapitalistas do já elevado a “padre interventor”.

A própria forma de divulgação dos atos demonstra que os conhecimentos dos interventores sobre o mundo da informática não eram desprezíveis. No entanto, nenhum dos mais de cem ataques é voltado para a web, simplesmente. A apropriação de tecnologias como a impressão e gravação de CDs em casa demonstra um fato importante: a tecnologia e acesso à informação eram usados como ferramenta de comunicação e consulta, no processo anterior aos ataques, e como meio de divulgação, através do blog e das constantes discussões do cronista oficial do coletivo, Ari Almeida²³, no site CMI²⁴.

O meio digital acaba por ampliar as possibilidades de desenvolvimento das técnicas do ativismo, funcionando como uma biblioteca.

Mas as tecnologias disponibilizadas nos ataques ainda merecem algumas linhas. Merecem menção os pequenos transmissores de som, alcunhados de “bombas sonoras” que os ativistas utilizaram em seu ataque a uma churrascaria. As tais bombas irradiavam os sons de mortes animais em matadouros de Curitiba, enquanto as pessoas comiam carnes em rodízio.

Este aparelho em especial contou com uma seção especial no blog, com os esquemas elétricos e instruções de como qualquer um poderia montar tais alto-falantes.

Pessoal!

Estamos preparando um blog especial que funcionará como um **Manual Prático**. Nele divulgaremos todas as instruções para montagens dos *transmissores que interferem nas TVs* e também as famigeradas *"Bombinhas Sonoras"* que usamos em nosso ataque à churrascaria. Tudo explicado de forma detalhada para que qualquer um, mesmo sem conhecimentos técnicos, consiga montar. **ABAIXO AS ESPECIALIZAÇÕES!!!** E por último, Curitiba que se prepare, faremos **nosso novo ataque nesse fim**

²³ Nome fictício

²⁴ Centro de mídia independente, importante canal de notícias sem fins lucrativos, com dezenas de filiais ao redor do mundo

de semana. Vou logo avisando, se vc é católico, vá a missa, pois se tudo sair conforme o planejado, vai ser um sarro, comédia total. **SEJA REALISTA: EXIJA O IMPOSSÍVEL.** "Se o que você faz, faz impunemente, é por que é inofensivo."²⁵

Outro aparelho desenvolvido foi um transmissor de ondas em FM, que influía nos aparelhos de rádio de um curto raio de ação, bem como na transmissão dos televisores. Desta forma, um horário eleitoral apresentou uma dublagem nunca antes vista em Curitiba. Tais construtos foram possíveis graças à entrada de um técnico em eletrônica nas lógicas dos ataques.

Inúmeros são os ataques, onde novas invasões se tornaram comuns. Missas foram achincalhadas, Shoppings foram invadidos por uma horda de meninos de rua que ganharam lanches do Coletivo. Moradoras de rua fizeram tratamentos de beleza graças a novas investidas contra o comércio. A rua era explorada seguidamente na construção de novas situações.

Assim como começaram, de maneira espontânea, os ataques também cessaram. A separação dos garotos aconteceu de forma natural, com mudanças de cidade e outros desvios que a vida vai tomando.

Veja a descrição dos rapazes:

Saquem nosso perfil.

Vinícius estuda e batalha pra passar num vestibular enquanto faz bicos como músico. Jean trabalha de moto num serviço de tele-entrega e todo começo de ano volta a estudar e todo meio de ano desiste de estudar. Eu, trampo num escritorzinho sem futuro. Fábio mora com os velhos, tenta sair de casa e vive fazendo planos de vida mirabolantes sem nunca levar nenhum a sério e Sérgio é uma dessas almas de artista, que nunca se encaixam na normalidade da sociedade.²⁶

²⁵ Disponível em www.delinquente.blogger.com.br, Publicado em 15/08/2003. Consultado em 26/09/2008.

²⁶ Disponível em www.delinquente.blogger.com.br, Publicado em 25/08/2003. Consultado em 26/09/2008.

Logo, pudemos perceber a mesma estratégia de criação de espaços indiciais em ambos os movimentos. Muito embora o sucesso curitibano não possa ser medido tão bem quanto o alcançado em Amsterdã, a construção de situações absurdas e com certo grau de confusão premeditada demonstram que esta tática perdura, após todos esses anos. Uma demonstração de que a atuação local usando apenas recursos táticos à mão e criatividade podem servir como conduítes para discussões mais amplas, suscitando reflexão.

Muito do que descrevemos demonstra que a internet, em especial, bem como as demais tecnologias de comunicação, migrou na direção da organização em rede. A lógica que a interconexão global exprime possibilitou uma nova gama de interações entre os atores sociais. Podemos dizer que a democratização progressiva do acesso vem levando a novas e variadas experiências, tanto de organização dos grupos quanto de escoadouro da produção ativista solitária. Remontando ao nosso *summum bonum*, podemos dizer que a linguagem das chamadas mídias táticas cimeta suas bases. Podemos notar que a linguagem do *hip hop*, com seu *graffiti* em estilo gótico e cores peculiares se torna influência dos produtores de conteúdo, na internet ou mídias convencionais. A mídia alternativa começa a encampar seguidores também na publicidade, aproveitando-se das características próprias da mídia tática para acessar novos mercados consumidores.

Parece notório que as intervenções urbanas abastecem e se retroalimentam de seus novos destinos virtuais, criando assim um diálogo aberto e produtivo, seguindo uma tradição de desenvolvimento do arsenal ativista, fertilizando o campo para que novas apropriações venham a desabrochar, usando novas e velhas técnicas, procurando alcançar novos patamares de comunicação.

Nas palavras de João Paulo:

A intervenção urbana, além de discutir o espaço do real é amplamente apoiada pelas vias digitais que a proliferam em suas ferramentas como as citadas na última questão e compõem também suas comunidades virtuais desterritorializadas e amplamente interativas. (registro textual)²⁷

Só nos falta a análise das pichações coletadas em mais de dois anos de deriva pela cidade de Juiz de Fora para que possamos descrever nossas conclusões.

²⁷ Entrevista concedida por email. Mensagem recebida por homeronogueira@gmail.com em 13/10/2009.

3 ANÁLISE SEMIÓTICA APLICADA: INTERVENÇÃO EM JUIZ DE FORA

As intervenções urbanas aqui analisadas são os frutos das derivas realizadas na cidade de Juiz de Fora somadas a fotos de *sites* que procuram documentar as manifestações da cidade. Tais páginas foram imprescindíveis na preservação do acervo aqui estudado.

Com estas fotos, podemos analisar as manifestações sob a lente da semiótica, tentando desconstruir os elementos presentes usando a categorização Peirciana. Esta metodologia é muito comum na análise semiótica do design e propaganda, e subdivide os signos por suas correspondências com as esferas da primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeira categoria é chamada de Ponto de Vista Qualitativo-icônico. Refere-se às características mais básicas do signo quando o retiramos de qualquer contexto analítico concreto. Quais as cores, formas, estímulos, texturas ou características representativas mais básicas que se possa descrever sobre o objeto analisado. Refere-se à primeiridade do signo.

A segunda chama-se Ponto de Vista Singular-indicativo, e analisa a inscrição particular do signo no espaço, o fenômeno encaixado em seu contexto. Categoria correspondente à secundidade, é neste momento que se analisam as mensagens, suas intenções e particularismos.

O terceiro Ponto de Vista é o equivalente às interpretações e regras instituídas no signo. Chama-se Convencional-simbólico e remete à terceiridade, possíveis reações àquela sugestão e seus subseqüentes caminhos lógicos.

A primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com o acaso, a possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada. A

secundidade está ligada às idéias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. A terceiridade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. Processos comunicativos incluem pelo menos três faces: a significação ou representação, a referência e a interpretação das mensagens (SANTAELLA, 2002).

A aplicação analítica da semiótica pode classificar o signo em dois sentidos. Numa direção está o signo degenerado, aquele que, sem razão aparente, compartilha características com seu objeto dinâmico. Este signo cria mais ligações entre seu representamen e o objeto, gerando associações que costumam ativar reações emocionais e energéticas, menos ligadas à lógica na entrelinha do signo. Já vimos que este tipo de signo é importante como referência ao signo, servindo para ancorá-lo no real e associar o apresentado ao subentendido.

Na outra via está o signo genuíno, já descrito como aquele que ultrapassa a mera referencialidade e gera a atualização das regras a que se refere na mente interpretadora. Este signo levaria a uma cadeia de novas significações que seriam um referente à antítese na dialética, o resultado de uma processo mental interpretativo completo.

Na semiótica de Charles S. Peirce, diz-se que um signo é tão degenerado quanto maior o número de qualidades compartilhadas com seu objeto dinâmico. Por isso mesmo, ele seria “degenerado” enquanto signo. Um signo é genuíno quando, mesmo sem possuir qualquer similaridade com seu objeto, é capaz de gerar um mesmo interpretante no maior número possível de mentes interpretadoras. Para tanto, é necessário que esse signo seja codificado culturalmente. Que ele seja, portanto, um símbolo em relação ao seu objeto. É o caso das letras do alfabeto, por exemplo. Quanto mais degenerado é um signo, mais caracteres de primeiridade ele assume. Por outro lado, quanto mais ele se aproximar da terceiridade, mais genuíno será. (LORENA, 2009)

Com estas propriedades em mente, analisemos as intervenções Juiz-foranas e seus potenciais sígnicos. As imagens analisadas estarão, em sua totalidade, no primeiro bloco de anexos. Faremos referências a elas por sua numeração nesta sessão.

3.1 PONTO DE VISTA QUALITATIVO-ICÔNICO

As intervenções urbanas possuem formas diferentes, dependendo da técnica empregada na sua confecção. Enquanto as intervenções à mão livre possuem contornos menos rígidos geometricamente, dividindo-se em pichação (vide Figuras 13, 14, 16) e *grafitti* (figuras 2, 3, 6 41, 42), o *stencil* e o *sticker* já possuem uma engenharia um pouco mais premeditada, sendo normalmente imagens produzidas com calma, moldadas e transcritas para materiais de aplicação, como o adesivo ou o molde negativado em cartolina (figuras 4, 5, 7, 11,12, 13, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 35, 37).

As cores são um recurso mais utilizado na intervenção preocupada com a estética, onde as combinações de paletas são mais comuns. As modalidades onde a mensagem é transmitida em mais de um lugar, funcionando como uma espécie de molde industrial do signo, costumam utilizar apenas uma cor, mais escura, para melhor fixação da imagem.

O uso das cores é uma alternativa interessante graças ao contraste gerado com a tonalidade monótona dos muros e placas, geralmente cobertos com cores apagadas e tons pastéis, como o cinza. As cores cujo constraste auxilia mais na nitidez são o preto, azul, vermelho escuro e verde. Cores como o amarelo, prateado, branco e dourado funcionam melhor como preenchimento e não costumam ser usadas quando o trabalho utiliza palavras.

A orientação de leitura segue o padrão ocidental, vindo da esquerda para a direita, não procurando causar estranheza na leitura do trabalho.

O tamanho dos trabalhos também varia conforme a técnica. Enquanto os *Graffiti* normalmente utilizam a maior parte do espaço disponível, o *stencil* e o *sticker*

costumam não ultrapassar o tamanho de uma folha de cartolina, já que o molde precisa ser carregado para sua aplicação.

3.2. PONTO DE VISTA SINGULAR-QUALITATIVO

As características desta esfera semiótica fazem referência aos particularismos das intervenções. Seu lugar no espaço é também associado à técnica utilizada. É neste momento que se aplica a classificação proposta por Lucrécia Ferrara. A utilização dos espaços indiciais, cuja função representativa ainda pode ser explorada, salienta uma preocupação para com a noção de propriedade. Juiz de Fora possui algumas pichações sobre propriedades particulares, mas a imensa maioria das intervenções de cunho artístico e político não avançam além do espaço público. Todas as imagens coletadas corroboram com esta constatação.

As eleições deste ano, 2010, mostraram que esta estratégia foi fagocitada pelo marketing político. Muitos candidatos utilizaram as mesmas interseções para propaganda eleitoral.

A utilização de outros materiais que não a tinta *spray* possuem intenções de preservação. Embora as imagens coladas com papel jornal e cola caseira possam ser depredadas mais facilmente, a remoção completa dos vestígios é uma tarefa árdua. (como nas figuras 28 e 31). A mescla de pintura e objetos na geração de sentido acaba por aumentar a gama de sinais multicódigo para o observador. A figura 6 ostenta uma carroça de catador real, obrigando o transeunte a observar o trabalho sob pena de tropeçar e cair nele. Esta tática amplia o caráter impositivo da intervenção e amplia a transmissão multicódigo, tornando palpável o signo.

Podemos notar a proporção de imagens pré-fabricadas em maior número que os desenhos à mão. Embora não sejam todos os trabalhos desenvolvidos na cidade, esta proporção se mantém, sempre dando vantagem ao trabalho em série. A intervenção urbana como gesto político acaba tendo a distribuição pela cidade como maior prioridade, privilegiando a mensagem em detrimento ao resultado estético final, enquanto o *grafitti* utiliza as nuances e senso de combinação provenientes do desenho como características, primando pelo cuidado na confecção e na necessidade de maior tempo hábil para finalizar o trabalho. Aqui podemos notar uma diferença nas intenções dos trabalhos.

A linguagem acaba por se mostrar sem grandes inovações quanto à forma, o que facilita sua leitura. Os tamanhos reduzidos se tornam o padrão mais comum por sua praticidade e necessidade de pequeno espaço para fixação. Os *grafitti* usam espaços abandonados em sua totalidade, procurando preencher a maior área possível. A figura 1 combina elementos gráficos com textuais, sempre na orientação ocidental, usando a parede como *outdoor*.

Os muros e placas costumam ser escolhidos como pano de fundo graças às referências do trabalho. Enquanto as intervenções urbanas sobre aumento da passagem costumam ser afixadas em pontos de ônibus e proximidades, (Figura 24), Já as imagens 9, 13, 18, 19, 21 e 27 também possuem referências com os locais onde se inserem. Ricos retratados no monumento do *Rotary Club*, crítica à comercialização de um gênero musical é colocada à frente de uma loja cujo nicho é exatamente este. É a escolha do lugar como parte do significado. As praças e caixas de força são usadas em abordagens as mais diversas, corroborando com a posição situacionista de que os marcos da cidade são espaços esvaziados de sentido, meros pontos de referência. As figuras 5, 7, 8, 10, 11, 12,15, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 35,36, 37, 38, 39, 41 foram tiradas em praças.

3.3 O PONTO DE VISTA CONVENCIONAL-SIMBÓLICO

Parte da análise que leva em conta o impacto do trabalho sobre mentes interpretadoras. É aqui que a intervenção urbana destila sua ironia maior. Embora as características descritas nas duas esferas anteriores sejam imprescindíveis na construção de signos genuínos (aqueles que realmente influenciam no pensamento), eles costumam funcionar mais como signos degenerados, privilegiando a semelhança com o objeto descrito de maneira arbitrária. Acontece que os objetos descritos usam largamente imagens que já são símbolos. Dessa forma, a intervenção pega carona nas semioses instituídas de sinais e imagens que já fazem parte de vários sistemas de aprendizado instituídos pela sociedade e os deturpa, alterando pequenos detalhes para gerar novas subjetividades. Nosso exemplo mais claro é o da figura 24, que imita a placa instituída dos pontos de ônibus à perfeição, apenas alterando o símbolo textual “ônibus” por “roubo”. Já a imagem nº7, dessacraliza a Mona Lisa, obra de arte mais conhecida do planeta, colocando-a em qualquer tapume de obra, numa estratégia à la Duchamp.

O desenho do prefeito usando uma roupa de presidiário usa a imagem da pessoa pública, símbolo da administração da cidade como ponto de partida para criticar as condutas do ser humano Alberto Bejani (figura 15). Esta é uma prova de que o trabalho também ganha força quando faz referência a objetos comuns à sua região, aumentando a gama de qualidades comuns ao signo e ao seu objeto dinâmico.

Todos os exemplos descritos demonstram esta tática que já descrevemos neste trabalho: o *détournement*. A intervenção urbana prova sua herança situacionista quando ataca o já fundamentado na esperança de desconstruir os dogmas de dentro, procurando exacerbar as obviedades para expor as contradições.

Os trabalhos que privilegiam o textual (figuras 9, 13, 14,16, 35 e 39), já funcionam usando as regras instituídas às palavras, aproveitando seu caráter simbólico para se fazer entender por meio do sentido das frases. É a intervenção que não se apóia em táticas, mas na mera expressão de opinião. Nestes casos a penetração nos princípios guia aposta na possibilidade de acerto em um maior número de mentes interpretadoras, já que o alfabeto é uma convenção a que boa parte da população é exposta. O impacto da frase é o fiel da balança na construção de um signo genuíno.

Os pontos de vista postos em cheque nas intervenções, como podemos ver, costumam ser de naturezas variadas. Depende da disposição do interventor em defendê-los. Mas as regras pelas quais passa a manifestação dessa natureza começam a se delinear. Podemos, gerando mais estes dados, partimos para a conclusão de nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho começa tentando mapear o contexto histórico de dois movimentos de vanguarda dos anos 1960: o Situacionismo e o Provos. Estes movimentos em particular foram escolhidos por suas características comunicacionais peculiares. O Situacionismo evidencia sua preocupação midiática enquanto movimento *versus* a sociedade do espetáculo, preocupando-se primeiramente com a herança intelectual registrada em seus textos do que com experiências empíricas, e a instituição de pichações e outras formas de mídia direta, sem preocupações com o lucro, como forma de driblar a lógica capitalista da cultura de massas.

Os Provos têm uma característica mais curiosa ainda. Seus líderes não se preocupavam com o que achava o público. Seus idealizadores eram formados por vagabundos, transviados e loucos. Um movimento que chacoteava das autoridades e propunha soluções alternativas e de baixo custo às questões modernas como a ecologia e o trânsito, ignorando instâncias burocráticas e regras gerais de convivência.

As escolhas por este tipo de postura midiática são reações à Indústria Cultural/Sociedade do Espetáculo. A televisão a cores instituía de vez o poder da cultura de massas. As rádios perdiam terreno para a nova tecnologia da imagem. Havia um salto tecnológico consolidando-se e as antigas mídias começavam a se tornar menos possíveis. Aparato cinematográfico e linotipia passaram a ser possibilidades menos remotas de produção independente, mas ainda engatinhavam como forma realmente “democrática” de comunicação.

Nossa tentativa é alinhar esta época com a atual, onde parece haver um salto semelhante. Vemos a mídia digital iniciar uma proliferação possível apenas através do barateamento de equipamento e do espaço público universal que constitui a internet.

A pergunta gravita em torno da seguinte observação: em ambos os momentos, o acesso aos meios tecnológicos não parece ser suficiente pra suprimir as práticas comunicativas diretas ou de baixa tecnologia. De fato, a clivagem entre desenvolvimento tecnológico e escolhas táticas de intervenção não está atrelada ao uso exclusivo de baixa tecnologia por mera negação da novidade, mas ao discurso de renovação da arte ante a sociedade que não seria abastecido com a necessária referencialidade se não agisse no lugar que pretende modificar. A opção por materiais de baixo custo é inteligente e atual porque atua diretamente na urbe, influenciando num público o mais aleatório possível, sem exclusões por qualquer característica social ou econômica, além de não causar pesados prejuízos no bolso do insatisfeito.

Vimos, no último capítulo, que a utilização coerente e criativa dos signos pode alcançar patamares de significação que gerariam reflexão no outro. Pudemos afirmar isto quando analisamos as intervenções sob a ótica da teoria Peirciana semiótica. Ela tenta demonstrar, através de alinhamentos teóricos, a existência de um *zeitgeist* sustentado pela evolução do *Summum bonum*. A disponibilização da informação, em semiótica, contribui para que a humanidade, como um todo, reflita sobre os assuntos abordados. Mesmo que o processo seja irregular, ele acaba por se tornar mais rico em referências, possibilitando a aceleração da partícula elementar do processo de significação: o hábito.

Então, se passamos a crer no poder dos signos como modificadores de hábitos, diretos influentes na organização social do mundo, podemos tentar então dizer que um dos motivos pelos quais a mídia de baixa tecnologia não desaparece está em seu caráter indicial. Tal propriedade particularizante auxilia na fixação de conceitos por difusão, atuando no rizoma de hábitos que conduz nossa experiência como sociedade. Imiscuído aos símbolos de suas gerações, a intervenção urbana opta por exhibir um

reflexo distorcido do instituído como forma de crítica, numa otimista espera por novas posturas. E parece optar por esta linha de conduta para perpetuar-se.

Podemos dizer que é a mudança de foco midiático que auxilia esta sobrevivência. Desatrelada à lógica dos lugares valorados pelo capital, a intervenção urbana apropria-se de novas tecnologias sem qualquer tipo de pudor mercadológico. Como na década de 1960, o barateamento da produção gráfica e de cinema acompanhou uma mudança de eixo econômico em direção à mídia de massa de grande alcance. A sociedade do espetáculo voltou-se às mídias ditas mais eficientes e abriu espaço para uma maior democratização de meios mais artesanais. Saltos tecnológicos pontuais, como a criação de tintas em latas de spray, por exemplo, mascaram a instituição destas práticas como meios democráticos antes de sua massificação. Já era uma prática acessível e eficiente pintar uma parede, antes de pichá-la. A repressão a este tipo de ação sempre foi de difícil realização, por ser um meio mais preso aos aspectos físicos da vigilância.

Vemos a internet constituir-se como uma réplica desta pretensa liberdade, mas útil também nos negócios, aliando a possibilidade de veiculação de propagandas cada vez mais primorosas tecnicamente a novos filões de mercado. Como este direcionamento midiático até a próxima mídia (a digital) carrega consigo os investimentos e tendências de propaganda, a natural resposta do capital é iniciar uma ordenação deste espaço caótico, tentando institucionalizá-lo. Estas ordenações e a natureza colaborativa da internet acabam por servir a ambos os propósitos, gerando avanços e novas apropriações tanto da propaganda comercial quanto ideológica. É este caráter procedimental e de expansão das possibilidades de difusão que geram as formas híbridas de documentação da intervenção local, disponibilizando-a mais amplamente e

globalizando pontos de vista. É como o conhecimento da já citada “Linha do Espírito Livre” é passado hoje. Através da troca de experiências nas redes cibernéticas.

Então, nossa hipótese acaba por se confirmar. A intervenção urbana sobrevive até suas mais toscas formas de manifestação por seguir um posicionamento histórico tradicionalmente atrelado a quem descrê da discussão social dentro das possibilidades institucionalizadas. A urbe acabou sendo usada como meio de comunicação autoreflexivo, trabalhando localmente nas transformações de cada lugar ante suas peculiaridades, cada vez desenvolvendo-se mais por não abrir mão do desenvolvimento da nova comunicação em rede para se reciclar continuamente.

Utilizando-se o arcabouço peirciano, pode-se notar que a validade da intervenção é garantida, mesmo quando não suscita, sozinha, mudança de hábito. A cultura continua a mutar-se independente de julgamentos éticos, sempre acumulando novas cadeias semióticas ininterruptamente. A mídia *lowtech* é útil acima de tudo enquanto influencia tais cadeias, funcionando como ferramenta contextual, gritando onde ninguém julgava necessário se manifestar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença, 1974.

AUGÉ, Mark. [1994] **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 6 ed. Campinas: Papirus, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLISSET, Luther. **Guerrilha Psíquica**. São Paulo: Conrad, 2001.

BURGER, Peter. *Theory of the avant-garde*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

CAETANO, Miguel Afonso. **Tecnologias de resistência: transgressão e solidariedade nos media tácticos**. Dissertação de mestrado. Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2006.

CAIAFA, Janice. **Aventura das Cidades. Ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994 [1980].

CRITICAL ART EMSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE MICHELI, M. **As Vanguardas Artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERRARA, L. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari, 2002

FERREIRA, Maria Isabel. **HIGH TECH/HIGH TOUCH: Serviço de referência e mediação humana**. Disponível em: <http://badinfo.apbad.pt/congresso8/com29.pdf>. Acesso em 31/07/2009.

FONSECA, MARIA C. **A Cidade em Comunicação: paisagens, conversas e derivas no centro de BH**. Belo Horizonte, 2008. 194p. Tese de Doutorado – PPGCOM - Universidade Federal de Minas Gerais.

GARCIA, David e LOVINK, Geert. **The ABC of tactical media**. In: RICHARDSON, Joanne. *Anarchitexts: voices from the global digital resistance*, p. 107-111. New York: Autonomedia, 2003 [1997].

GAZINHATO, Danilo. **Olhares semióticos sobre a comunicação visual: Os recentes estudos dos signos visuais nos materiais publicitários**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. Santos. Anais do III Intercom Júnior, 2007.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos, Amsterdã e o nascimento da Contra-cultura**. Coleção Baderna. Conrad, São Paulo, 2006

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: utopia subversão guerrilha na (anti)arte do século XX**. São Paulo: Conrad, 1999.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Situacionista: teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad, 2002.

JACQUES, PAOLA B. (org). **Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LORENA, D. T. F. **Vampirismo virtual: a sobrevida digital do padrão narrativo**. In: III Simpósio da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Cibercultura, 2009, São Paulo. Anais do III Simpósio da ABCiber, 2009.

LUDD, Ned. **Urgência das ruas: Black Block, reclaim the streets e os dias de ação global**. São Paulo: Conrad, 2002.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O homem unidimensional**. (Tradução de Giasone Rebuá). 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução Frank Müller. Editora Martin Claret - Coleção Obra Prima de Cada Autor – Textos Integrais, 2006, p. 78.

MATELLART, Armand. **Para que “Nova Ordem Mundial da Informação”?**. In:

MAZETTI, Henrique Moreira. **Entre o afetivo e o ideológico: as intervenções urbanas como políticas pós-modernas**. *ECO-PÓS*, vol. 9, nº 2, p. 122-138, 2006.

_____. *Mídia alternativa para além da contra-informação*. Trabalho apresentado no V Encontro nacional de história da mídia – Rede Alcar, 2007. Disponível em cd-rom.

MORAES, Denis de (org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PEIRCE, CHARLES S. (1931-1958) **Collected Papers** 8 vols. Cambridge: Harvard Univ. Press.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. 3º Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. 3ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004

PIMENTA, Francisco José Paoliello. **Hipermídia e ativismo global**. Rio de Janeiro:

Sotese, 2006.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Editora Paulus, 2005.

_____. Contribuições do pragmatismo de Peirce para o avanço do conhecimento. **Revista de Filosofia**. Curitiba, v. 16 n.18, p. 75-86, jan./jun. 2004.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad, 2002.

FONTES DE PESQUISA ONLINE:

BARJA, Wagner. **INTERVENÇÃO/TERINVENÇÃO – A arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. Disponível em <<http://www.rizoma.net/interna.php?id=277&secao=artefato>> Acesso em 13 de fev. 2009

DEBORD, Guy. **Introduction to a Critique of Urban Geography**. 1955. Disponível em <www.bopsecrets.org/SI/urbgeog.htm> Acesso em 31/11/2008.

Especial Intervenção Urbana. Disponível em: www.wix.com/inhamis/intervencao-urbana. Acesso em 23/05/2010.

Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Plásticas. **Intervenção Urbana**. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882

GRADIM, Anabela. **Universos Dialógicos em Peirce**. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Consultado em 11/03/2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/defaulttab.shtm> Acesso em 17/12/2008.

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção: o aspecto tático da guerrilha cultural**. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2005. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17127/1/R1348-1.pdf>. Acesso em 30/11/2009.

RENNÓ, Raquel, revista online Galáxia n 6, outubro de 2003. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia>. Acesso em 09/11/2009.

ROSAS, Ricardo (2006a). Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2578,1.shl>. (Acesso em 10/05/2006)

STENCILART, Portal. Disponível em: <http://stencilart.blog.com/>. Acesso em 13/05/2009

ANEXOS

Intervenções Urbanas

Intervenções



Figura 1 – veganismo

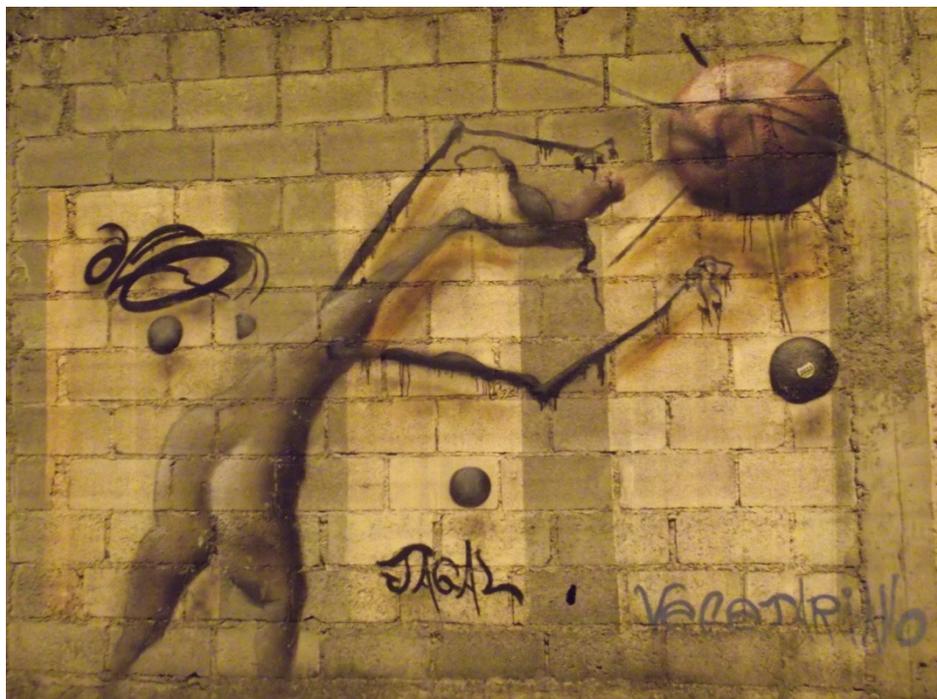


Figura 2 Graffiti



Figura 3 Ponto de ônibus como outdoor

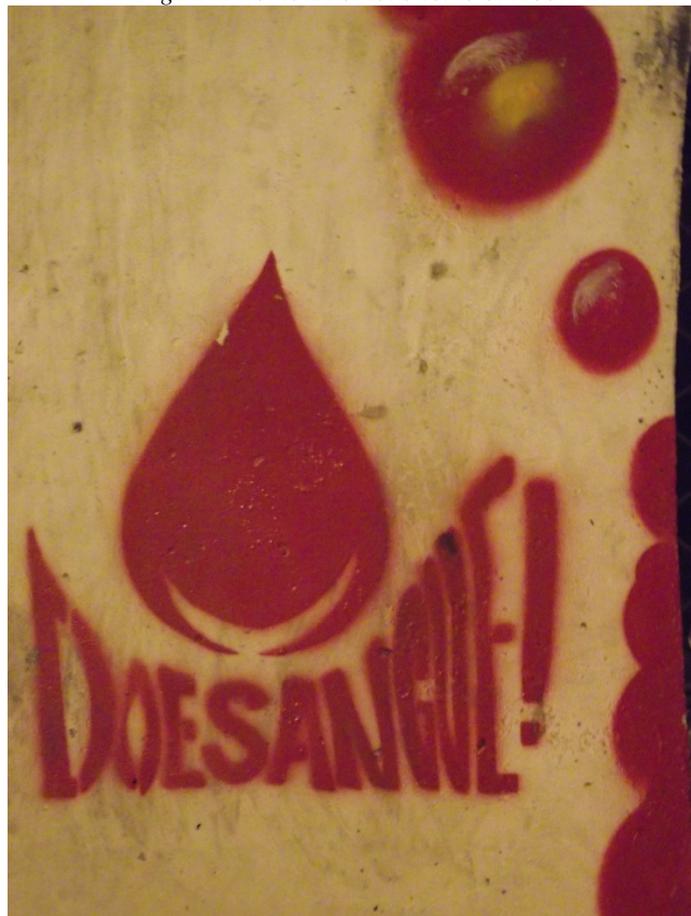


Figura 4 Stencil doação de sangue



Figura 5 Edward Norton em "Clube da Luta"



Figura 6 Mendigo pintado, carrinho real



Figura 7 Mona Lisa



Figura 8 Peixe-Lixeira

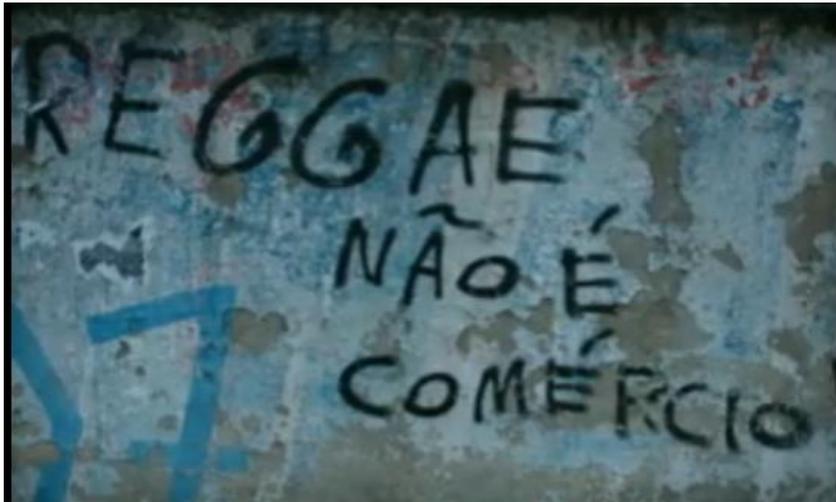


Figura 9 Recado



Figura 10 Graffiti sobrepondo o recado



Figura 11 Sobreposição de intervenções

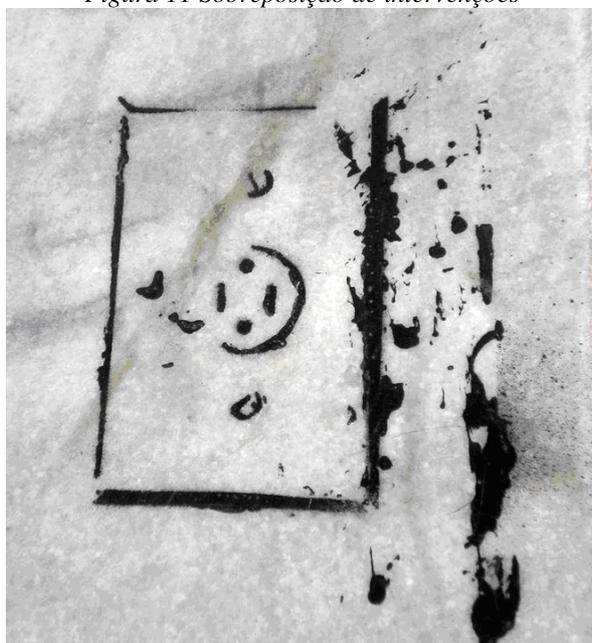


Figura 12 Tomada



Figura 13 Sobreposição nº 2

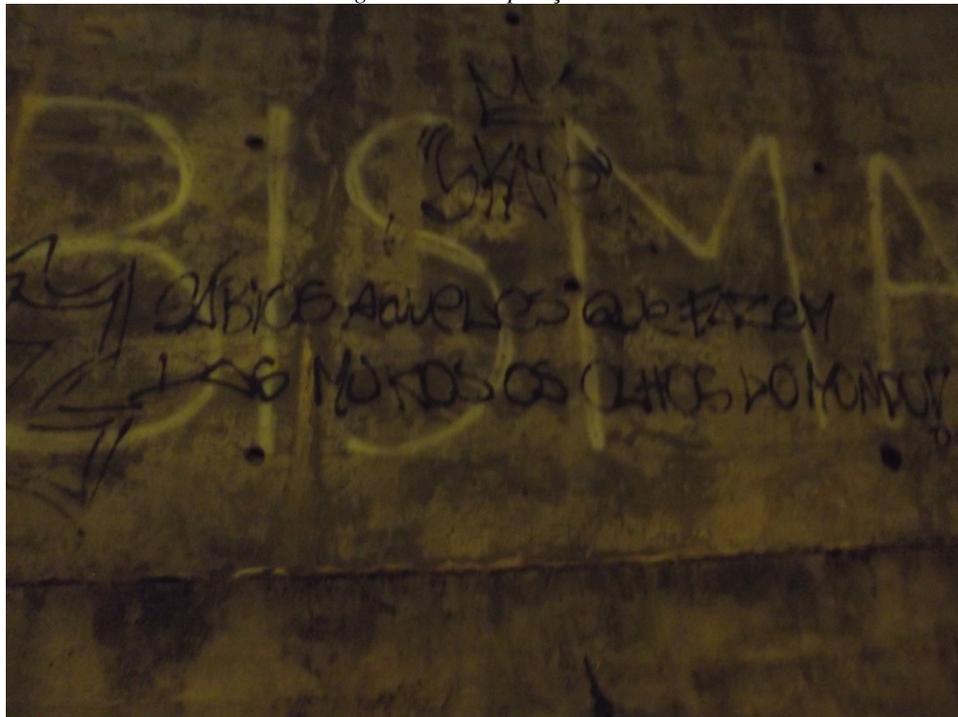


Figura 14 "Sábios aqueles que fazem dos muros os olhos do mundo"



Figura 15 Ex-prefeito

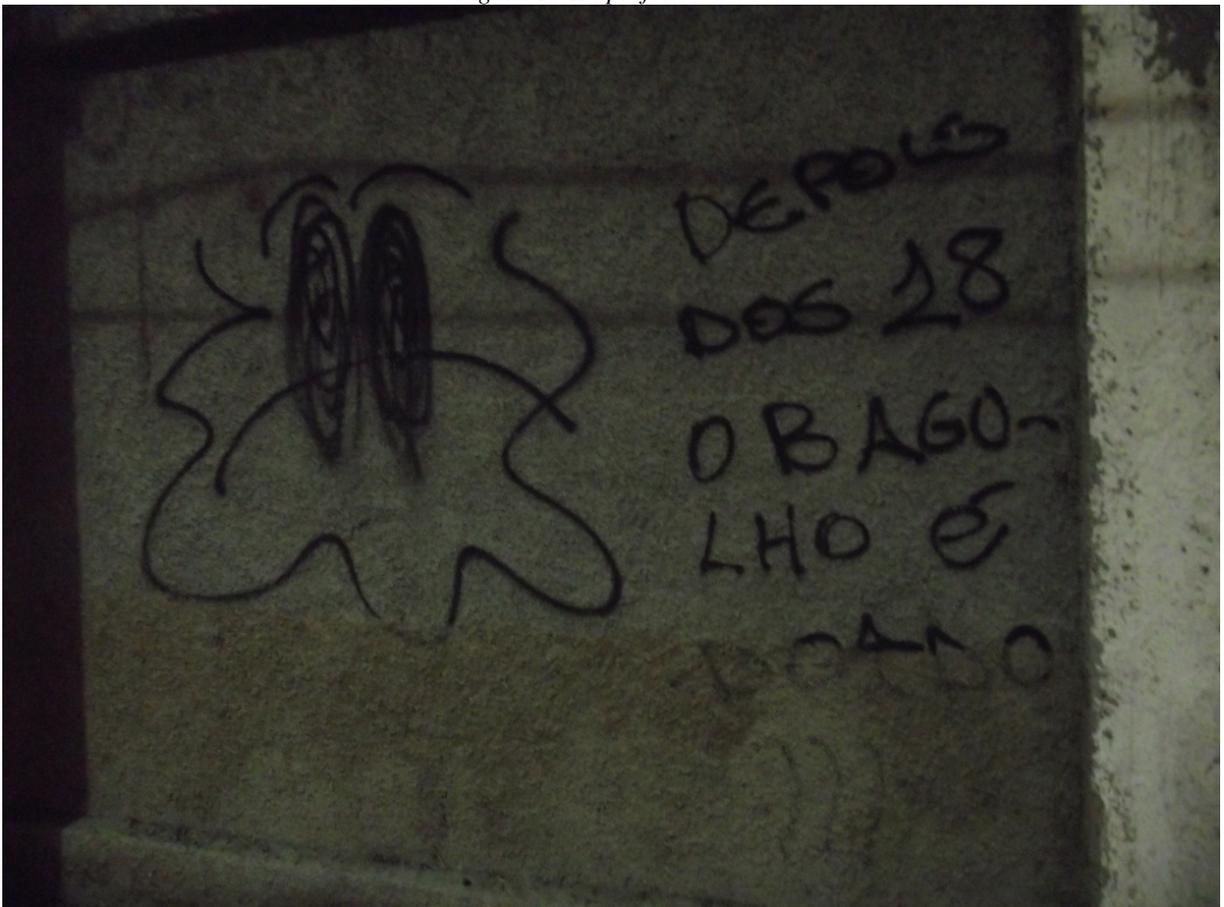


Figura 16 "Depois dos 18 o bagulho é doido"



Figura 17 Bateria fraca



Figura 18 Maria Joana



Figura 19 Veículo antipolvente



Figura 20 Câmara Municipal



Figura 21 Paródia da logo da prefeitura no mandato de Bejani



Figura 22 Dom Quixote enfrente os gigantes



Figura 23 Dalai



Figura 24 Garrafas



Figura 25 Sui Generis



Figura 26 Ataque com fogo



Figura 27 Barack Obama



Figura 28 Breed



Figura 29 Xuxa e sobreposição



Figura 30 Yin Yang



Figura 31 Zico



Figura 32 Mandalas + sagitário

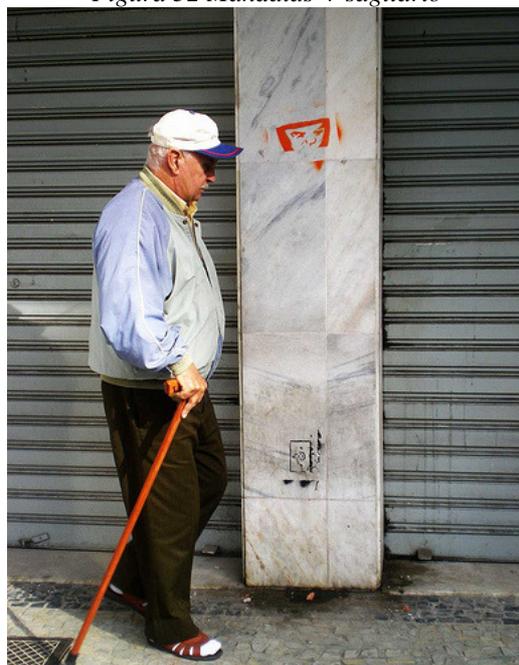


Figura 33 Laranja Mecânica



Figura 34 Ponto de ônibus

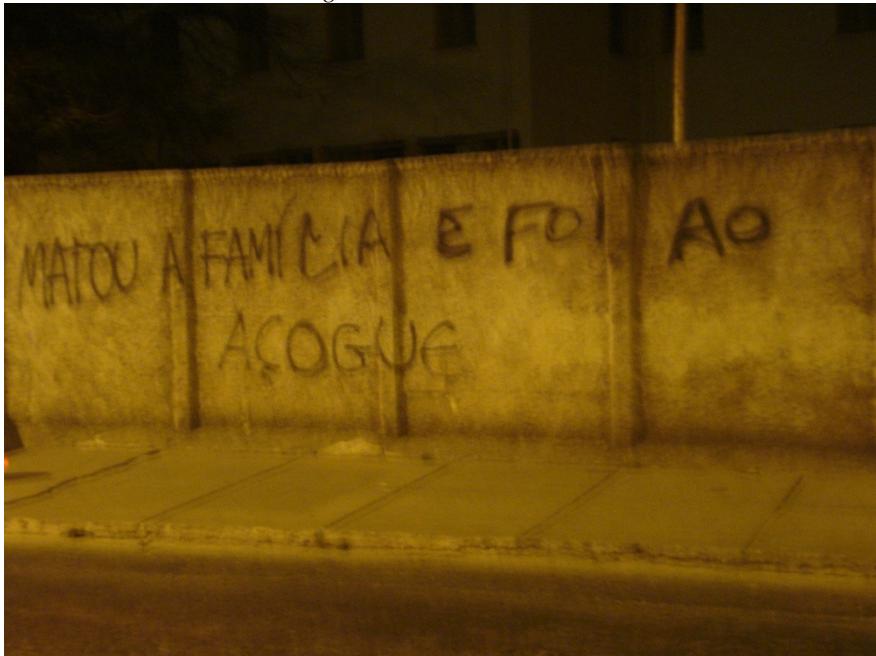


Figura 35 Bahamas



Figura 36 Colagem em jornal



Figura 37 Gentileza



Figura 38 Rodeio Não

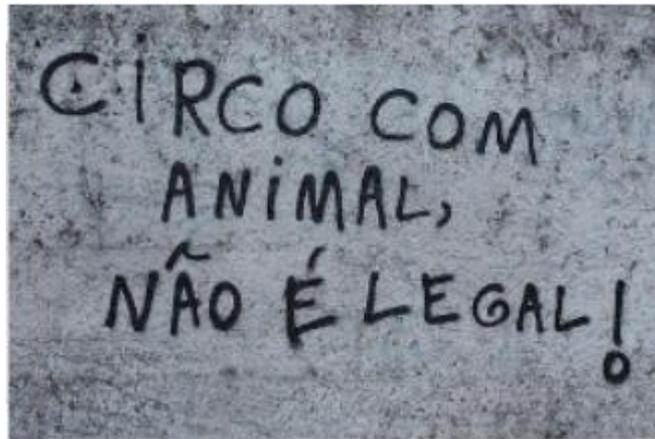


Figura 39 Fora, Orfei



Figura 40 Resposta



Figura 41 Decoração



Figura 42 Flores artificiais

Ataques do coletivo curitibano “Novos Bárbaros” somente no ano de 2003.

Segunda-feira, Junho 16, 2003 :::

O Macarrão da mamãe é mais gostoso (ataque um)

Foi logo depois de começar a falar em **Vandalismo & Barbárie** mais seriamente que um amigo apareceu com a idéia dos pique-niques em supermercados. A princípio achei pouco prática: os seguranças logo nos colocariam para fora com chutes e pontapés. Eu estava equivocado, é preciso ser esperto para subverter a ordem cotidiana. Quando se fala em pique-nique logo vem à memória aquela imagem da toalha estendida ao chão, cheia de frutas, doces e salgados.

Quem disse que pique-niques tem de ser assim? Essa foi a primeira pergunta que me ocorreu. Depois foi o seguinte: **o que, realmente é um lugar público?** Supermercados são lugares públicos? É proibido comer dentro de uma supermercado? Pra mim, estas são perguntas inspiradoras. Por exemplo, é perfeitamente normal sentar em banco de praça, tirar da bolsa um sanduíche e comê-lo em paz. Mas fazer o mesmo em uma loja de departamentos pode ser diferente.

De repente lá estava eu imaginando estas coisas acontecerem. De repente lá estava eu entrando em contato com amigos Delinquentes & Doentes e pronto: uma inconsequente ação dos **Novos Bárbaros** estava sendo arquitetada, descobrimos que sim, podámos criar situações que subvertessem a rotina cotidiana e turbinasse a realidade banal com um pouco mais de arte. O material utilizado foi o mais básico e prosaico possível: marmitas de alumínio e a sobra da comida do fim de semana. O mundo moderno e seu tabus ocultos permite ótimas diversões pra quem curte criar situações.

Domingo à tarde já estávamos com tudo pronto: quatro marmitas cheias macarronada. O alvo: a **C&A** na segunda à tardinha, assim que todos tivessem abandonado seus trabalhos forçados. Faríamos uma operação sincronizada. Cada um levaria uma marmita e estaria com um relógio marcando a hora corretamente. Cada um abriria sua marmita em um setor diferente da loja com uma diferença estratégica de cinco minutos, o suficiente pra deixar os funcionários doidos em sua correria.

Seis e meia eu sento no setor de calçados, logo depois de dizer à atendente que estava apenas olhando os modelos e puxo minha marmita de macarrão. A funcionária fica visivelmente constrangida sem saber se fala algo ou não. De canto de olho vejo que ela se dirige ao segurança e pergunta algo. O segurança fala ao walk-talk e cochixa ao ouvido. Foi mais rápido do que eu esperava.

- Moço, eu sinto muito, mas aqui não é o lugar adequado pra fazer uma refeição.
- Porquê?
- Sabe como é, tem os outros clientes e pode ser que alguém não se sinta muito à vontade.
- Sentir-se muito à vontade? Quem não está se sentindo muito à vontade aqui sou eu.
- Senhor, procure entender...

- Moça, preste bem atenção, se o filho daquela mulher de vestido vermelho que está experimentando as sandalhas, quiser comer as batatinhas fritas que a mãe dele tem na bolsa, não vai poder?
- Mas senhor, é diferente...
- O que é diferente? Pelo que me consta aquelas batinhas tem muito mais cancerígenos que esse belo macarrão feito com todo amor e carinho por minha mãe.

A discussão estava se prolongando por mais tempo que a pobre funcionária planejara e o segurança logo se deu por conta disso e veio em seu auxílio.

- Algum problema?

Nem deixei a moça responder.

- Claro que estamos com um problema, um problemão! Parece que o filho daquela mulher ali de vermelho não está podendo comer seus salgadinhos.
- Não é isso, o problema não é com o menino... (a funcionaria começou a ficar realmente nervosa)... esse senhor aqui não quer entender que isso aqui é uma loja de departamentos e não um restaurante!
- É claro que isso não é um restaurante, não comprei essa macarronada aqui, não roubei ela de lugar algum e não vejo porque não comê-la.

O segurança era um daqueles típicos grandalhões seguros de si e sem medo algum que as discussões descambem pra violência.

- É o seguinte seu panaca, acho bom você levantar daí meio logo antes que as coisas se compliquem de verdade pro teu lado.
- As coisas não podem se complicar muito, comer macarronada é uma tarefa extremamente simples.
- Rapaz, eu não tô aqui pra conversa fiada não, tenho mais o que fazer.

Nisso começou a me puxar violentamente pelo cangote; pelos meus cálculos o Jean já estaria abrindo sua marmita no setor das calçinhas e sutiãs. Hora de chamar pelo gerente, sem esquecer da salutar dose de escândalos, para que não só o gerente deixe de vir e ainda leve umas porradas na saída de serviço ou no depósito.

- Ô seu macacão, eu quero falar com o gerente!
- Cala a boca rapaz!
- Calo a boca o cacete!! (eu já estava começando a gritar) Compro nessa loja à anos, nunca atrasei um pagamento e exijo a presença do gerente!!!

Nisso alguém chamou ele pelo rádio e me tranquilizei sabendo que o Jean tinha se manifestado. O grandalhão me soltou pra falar no rádio e pude me recompôr. O gerente já estava vindo. Finalmente eu veria como se saem os gerentes quando os problemas saem da rotina.

- Com licença, posso saber o que está acontecendo aqui?

Nessas horas um bom arruaçeiro deve saber se comportar dignamente e utilizar aquela cartinha bem educada que estava guardada na manga.

- Senhor, está ocorrendo um grande equívoco.

Nisso uma pequena multidão de curiosos já começava a se formar ao nosso redor.

- Essa funcionária, que me atendeu muito bem, diga-se de passagem, confundiu tudo e não permitiu que eu desse uma leve enganada no estômago antes que escolhesse um par de tênis, estava realmente me interessando por aquele **Nike de 349 Reais**.

- Mas senhor, tudo bem que você esteja um pouco faminto, nesse caso era só comunicar algum de nossos funcionários que prontamente conseguiríamos um lugar mais reservado para fazer sua refeição, o senhor concorda?

- Não! Não concordo não! Quer dizer que o menino vai ter de sair da loja pra comer seu salgadinho?

- Creio que o senhor não está entendendo.

- Do meu lado eu creio que alguma coisa muito errada está acontecendo aqui, este não é um ambiente em que eu, como cliente em potencial, não deveria estar me sentindo em casa?

- Mas senhor...

E aí começou toda uma ladainha gerencial cheia de palavras bem colocadas & chavões de bom atendimento & aquele velho papo furado de que "o direito de um acaba onde começa o direito de outro". O Jean devia estar se saindo bem, pois uma funcionária veio falar ao ouvido do gerente e os seguranças (agora eram três) desciam apressadamente as escadas em direção ao setor de moda masculina. Era o Vinicius e olha que o Vinicius é muito mais sarcástico e panfletário que eu.

O gerente gaguejou pela primeira vez, pediu pra funcionária que tinha me atendido que ficasse um pouco comigo e pediu licença prometendo voltar em poucos minutos. A menina ficou comigo sem dizer uma palavra, totalmente indignada pela situação. E eu contendo a vontade de rir; bem que alguém podia chamar a polícia para as coisas começarem a realmente ficarem grandes. Grande dia! Grande dia!

O combinado era que assim que a quarta marmita fosse aberta pelo Fábio no térreo, quinze pra sete, todos fossem para lá e daríamos abraços e beijos em todos. Foi um plano perfeito, diga-se de passagem, devíamos ter filmado a coisa toda, mas tudo bem, essas coisas vão ficar fotograficamente registradas em nossas memórias para o resto de nossas vidas.

O gerente estava demorando e a funcionária estava muito inquieta.

- Querida, pode dar uma volta pra relaxar que não tem perigo de eu voltar a comer, quer um pouco?

- Não, obrigada, respondeu ela, com a melhor cara de nojo que conseguira.

- De nada, baby.

Nisso bateu as sete e quinze e levantei-me de onde estava sentado. A funcionária deu um salto assustada de onde estava e logo voltou a sentar-se, reconhecendo o ridículo da situação. Triunfantemente dirigi-me ao térreo onde o Fábio estaria sem enxergar um segurança sequer, deviam estar todos ocupados. Encontrei a galera toda reunida com o Vinicius ainda discutindo com o gerente sobre o conceito de lugar públicos e privados e uma considerável multidão em volta. Eu tinha panfletos no bolso. Gosto de carregar certos panfletos no bolso. Jamais esquecerei a cara de tacho que o gerente fez quando o Vinicius fez uma cara de bravo, falou que não discutiria mais e catou nossas marmitas e

jogou no lixo mais próximo.

- Realmente vocês tem razão! Este é um sagrado lugar de comprar onde não se deve nunca, jamais, cometer a heresia de não gastar. Senhor gerente! Estes três delinquentes juvenis são meus irmãos e o senhor pode ter certeza que contarei tudo, tim-tim por tim-tim para nossa mãe e esses três marginaizinhos ficarão pelo menos um mês sem comer macarrão.

Então começamos a nos dirigir para a saída da dando tchau e beijinhos em todos os curiosos que estavam com algum sorriso no rosto. Distúrbios Cotidianos são aquilo que eu considero mais divertido ultimamente. Antes de sair, virei-me para trás e joguei todos os panfletos com a frase "**Seja realista, exija o impossível**" que tinha no bolso, falando em alto e bom tom:

- Um forte abraço para todos vocês!!!!

Ataque solitário com inspiração repentina

Sexta-feira, Junho 20, 2003 :::

Bancos - Lugares do Mal

Quarta-feira que passou sobrou pra mim fazer serviço, pois o boy da firma estava com a agenda lotadíssima e absolutamente sem tempo de correr em todas as agências.

Fila de banco é um troço demente mas revela muito a respeito da doença que na qual a humanidade está afundada. Quase ninguém gostaria de estar ali. É um dos lugares em que as pessoas mais olham para o relógio e mais demonstram gestos de impaciência. Além do quê, banco é um lugar do mal, o certo é que tivesse um padre exorcizando uma vez por semana.

Foi pensando nisso que tive mais uma excelente/demente idéia de mais um fantástico **Distúrbio Cotidiano**, peguei o troco que sobrou do pagamento da conta telefônica da firma e fui num brechó que ficava maravilhosamente perto do banco. Comprei um vestido preto que com um pouco de imaginação até que lembrava uma roupa de padre, não sei o nome daqueles vestidos que os padre usam.

Depois fui na lanchonete ao lado do banco, tomei uma coca-cola e roubei a garrafa vazia. Genial, eu me amo (pelo menos eu), pedi pra garçonete encher a garrafa com água e entrei no banco de volta.

Fui jogando umas gotinhas de água no chão, nos clientes e funcionários murmurando trechos de um painosso improvisado (não sei a porra do painosso de cabeça). A diversão durou extatos 45 segundos (45 segundos de perfeição) até que o segurança me pôs pra fora me esculhambando por completo e me ameaçando dar uma surra. Muito massa, voltei pra cativeiro/trabalho rindo sozinho no ônibus.

A grana que gastei na roupa de padre será descontada de meu mísero salário no final do mês. Que se dane, pelo menos salvei um banco e vários mortais das chamas do inferno.

Bancos são um lugar do mal.

Faça um bem à humanidade doentia, exorcise um banco por dia.

Segunda-feira, Junho 23, 2003 :::

O Crime Não Compensa

(ataque dois)

Ainda não tínhamos analisado a arte sob a ótica do **Distúrbio Cotidiano** até que Sergio Augusto, nosso amigo das antigas, metido a artista plástico, chegasse do interior com dezenas de colagens, frutos de seus trabalhos mais recentes. Digo que ele é metido a artista por considerar que chamar alguém de artista plástico hoje em dia equivale a xingar os parentes do sujeito até a oitava geração ascendente. Me chame de filho da puta, mas não me chame de artista. A arte encontra-se mercantilizada, afetada, eletizada, enfim, totalmente corrompida de sua original função transgressora.

Os trabalhos do Sergio estavam bons demais para serem vendidos a um advogado ou a algum empresário do ramo das seguradoras. Todos nós éramos unânimes quanto a isso, mas o consenso sumia quando pensávamos em qual destino adequado a uma autêntica obra de arte. O Vinicius queria queimá-los em praça pública por considerar que a arte autêntica deveria soar como uma heresia. E o destino dos hereges é a fogueira. O Fábio considerava que o ideal era solenemente esquece-los no Terminal de Ônibus do Boqueirão. Eu cogitava a hipótese de enviá-los pelo correio a destinatários escolhidos ao acaso na lista telefônica. Após horas e horas de papo intelectual besta foi o Jean quem veio com a idéia definitiva: o crime, a ilegalidade, o impacto de um Terrorismo Poético ou de uma Arte-Sabotagem.

Invadir uma casa e pregar os quadros na parede, substituindo os eventuais quadros que já estejam lá.

Ótimo. Perfeito. Explêndido. Só tinha um problema, uma questão crucial: nenhum de nós jamais tinham invadido uma casa e a possibilidade de sermos pegos ou dispararmos o alarme era altíssima.

- Seria se eu não tivesse uma carta na manga, não teria tido essa idéia se já não pensasse numa solução.
- E qual é? Você conhece algum ladrão?
- Não! Mas você lembra da Juliane, que eu agarrei a uns tempos atrás?
- Aquela patricinha que fazia direito na PUC?
- Exato! Faz uns quatro meses que a gente não se vê, mas... Bingo! Tenho cópias das chaves da casa dos pais delas!
- Não acredito!
- Não boto fé!!
- De onde vocês acham que eu tirei aquele candelabro de prata que a gente vendeu pra poder acampar na Serra dos Órgãos?

Genial. Um plano perfeito (e sempre fomos viciados em planos perfeitos). Analisando friamente, não era um plano difícil de levar a cabo. Era só escolher o dia e a hora certa e ter muita cara-de-pau, o que, modéstia à parte, nunca nos faltou.

O mais difícil foi convencer o cagão do Sergio a ir junto, já que consideráva-mos sua presença fundamental. Deveria ser ele o Maravilhoso Vândalo a pregar o primeiro prego na "parede da burguesia". Alguma pesquisa e alguns telefonemas depois e pronto: domingo à noite a família inteira da Jú estaria num jantar no Clube Sírio-Libanês de

Curitiba.

O pior é que o Sergio demorou mesmo a se convencer, ainda tava naquelas de sonhar com vernissages e resenhas em cadernos culturais.

- Sergio, isso é só um brinquedo, um exercício para depois sonhar mais alto. Se nada der certo, valeu a diversão e a sensação de fazer algo.

Ontem, domingo, lá pelas nove e meia da noite estávamos todos prontos. Mais ou menos prontos, pois nossas mãos suavam de cagaço. Podíamos muito bem ser presos. Minha mãe diria que DEVERÍAMOS ser presos. O Jean já conhecia bem o bairro e a casa, tinha namorado a Ju por uns três meses. Isso me tranquilizava um pouco. Mas não tranquilizava o Fábio. O Cara tava cagado de medo.

- Não tem alarme lá não, cara?

- Tem, só que fazia um ano que o vô da Ju não trocava a senha, o velho é meio supersticioso, se trocou agora é muito azar, tá ligado?

- Puta que o pariu!

- Não dá nada, cara, não dá nada.

O cara que falou que o crime não compensa é um puta de um mentiroso. Compensa pela adrenalina. A Juliane morava no bairro do batel e fomos de ônibus. Não conversamos nada a viagem toda, tamanho era o clima de tensão no Interbairros I. Grandes invasores! Grandes Terroristas Artíficos. Um bando de cagões, isso sim.

Descemos e contornamos a quadra até a rua paralela que daria nos fundos da casa. Escalamos um muro que dava em um estacionamento para funcionários de uma loja de sapatos que estava fechada.

- Não tem vigilante aqui?

- Cala a boca!

Escalamos a "Churrasqueira de Confraternizações" da loja de sapatos e encaramos a parte mais difícil do plano do Jean, que era a cerca eletrônica da casa da Ju.

- Esse troço dá um choque de uns 100 volts.

Um de cada vez, nos agarramos num galho de uma mangueira e pulamos, quase nos estoporando no chão do pátio. Salto mortal mesmo. Eu pulei na boa. Pulou o Fábio numa boa também. Depois o o Vinícius eo Jean. Mas o cara mais sem jeito do mundo chamado Sergio Augusto caiu todo errado e torceu o tornozelo.

- Aaaaaaiiii!!!!!!

- Cala a boca seu paunocuí!!!! - susurramos todos.

- Quer foder com tudo?

- Mas tá doendo, porra!!

- Te fode cara, aguenta as pontas!

O Jean estava realmente com pressa e nem nos deixou discutir.

- Vamos correndo por esse corredor que tem um trinco maneiro na janela do banheiro

do quarto da Ju.

- E as chaves?

- As chaves são pra nós saírmos, é muito bandeira um bando de malucos entrar numa mansão dessas pela porta da frente.

Realmente era muito fácil. Com um simples pauzinho o Jean empurrou alguma coisa e a janelinha do banheiro se abriu.

- Agora vocês ficam aqui que eu tenho quinze segundos pra desligar o alarme!

Ficamos. E olha que o cara demorou pra caralho. a cada segundo parecia que o alarme ia disparar. Todo mundo se olhava nervosamente. O Fábio estava prestes a sofrer um ataque cardíaco. O Sérgio só gemia com seu tornozelo torcido.

- Ou torceu o tornozelo ou quebrou mesmo.

- Cala a boca, sua bixa!

Devem ter passado uns trocentos minutos até que o Jean apareceu na janelinha do banheiro com a cara mais safada do lado de cá da Galáxia.

- Beleza galeraaaa!!!! O alarme tá desligado.

- Urrúúúú!!!!

- Calem a boca seus paunocús!!!!

A casa era de burguês mesmo. A Juliane tinha mais dois irmãos e cada um lá, com seu quarto individual, com banheiro e tudo em cima, som, TV, micro. Filhos da puta. tinha tudo: sala de leitura, sala de home teacher. Bem que podiam fazer uma sala para peidar, uma sala para se masturbar. Deu vontade de quebrar tudo ou pelo menos roubar um monte de coisas, mas o objetivo não era esse.

Trocar os quadros que já estavam na parede era fácil: o Fábio e o Vinícius já estavam fazendo isso. Pregos novos pregos e modificar o lay out de tudo é que era o desafio. Pra isso dar certo só faltava o último item do plano do Jean: a empregada. O quarto da Rosicleide ficava lá nos fundos, as chances dela ouvir nossos cochichos eram baixas, mas pregar coisas nas paredes era bem mais foda.

A esperança do Jean era que, conhecendo ela do jeito que ele conhecia, ela tivesse dormindo ouvindo seu sonzinho. Ela quase sempre fazia isso. Fim de semana sozinha em casa então: era batata. Jean voltou correndo feliz:

- Massa! Ela tá ouvindo Bruno & Marroni!!

Foi então que o Sergio solenemente, com todo o senso de gradiloquência que a situação exigia, pregou o primeiro prego. No lado esquerdo da lareira. No lugar exato que ele cuidadosamente escolheu. Ali, no seu ponto escolhido, pregou sua obra preferida. Nós pregamos todos os outros pregos enquanto ele ficou ali, vivendo seu momento único com a obra que mais admirava.

Não demoramos muito. O sucesso do trabalho dependia da velocidade, mas posso te garantir que o Sergio viveu seus três minutos de perfeição. Por três minutos viveu sua própria arte e a arte, exaltada em sua essência, viveria ali por ele, quando todos nós

fugíssemos do lugar.

O que não demorou. era o Jean quem dava as ordens.

- Toque de recolher, povooooo!!!!

Começamos todos instintivamente correr pra janelinha do quarto da Ju quando o Jean nos lembrou: "O alarme tá desligado e eu tô com as chaves seus manés". Saída triunfal pela porta da frente. Tomando o cuidado para deixar tudo fechado, é claro. Saímos todos em silêncio com os respectivos peitos estufados.

Foi só chegar na rua que o cagaço bateu de novo, saímos correndo feito uns loucos. Corremos umas três quadras e começamos a correr e rir feito uns loucos. Foi só um começar a rir que ninguém mais conseguiu parar. O Sergio até curou o tornozelo e garagalhava demencialmente. A adrenalina e o cagaço eram tantos que corremos por umas duas horas. Foi massa.

Hoje é segunda feira e estou aqui no trampo com as pernas todas doídas da correria. Ninguém consegui dormir à noite. Sono do caraaaalho e ainda não sei explicar direito o significado do que fizemos, mas me sinto feliz. Muito feliz. O cara que falou que o crime não compensa é um puta de um mentiroso.

pichação

A Foto do Tijolo na Vidraça Todo Mundo Acha Bonito (*mas o tijolo na vidraça mesmo...*)

(ataque três)

Uma vez li em algum lugar, acho que no site da Fraude: "sempre se envergonhe daquilo que você escreve". É assim que funciona comigo quanto à poesia. Passa um ano, um ano e meio e são raros os poemas que eu leio e não me envergonhe. Já faz um tempão que não escrevo poesia e o primeiro sujeito que me aparece dizendo que a poesia está morta já vou aplaudindo.

Outro dia eu estava andando no calçadão da Quinze e apareceu um cabeludo oferecendo livrinhos de poesias por dois reais. Soltei meu chavão preferido:

- A poesia está morta! E só curto necrofilia quanto tô bêbado.

O que anda me desanimando na poesia é justamente isso: a gaiola onde ela anda aprisionada. Você escreve lindos versos e, ou os deixa na gaveta, dando-lhes vida apenas nos momentos em que lhes dá atenção, ou então você os explora feito o cabeludo do calçadão, imitando aquelas senhoras pobres que levam seus filhos pra esmolarem no centro da cidade e ficam cuidando escondidas na esquina, recolhendo as moedas dos filhos a cada meia hora.

Andei pensando muito nisso porque depois da invasão da casa da Ju, o Fábio ficou meio traumatizado devido ao estresse e à overdose de adrenalina e andava escrevendo feito um alucinado. O poeta oficial da turma sempre foi o Sergio, com seus arroubos de paixão, só que ultimamente andava se ocupando demais com as telas.

- Ari, a gente podia fazer alguma coisa com as poesias...

- Fazer o quê, Fábio?
- Sei lá, tipo alguma coisa parecida com o que a gente fez com as telas do Sergio.
- Que tal a gente xerocar uma porrada de poemas e colocar cada um dentro de um livro na Biblioteca pública, O Tiba trabalha lá e dá pra gente fazer.
- Não, nada a ver, isso é idéia de gerico.
- O quê então?
- Sei lá... Vamos pensando, porra.

O Sergio torceu o tornozelo de verdade naquela noite. Na hora da correria não sentiu nada, mas no outro dia o negócio amanheceu inchado, teve até que ir no postinho de saúde enfaixar. A semana passou então com todos meio que recolocando as idéias no lugar. A invasão porém, foi um sucesso e ninguém estava a fim de parar. Foi na quinta-feira, quando o Sergio tirou as faixas do pé que saímos pra beber e comemorar que o Fábio veio com mais uma Fantástica Idéia & um Plano Perfeito.

- Galera! Já sei o que fazer com as poesias!

O Jean deu sua coçadinha de barba típica:

- Ih! Já tá viajando de novo!

O Vinicius sempre foi mais ácido:

- O Fábio tendo idéias? Dessa vez a gente cai com os hôme!

- Vão se fuder! O Plano é perfeito. Ouçam crianças: a gente escreve cada poema, no caso eu escrevo, à mão, em papezinhos pequenos. Depois a gente amarra os poemas com linha de costura em bolinhas de gude e, com um estilingue e... (fez uma pausa para o suspense)... fizemos a distribuição nas vidraças da classe média. Perfeito! O terrorismo poético que o Hakim Bey falou.

- Olha a do cara, meu! Tava todo cagado de medo por ter arriscado o pescoço domingo e agora já quer sair quebrando vidraças por aí!

- Se é pra fuder, vamos fuder com tudo de uma vez, porra!

Curti a idéia pra caralho. O Fábio é o tipo do cara que fica na dele a maior parte do tempo e de repente surpreende a gente.

- Eu consigo faço umas cinco bicicletas lá em Colombo, depois a gente compra aquelas tocas pretas que os Zapatistas usam, vamos todos vestidos de preto e com luvas pra dificultar a identificação e pronto!

Gostei da idéia mesmo e nos dias seguintes ficamos tratando de conseguir o material, algumas roupas pretas emprestadas e tocas e luvas a cinco reais nos camelôs da Praça Osório.

Vinicius escolheu o bairro: Jardim Social e fez um mapinha esquematizado com rotas & fugas. Eu e o Sergio iríamos pela BR 116 com três poemas e pixaríamos cada um deles em algum ponto do trajeto. O Jean e o Vinicius iriam pela Av. Nossa Senhora da Luz com outros três poemas e a mesma tarefa com o spray. Idéia de quebrar o orçamento do Sergio: cada poema pixado com uma cor diferente, idéia besta de artista plástico besta, azar o dele, teve que pagar os sprays.

Fabio ficou com o último poema pra fechar o número sete, pois anda pirando com o Calendário Maia e umas paradas de numerologia. O cara tem umas piras com o número 23 que ninguém bota fé. Ele iria sozinho, à deriva, sem rota planejada e iria nos esperar às quatro da manhã na Praça Villa Lobos, de onde fujiríamos feito uns loucos novamente.

Logo depois da meia-noite eu e o Sergio partimos com nosso material terrorista. As bicicletas que o Fabio conseguiu pra nós eram umas belas bostas. A minha escapava a correia a cada duas quadras e a do Sergio era cor-de-rosa, altamente gay. Mas tudo bem, lá fomos nós BR à fora escolhendo lugares pra pixar os poemas.

Não posso dizer que fizemos um trabalho bem feito. Nossas bikes eram uma merda e meu colega, basicamente um inexperiente em vandalismos & delinquências. O primeiro poema ficou num muro de um terreno baldio meio nada a ver. O segundo foi melhor, foi numa daquelas passarelas pra pedestres que atravessam as rodovias. Foda foi escrever de cabeça pra baixo.

O terceiro foi mais massa. Pulamos um muro e pixamos do lado de dentro. Vandalismo exclusivo. Não é pra qualquer um. E o poema era bom, pixado de vermelho vivo. Muito louco.

Fiz uma gambiarra pra correia parar de escapar e tivemos que pedalar às ganhas pra chegar no Jardim Social às três da matina. O Sergio carregava os "Cartuchinhos Líricos" como eu chamava os poemas amarrados em bolinhas de gude e o estilingue. Eu iria atirar, já que ele nunca tinha caçado passarinho na vida. Se o Sergio fosse atirar acho que precisaria de uns 49 poemas pra acertar uma vidraça de 10 metros de largura a quatro passos de distância.

A primeira casa foi fácil: a vidraça era grande e o muro era perto. Um facilidade traiçoeira, pois fizemos a coisa rápido demais, sem pensar na fuga e a filha da puta da rua tinha uns duzentos metros até a próxima esquina. Correria dos diabos. Foi ouvir o som da vidraça quebrando e parece que o peso da realidade se abateu sobre nós, sobre mim principalmente.

Corremos umas cinco ou seis quadras, aí parei e joguei o segundo poema de qualquer jeito, quase de olhos fechados e quase sem pensar. Eu parecia o Fábio na casa da Ju, cego & paranóico de cagaço. Nem lembro da casa direito, ouvimos os estilhaços e saímos correndo alucinados de novo.

Dessa vez corremos bem mais até eu achar um muro que desse num terreno baldio.

- Rápido cara, joga a bike pro outro lado!!
- O que foi? - Sergio parecia irritantemente calmo.
- Joga, cara! Joga!!!

Jogamos as bicletas e sentei ofegante no meio de um mato de ervas daninhas. Estava exausto e apavorado. Na casa da Ju era um lugar fechado que o Jean conhecia bem. Agora era diferenre, estávamos na rua, onde qualquer insone podia encher da janela do quarto e não conhecíamos o bairro direito. Acendi um cigarro. Minhas mãos tremiam.

Se a gente tivesse um cronômetro na hora acho que teríamos batido altos recordes de velocidade.

- Iaba daba dúúúú, me alcancem seus paunocúúúú! - Gritou o Vinicius se cagando de dar risada.

- Corra, Forrest, corra! - Respondeu o Jean.

Em menos de dez minutos estávamos todos sentados no escuro, ofegantes, na frente do Jardim botânico. Quer dizer, todos menos o dono da bicicleta da correia podre, eu, que levei outros dez minutos pra chegar. Dessa vez não ríamos tanto quanto na semana passado porque o Fábio tinha ficado pra trás. Quase ninguém falava nada, até que o Jean foi num posto de gasolina próximo buscar umas cervejas e voltou com o Fabio no bagageiro. O desgraçado escapou!

- Seus boiolas! Eu tava brincando quando falei pra fugirem sem mim.

- E a bicicleta?

O cara, emocionado com sua aventura, disse que tava tão feliz que deixou ela num viaduto de presente pro primeiro que a encontrasse, com uma sacolinha plástica cheia de panfletinhos com a frase: "Seja realista: exija o impossível" e veio andando até que o Jean o encontrou.

O Fabio realmente ficou em êxtase. Fomos andando a pé até a kitinete do Jean e do Vinicius bebendo uma cerveja de cada boteco que encontramos pelo caminho. Chegamos em casa oito e meia da manhã, selvagememente bêbados & feliz. Êita mundinho estranho, sô!

04 de julho de 2003

(ataque a bancos)

Quarenta e Dois Decibéis de Exorcismo.....[Volta ao índice](#)

(ataque quatro)

Assaltantes de banco são o tipo de bandidos mais respeitados pelos colegas de cadeia. Ao contrário dos estupradores, que, dizem, tem seus cuzinhos comidos lá dentro, assaltantes de banco tem uma puta moral nos presídios. Isso porque todos sabem que banqueiro & ladrão são a mesma coisa. Sempre se soube de histórias de pessoas que deviam os tubos a bancos e cometeram suicídio. Crise financeira sempre foi a maior causa dos suicídios. Eu diria que bancos são contra a vida: definitivamente são lugares do mal.

Depois da aventura das vidraças quem ficou com sequelas físicas fui eu. O nariz todo vermelho de ralar no asfalto & o cotovelo direito doendo e inchado. Queria agora alguma coisa com menos riscos de tombos. O Fábio não cabe em si, de tanto orgulho do nobre destino que seus poemas tiveram. Está Feliz & definitivamente convertido aos Distúrbios Cotidianos.

- Me sinto um rei, um monarca dos meus atos loucos.

- Viajão!

- Você não tem espelho, não?

- Meu espelho são meus atos, neles eu me reconheço, rárará!

Fábio já é um típico chato contador de vantagens, depois de sábado então, ninguém atura mais suas explosões de lirismo de boteco.

- Pessoal, eu tava afim de uma coisa mais light durante a semana.
- Que foi, Ari, tá com medo?
- Mais ou menos, sábado foi muito foda.
- O quê então?
- Tava afim de abençoar um banco de novo.

Vinicius, que tinha achado engraçada a história do dia em que eu tinha me vestido de padre e entrado num banco, concordou no ato.

- Claro, véio! Tô doido pra participar de um negócio desses!
- Quero ser o coroinha, falou o Jean.
- Eu faço um catecismo, com uma capa louca!!- Gritou o Sergio da cozinha, onde estava fazendo uma de suas indefectíveis tortas de maçã.

O Fábio mora em Colombo e sua mãe é costureira, entreguei meu vestido preto de 27 Reais que ainda estou devendo na firma, pra mãe dele dar um jeito pra que fique o mais parecido possível com uma batina. Ele diria a mãe que era pra uma apresentação de teatro. Não deixa de ser. O Sergio ia fazer umas hóstias, dessa vez ia ter que ter hóstias. Superprodução, com participação do time completo.

O alvo seria o Banco Santander da Av. Floriano, durante a semana na hora do almoço, quando todos estivessem livres de seus Trabalhos Forçados ou Aulas Alienantes.

A batina ficou espetacular, tinha até uma cruz prateada bordada no peito. Jean conseguiu outro candelabro de prata que tinha roubado da casa da Juliane, um vidrinho vazio de óleo de oliva importado para a água-benta e uma roupa para atuar de coroinha. Quando tentei exorcizar um banco, fui logo expulso do local porque minha roupa era altamente mandrake e minha água-benta estava numa garrafa de Coca-cola, tava na cara que eu não era um padre.

Agora seria diferente, nossa indumentária era decente. Vinicius queria ser o padre, ficou dois dias decorando umas passagens do Apocalipse e rabiscando sermões.

O sermão do caixa-eletrônico. O sermão da fila organizada. O sermão do saldo zero e por aí vai. Eu, o Fábio & o Sergio seríamos os fiéis penitentes, inadimplentes do Imposto de Renda.

- Não pagamos impostos, mas amamos Jesus Cristo Nosso Senhor.

Nos encontramos em frente ao banco cinco para o meio dia. Logo na entrada: o saguão dos caixas-eletrônicos. O Vini/Padre andava lentamente e com uma expressão grave inacreditável. Usava uma barba postiça e uns óculos redondinhos pra lá de cômicos. Quase caímos na garagalhada quando o vimos. O Jean de cabeça baixa, com a humildade conveniente a um coroinha iniciante, hilário. Aproximaram-se do primeiro caixa.

- Que Deus abençoe e livre a alma de quem se aproxima desta máquina criada para o

mal.

Uma menina que estava no caixa ao lado deu uma risadinha, mas logo tapou com a palma da mão. Um senhor idoso, que estava mais longe e que não estava conseguindo digitar seus dados direito perguntou surpreso:

- O quê?!

- Que Deus perdoe a pobre criatura, cientista ou engenheiro não sei do quê, que projetou esta máquina satânica.

Todo mundo no saguão já estava olhando. O padre entoava umas orações com a voz baixa, quase sussurrando enquanto o coroinha abençoava as máquinas com sua água-benta. Uma das meninas que auxiliam os clientes chegou perto, toda educada & com um sorriso magnífico.

- Posso lhe ajudar em alguma coisa senhor?

- Deus lhe abençoe minha filha, como entro na agência?

- Pela porta rotatória, senhor, se tiver carregando alguma coisa metálica, como um molho de chaves por exemplo ou telefone celular, deixe na janelinha ao lado está bem?

- Obrigado.

Deixaram os apetrechos de metal na janelinha e entraram sob o olhar desconfiadíssimo do guarda de segurança. Eu e os outros olhamos de longe e entramos logo depois. O Padre & Seu Coroinha distribuíram os catecismos aos clientes que estavam na fila. O catecismo trava-se de um cartão dobrado ao meio, com um desenho colorido do Sergio na capa e com o seguinte texto dentro:

"A maior parte do dinheiro no mundo não existe, não tem ligação alguma com nada material. No entanto, tem uma influência decisiva nas coisas materiais. Inclusive em nossas vidas. Essa é a mais perfeita descrição de uma entidade espiritual. Uma entidade do bem certamente não é, dadas as desgraças que o dinheiro causa ao mundo. Com certeza essa entidade não está do lado de Deus. É um demônio, trazendo a miséria & a injustiça ao mundo. A fome, as guerras & o sofrimento.

O dinheiro é o mal"

Um catecismo simples, mas eficiente. Todo mundo na fila comentava algo com o vizinho, uns rindo e outros com sinais de desaprovação. Alguém deve ter dado a ordem, pois uma atendente veio imediatamente acompanhar o Reverendo Vinicius & Seu Coroinha.

- Não esqueçam, irmãos! Deus reserva o perdão às almas arrependidas. A entrada do céu é estreita, porém não se cobra ingresso, não há consumação & o Paraíso é infinito.

- Amém, exclamamos eu, o Fábio e o Sérgio, cada um em um ponto estratégico da agência, formando um triângulo.

A questão é que se a princípio a gerência deixou nosso teatrinho rolar solto, era porque não sabia se tratava-se de um padre mesmo ou não. Jamais um gerente de banco iria faltar com educação com um padre na frente de seus clientes. Só que depois que o "padre" começou com aquele sermão estranhíssimo ficou claro que alguma coisa estava errada.

- Você está com oitocentos e não sei quantos reais negativos na conta? Não se preocupe,

Deus não consulta o SPC.

O Jean estava distribuindo as hóstias aos sorridentes clientes que visivelmente estavam adorando o sermão do simpático pároco anti-capitalista, quando o gerente aproximou-se. Mas o Universo de repente conspirou a nosso favor e na hora que o gerente falaria, uma senhora baixinha com uns 70 anos o interrompeu.

- Padre, Deus que me perdoe, mas acabei brigando com meu neto por não lhe dar o dinheiro que ele queria.

- Acalme-se minha senhora, sem saber, a senhora o ajudou.

- Mas senhor... (o gerente parecia atônito, muito mais que o gerente da C&A do dia das macarronadas)... vamos conversar um pouco?

- Conversar o quê, irmão?

Então um dos guardas de segurança passou pra ele um exemplar de nossos catecismos. Ele pôs os óculos e leu em silêncio, compenetrado. O negócio durou uns segundinhos apenas e o gerente olhou pro lado em direção a três seguranças que, no fundo da agência, já estavam doidinhos pra serem chamados. O maior deles veio correndo.

- Estes rapazes resolveram "brincar" de padre no lugar errado, chame por favor um policial que está de plantão do outro lado da rua.

Sujeitinho esperto & decidido, se ligou mesmo que era sacanagem nossa. Tirei o chapéu pra ele, mas de nossa parte resolvemos tirar o time de campo e zarpamos pela porta rotatória. O Jean mandou sua função de coroinha à merda e tentou sair pela tangente rapidinho também. Na hora em que estava saindo da agência o segurança grandão o agarrou pela roupa de coroinha.

- Onde pensa que vai?

- Tenho que voltar ao trabalho...

- Não sem ouvir umas verdades antes.

Então, na maior das intolerâncias, deu um tapa na cara do Jean, tão forte que o coitado chegou cair de costas no chão. Fábio viu o que estava acontecendo e voltamos correndo pro banco.

- Solta o cara, seu otário, ele não fez mal algum!

- Não se meta!!

- Me meto sim, não gosto de injustiças.

Enquanto o Fábio discutia com o segurança, eu e o Sergio juntamos nosso colega e o arrastamos pra fora, fingindo que ele estava mal, muito mal. Os clientes que assistiram a cena ainda nos olharam atravessar a rua e sumir de vista, logo depois veio o Fábio.

- Sujeitinho babaca, você tá bem Jean?

- Tranquilo, não foi nada, só um susto.

O Vinicius ficou sozinho e deu um monte de explicações ao gerente, na tentativa dele não chamar a polícia. Falou que era um seminarista novato e que acreditava em cada vírgula do que tinha dito e que curti a Teologia da Libertação e que por favor, pelo amor de Deus, não fizesse nada que seus superiores pudessem descobrir e que jurava

que estava fazendo a coisa certa e que Deus abençoa as almas sinceras e mais uma porrada de coisas. Encheu tanto o saco do coitado do gerente com sua ladainha que acabou se safando.

Acabou ficando por isso mesmo, o policial chegou a entrar no banco, mas o gerente pediu para deixar quieto, que a situação estava sobre controle e que o juvenzinho estava apenas um pouco nervoso. Quer dizer, mais ou menos por isso mesmo, a velhinha que tinha negado dinheiro ao neto virou sua devota, ficou dando tchauzinhos e jogando beijinhos enquanto ele saía do banco. Acreditou mesmo na parada. E a mina da risadinha do caixa-eletrônico, se engraçou no Vini e curtiu a cena toda do início ao fim.

Nos encontramos todos no termômetro da Praça Rui Barbosa. Foi divertido pra caralho, o tipo de história que fica melhor conforme se lembra & conforme se conta. O termômetro da Rui Barbosa tem uma parada que marca os decibéis pra medir o nível de ruído da praça. Berramos de felicidade e fizemos um duelo de gritos feito uns retardados.

Jean, trinta e cinco decibéis acima do que estava marcando. Sergio e Fabio empataram, trinta e oito decibéis cada um. Eu, tomei no cú, trinta e três decibéis, estava rouco.

O grande vencedor: o Padre Louco, São Vinicius, padroeiro dos cara de pau, quarenta e dois decibéis.

Invasões e sermões anti-capitalistas em cd

07 de julho de 2003

Umás Surpresinhas Para Uns CD-Players.....[Volta ao índice](#)

(ataque cinco)

Um dia uma amiga me ligou contando que tinha recebido um estranho postal. Não tinha remetente, apenas uma frase escrita com letras recortadas de revista, no estilo dos bilhetes que os sequestradores enviam. A frase era: "O mundo está estranho ou sou eu que não presto?"

Lembrei disso porque no dia em que fizemos a "missa" no banco, Vinicius pegou o telefone e o endereço da mina que tinha se engraçado nele e estávamos discutindo como ele entraria em contato. Vinicius queria usar o "Método Sérgio Augusto de Abordagem."

O método usado por nosso amigo artista plástico consiste em presentear a pessoa com estranhos fetiches pelo correio. Um CD, um cartão, um verso, uma flor, tanto faz o presente, a questão é a distância e a aura de mistério. Sérgio sempre fez isso com as mulheres, se mantendo anônimo até onde era possível. Só que com o Vini teria de ser diferente, pois não era anônimo.

- Eu posso chegar perto da casa dela e mandar um moleque entregar um bilhete num tom dramático: "Socorro, ajude-me, salve um gato na frente casa tal, endereço tal". Aí espero ela em cima de uma árvore na frente da casa.

- Ih, cara! Não sei, acho que não, ela não vai levar a sério o bilhete. - Respondeu o Jean.

O Fabio ainda tava naquela viagem dos estilingues.

- Convida ela pra sair num bilhete e manda ver na vidraça da casa dela.
- Tá viajando, cara? Ele tem uma mãe e um pai que certamente não vão gostar do teu romantismo e é provável que nem ela vai levar a coisa na boa.

No fim acabou usando a maneira mais prosaica: ligar para sair. No entanto seguimos conversando sobre mandar coisas pelo correio e o assunto acabou chegando no postal de minha amiga e em Fraude Postal.

- Táí cara! Uma coisa massa pra gente fazer fim de semana! ¿ Gritou o Jean do canto da sala.
- Fraude postal?
- Pode crêr!!
- Não dá, veio. O correio não funciona fim de semana.
- Correio o caralho! Nós seremos os carteiros!
- Que coisa mais brega...
- Seria se não fizéssemos as coisas um pouco diferentes.
- Diferentes?
- Claro! Aos invés de deixarmos as coisas nas caixas de correio, podemos invadir o pátio ou talvez as casas e deixar em lugares estratégicos.

Grande Jeanzinho! A galera toda tava se coçando de vontade de fazer umas invasões de novo, invadir a casa da Ju tinha sido muito tesão. Só que dessa vez não teríamos manha nenhuma pra invadir nenhuma casa, seria território altamente desconhecido. O Fábio foi quem teve a idéia macabra da vez: gravar uns Cds com uns sermões do "padre" Vinicius e tentar deixar o disquinho dentro do CD-player das casas. Arriscadamente genial. O tipo de idéia perigosamente sedutora. Optamos por atacar um bairro mais da periferia com menos chances de terem alarmes.

Não deu outra passando a madrugada de sexta inteira fazendo planos e capinhas pros CDs. Vinicius foi que investiu grana no negócio, comprou dez Cds virgens e foi co o Fábio gravá-los na casa do Tharsis, que tinha o gravador. Gravou uns discursos verdadeiramente emocionados, no fim do discurso gravou aquele som brega do Evaldo Braga, ¿Sorria sorria¿ só pra avacalhar e não se levar a sério demais. Quase nos cagamos rindo ouvindo o resultado depois, ficou muito muito engaçado.

Sábado à noite pegamos o Interbairros V e fomos até o Terminal Fazendinha, desta vez com presença feminina, a mina do Vinicius, Marília é seu nome, topou ir junto. Levamos um garrafão de vinho pra beber depois e o mocamos numa árvore no parque que tem perto do terminal.

Decidimos não nos dividir e enquanto eu o Vinicius agíamos, os outros ficaram de campana pra avisar se qualquer coisa desse errado. Marília não quis ir junto de jeito nenhum. Afinal, sábado de madrugada é uma hora meio suja pra vandalismos. Muito movimento, muito gente acordada vendo TV até tarde...

Na primeira casa tudo indicava que seria moleza, todas as luzes estavam apagadas e as casas vizinhas estavam em silêncio, tudo indicava que daria pra arrombar e cada um dos outros ficou escondido atrás de uma árvore na rua. As aparências enganam, pulamos o muro e fomos em direção à janela da cozinha, que com apenas um vidro quebrado daria pra entrar. Quando chegamos perto, eis que surge um enooooorme cachorro de não sei

que raça babando de raiva. Meu coração quase parou, gritei pro Vini e saímos correndo desesperados. O filho de uma cadela ainda acordou todos os outros cachorros da vizinhança. Corremos todos e abandonamos a rua. Tentativa frustrada.

Andamos um monte até acharmos uma outra casa em condições. Tinha um puta de um jardim na frente e era bem tranquila, entenda-se: sem cachorros. Forçamos todas as janelas até que uma cedeu, quer dizer, mais ou menos cedeu, foi só puxar um pouco e o trinco na verdade quebrou.

- Deus deve ser um vândalo - Disse o Vinicius sorridente.

Entramos com relativa facilidade, o mais difícil foi achar o som no escuro munidos apenas de um isqueiro. Encontramos o aparelho no que aparentava ser o quarto do casal. Enquanto o Vinicius colocava o disquinho, escrevi a frase padrão no guarda-roupa: "Seja realista, exija o impossível". Saímos rapidinho e sem despertar nenhum cão alerta. Sucesso total.

No fim da rua encontramos outra casa vazia. Desta vez tivemos que quebrar o vidro da janela da cozinha e o cachorro da casa ao lado latiu. Incrível como tem cachorro nessa porra dessa cidade. Os caras ouviram os latidos e começaram a assobiar indicando perigo.

- Não dá nada, vamos nessa!!! - O Vinicius tava ficando ousado.

Entramos na cozinha e me cortei um pouco a mão com os estilhaços. O som estava na sala e desta vez não escrevi nada, o cachorro do vizinho e os assobios da galera estavam me deixando nervoso. O ousado Vinicius teve então a idéia mais imprudente da noite, talvez até da sua vida, pular o muro da casa ao lado que tinha o cachorro latindo.

- É um cachorrinho pequeno e barulhento, deve latir pra qualquer coisa e ninguém deve dar bola e além do mais parece que não tem ninguém em casa.

Não consegui convencê-lo do contrário, o povo da campana parou de assobiar e ele pulou o muro. Só que dessa vez o lazarento quebrou uma enorme de uma vidraça que fez um barulho assombroso. O cachorrinho quase se esganiçava de tanto latir. Bateu um cagaço incontrolável e fuji do local. Admito, fui covarde e abandonei um colega em pleno campo de batalha. Os outros, principalmente Marília, já estavam desesperados.

- Cadê o Vini?

- O cara fez um barulhão!! Vamos andando depois ele nos alcança!

- Nada! Vamos esperar senão vai ser foda achar ele de novo.

Uns três minutos depois ele surge com sua carinha deslavada dizendo que deu tudo certo. Ninguém quis saber de detalhes e saímos correndo todos. Corremos mais umas oito quadras até chegarmos a uma rua bem mais deserta mesmo, dessas esquecidas pela prefeitura, com os postes cheios de lâmpadas queimadas.

Sergio, sempre o mais cagão da turma, logo se manifestou:

- Nessa rua acho que entraria numa casa com vocês pra pintar umas paradas nas paredes.

- Cara de pau, fica aí!

Era uma rua bem tranquila mesmo, bem escura e com um terrenão baldio no fundo. Limpeza total. Só que a Marília começou a ter uns chiliques de nervosa e o Vinícius teve que ficar com ela, o Jean que foi comigo dessa vez. Entramos numa que estava com as janelas abertas e as luzes apagadas. Arriscado pra caralho e minhas mãos suavam. Meus colegas estavam ousando demais pro meu gosto, acho que alguém vai ter que cair pra galera se ligar.

- Jean, você tá ficando louco?

- Esse não é um trabalho pra mariquinhas.

Espiamos pela janela da sala, tinha um sujeito deitado num sofá dormindo embaixo de um cobertor com a televisão ligada. Pulamos a janela bem devagarinho desejando loucamente sapatos de veludo. Pé por pé analisamos a sala na penumbra e localizamos o som. Jean trabalhava enquanto olhei rapidamente os outros cômodos da casa, ainda bem, o sujeito estava sozinho e eu fiquei cuidando. O cara deitado no sofá roncava & dava um peido a cada trinta segundos. A sala tava fedendo pra cacete, tive que tapar o nariz.

- Cara, tá me revoltando o estômago. - Cochichei.

- Se você vomitar aqui eu te mato!

Quando o eject do aparelho foi pressionado, fez um barulhinho que regelou minha alma, comecei a tremer incontrolavelmente, pensei que ia ter um troço.

Jean colocou o Cd bem devagarzinho e na hora que o negoçinho fechou, deu uma estaladinha que fez nosso mundo desabar. De baixo do cobertor do morador saiu um cachorrinho, acho que um filhote, latindo pra cacete, levantei de onde estava pra fugir e escorreguei no tapete. O Jean desapareceu pela janela da sala. A hora que levantei e dei uma olhada pra trás deu tempo do cara levantar o rosto e me encarar. Foda, foda, foda! Nem lembro o que se passou na minha cabeça, tá tudo meio confuso até agora, lembro apenas que pulei a janela num Cagaço Animal e cheguei na rua gritando feito um louco:

- Vamos embora! Embora! Embora!

- Cala a boca idiota!!!

O dono da casa saiu muito indignado, só de bermudão e camiseta regata com Uma Careca & Um Barrigão enormes & uma chave de carro na mão. Pulamos um muro a uns 50 metros de distância e ficamos todos em silêncio, acuados. O cara então entrou Caravan marrom podre de velha e saiu rondando o bairro atrás de nós. O cara ficou brabo mesmo, ele e seu cãozinho que não parava de latir na janela do carro.

Ficamos agachados atrás do muro um tempão. Eu estava nervoso, toda vez que alguém falava em saltar fora eu pedia pra esperar um pouco mais.

- O homem viu meu rosto, foi foda, a gente chegou a se encarar.

O Jean dava risada da minha cara e me tirava onda até me deixar louco.

- Ri baixo, cara, ri baixo!

Foi então que Vini e Marília vieram animados dos fundo do terreno baldio.
- Gente! Dá pra sair por aqui!

Tinham achado uma trilha no meio do mato que dava num campinho de futebol. Daí foi fácil, corremos e rapidinho estávamos de volta no Mocó do Garrafão de Vinho. Bebemos & Rimos até enchermos a cara. Fábio subiu numa árvore do parque e uivou de bêbado feito um lobo. Eu bebi demais e acabei chamando o Hugo, vomitando cada vez que lembrava dos Peidos do Gordão. O Sergio que não bebe e é devoto de Nossa Senhora Dona Preguiça, dormiu. Vinicius & Marília sumiram, acho que transando em alguma Moita Anônima e o Jean ficou tocando sua mini gaitinha de boca que carrega sempre no chaveiro.

Uma melodia dormindo com a noite, pra embalar uns poucos sonhos.

Terça-feira, Julho 15, 2003 :::

bate papo planejado como agente modificador

O Discreto Charme de uma Briga de Boteco.....[Volta ao índice](#)
(ataque seis)

Durante a semana que passou começamos a discutir mais seriamente os métodos e efeitos reais de nossa Panfletagem Subliminar. Em nossos últimos ataques ao cotidiano corremos riscos demais, cagaços realmente assustadores. Não esquecerei jamais o olhar daquele gordo peidorrento que me flagrou em sua sala. Ainda por cima no domingo, durante minha infernal ressaca do vinho que tomamos na comemoração no Parque da Fazendinha, um temporal diluviano desabou sobre Curitiba com direito a toneladas de granizo. Um sinal, interpretei como um sinal.

Sem contar que a imprudência de meus colegas, em especial do Jean, Vinicius e Fabio, certamente nos colocará em sérias enrascadas se mudarmos de atitude.

- É o seguinte galera, precisamos baixar a bola.
- Com certeza! - que o Sergio fosse concordar eu já sabia.

Sergio sempre foi um cara calmo e tranquilo. Foi muito foda convencê-lo a fazer aquelas paradas com os quadros na noite da invasão. Depois disso ele ficou mais decidido, passou a ir com a gente nos ataques, por exemplo. Mas enfim, dá pra se dizer que agora ele tá funcionando como uma âncora pra gente.

O problema é o Vinicius, que na hora do pega pra capar chuta o pau do barraco e se arrisca à toa; O Jean que anda numas de se misturar e puxar assunto com chaveiros e o Fabio, que tá pirando em comprar uma arma. O Fabio até que dá pra descontar porque é só papo, tipo aqueles cachorros pequenos que latem pra caralho e não mordem.

Pra resumir a questão eu tava afim de um negócio sem riscos pra dar uma relaxada e uma acalmada nos ânimos. O Sergio, aproveitando a oportunidade, foi o que mais insistiu nos conceitos de **Panfletagem Subliminar**.

- É legal, fazer um discurso sem que as pessoas se liguem na parada.

- Mas o que estamos fazendo não deixa de ser isso. - Retrucou o Fabio.
- Sim, mas eu tava pensando numa coisa mais ao pé da letra, tipo TFO, Terrorismo de Formação de Opinião.

Aí a galera foi à loucura com as viagens do sujeito.

- Agora eu vi que você pirou!
- Porquê que todo artista gosta de vir sempre com essa banca de surreal?

Mas o Sergio teve uma idéia, dessas tipo eclipse, a cada noventa anos.

- Pra fazer um TSO a gente bola tipo uma peça, tem que ser um troço que choque as pessoas, que toque a pessoa fundo e que clame por discussão, tipo construir uma opinião apartir do alicerçe.
- Não tô entendendo porra nenhuma!
- A gente faz num bar, tá ligado? Num bar. Vamos todo mundo combinado e começamos a discutir e levantar certas lebres.

Taí, Sergio demorou mas chutou a gol. Armar o maior rebuliço num boteco, como se fossemos todos estranhos e começar a discutir assuntos estratégicos.

Eu chamaria esse tipo de operação de TPAO, Terrorismo de Pulga Atrás da Orelha, mas tudo bem, a idéia foi dele, tenho que aceitar.

Por fim escolhemos um boteco perto do Terminal de Ônibus do Guadalupe, no centro. Escolhemos a Lanchonete Tropical porque tava frio e chovendo e achamos o nome palhaço. O assunto seria o "arrastão" que uns assaltantes fizeram num condomínio da alta burguesia aqui em Curitiba: dicutiríamos o direito à propriedade privada. Sutilmente é claro.

Jean entrou no boteco com a Tribuna do Paraná da semana passada, pediu uma cerveja e ficou lendo a matéria do assalto. Uns minutinhos depois entrou a Marília, namorada do Vinícius, comprou uma carteira de cigarro e quando viu a reportagem que ele tava lendo comentou:

- Esses assaltantes se deram bem, hein? Devem estar na praia agora, só curtindo. Né tio? O tio dono do bar deu uma risadinha meio sem graça.
- É! ... pelo menos roubaram gente rica, né?
- É isso aí! - Pegou seu cigarro e saiu fora

Então, quando a Marília sai do bar, Jean se manifesta:

- Quer saber de uma coisa? Aqueles caras fizeram uma baita dum trabalho bem feito, nenhum daqueles riquinhos sentirá muita falta das coisas que os assaltantes levaram.
- É isso aí, s-sangue bom! - Resmungou um mendigo com seu martelinho de pinga na mão.

Então o Vinícius se encostou no balcão e pediu um pastel e um pingado, ele seria O reacionário.

- Esses filho da p-puta p-precisam se fu-fuder um pouco. - O carinha tinha que se escorar no balcão pra não cair de bêbado.

- Se eu pudesse pagaria uma cerveja pros caras.
- Só!

Vinícius então olhou com uma cara de indignado pros dois. Eu o Fábio permanecemos quietos, cada um em uma mesinha, ele com uma cerveja e eu com uma Tubaína de framboesa de 600ml e 80 centavos.

- Escutem aqui vocês dois, estão elogiando pessoas que roubaram cidadãos honestos que ralaram pra comprar o que tem. Ladrão agora é gente?
- Ninguém fica rico trabalhando, tem roubar pra chegar lá, se o sujeito tem muito, pode ter certeza que é às custas de muita gente terem pouco.
- Ah, cala a boca, como você pode falar uma merda dessas? - Falou o Vinícius, já levantando a voz.

Jean baixou os olhos no jornal e ficou quieto. Então o Fábio gritou da mesinha onde estava.

- Caralho, não acredito nisso! Cidadão! Chegue aqui mais perto! - Estava fazendo uma cara de invocado e Vinicius se aproximou com uma expressão cautelosa.
- Na natureza não existem posses, todos os bichos vivem em harmonia porque nenhuma onça é dona de nenhum mato, nenhum peixe é dono de nenhum açude e nenhum pessarinho tem pagar aluguel pra fazer ninho.

O bebum deu uma sonora gargalhada e eu me meti na conversa.

- Os cachorros mijam e aquele mijado passa a ser dele, tipo fica dono. Todos me olharam, até o dono do bar e os outros fregueses que começaram a prestar atenção na discussão. Nesse meio tempo entrou o Sergio e um engraxate que estava na porta e que começou a engraxar seus sapatos.

- Peraí rapaz, o cachorro não demarca o território como se fosse SEU, só faz isso pra fazer tipo uma residência e sentir um tipo de conforto, a natureza é harmônica. Se tudo fosse de todos não existiria roubo.

Aí o povo que estava no bar começou a se manifestar também, cada um com sua opinião, Vinícius que parecia o mais exaltado.

- Se um filho da puta ousar invadir minha casa pra pegar um pedaço de pão sequer eu encho o lazarento de bala.

O mendigo pediu mais um copo de pinga, desta vez dos grandes e começou a prestar atenção.

- Você fala isso porque deve ter tudo de bom em casa e não deve te faltar nada.
- Tenho! Tenho sim e foi às custas de muito trabalho.
- E se teu pai perder o emprego, como tá acontecendo com muita gente?
- Roubar é que eu não vou.

O mendigo tomou o resto da pinga de um gole só e soltou essa pérola:

- Quem n-nunca p-passou fome não sabe mesmo p-porque se rouba. Todos olharam pra ele e dessa vez foi o engraxate quem deu risada.

- Você sabia que se pegarmos todo o dinheiro do mundo e repartissemos entre todos ficaríamos todos ricos e a economia ia pra cucuias? Sabe porquê? Porque essa merda de mundo do jeito que está precisa de pobres para que aquilo que os ricos possuem, tenha algum valor! A única vantagem de você ter um carrão importado é que os outros não tenha e assim poder esnoabar.

O Jean fechou o jornal, não era mais necessário e deu sua opinião:

- Concordo com isso. - Só pra deixar o Vini mais putado ainda.

- Não acredito! Isso é papo de vagabundo que tem medo de trabalho. Você pensa que o desemprego é tão alto assim? Alta é a vagabundagem. Todo mundo tem direito de ter tudo aquilo que puder comprar.

- É, mas tem gente que tem demais. - Comentou o dono do bar.

- É verdade, falei.

Fabio tava começando a se entusiasmar:

- Se ninguém tivesse direito de possuir nada como se fosse seu, só seu, praticamente não existira crime, pois ninguém pode roubar nada se pertence a todos. Nem a polícia precisaria existir.

Dessa vez foi um frequentador do boteco quem se manifestou.

- E os assassinatos?

- Assassinatos? A maioria dos crimes é por causa ou de ganância ou pobreza mesmo, os poucos crimes que sobram tipo os devido a dor de corno poderiam ser decidido na base da justiça pelas próprias mãos.

- Aí já seria barbárie.

- Barbárie? Barbárie é o que está acontecendo hoje em dia. Do jeito que as coisas estão, com quem tem tendo cada vez mais e quem não tem tendo cada vez menos, você vai ver o que vai acontecer com os teus filhos.

Tinha um tio gordão mandando ver nos pastéis com café preto que fez um comentário debaixo de seu enorme bigodão.

- Uma coisa esse rapaz tem razão, tem muita gente com dinheiro demais, acho que tinha que ter alguma lei que regulasse a quantidade de dinheiro que a pessoa pode ter.

Dessa vez fui eu a acrescentar.

- Leis? Mais leis? Você já viu o tamanho dos livros que os advogados carregam? O senhor acha que lei resolve? Enquanto existir lei vai existir neguinho desobedecendo a lei.

- É verdade, e polícia não resolve nada, já reparou que quanto mais polícia se bota nas ruas, mais as coisas descambam.

De repente todo mundo no bar tava questionando polícia, escola e até a igreja, teve um que falou.

- Essas Igrejas Universais são a maior prova de que nem a religião resolve mais, os pastores mantêm seu rebanho mais ou menos comportado, roubam seu dinheiro e cada fiel que abandona a igreja se revolta com o mundo, conheço um monte de gente lá no bairro que foi assim, menino saiu da igreja virou maloqueiro, menina saiu da igreja virou puta. O negócio vai complicar cada vez mais desse jeito.

Vinicius estava interpretando um reacionário com perfeição.

- Só sei dizer uma coisa meus filhos terão educação, roubar ou mendigar é que não vão.

Foi a gota d'água, o mendigo já tava bêbado e indignado com o Vinícius fazia uma cara, pegou a garrafa de cerveja do Jean, quebrou no balcão e foi pra cima. Imediatamente tivemos que esquecer nosso teatrinho e defender nosso amigo. O Sergio segurou o cara e o Vinícius saíu do bar chingando todo mundo. O engraxate se cagava de dar risada e o dono do bar chamou um PM que fazia ronda no Terminal Guadalupe.

Pela primeira vez tivemos um contato com a polícia, mas sem grandes estresses, o dono do boteco explicou tudo ao guarda e ele queria levar o mendigo em cana. Pagamos a conta e a garrafa quebrada e convencemos o policial a deixar tudo quieto, que o coitado não teve culpa e que foi tudo provocação de um mala que já tinha ido embora. Saímos do bar junto com o mendigo, quase que carregando-o.

Este foi nosso primeiro ato de Panfletagem Subliminar Teatral, teve suas falhas de funcionalidade mas até que foi divertido. Eu e o Sergio participamos pouco, mas já deu pra mais ou menos ver como as coisas funcionam, é só dar corda que a galera se enforca. Tenho certeza que todo mundo que estava lá saíu comentando a história e pensando um pouco mais na razão da existência da propriedade privada.

Nos encontramos todos no terminal depois e tomamos quentões com o mendigo até passar o frio e a chuva, comentando a história e rindo. Foi legal quando o Vinicius chegou, devagarinho, cagado de medo do mendigo. Tentamos explicá-lo que era uma farsa que tínhamos criado, mas ele tava tão bêbado que não entendeu bosta nenhuma, apenas abraçou o Vini, missão cumprida

Uso de espaços comuns para intervir

17 de julho 2003

Os Don Juans do interbairros I.....[Volta ao índice](#)

(ataque sete)

Domingo à noite fomos conferir a performance de Oneide, vocalista do Pelebrói Não Sei, lá no Empório São Francisco. Punk rock na veia & muita diversão. Teria sido uma noite comum de maloqueiragens diversas não fosse o Fabio ter bebido demais e agarrado a mulher mais feia do lado de cá da Galáxia.

Saímos do bar logo depois da meia noite e assim que o Fabio se despediu da mina já caímos logo na arriação.

- Caralho! De que planeta era aquele monstro?

- Vão à merda vocês todos!

- Fabio, de fé que se o meu cachorro tivesse aquela cara, te juro que eu raspava o rabo dele e ensinava andar de costas!

Enchemos o saco do cara, mas enchemos mesmo. Ele nem tentar se defender muito. Mandava todo mundo se fuder e seguia andando de cabeça baixa e cara amarrada. Na segunda ficou mais calmo e começamos a discutir.

- Pessoal, vocês precisam se ligar que beleza hoje é uma obrigação.

- Como assim São Jorge?

Todo mundo soltou aquela risadinha espremida.

- Hoje em dia todo mundo tem que interpretar um personagem que já vem pronto. Pronto mesmo, todos os acessórios se encontram à venda, roupas, discos, livros e maneiras de se informar.

- Tá, mas e daí?

- E entre todos os personagens desse teatrinho besta a questão da beleza é quase unânime. nem sei se dá pra dizer que é unanimidade, é tirania mesmo.

- Acho que tu tá falando, falando e não tá chegando em ponto nenhum.

-Aí que tem todo um mercado faturando em cima desses padrões de beleza que andam por aí. Ao contrário dos outros personagens, quedá pra escolher entre uma porrada de estilos e opções, o personagem bonito não, são poucas as opções para se "ser bonito."

- É... Você não deixar de ter um pouco de razão...

- Olha só galera, o que um cara não faz pra se defender por ter agarrado um dragão!

- Rárárá!!!!

- Vão tomar no cú e prestem atenção: existem Mais & Melhores Formas de Beleza.

- O filósofo das Raimundas!

- Hoje só se valoriza o externo e mesmo assim só o mais óbvio. Aquelas sutilezas, aqueles detalhinhos, não aparecem na fita.

- E onde você quer chegar?

- Quero chegar numa nova idéia para nossos ataques.

- Lá vem bomba!

- Pegamos um ônibus circular, sentamos todos espalhados, cada um sozinho num lugar diferente e começamos a encarar, mas encarar mesmo, usando todas as técnicas de sedução aprendidas na Longa Estrada da Vida, encarar aquelas minas excluídas pelo Mercado da Beleza.

- Pronto! O cara enrolou, enrolou e encontrou a explicação perfeita pra ter agarrado uma moçoira ontem à noite: estava fazendo Ativismo de Inclusão social.

Caímos na gargalhada, mas por fim admitimos que a idéia era boa. Sérgio, o apaixonado de plantão foi o que mais pirou com a idéia e implorou para escrever bilhetinhos para entregarmos pras minas quando elas descessem do latão.

Jean tem umas teorias de que pela manhã as pessoas estão mais sensíveis e inspiradas, então escolheu um horário meio maluco pra operação: Seis da manhã, interbairros I. Pelo menos estaríamos todos livres de nossos trabalhos forçados.

Dormimos todos na kit dele e do vini e o sergio passou a madrugada inteira escrevendo os "bilhetes". Quando acordamos estava pronto. Ficou mais ou menos assim, inspirado em Tyler Durden, mas tudo bem:

"Este é um mundo oprimido pela Ditadura da Cintura Fina, dos Peitos Siliconados & das Bundas Empinadas.

O Fascismo da Beleza Comercial.

Só que existem as seguintes verdades ocultas:

Você não é a sua cintura.

Você não é seus peitos.

Você não é sua bunda.

Você é especial, única no Universo e não cabe em nenhum rótulo dessa sociedade tirana.

Você é linda!"

Apedar da galera achar brega, eu particularmente gostei. Existe charme também na chinelagem. Pegamos o buzum no Centro Cívico dez pras seis da manhã e tava um frio do caraaaaaaalho. Quando sentei no banco do ônibus parecia que tava sentando numa barra de gelo. Isso que eu tava com duas calças: tradição particular pra sobreviver ao desumano frio curitibano.

Mal sentamos e já começamos a escolher nossos alvos. No banco do outro lado do corredor tinha uma moreninha de óculos & cheia de espinhas. Comecei a olhá-la e quando ela percebeu começou a olhar para a janela. Continuei. Quando elea se virou e viu que eu continuava olhando levantou-se e sentou bem longe. Pensei: "É Arizinho, você deve se rum dos excluídos da Teoria do Fábio!". Olhei para o Jean e quase soltei uma risada, tava com uma cara de tarado que era um sarro. Sempre foi o conquistador da turma, o Brad Pitt e tava se dando bem. Agordinha da ferente dele sorria envergonhada e olhava pros lados pra ver ninguém estava se ligando na paquera.

A onda do Vinicius era o sorrisinho monalisa que aprefeioou com o passar dos anos. Escolheu uma coroa, pinta de solteirona e parecia que ela tava meio inquieta. Tipo surpresa com o flerte mesmo. Lia um daqueles romances Julia que se vende nas bancas e não conseguia se concentrar.

Sergio, com sua timidez crônica, nunca tinha intimado uma mulher na cara dura na vida sem antes cercá-la com presentes & cartas anônimas, acabou que ficou dormindo no fundo do ônibus mesmo.

Agora em termos de Cara de Safado Fabio era quem bate os recordes. Escolheu criminosamente uma menininha novinha, uns 16 anos, sequinha de magra e com um óculos fundo de garrafa que de tão grosso o rosto dela aparecia pequenino por tras das lentes.

Uma japonezinha desajeitada entrou e ficou de pé ao meu lado e resolvi investir no negócio. Dessa vez não fui tão mal, ela não deu bola mas de vez em quando espiava curiosa para ver se eu continuava encarando. só que desceu logo, na hora que deu o sinal e foi em direção à porta de desembarque entreguei-lhe o bilhete.

- Pra você!

- Hã?

- Pra você, leve!

Desceu e ficou olhando intrigada pra mim conforme o ônibus saiu andando. Olhei para o Jean e o lazarento já tava sentado no lado da gordinha. Não dava pra ouvir o que falavam, mas estavam rindo animados. A magrinha do Fabio sentou num banco que vagou e ele pulou logo no lado. Ficava olhando de canto de olho e dando sorrisos, mas ela virava o rosto pra janela.

Vinicius era quem estava mais empenhado. A mulher guardou a Julia, conferiu alguma coisa no celular, olhou -se num espelhinho, pegou a Julia de novo, guardou, enfim, estava nervosa.

Então a mina do Jean levantou-se, despediram-se com beijinhos e desceu como o bilhete na mão, toda orgulhosa. Quando o ônibus saiu ela ainda ficou acenando da calçada. Jean

sentou do meu lado e ficamos curtindo os olhares do Fabio pra magricela. Era engraçado, a mina virava o rosto completamente, ficando quase de costas pra evitar os ataques. Fabio perguntou-lhe as horas e ela respondeu já se levantando. ficou de pé ao lado da porta o resto da viagem. Na hora que ia descer Fabio entregou-lhe o bilhete.

Deu pra ver que ela saiu andando na rua a passos largos, invocada, sem nem ousar a olhar pro ônibus ou pro papel que levou na mão. Quando Fabio chegou perto da gente já começamos a tirar sarro:

- Cadê o São Jorge?
- É Fábio, ela era gata demais, tuas táticas só funcionam com as feias.
- Vão se fuder, pelo menos ela levou o papel. E ainda coloquei um poeminha massa junto
- E ela vai ler?
- Claro, senão nem tinha pego, braba do jeito que tava.

Nosso papo foi interrompido por um bate-boca lá na frente. Todo mundo no ônibus estava olhando. Era a coroa do Vinicius.

- Você não tem vergonha na cara seu moleque? Só porque não uso aliança não significa que não seja casada!! Não acha melhor se informar antes de soltar uma cantada besta?
- Mas senhora...
- Você trata de calar essa sua boca!! Não ouse falar mais uma palavrinha. eu já vou descer mas ouve o que vou te dizer seu moleque! Preste atenção no que faz, muita atenção, ou ainda pode se dar muito mal!!

Vini entregou o papelzinho pra ela com as mãos tremendo.

- O que é isso?
- Um pedido de desculpas, acredite!
- É bom que seja, seu moleque descarado!

Desceu furiosa e Vinicius olhou pra nós com uma cara de perdido que era o fim do mundo de tão engraçada. Todo mundo no ônibus riu da cara dele. Sentamos juntos tirando onda uns dos outros até chegarmos no ponto perto da rodoviária onde desceríamos. Sergio era o que mais ria.

- Grandes Conquistadores de Araque!
- Eu me arreguei! - Cantou de galo o Jean.
- É, mas só você!

Saímos andando na calçada quando o Universo, Deus, Jeová, Alá ou sei lá o quê conspirou por nós. Na calçada, perto do meio fio eis um milagre: uma nota de cinquenta reais dobradinha. Fabio pulou pra pegar e quando desdobrou abrou um sorriso de orelha a orelha: eram três notas iguais. Os Ativistas da Inclusão social foram recompensados pelo acaso.

Enchemos a cara de Capuccinos numa lanchonete da rodoviária, vestimos nossas máscaras e fomos para nossos trabalhos forçados com o Coração Leve & as Almas Lavadas.

O mapa não é o território

São João dos excluídos

Segunda-feira, Julho 21, 2003 :::

A Gurizada Big Mac Feliz.....[Volta ao índice](#)

(ataque oito)

Achar cento e cinquenta reais na rua não é para qualquer um. Quinhentos mil tipos de eventos devem ser sincronizados, acasos dos mais absurdos, para que a grana venha parar no seu bolso. Nós fomos os sorteados da vez neste **Fantástico Evento Cósmico**. Um Gigantesco Globo cheio de bolinhas numeradas e saiu justamente o nosso número. Coisa de louco. Tivemos discussões monstruosas pra decidir o que fazer com a grana. Todos concordavam que a grana era de todos, ia ter que sair um consenso de um jeito ou de outro.

Nem estávamos falando sobre isso quando surgiu a idéia. Jean estava contando do dia em que sua moto estragou perto da Vila zumbi e ele saiu em busca de ajuda e se sentiu cabreiro no meio de uma ambiente estranho. Foi na cabeça do vinicius que aendeu a lâmpada.

- A gente pode usar a grana pra gerar uma situação inversa a essa do Jean.
- Situação inversa.
- Lembra aquela que os caras do MST foram num shopping e os lojistas fechavam as portas de medo? Não lembro nem se isso aconteceu mesmo ou eu sonhei. Pois é, a gente pode fazer parecido. Façam as contas: com cento e cinquenta reais dá comprar vinte McLanche Feliz!
- McLanche Feliz? Vai dar a grana pro Império agora, é?
- Ativista de butique é foda!
- Calma, rapaziada estressada! É só a gente fazer as coisas de um jeito que pagariam o triplo para que não gastássemos a grana lá.
- Conclua o plano, por favor, conclua. - Falou o Fabio coçando a barba rala.
- Convidamos vinte piás de rua pra fazer um lanche numa praça de alimentação de algum shopping.
- Rapaz...
- O que vocês acham?

Não tínhamos muito o que falar: era um plano simpático. Todos ficaram quietos e cada um, mergulhado em seus pensamentos, foi sendo seduzido aos poucos pela idéia.

Não seria difícil encontrar a gurizada ideal. Sempre vagabundeamos muito pelas ruas da cidade e conhecíamos muitas figuras da delinquência infantil. Eu mesmo conheço uns quantos e quanto mais pensava nas possibilidades mais ficava animado com a ação.

A ação foi marcada para um sábado à tarde, momento mais ou menos tradicional para compras. Famílias inteiras passeando pelo Paraíso do Consumismo. Iríamos lembrá-los do custo social daquele conforto e daquele ar-condicionado central em meio ao frio do inverno curitibano.

Começamos nosso recrutamento perto das onze da manhã na Boca Maldita. Eu conhecia um polaquinho que dava beijos no rosto das pessoas antes de pedir moedas, mais duas meninas, entre 4 e 5 anos que vendiam chicletes.

Meio dia já estávamos com o time completo. Um autêntica turminha do capeta. A aparência de nossa multidãozinha era tal que ninguém ficava no mesmo lado da quadra que nós. Fábio e Jean arrumaram uns cheiradores de cola e Vinicius ficava tentando explicá-los que se eles cheirassem antes do lanche não iam sentir fome.

- Sério tio? Se tú não fala nós não sabe.
- Fica sossegado aí!

Tinha uns que ficaram amigos mesmo e enquanto íamos ao Shopping Müller começaram a contar histórias de como eles se viravam e como roubavam as paradas e que fome não passavam. Eram uns autênticos caçadorzinhos.

- E como é que vocês se escondem?
- É! Onde é que vocês dormem, pra onde é que vocês fojem quando o bicho pega?

Então nos mostraram uns lugares incríveis. Autênticos pontos que o mapa não cobre. O mapa não é o território. Lugares nos miolos dos quarteirões. Banheiros de fundos abandonados, depósitos esquecidos e pasme, até uma capelinha nos fundos de um troço que um dia foi uma mansão.

Fora os esgotos. Em resumo: os guris eram feras. Chegando no Müller logo quebramos a cara. Um moreno muito bem engravatado, logo na entrada, cortou nossos embalos. Na hora que ele viu aquela maloqueiragezinha reunida disse não. Nem discutímos, apesar dos protestos do Panfletário Vinicius, afinal tínhamos ainda o Curitiba e o Plaza pela frente. É, Curitiba tem três opções de shopping pra você viver seu consumismo e escolher quem te enraba.

Quando estávamos indo para o Shopping Curitiba o passeio começou a ficar mais divertido. A gurizada começou a se soltar mais e os transeuntes realmente se impressionavam e se preocupavam com a cena. Mulherada protegendo as bolsas, boas pintas escondendo os celulares. foda foi controlar os cheiradorzinhos. Os piás eram muito fudas mesmo, por mais que vinicius cuidasse sempre davam um jeito. Você se distraía e lá vinha um com a boca mole.

- Ôooo tio! Cêeee é gent-te boa, viu?

Mas eram todos grandes personalidades, isso eu garanto. Era só trocar umas idéias com qualquer um deles e suargia uma história de Coragem, Resistência & Luta. Alguns equívocos, talvez muitos, mas eram sem dúvida histórias de **Coragem, Resistência & Luta**.

No Shopping Curitiba foi as crianças que queimaram o filme. Foi dobrar a esquina na chegada e começaram a gritar feito uns doentes. Quando começamos a subir a escadaria da entrada o segurança já veio em nossa direção fazendo sinal que não. Mandamos à merda e descemos a Sete de Setembro em direção ao Plaza Shopping. Lá foi nosso triunfo, lá conseguimos entrar. Eles estão em obras e foi bem mais fácil depistar os seguranças. Também porque aperfeiçoamos nosso método: dois por vez.

Na praça de alimentação o espetáculo foi grandioso. Foi cômico ver os casaizinhos

Mauricio/Patricia trocando de mesa por causa do cheiro das crianças de rua. As mães com filhinhos bem vestidos saíam da fila do McDonald's e procuravam outra lanchonete. Vinicius ganhou mais uma: realmente a cada um lanche que vendiam pras nossas crianças deixavam de vender outros três por causa das pessoas que saíam fora com medo.

Os funcionários da lanchonete também tiveram seu calvário porque armamos a palhaçada com requintes de crueldade, cada menino tinha sua grana contadinha para o seu McLanche Feliz. E muitos deles nem sabia pedir direito a bagaça.

Foi muito divertido. Acompanhávamos a cena de longe, observando a galerinha e os sete seguranças especialmente designados para garantir a ordem e manter a segurança do resto do shopping inteiro devido à preocupante presença de nossas crianças. E eram crianças menos, posso garantir que todos tinham menos de dez anos.

Já estávamos em clima de comemoração enquanto eles terminavam seus sanduíches quando vimos que ainda teria muito rolo pela frente. "Com a barriga mais cheia comecei a pensar, que eu desorganizando posso me organizar." Mais ou menos nesse estilo o negócio. A gurizada se repartiu numa euforia incontrolável. Uns foram pra uma loja de brinquedos no segundo andar. Outros nem pensaram duas vezes e foram para os jogos eletrônicos. Pra completar tinha os que entravam nas lojas mechendo em tudo. Um caos.

Não podíamos deixá-los ali. Éramos os responsáveis. Nossa paternidade começou quando achamos aquela grana no chão. Não podíamos negar a responsa. Nos dividimos e cada um ficou com um grupinho. Fui atrás dos que foram na loja de brinquedos.

Foi entrar na loja que já vi o tamanho da encrenca. Tinha um pirralhinho que não deveria ter mais que quatro anos que tinha sentado numa moto à pilha ou à sei lá o que fazia uma zoada do caralho. A funcionária só perguntava desesperada quem eram os pais da criaturinha. Tinha ainda os outros três que derrubavam tudo que era bonequinho que tinha nos mostruários.

Corriam com os bonequinho e se escondiam atrás das prateleiras. Uma cliente da loja nem disfarçou o seu preconceito e saiu com seus filhos da loja, sob seus protestos, pois estavam se divertindo com a bagunça. Meus meninos estavam felizes. Alheios à discriminação, felizes por serem o que estavam sendo e nada mais. Uma funcionária se aproximou e perguntou se eu desejava algo. Falei que estávamos olhando pra ver se encontrávamos algo interessante. Na porta da loja dois seguranças babando de vontade de terminar com aquela zona assim que o gerente desse o sinal.

Se contar o resto da gurizada aos cuidados dos outro e os que tinham cheirado cola e tal e deviam estar doidões, acho que a direção do shopping teve que chamar reforços para a segurança. Segurei eles na loja o máximo que pude e quando os ânimos se acalmaram um pouco convoquei a turma pra sair fora.

- Seguinte galera! Temos que sair pra encontrar os outros!
- Aonde?
- Na praçinha lá na frente.
- Ahhh...

Sáímos e quando chegamos já tinha um monte de gente esperando. Achei que tinha tido trabalho com os moleques, mas o Jean contou que os deles foram expulsos dos jogos eletrônicos por cheirarem cola. E isso nem foi o pior, jogaram um monte com três cartões roubados que o Jean nem viu como conseguiram. digamos que tratava-se de especialistas mirins, mão de obra qualificada.

Esperamos chegar o resto e quando vimos que ninguém mais viria & o sol estava se pondo & o frio chegando com a noite Fabio puxou de sua mochila uma caixa com seis rojões.

- Façam um fogueira! Será o **São João dos excluídos!!**

Fizemos uma fogueira meio mandrake e quando as chamas estavam bem altas a ponto de chamar a atenção dos desavisados ou da polícia soltamos os rojões. Todos gritaram & pularam & dançaram em volta da fogueirinha ou de alegria ou de frio. Vivemos ali, por segundos que tenham sido, uma **Zona Libertada**.

TV voando, cuidado com as frases

25 de julho de 2003

A Televisão Me Deichou Burro Muito Burro Demais.....[Volta ao índice](#)
(*ataque nove*)

Solidão: o espaço entre o carro e a televisão. Essa jóia é do Paulo Leminski, de longe a maior personalidade que Curitiba pariu. A dois fins de semana atrás caiu um Terrível Dilúvio sobre Curitiba, com Ventos, Granizos & Aguaçeiros que fizeram um estrago do caralho na cidade inteira. Naquele domingo à tarde faltou energia em quase tudo que é canto.

É legal quando falta luz. As pessoas se vêem obrigadas a voltarem para si mesmas. A simples falta da Macabra Televisão já obriga todos a conversarem bem mais. Naquela tarde estávamos conversando sobre Leminski e relebrando seus poemas **Curtos & Rasteiros**, hai kais de efeito imediato. Esse da Solidão, do Carro & da Televisão foi o mais discutido.

Queríamos bolar alguma coisa a respeito disso. Com carros ou televisões, alguma coisa nesse sentido. Viajamos um monte, imaginamos intervenções estrambólicas e não chegamos a ponto algum. Nada realmente prático e eficiente.

Durante a última semana, no entanto, o **Acaso Cósmico** voltou a nos presentear. Sempre alimentamos tipo que um culto à coincidência. Quanto mais você valoriza e celebra as coincidências, mais elas ocorrem em seu dia-a-dia. A última onda de culto foi gerada por aqueles 150 Reais que achamos na calçada. Então parece que certos eventos começaram a se precipitar sobre nós. De um lado Jean conseguiu um chaveiro boa praça para nos dar um curso e por outro lado recebi um e-mail de um doido de Goiás com mais um **Plano Perfeito**.

- Piazada! Recebi um e-mail que pirou meu cabeçaõ!
- O que foi ari? Alguma gostosa oferecendo seus préstimos?
- Não! Uma idéia pra um ataque!

- Idéia? De quem?
- Um maluco de Anápolis, teve uma noite de insônia e entre ficar pensando em vender a televisão que tinha no quarto e observar a escada no fundo do quintal teve a brilhante idéia de jogar a TV na calçada.
- Jogar a TV na calçada?
- Puta que o pariu ! Quê que eu posso te dizer, cara?
- Que coisa mais ridícula.

- Calma, seus merdas! Pra completar a inspiração o cara imaginou colocar uns bilhetinhos dentro, tipo assim:

"Olha o que a TV faz com seu cérebro."

Aí o povo passa na rua, vê aquela televisão espatifada na calçada, lê o bilhetinho e pensa: "Caralho! que diabos é isso?"

Ficaram calados. Dessa vez fui eu a apresentar um Plano Perfeito.

- Pensem no que podemos fazer com essa idéia.

Foi fácil convencer o povo. Desde o dia em que tínhamos lembrado o Leminski estávamos querendo algo com os televisores. De repente tava todo mundo pensando, raciocinando & bolando a ação. Não era difícil, o aparelho se despedaçaria no chão mesmo, logo não precisava ser novo nem estar funcionando.

Marília, namorada do Vinicius tem um primo que conserta essas paradas e conseguiu uma podre de velha, mas perfeita para nossos planos.

- A questão agora é onde a gente vai jogar a bagaça. - Sergio, a nossa âncora.
- Tem que ser no centro.
- Cara, mas no centro é foda, não é bem assim entrar num edifício e jogar uma TV pela janela.
- Eu sei que bronca, mas tem que ser num lugar que um monte de gente veja.

Foram várias as noites de Discussões & Cervejadas para aperfeiçoar o plano. Para levar o negócio a cabo várias etapas tinham de ser consideradas. Enrolar o porteiro pra entrar no prédio, cuidar pra nenhum traseunte se machucar e o plano de fuga. O sempre complicado plano de fuga.

Como nosso lema é nunca viajar na maionese e sempre admitir que somos cabaços optamos por um prédio residencial, num horário que o povo tá saindo pra trabalhar ou estudar e numa calçada perto de um ponto de ônibus movimentado.

Escolhemos o bairro do Juvevê. seis horas manhã (ai, ai, ai, de novo), com uma puta operação teatral pro Jean entrar com a TV no prédio. Escrevemos exatos 57 bilhetinhos pra colocarmos dentro da "bomba". As frases era mais ou menos as seguintes:

"Olhe o que a TV pode fazer com você."

"Olhe o que você pode fazer com a TV."

"Olhe o que a TV pode deixar você fazer."

"Olhe o que você pode deixar a TV fazer."

E por aí vai, dezenas de variações do mesmo tema.

Vinicius & Marília ficaram com a parte de enrolar o porteiro. Jean entraria com uma caixa de papelão contendo nossa "bomba". Eu, Sergio & Fábio ficaríamos em baixo, cuidando pra que nenhum descuidado levasse uma televisãoada na cabeça.

Examinamos o prédio escolhido com cuidado. Fábio foi antes, pela tarde, dar uma olhada nas condições. tinha de ter uma janela grande na área das escadas e a distância da janela pra rua tinha de ser aceitável. Escolheu um perfeito, bastava subir uns andares, fazer uma forçinha ao lançar e a lazarenta iria para no meio da rua.

"Caiu na contramão atrapalhando o trânsito."

Madrugamos, pegamos o Cabral-Osório no centro e fomos pra nossa "batalha". Todos, sem excessão, reclamavam do sono, do frio e do maldito horário escolhido. A guarita do porteiro ficava perto da grade e do interfone. Vini & Marília se escoraram perto e começaram a discutir. Estavam brigando e Vinicius visivelmente cagava na cabeça dela. Ficaram um tempão brigando desse jeito até que o porteiro começou a prestar atenção na cena, estava com pena da mina, que só chorava.

Então ela começa a passar mal, tipo ataque epilético mesmo, com babas e tudo mais. Vinicius se desespera e começa a olhar para os lados e gritar. O porteiro saltou da cadeira. Vini então se joga sobre os botões do interfone e começa a cordar todo mundo.

O porteiro vem imediatamente perguntar o que está ocorrendo.

- Água, senhor, por favor! Água!!!
- Vem aqui, moço! Traga a menina que eu consigo água, o que ela tem?
- É uns piripagues que dá de vez em quando.

Entraram detro da guarita e começaram a jogar água no rosto dela quando o celular do Vini tocou.

- Puta que o pariu, seu porteiro! É a mãe dela! a coroa não pode ficar sabendo que isso tá acontecendo! Fica aí com ela que eu vou enrolar a a velha ali fora. Abre o portão pra mim, rápido!

Saiu fora e deixou o portão aberto pro Jean entrar. Pra dar cobertura pro Jean, Marília começou a gritar e Vini correu para acudí-la.

- O que foi?
- Não sei, moço! Ela deu uma soluçada e começou a gritar desse jeito.

Jean aproveitou a deixa e entrou rapidinho com a caixa de papelão e correu em direção à escadaria. A "bomba" não era grande, 14 polegadas.

Marília então se acalmou e os dois saíram agradecendo pela ajuda e Vini simulando telefonemas cheios de explicações pra mãe dela. Foram pro "posto de observação" onde eu tava e já chegaram se cagando de rir.

- Ele acreditou, cara! O velhinho viajou!!
- Tava tremendo todo na hora que jogou água no meu rosto!
- Muito massa, doido, muito massa!

Ficamos então no aguardo da ação do Jeanzinho. Ele demorou, demorou & demorou até que vimos sua lanterna brilhar, numa janela do sétimo andar, em meio à neblina que sempre cobre Curitiba nas manhãs de inverno.

- Sétimo andar, mas que viado, porque não subiu mais?
- Vamos rápido! não dá nada, pelo menos ela não se espatifa muito. vê se não vem ninguém desse lado! tomara que ele consiga ver nossas lanternas com essa porra de neblina.
- Aqui tá beleza!

Pisquei minha lanterna cinco vezes. Deu pra ver uma luzinha fraca piscando na outra esquina, era o Fábio. Jean ficou só esperando o sinal do Sergio, que ficaria perto da portaria pra garantir a segurança da operação.

O desgraçado demorou quase um minuto pra dar seu sinal. Piscamos nossas lanternas feito uns doidos pro cara se ligar. Quando ele piscou a sua corremos todos pra perto pra ver a cena sem interferência de neblina nenhuma. Já dava pra ver o Jean com a parada na janela.

Foi um troço muito do caralho. Demorou apenas uns quatro ou cinco segundos pra cair e enquanto a TV descia todos nós demos aquele assobio agudo ficando grave que dá nos desenhos animados quando alguma coisa cai.

Quando a TV estourou no chão todos demos gritos pavorosos. Definitivamente não saiu como o planejado, a porra bateu num poste e em vez de cair no meio da rua acabou na calçada. Pelo menos teve a vantagem de não quebrar muito. O porteiro correndo olhar intrigado o que estava acontecendo. Olhava para os cacos e olhava pra cima sem entender bosta nenhuma. Deve ter pensado: *"diazinho estranho esse."*

Esperamos uns minutos e fomos ver de perto nossa obra como se fôssemos cidadãos normais. Quando chegamos o dia já estava bem claro e tinha um velhinho de óculos olhando os papezinhos que tinha se esparramado por perto e um casal de irmãos indo pra escola.

Esteticamente falando, ficou perfeito: o tubo de imagem quebrou ao meio e os estilhaços ficaram cheios de papezinhos. As pessoas chegavam, olhavam a coisa toda e alguns, nem todos, pegavam os papezinhos. Tinha uns que saíam reclamando quando liam.

- Cada louco que me aparece nesse mundo...

Outros saíam rindo e tiveram alguns que até guardaram as frases. Sergio fez um trabalho legal com as frases, cada uma continha um desenho ou um símbolo particular. lá pelas sete e pouco da manhã a síndica do prédio desceu com uma faxineira pra limpar a tralha toda. O negócio ficou na calçada por pouco mais de meia hora, mas posso te garantir que um monte de gente viu.

Fomos então tomar café, comer coxinhas e esperar pelo Jean numa lanchonete próxima. Ele só saiu do prédio quarenta minutos depois de terem limpado tudo e a poeira ter baixado, esperou o momento mais seguro que despertasse as mínimas suspeitas.

Quando chegou na lanchonete já estávamos impacientes. Demos Berros & Urras feito uns selvagens, pegamos ele o jogamos pro alto.

- Jean! Jean! Jean!

Na boa estávamos Históricos & Orgulhosos. Afinal, fizemos um trabalho de profissional.

Sem gastos

28 de julho de 2003

Os Dia em Que a Churrascaria Parou

(ataque dez)

Uma tendência que tem crescido pra caralho no "meio libertário" é o **Vegetarianismo Radical**. Os caras defendem os **Direitos dos Animais** até as últimas conseqüências. São completamente diferentes dos vegetarianos aos quais estamos acostumados, não usam nem sapato de couro. Nosso amigo Sergio Augusto, além de vender a alma como artista plástico anda pesquisando sobre o assunto e se misturando com essa gente.

- Tigrada! Hoje teremos uma janta **Vegan!**

- Blargh!! - Vini e Fabio são doidos por um churrasquinho.

Sergio anda fazendo essas comidas, mas ainda nao foi "convertido". Tá mesmo é praticando e experimentando pra ver se vale a pena. Estávamos todos na peça única que é a kit do Vini e do Jean conversando sobre os argumentos pró e contra o vegetarianismo radical. Eu e Jean éramos os Vegans, apesar de eu ser um onívoro convicto. Nisso nosso cozinheiro virou-se pra nós com um sorriso estampado no rosto.

- Tive uma inspiração pra uma ação!

- Lá vei ele.

- Ai, ai ...

- Do que se trata seu monstro?

- Atacaremos uma churrascaria.

- Atacar churrascaria? Você quer fazer o que? Explodir uma bomba?

- Não, uma coisa mais artística.

- Putz!

- Já sei! Você vai se vestir de alface e vai entrar apavorando.

- Não viajem, o plano é perfeito. a gente vai num matadouro...

- Matadouro?

- E grava numa fita os berros dos bois sendo mortos.

- E?

- E aí entramos numa churrascaria e demos um jeito de tocar a fita.

Sergio e seus fulminantes chutes a gol. A idéia me seduziu de imediato. Só de imaginar neguinho fincando garfo e faca numa succulenta picanha mal passada e ouvindo um berro de boi morrendo já era o suficiente pra mim me cagar de rir.

Difícil foi definir os aspectos práticos e técnicos da operação: como botar a fita pra tocar dentro da churrascaria num volume adequado? Cada um pensava numa coisa diferente. Jean, milagrosamente, estava sendo o mais prático.

- É fácil, a gente arranja alguém que tenha um carro com um som "foderoso", estaciona na frente e arregança o volume.
- Não, tinha que ser dentro da churrascaria, falou Fabio. O som tem que ser interno pro povo ficar mais putado ainda.
- Mas como?
- Sei lá, tínhamos que dar um jeito de tocar no sistema de som ambiente.

Seria perfeito mas era difícil de executar. Estávamos nos debatendo em estratégias quando tocou a campainha, era Marília com seu primo técnico em eletrônica e a TV 14 polegadas que usamos em nossa última ação. Contamos nossos planos pra eles e riram adoidados da viagem. Marcelo era o nome do cara e motivado pela palhaçada de nossas atitudes deu uma sugestão pra resolver o problema.

- Vocês podem conseguir quatro tocafritinhas baratas do Paraguai e quatro auto falantes. Eu consigo umas plaquinhas amplificadoras à pilha, bem simples mesmo e vocês põe as paradinhas embaixo das mesas.

Ficamos em silêncio, pensando, pensando & pensando.

- E dá pra fazer isso?
- Tipo assim: é fácil?

- Claro! Se fizer as contas, mesmo que comprem todo o material novo vão gastar no máximo 50 Reais, se dividir vai dar uns 10 Reais pra cada um. Mas acho que dá pra conseguir muita coisa na sucata lá da oficina.

Topamos. Topamos e já conseguimos mexer nossas bundas gordas. Vini & Marília, nossos atores oficiais foram pro matadouro gravar os sons. Foram na casa do Tarsis, que tem scanner, e fizeram umas carteirinhas falsas de estudantes de veterinária. Bolaram uma viagem de que estavam trabalhando num projeto de otimização do abate.

- Otimizar é uma palavra que soa bem aos ouvidos dos homens de negócios.

Enquanto os dois picaram a mula pra fazer o teatrinho que tanto curtiam eu e o Fabio fomos ajudar o tal Marcelo a preparar os "aparelhinhos". Jean & Sergio ficaram preparando a TV e os bilhetinhos da ação anterior.

No fim acabamos não gastando quase nada. Marcelo aproveitou um monte de coisas de seu ferro velho particular e só precisamos investir em pilhas alcalinas tamanho grande. Trampamos pra caralho soldando componentes eletrônicos e encaixando pecinhas de mecanismos velhos de toca-fitas. Deu pra montar quatro "**bombas sonoras**" e, de quebra, pegar uma certa prática em soldagem. Não é difícil.

- Se vocês tocarem as quatro fitas ao mesmo tempo vai dar um efeito estéreo massa que vai confundir os ouvidos e eles vão demorar pra achar de onde está vindo.

Vinicius & Marília voltaram rindo das palhaçadas que fizeram no matadouro. Sergio ficou putado da cara.

- Porra cara! Mas vocês não se sensibilizaram com os bichos morrendo?

- Eu gosto de bife.
- Ah, vai te fuder, meu!!

Gravamos as quatro fitas e marcamos a ação pro sábado, logo depois do meio dia. chegamos numa hora que o negócio tava lotado. Tinha fila pra esperar liberar mesa. Nos dividimos em quatro, cada um com uma bomba e gradativamente entramos.

Foi planejada uma verdadeira orquestra de sinais pra executarmos a operação. Cada um colou com Silver Tape sua bombinha embaixo da mesa. As fitas eram de 90 minutos, o que significava 45 minutos de cada lado. Isso nos dava 40 minutos para desbaratinar e apreciar o resultado.

Inicialmente cada um deu o sinal de que a bomba já estava colada. Depois o segundo sinal, ambos discretíssimos, diga-se de passagem, pro início da contagem regressiva. Cinco, quatro, três, dois, um, **play!**
Pronto.

Saímos um por um, cada um inventando uma desculpa diferente pra um graçon diferente, tipo ter que ligar pra alguém ou a carteira esquecida em casa. Nos encontramos todos na rua, esperamos um tempinho e voltamos pra fila. Desta vez todos juntos e ansiosos, muito ansiosos.

- Cara! Não boto fé que nós estamos fazendo isso! - Jean não conseguia se segurar, ria de doer.
- Relaxa cara! Não dá bandeira, senão vão desconfiar!!

Estávamos conferindo o relógio toda a hora. A fila tinha aumentado e levamos exatos 33 minutos pra sentarmos em uma mesa. Mais do que o planejado, mas tudo bem, a operação ainda estava sob controle. De cara já pedimos três cervejas e Sergio, o Vegan da hora, um suco de manga, sem açúcar.

- Não vou usar açúcar pois provavelmente eles usam animais pra carregar cana no canaviais pra depois fazer o açúcar, melhor não arriscar. A manga já acho que não, as plantações de manga não são tão grandes quanto os canaviais.
- Ó a do cara, meu! Viajão! Não vou nem discutir a besteira que você tá falando.

Rimos todos. Estávamos alegres, ríamos por qualquer bobagem. Nem bem tínhamos começar a dar nossos primeiros goles em nossas beras e começa o **Apocalipse Now da churrascaria**.

Marcelo tinha falado com um amigo e tinha conseguido um carro com o tal som "foderoso". Foi a idéia do Jean sendo usada pra incrementar o ataque. De repente, um horripilante berro de boi sai de um carro estacionado na frente da churrascaria.

Foi um momento único. Todo aquele barulho de talheres batendo e esfregando pratos e toda aquela conversa alta e ruídos de fundo diversos e tudo mais, tudo parou. Silenciou. O povo todo ficou meio que se olhando sem entender que diabos era aquilo. O berro durou uns dez segundos e então eles tiraram o time.

Quando o negócio parou e o carro saiu o silêncio era absoluto dentro da churrascaria. O

silêncio durou eternos três décimos de segundo, interrompidos por uma criança que mal sabia falar perguntando:

- Pai! que foi isso?

Então quebrou o gelo e muitos riram nervosos com a pergunta do menino que ecoou por todo o ambiente e quase todo mundo ouviu. Foi então que começou a sair os mugidos e berros de nossos aparelhinhos. Primeiro baixinho, muito baixinho. Quando notamos que os sons começaram a sair já levantamos e pedimos a conta sem comer, apenas as bebidas. Era o nosso **plano de fuga**, sair assim que o troço fosse executado pra ninguém ligar os pontos e nos acusar.

Olhávamos pro povo almoçando e notávamos que muitos inclinavam a cabeça pro lado como que se tentando ouvir algo. Muito engraçado. começaram a fazer umas expressões intrigadas que iam ficando cada vez mais graves conforme o som ia aumentando.

Vinicius & Jean não conseguiam se segurar.

- Olha que massa, véio! Olha que massa!!! Olha a cara daquele bigodudo!

- Fica quieto seu paunocú!

Falei mas nem eu me continha. Era engraçado pra caralho! Os sons começaram a aumentar e as pessoas começaram a comentar umas com as outras e os garçons começaram a correr feito uns loucos. Foram espertos, já estavam quase encontrando os aparelhinhos, um deles chegou a achar um sob a mesa que estava limpando e inutilizá-lo pois a pilhas caíram no chão. Mas o som dos outro três saiu, no grand finale. Foi um berro de boi arrepiante de uns cinco segundos, que ficou mais macabro ainda devido a não termos sido tão perfeitamente sincronizados na hora do play. No fim uma voz grave, cheia de eco.

- **Comer carne é crime! Comer carne é crime! Comer carne é crime!** - três vezes mesmo.

Foi uma confusão dos diabos. Muita gente se levantou. Muita gente chamou o garçom. Muita gente chamou o gerente. Um pandemônio do cacete. No meio daquele barulho pudemos rir à vontade. Tinha um velho barrigudo que gritava histérico:

- Isso é uma absurdo, um absurdo!!!!

Abandonamos o local do crime em clima de carnaval. A três quadras de distância Marcelo nos esperava com seu amigo de carro. Entupimos o carro de gente e saímos com o som com o volume no último grau.

- **Eu quero é ver o ôcoooooo!!!!!!!!!!!!**

Ataque 11

Ataques em cidades combinadas

Sexta-feira, Agosto 01, 2003 :::

Na madrugada de quinta-feira pra sexta, na semana passada, aconteceu o primeiro **ataque delinquente sincronizado** em duas cidades diferentes: **Curitiba e São Paulo**.

Organizamos a operação de modo que executássemos o plano no mesmo horário, duas da manhã, só pra ficar mais cabalístico.

O caos avança e os Distúrbios Cotidianos só tendem a aumentar.

Segue abaixo o relato ação dos **Cangaçeiros de São Paulo** nos caixas eletrônicos. Trata-se de um bando de delinquentes que usam pseudônimos de antigos heróis cangaçeiros. Realmente demais!!!!

.....

Relato dos cangaceiros de São Paulo.

Bom, nossa história foi um pouco diferente do pessoal de Curitiba. Combinado o ato e o horário místico de duas da manhã, resolvemos arranjar os preparativos. Tudo muito simples, precisávamos apenas de velas, uma galinha preta com penas e sem cabeça, madeira, pregos e martelo.

Ficou decidido que a Maria Bonita compraria tudo, afinal, era a única, entre nós, que não trabalhava. Aparece, então, o primeiro problema, ela nunca tinha visto uma galinha morrer. Após o choque do açougueiro, um coreano que não falava absolutamente nada de português e precisava de um tradutor na loja, quem entrou em choque foi ela. Cinco e meia da tarde e ela me liga apavorada:

¿Antonio Silvino, eles tão matando ela na minha frente! Eu que escolhi ela, olhei nos olhos dela!¿

Nada melhor do que uma resposta encorajadora, nessa horas:

¿Se eu soubesse que você era tão fraca, eu mesmo resolveria o problema da galinha.¿

Problema resolvido, ela ficou mais nervosa do que desesperada e realizou o combinado. 1h30 da manhã: Tudo pronto pro ataque. Todos se reúnem do cangaço de SP e decidem crucificar a galinha na rua, lendo o texto em voz alta.

Segundo problema: Virgulino esqueceu-se que era o responsável pelos pregos e martelo, saiu para comprar junto com o Matias. Dá um tempo e recebo o telefonema de ambos:

¿Velho, problemas, não achamos a merda de um prego em nenhum lugar! Serve camisinha?¿

O mundo fica mudo.

¿Fazer o que? Arranja qualquer coisa e volta logo, olha o tempo!¿

Começa, então a crucificação. Eu e o Virgulino fazendo o trabalho sujo e lubrificado, a Maria lendo o texto e o Zé Baiano e o Matias olhando, tiveram a idéia de acender uma vela cada e ficar de cabeça baixa. Todos os carros parando para olhar o que acontecia! O pessoal que estava a pé mudava de calçada, ninguém chegava perto de medo!

Fantástico!

Entramos no carro do Matias, um carrão muito pala, todo filmado e fitas isolantes nas placas. O plano era o seguinte: O Virgulino forçava a porta já com duas velas pretas na mão, assim que conseguisse entrar, a Maria e o Zé entraria logo atrás, ela com o texto e ele com as demais velas. Dimas ficaria ao volante e eu colocaria a galinha em algum lugar bom.

Primeiro alvo: Uma agência na Av. Paulista com tantos caixas eletrônicos que seria quase impossível estar fechado, passei lá no dia anterior depois das 22h só para checar, sempre aberta. Bom, nesse dia, um mendigo dormia lá dentro, óbvio que, para não ser assaltado, trancou a porta por dentro com as coisas dele outras tralhas. Entrar era impossível, mas o Virgulino cabeça-dura queria que queria entrar lá, batendo na porta. Pedi pro Zé chamar o Virgulas, já que ele tava fazendo muito barulho o pessoal já estava estranhando.

Nisso, dentro do carro, eu e o motorista começávamos a ficar preocupados, já que havia um táxi parado em nossa frente que estranhou aquela movimentação no banco. O coitado já estava desesperado e quando os dois voltaram, ele queria sair de lá também. Deu a partida no seu táxi e tentava manobrar seu carro, a ré engasgou umas trezentas vezes, ele enfiou o carro na calçada, subindo na guia e a porcaria da ré não entrava. Nosso motorista desistiu de dirigir para ficar rindo, todo mundo não sabia se dava bronca no motorista ou se ria, afinal era deprimente o estado do taxista.

Bom, partimos para outra agência. Virgulino consegue entrar e o Zé com a Maria já acendem as velas, mas ainda na calçada. Eu saio do carro e pego a galinha do portamalas.

Quando já estava todo mundo na calçada, o Virgulino sai do banco e fala pra gente:

¿Olha, meu amigo disse que não podemos acender nada lá dentro¿.

A Maria responde (mais preocupada em acender as velas do que com a frase):

¿Tudo bem, a gente acende aqui fora mesmo¿.

Eu olho pro Virgulino e falo:

¿Pessoal, vamos embora, aqui não dá¿.

E a Maria com o Zé:

¿Magina, vai aqui mesmo!¿

Eu:

¿Não, vamos embora, porra, olha o amigo do Virgulino!¿

Eram dois seguranças, com cara de quem odeia vela.

"Tudo bem, a gente vai embora, então¿.

Unanimidade.

Procuramos outros caixas, todos trancados. Desânimo geral. Eu:

¿Pessoal, vamos fazer o seguinte, então, pegamos as galinhas e deixamos do lado de fora, com a carta pregada na porta com cera de vela, então. Fazer o que, né?¿

¿Tudo bem, então, vamos tentar naquele ali¿. Fala o Zé.

Mesmo esquema, Virgulino sai do carro, tenta acender as velas.

¿Pelo menos tenta abrir a porta, só por desencargo¿, grito do carro.

Ele tenta e consegue!

A porcaria da última porta estava aberta!!

A galera invade tudo de uma vez só e acende todas as velas do pacote, eu coloco as galinhas do lado do caixa e prego o texto, com cera de vela, em cima do painel do caixa.

Perfeito, um caixa benzido e macabro, ao mesmo tempo! Operação concluída com sucesso!

Ficou muito loko o visual depois do caixa. Nisso o pessoal do lado de fora morrendo de medo, ninguém chegava perto daquele caixa! Primeiro por causa do carro pala do meu amigo, depois que a gente colocou tanta vela lá dentro que dava pra ver o cenário todo do lado de fora, com as galinhs e tudo mais!

Todos fomos pro bar comemorar, já era tarde mesmo, todo mundo iria acordar com sono pro trabalho, então, nada melhor do que emendar uma ressaca!

Realmente, Deus deve ser um vândalo

Segunda-feira, Agosto 04, 2003 :::

Os Pobres Que Me Desculpem, Mas Beleza Custa Caro.....[Volta ao índice](#)
(*ataque doze*)

Semana passada fomos a uma festa burguesa. Cada vez que vou num troço desses mais me convenço que burguês não sabe se divertir. Era uma festa de aniversário de uma colega de aula da Marília e os delinquentes foram em peso entrar de peru e comer e berber às custas dos ricos miseráveis.

Tinha gata pra caralho. Como diz o [Eduf](#), às vezes dá vontade de desistir de destruir a burguesia, afinal elas rendem boas filhas. Tudo muito bonito. Tudo muito fashion, mas no final das contas ninguém dançou à vontade e mais uma vez: ninguém comeu ninguém. Fabio foi quem saiu mais revoltado.

- Rapaz, se nós tivéssemos ido num aniversário em **Colombo**, lá perto de casa, duvido que teríamos ficado sem agarrar ninguém.
- Mas eram gatas, ah isso eram.
- Gatas porque tem grana. Ser bonito custa caro, mano véio.
- É, acho que todas aquelas minas passaram a tarde toda no salão.
- E não repetem roupas nunca, jamais.

Estávamos voltando a pé, em seis pessoas se economiza dez reais na grana do latão, quando cruzamos com uma catadora de papelão pra lá de retardatária eu tive a inspiração.

- Galera, já sei de um troço massa pra gente fazer.
- Óia! Ari saindo ta tumba, o que é?
- Lembra dos meninos no Shopping? Lembra que o povo da internet caiu de pau em cima, dizendo que usamos a gurizada?
- Tá e daí?
- Daí que levamos um adulto ¿ e aponte pra catadora de papelão que já ia longe.

Ficaram pensando, em silêncio...

- E fazer o quê? Pagar um Mac Shit?
- Vocês são burros mesmo, ainda não se ligaram, baseado no que o Fabio falou, que beleza custa caro, poderemos dar uma de Xuxa, o antes e o depois, estão ligados agora?

Toparam. Toparam no ato. Levar uma catadora num salão de beleza fresco, todo metido. Foi massa porque pareceu que todo mundo se ligou na idéia ao mesmo tempo, sem ninguém falar nada. Vinicius saiu correndo atrás da catadora, demorou uns minutos e voltou correndo, quase sem fôlego.

- Marquei com ela. Perguntei como fazia. Pra achar ela. Pode ser ela. Né?

Ficou então combinado. Só que andando depois nos ligamos num detalhe: e a grana? Aquelas bostas daqueles salões frescos cobram uma fortuna. Foi um autêntico balde de água fria nos nossos planos, voltamos cabisbaixos o resto do percurso. Foi Jean quem salvou a pátria com um telefone no outro dia à tarde.

- Cara! Descobri um jeito de conseguirmos a grana.
- Que jeito?
- Surpresa, vou passar aí de moto pra pegar vocês.

Jean trabalha com entregas de moto e usou a moto do trampo pra nos buscar. Largou todos nós, um por um, na frente da PUC sem ninguém entender bosta nenhuma do que estava acontecendo.

- Olhem os calouros da facul cobrando pedágio.

Então esse era seu plano, fingir de calouro pra cobrar pedágio. Realmente, deu pra notar que em cinco minutos eles devem ter levantado uns cinco reais. Um negócio altamente rentável.

- É, só que precisamos de umas minas. ¿ Falou Vinicius, já tomando a iniciativa de ligar pra Marilia convocando as amigas mais caradura que ela tinha. Mais ou menos uma hora depois já estávamos todos a postos, camuflados e embarrados no cruzamento da Guabirota com a Av. Das Torres, nem muito longe, nem muito perto da PUC, perfeito.

Não foi tão fácil quanto imaginávamos. Muita gente nem olhava na nossa cara. É a crise. Levamos mais de três horas pra levantarmos os 120 Reais necessários. Voltamos pra casa cansados e torrmos dez reais em chopes pra comemorarmos. Uma vez conseguida a grana tratamos de definir um dia massa pro 'ataque'. Tinha que ser num sábado, salão lotado, galera se enfeitando pra night... Foi Marília quem deu o toque.

- Se é no sábado, acho melhor ligar antes pra marcar hora, até os salões mais fuleiros lotam no sábado.

Foi ela quem ligou. Marília é uma verdadeira atriz, um dos grandes talentos esquecidos nas periferias. Falou com um tom de voz absolutamente de madame. Quase nos rachamos de rir e ela tapando o bocal do telefone e nos xingando.

- Calem a boca seus bostinhas!

Depois foi Vinicius quem teve que se mexer. Era ele quem tinha o contato com a catadora de papelão. Saiu atrás dela no outro dia à tarde e quando anoiteceu apareceu com ela no prédio das kitinetes. Fabio pirou quando viu pela janela.

- Não boto fé que o Vini trouxe a mulher aqui!

Pirou tanto que viajou de bancar o estacionamento da corrocinha numa garagem a uma quadra dali. Foi cômico ver o funcionário da garagem sem saber o que dizer e acabar deixando estacionar ao lado de uma *Mercedes preta*. A mulher chamava-se Denise, era gente boa pra cacete e acabamos firmando uma baita amizade. Tinha cinco filhos e a menina mais velha cuidava da pirralhadazinha enquanto ela trabalhava.

- Rafael, o mais caçulinha, andou comigo na charrete dos três mês até um ano e meio, tá ficando em casa agora por causa daquela gripe que não cura, sabe? No inverno fica mais difícil.

Tomamos um lanche todos juntos e Jean acabou se emocionando e dando cinco motos de brinquedo de sua coleção pra ela dar de brinde pros pequenos. Nos despedimos com tudo combinado pro sábado. Sergio estava meio descrente.

- Eles podem não deixar entrar, vocês tão ligados que ela cheira mal pra cacete.

- Se não deixarem a gente se vinga.

- É, e dizer pra ela tomar banho antes é ridículo.

- Sim, só tô dizendo pra ficarem ligados, pode ser que os caras não deixem entrar.

Sábado à tarde estávamos todos ansiosos. Tínhamos dito pra Denise que ela não precisava passar em casa antes. Trabalharia demanhã, do jeito como sempre fazia, deixava a carrocinha estacionada perto das kits e pronto. Não precisava de frescura, tínhamos conversado sobre a razão daquilo tudo e ela concordava com a gente.

- Aquelas dondocas tem que me aceitar.

Fomos ao Shopping Curitiba a pé e animados, Jean ficou de nos encontrar lá. Denise estava feliz, orgulhosa de si & contava uma piada besta atrás da outra. Ela é uma grande figura, mas é fã do Ratinho e votou no filho dele nas últimas eleições.

Mal entramos no shopping e o povo já começou a olhar atravessado. Eu reparei, quando a gente cruzava pelas pessoas ninguém olhava na nossa cara, mas depois que passavam era só olhar pra trás e ver como ficavam olhando, fazendo gestos e comentários maldosos com quem estava ao lado.

Sentamos tomar um café antes, pois estávamos quinze minutos adiantados e o Jean estava por chegar. É indignante ver que até a funcionária do café, ralé fudida como nós, nos esnobou. Trouxe o café e esqueceu o açúcar de propósito. O povo se ilude fácil com esse status podre. Fábio jurou vingança.

- Cara, a gente ainda tem que voltar aqui e aprontar uma feia com esses merdas.
- Calma, relaxa que agora estamos aqui pra outra coisa.

Estávamos terminando o café quando chegou o Jean com uma sacolinha se desculpendo pelo atraso.

- O que é isso aí?
- Nada não, uma surpresinha pra depois do ataque.

Então fomos ao maldito salão. Marília entrou antes, deu o nome Denise a funcionária falou que estava tudo pronto e que era só deitar no negócio de lavar o cabelo. Marília então chamou Denise e ficamos olhando do lado de fora e posso te garantir: foi uma cena muito muito engraçada.

Todas, sem exceção, olharam pra nossa amiga de cara feia e torcendo o nariz. A funcionária que lavaria o cabelo ficou atônita, perdidaça, sem saber pra que lado ou pra quem olhar. Esqueci de dizer mas o cabelo de Denise era crespão e alto e duro e devia se erguer a uns vinte centímetros acima da cabeça.

Denise deitou-se a mulher começou a lavar o cabelo lentamente, parecia nervosa, parecia na verdade uma funcionária inexperiente em seu primeiro dia de trabalho. A outra que parecia ser a gerente aproximou-se de Marília com uma prancheta com os horários marcados e perguntou com um ar de desdém:

- É pra fazer as mãos e os pés também?
- Sim, é pra fazer tudo, hoje será uma noite muito especial pra ela.

Afinal, estávamos com a grana, estávamos pagando aquela porra. Marília ficou controlando e fiscalizando tudo, uma verdadeira pentelha, queria o trabalho bem feito.

Quando Denise sentou-se pra escovar o cabelo e a manicure e a pedicure e tudo mais, entramos todos no salão pra curtir mais de perto. Antes que alguém viesse nos perguntar algo Marília adiantou-se.

- São nossos amigos, estão nos esperando.

Aceitaram a contragosto. O clima no salão era horrível, ninguém conversava nada e tinha três minas que ficavam se abanando pra demonstrar que não estavam gostando nem um pouco do mau cheiro da nova cliente. Não se preocuparem nem em disfarçar o preconceito.

A obra de arte no visual de Denise demorou pra caralho pra ficar pronta. O escovamento do cabelo foi uma coisa interminável. Os pés as funcionárias tiveram que lavar e escovar por completo e várias vezes, Marília o tempo todo em cima, controlando. Nesse meio tempo entrou uma senhora esperando a vez, esperou cinco minutos e saiu resmungando que iria a outro salão mais bem frequentado. Que se foda ela.

Quando ficou pronto olhamos todos pra Denise. Apesar de 28 anos de sofrimento, dá pra dizer que ficou bonita. Todos nós a elogiamos e ficou toda boba, rindo à toa. Pagamos a conta e saímos sorridentes, deixando pra trás uma multidão de aliviados com nossa ausência.

Já estávamos na rua quando nos damos por conta da caixa do Jean com a surpresa pra depois do ataque. Ele tinha esquecido no salão.

- Porra, deixa eu ligar lá pra ver se elas encontram.

Foi num orelhão e voltou se cagando de rir. Se torçia todo de tanto rir, não conseguia nem falar.

- O que foi cara?

- A caixa véio, tinha umas duzentas baratas dentro e um fundo falso, era só levantar que as baratas caíam. Caralho! Eu pedi pra mulher que atendeu o telefone pra guardar a caixa pra mim e foi foda, deu ouvir a gritaria do outro lado da linha!

Jean se superou. Caímos todos na gargalhada e se tem uma intervenção que pro resto de meus dias vou lembrar como bem sucedida, foi essa.

- Longa vida à **Delinquencia Juvenil!!!!**

08 de agosto de 2003

Invasão a propriedade privada e arrombamentos

As Andorinhas tem Duas Casas (e não alugam a que está vaga).....[Volta ao índice](#) (ataque treze)

Morar em kitnete é foda. A maioria só tem um cômodo e se bobear até o banheiro é conjugado. Jean e Vinicius já repartiam apertadamente aquele cubículo e desde que Sergio veio do interior está morando junto e olha que o cara é metido a artista plástico e faz uma bagunça do caralho com sua criatividade. Estávamos todos discutindo a possibilidade de alugarmos algo maior quando o neo-revoltadocontraosistema Fabio, começou a discursar.

- Aluguel é o fim do mundo! Já não concordo com propriedade privada, aluguel então, é muito porco.

- Realmente... é uma grana que só sai, que morre.

- E veja bem, é um negócio que não produz, só suga.

- Me diz uma coisa, a maioria das pessoas mora de aluguel, né?

- Em cidade grande pelo menos acho que é assim.

- Tínhamos que fazer alguma intervenção cutucando nessa ferida.

- É, mas o quê?
- Não sei...

É interessante como as inspirações às vezes brotam das coisas mais bestas. Desta vez foi Vinicius que saiu pra ir na Lanchonete da esquina pra comprar refri pra nossa tuba e voltou com um sorriso de orelha a orelha.

- Olha o cara!
- Parece aquele gato rosa e rocho do Alice no País das Maravilhas.
- Tive uma idéia pra fuder com esses caras que alugam casas.
- Ó o cara! Ó o cara!
- Eu tava voltando. Viajando. Olhando pra cima e vi um placa *¿aluga-se¿* na janela de um apê vazio. Todo escuro, absolutamente vazio, completamente limpo pra gente entrar.
- Invadir apartamento?
- E aí a gente pinta as paredes e faz altas obras de terrorismo poético.
- Não é um má idéia. *¿* comentou Fábio coçando sua barbinha rala.
- É, só que não podia ser um apartamento, esqueceram as dificuldades de se entrar num prédio do dia em que jogamos a TV? O que dirá então de entrar num apartamento...

Todos concordaram que apê era a princípio inviável, mas que era preciso fazer algo nesse sentido. Fábio sugeriu uma casa num desses bairros mais burgueses.

- Se der uma banda nos bairros vai ver uma porrada de casa grande, massa, pra alugar.
- E o alarme?
- Já andei pensando nessas paradas noutra dia e me liguei num negócio. Tem uma casas que tem cachorro cuidando. Nessas casas não deve ter alarme, se não, pra que cachorro?
- Tá, mas e os cachorros?
- A gente consegue um negócio pra eles dormirem. Tipo alguma coisa pra misturar num naco de carne.
- É Fabio, parece que você não é tão tongo quanto aparenta.
- E voce não é tão ligado quanto aparenta.

A operação aos poucos acabou sendo definida. Eu e Fabio saímos dar um rolê de buzum lá pelas bandas do Bacacheri numa tediosa tarde de domingo pra definir o alvo. Fabio é mestre nesse tipo de coisa, foi ele que escolheu o prédio pro Jean jogar a TV naquela vez. Marília se encarregou de conseguir calmantes com sua tia hipocondríaca pros cães dormirem. Acabamos por encontrar uma casa limpeza, bala, no Bairro do Tingüi, com dois São Bernardo e um Pastor Alemão, próxima de uns terrenos baldios. A casa era grande, um sobrado com um quintal arregado. Era o alvo perfeito.

Tratamos então de conseguir o material pro ataque. Sergio batalhou e conseguiu vender umas agendas e uns cartões que ele faz e com a grana comprou uns quantos tubos de tinta a óleo. Jean comprou uns sprays. Eu giz de cera das Casas China, afinal ando duro pra caralho. Fabio imprimiu uma porrada de poemas e comprou umas fitinhas coloridas pra amarrá-los não se sabe onde e Vinicius comprou fósforos e álcool.

- Que merda você vai fazer com isso?
- Só o Jean que pode fazer surpresas agora? Na hora vocês vão ver.
- Tá bom, só não vai fazer merda, não vai foder com tudo.

Perto da meia noite de quinta-feira pegamos um latão até o Terminal do Cabral e o resto do trecho seguimos a pé. Caminhar é bom pra pensar e precisávamos de uns momentos de concentração. A uns quinhentos metros do alvo nos dividimos, Fabio, Vinicius e Jean foram na frente pra sedar as feras e eu fiquei com o Sergio, estava um pouco nervoso com essa coisa de invadir casa com cachorro.

Demoraram pra caraaaalho, mas demoraram mesmo. Umas três horas ou mais, já estávamos preocupados que tivesse acontecido alguma coisa e já estávamos pensando em *ç*operação resgate*ç*, quando chegaram.

- Porra cara, onde é que vocês estavam?

- Os filhos da putas dos cachorros não quiseram comera a carne de jeito nenhum, tivemos que achar outra casa com um Pitbull mané que topou comer. A casa é massa também só que temos que apurar antes que aquele monstro acorde.

Fomos correndo e chegando lá pulamos uma grade alta do lado esquerdo da casa, os piás já estavam ligados das manhas. Difícil mesmo foi entrar dentro da casa. O curso de *ç*chaveiros*ç* que o Jean tinha conseguido pra gente foi altamente mandrake, não aprendemos a arrombar portas bosta nenhuma. As janelas do térreo tinham grades e a única janela alta disponível, que era o plano de invasão do Fabio, revelou-se de difícil escalada. Pra completar não tinha nenhuma escada ou algo semelhante no quintal.

Acabou que tivemos que arrombar uma porta. Foi um cagaço dos diabos o barulho que aquela porra fez. O cachorro se mecheu onde estava deitado e todos nós prendemos a respiração. Quando entramos na casa estávamos todos tensos.

- Galera, vamos sentar aqui no escuro, relaxar um pouco e ouvir os ruídos. *ç* eu estava tenso, muito tenso.

Todos sentaram enquanto eu fumei dois cigarros pra me acalmar. Jean foi o primeiro a se levantar e começar a trabalhar com seu spray. Primeiro fez a pichação delinqüente número um: cú. Depois foi escrevendo outras frases. *ç*Toda propriedade é um roubo*ç*. *ç*Estamos em território inimigo e o inimigo está em nós*ç*. *ç*Na natureza não existem leis, apenas hábitos*ç*. Relaxei, pedi o spray emprestado e mandei ver: *ç*Em mim também dói.*ç*

Então todos assumiram suas tarefas e damos início ao circo de horrores. Engraçado foi ver Vinicius, o homem da surpresa, só sentado nos olhando na penumbra com seu sorrisinho de Monalisa. Sergio acendeu uma vela pra iluminar e começou a jogar umas tintas na parede pra fazer uns fundos coloridos. Fabio saiu com seus poemas e fitinha coloridas pro quintal e eu comecei a desenhar umas charges toscas na parede com meu estojo de giz de cera de um e noventa e nove.

Jean esvaziou seu spray e ficou sentado com Vini curtindo o trabalho do Sergio que estava realmente ficando muito louco. Todos nós criticamos o meio artístico e suas afetação mas admiramos o trabalho do Sergio, o cara é bom. Ele já estava quase no fim quando ouvimos alguém bater palmas na frente da casa.

- Puta que o pariu! Quem será que é?

- Olha lá, rápido.

Vinicius rastejou teatralmente até a janela da frente e deu uma espiada discreta.

- É um carinha de moto, desses que fazem ronda nos bairros.
- Merda deve ter visto a vela, apaga essa porra Sergio!

Apagamos e nos escondemos todos na área de serviço perto da saída. Vini ficou de butica no cara da moto. Ele deçou da moto, olhou no escuro primeiro, depois azeceu uma lanterna, iluminou e viu o cachorro dormindo. Apitou pra acordá-lo e todos nós quase tivemos ataques cardíacos simultâneos. Ufa, o viado não acordou, só que o ronda ficou desconfiadíssimo, sentou na moto e esperou um tempão pra ver se ouvia algo. Tava na cara que era hora de sairmos fora antes que as coisas se complicassem ainda mais.

- Vamos embora povo! ç chamei.
- Espera o cara sair.

Só que ele não saiu. Quer dizer, saiu e estacionou a moto na esquina próxima e montou campana no escurinho da sombra duma árvore.

- É... o cara não vai em bora tão cedo.
- Vamos embora! ç eu estava muito nervoso.

Sergio foi pé por pé e terminou sua genial obra no escuro mesmo enquanto fomos conferir o que Fabio estava aprontando no quintal. Fez um troço até que bem massa. Tinha umas árvores pequenas e ele fez uma autêntica decoração de natal com seus poemas em todas as árvores, de dia deve ter ficado esteticamente alucinante. Sergio voltou e fomos todos até o muro dos fundos pra saltar fora quando nos demos por conta que o Vini tinha sumido.

- Onde aquele viado se socou?

Sergio já estava saindo em sua procura quando o lazarento revelou sua tão misteriosa surpresa: um enorme clarão saindo de dentro da casa, o paunocu tinha tacado fogo em alguma coisa.

- Você incendiou a merda da casa seu bostinha!!!!
- Nada, só açendi a lareira com uma Revista Veja que encontrei no canto sala, essas revistas merecem, vamos embora.
- Seu mané, porque você fez isso?
- Bora! Não discute! Depois a gente conversa.

O guardião do bairro apitou, acelerou sua moto e veio rapidinho quando se ligou do fogo. Dessa vez o cachorro acordou com o barulho e avançou em nossa direção. O cara mais sem jeito do mundo chamado Sergio Augusto se amarrou pra conseguir pular o muro e levou uma senhora duma dentada na barriga da perna. Ainda bem que a calça jeans que estava usando era bem grossa e os dentes do cão não chegaram a furar a perna, mas deixou umas doloridas marcas de dentes. Quando pulamos o muro descobrimos que tínhamos dado um azar fudido, o terreno era um lamaçal infernal.

Chafurdamos feito uns fugitivos desesperados. Foi um verdadeiro recorde dos cem metros chafurdados.

- Que porra! Que zica do caralho!

Vinicius estava em êxtase por causa de sua fogueira idiota e ria feito um demente. Sentamos no outro lado quarteirão pra descansar e desbaratinar o cara da moto que iluminava o lamaçal com sua lanterna tentando nos localizar. Altos momentos de tensão, o décimo terceiro ataque não podia terminar mesmo bem. Se o treze fosse mesmo o número da sorte como o Zagalo diz tínhamos ganhado a copa da França. Cabalístico isso.

O dia já estava clareando quando saímos cabreiros nos esgueirando pelos cantos das ruas pra fugirmos do local. Enquanto esperávamos ouvimos sirenes da polícia, mas felizmente não fomos pegos, a manha foi esperar uma cara até a poeira baixar. Quando já estávamos relativamente longe corremos. Corremos muito até chegarmos numa lanchonete pra comer e beber pra poder voltar pra nossas bestas rotinas de criaturas sociais. Estávamos Exaustos, Sedentos & Famintos, apesar da descarga de adrenalina.

O tio da lanchonete estava desconfiadíssimo com nossa imundície e falamos a ele que estávamos saindo de uma festa.

- Passamos em Medicina na Federal, tio. O senhor não bota fé o quanto é difícil e o quanto estamos felizes.

Não gargalhávamos desta vez devido a estarmos podre, mas sorriamos em silêncio enquanto o lanche não chegava e no íntimo todos pensavam.

- Foi massa!

12 de agosto de 2003

Baixo custo e sacanagem com a globo

A radioatividade do ar leva até vocês: mais um programa da série

Delinqüência.....[Volta ao índice](#)

(ataque quatorze)

Tem dias que a vida parece coca-cola sem gás. Nenhuma música agrada, nenhuma conversa progride e a apatia vence o jogo. Estávamos neste estado deplorável, assistindo São Paulo e Cruzeiro na televisão sem volume, quando a Ana Paula Padrão interrompeu nosso tédio com aquela cara de peito contido que faz na hora de noticiar algo grave. Era a morte do filho da puta dono da Globo.

Foi show a gritaria da galera, urros selvagens e gritos primais celebraram o momento. Sergio Augusto então se emociona e toma a atitude mais inesperada pela qual já passei. Arrancou da tomada o fio da televisãozinha dos piás e jogou a lazarenta pela janela.

- Enfim livres! ; berrou para todo vizinho que quisesse ouvir.

Foi um choque. Ficamos todos paralisados. Absolutamente não esperávamos aquilo.

Tínhamos jogado uma TV do sétimo andar outro dia, mas, porra, era a TV dos piás. Pequena, preto e branca, mas era a TV que eles tinham. Não falei nada, não sabia o que dizer. Fábio ria que se cagava e Jean, um dos donos do aparelho, ficou atônito. Mas Vinicius explodiu em fúria.

- Puta que o pariu! O que tu fez seu viado?
- Ué? E a campanha ¿Jogue Sua TV Pela Janela¿?

Ele estava coberto de razão. Vinicius resmungou e começou a ficar vermelho de raiva. Sergio tinha em seu favor falácias passadas, é um desses caras que nunca perdem a calma.

- Jogar uma TV que não funciona de um edifício invadido e manter uma funcionando em casa é ridículo.

Vinicius respirou fundo e deve ter contado até mil até que a realidade começasse a bater. Aliás, bater não, socar violentamente o rosto, dele e de todos nós que estávamos lá. O paunocu do Sergio conseguiu fazer com a gente o que provavelmente não conseguimos fazer com ninguém.

O tão aclamado choque na percepção das coisas, na rotina bestial enraizada em nossa psique. Num segundo o Galvão Bueno estava lá, queimando um filme puxando o saco de seu patrão e noutro segundo a televisão estava na calçada. Não era muito alto, só rachou o tubo de imagem, mas o suficiente pro fantasma do Galvão sair pelas rachaduras.

Levamos um tempão pra começar a conversar novamente. Foi Jean quem quebrou o gelo.

- É seu monstro, você tem razão, veio.
- Com certeza! ¿ ria o Fábio.
- Você fala porque mora com os véio em Colombo e não era tua.
- Relaxa, mano! A TV era podre e merecia um descanso, com uns poucos reais você compra outra igual.
- Não! Não vou mais comprar televisão. Nunca mais!

Por fim acabaram se abraçando com desculpas e obrigados que mais pareciam duas bichas locas. Acabamos ficando acordados até altas horas falando merda e profanando a alma do pobre milionário que acabara de morrer. Lá pelas tantas já estávamos normais, viajando em inventar delinquências. Fabio estava hilário, foi ele quem deu o toque.

- Ari! Lembra daquela tua viagem de montarmos uns transmissorzinhos de FM para interferirmos nas televisões?
- Lembro.
- Pois então, a gente pode aproveitar essa deixa pra fazer a parada.
- Tens razão...
- Pois então, vamos mexer nossas bundas gordas. Depois daquela baia invadida em que quase ninguém viu nossa ação eu tava afim dum esparro.

No outro dia Vinicius tratou de encontrar Marcelo, aquele primo da Marília que é

técnico e que quebrou nosso galho no ataque da churrascaria. Naquela vez ele participou junto, pirou e se dispôs de quebrar outros galhos.

E este era um novo galho.

- Porra gurizada, esse é fácil! Com um transistorzinho besta e vocês montam um transmissor com mais de duzentos metros de alcance.
- Mas é fácil mesmo?
- Claro, numa tarde a gente monta e é baratinho, arrumamos quase tudo que precisa na minha sucata de novo.

Passamos então a considerar os aspectos práticos da operação. Com alcance 300 metros de raio resultaria numa área de abrangência de um círculo de 600 metros de diâmetro, isso sem nenhum prédio ou montanha no meio. Uma barreira de edifícios, por exemplo, atenuaria o sinal. Escolhemos então um bairro residencial. Jean estava interessado em atingir a maior quantidade de casas possível.

- Não tem como aumentar a potência do sinal pra atingir mais casas?
- Até tem, mas vai encarecer e complicar um pouco mais.
- Muito?
- Passa de cem reais. Mas escuta o seguinte, vocês podem montar vários transmissores e se esparramarem, desse jeito dá pra cobrir uma área grande.
- E dá pra transmitir sons ou já é viajar na maionese?
- Dá sim, imagem é mais complicado porque o sinal de vídeo em AM e gerar imagens são um negócio mais foda, mas som dá, um microfonezinho de eletreto e tá feita a cagada.

Perfeito. Passamos o domingo inteiro confeccionando os transmissores, queríamos interromper a transmissão do Fantástico, queríamos ibope. Todos trabalharam juntos, cada um no seu, menos o Sergio.

- Dessa vez quero ficar de camarote, vamos escolher o bairro do Água Verde e eu fico na casa da Marília assistindo a TV com ela e a família dela fazendo de conta que não sabemos de nada. Quero conferir se a parada vai funcionar mesmo ou não.

Sergio, Vinicius e Marília foram até a casa dela antes com os transmissores. Eu, Jean e Fábio fomos definir os pontos onde iríamos transmitir de modo a atingir a maior quantidade de lares possível. Fomos criteriosos pra cacete. Escolhemos quatro árvores das quais era possível encher as TVs pelas janelas das casas. Uma vez definidos os locais fomos buscar os aparelhos com Sérgio. Porém um teste rápido na casa da Marília revelou o pior, o viado tinha carregado eles na mochila sem o menor cuidado, amassou as bobinas e ferrou com o ajuste de frequência.

Mas tem males que vem pra bem e enquanto passei a segunda-feira inteira me desviando de minhas funções no trampo reajustando tudo me dei por conta de que poderíamos fazer uma grande palhaçada: esperar pelo dia da missa de sétimo dia e interrompermos o Jornal Nacional. Liguei pros piás imediatamente.

- E aí Jean, o que você acha?
- Acho a idéia boa, mas dá pra melhorar.

- Como assim?
- Lembra do Tiba e do Ribamar, que rachavam o apê com a gente nas antigas?
- Sim, mas e daí?
- Eles são feras em imitar a voz de pessoas famosas. Ele podiam imitar a voz de figuras conhecidas e aí poderíamos tirar onda verdade.

Perfeito. Vini se encarregou de falar com os caras e explicar os detalhes de toda a nossa viagem, pois eles estavam absolutamente por fora de nossas ações. O etílico Tiba pirou com a idéia, mas fez uma exigência.

- Tá certo, a gente faz, mas tá um frio do caralho e eu queria fazer a cabeça antes com uns quentões. Sabe? Aquecer os neurônios.
- Eu falo com minha namorada e a mãe dela faz o quentão.

Terça à noite então tomamos um belo trago e saímos aquecido e levemente chapados de quentão pra nossas atividades. Eu e os outros delinqüentes de sempre ficaríamos cada um em sua árvore ciceroneando a transmissão e Tiba e Riba (bela dupla, não é verdade?) ficariam se revezando nas imitações, teriam que correr de um lado pra outro.

Seria na hora do Jornal Nacional e quando o programa começou Sergio, que novamente estava de plantão na casa da Marilia soltou um rojão quando William Boner deu seu formal boa noite em rede nacional. Liguei meu transmissor e comecei:

- Senhoras e senhores, interrompemos a transmissão da Globo pra homenagearmos esse grande filho da puta chamado Roberto Marinho e sua nefasta Rede Globo de televisão. Transmitiremos uma série de depoimentos emocionados de personalidades conhecidas.

Nesse meio tempo chegou o Tiba.

- Com vocês: Leonel Brizola.

Soltei o microfone que tinha sido previamente adaptado a um fio longo pro Tiba e ele caprichou no seu sotaque de gaúcho.

- O povo brasileiro tem que entender o motivo de minha angústia com essa morte. Minha vida perdeu o sentido, foi-se meu inimigo predileto.

- E agora: George W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América:
Tiba então mandou ver num sotaque de gringo em praias tropicais:
- Lamentamos com profundo pesar a morte desta importantíssimo jornalista argentino.

De repente mais um rojão, era Sergio sinalizando que a bagaça estava funcionando. Tiba correu pra árvore do Fabio e enquanto esperava pelo Riba segui discursando sobre os males que a Globo infligiu na história recente de nosso país. Jean fez uma bela pesquisa na internet sobre as filhadaputiças globais.

Discursei abençoado por Marte, que brilhava majestoso no céu logo abaixo da lua. O céu das frias noites curitibanas é simplesmente sensacional. Ribamar chegou logo e a palhaçada continuou com Dercy Gonçalves.

- É, seu filhos de uma puta! Vou enterrar vocês todos!

Silvio Santos veio com a nova última piada nacional:

- Hahaê! Ele me ganhou! Ele me ganhou! Ameacei morrer pra melhorar meu ibope, mas ele me ganhou, morreu de verdade! Hahaêê, Lombardi!!

- É patrão! Ele saiu na frente!!

Então Anthony Garotinho se mete na conversa:

- Graças a Deus não foi nenhuma bala perdida!

- E atenção pessoal! Temos aqui a importante presença de um membro da ONG Greenpeace! ;Primeiro acabaram com o Leão Marinho, depois foi a extinção do Cavalo Marinho, e agora, o Roberto Marinho. Enfim, uma grande perda pra biodiversidade.;

Ribamar saiu correndo e fiquei esperando pelo Tiba novamente, sem parar a transmissão. Quando Tiba chegou perto e pegou o microfone eis que acontece a tragédia, ou a comédia, o futuro dirá. Um gordão saiu correndo de uma casa no meio da quadra totalmente indignado, se ligou na fita.

- Seus vagabundos! Vocês não tem mais nada o que fazer seus merdas do caralho!!!

Trazia um porrete na mão e me viu em cima da árvore segurando o fio do microfone.

Imediatamente gritei:

- Fuja locôdoooo!!!!

Sáimos correndo nos mijando de rir do jeito desajeitado que o gordão corria com o porrete batendo no ar e do vastíssimo repertório de palavrões com os quais nos esculhambava. Tivemos que nos esconder e esperar o resto da turma terminar a ação. Apesar desse percalço foi um sucesso. Sergio nos contou que a mãe da Marília se torcia rindo no sofá e não deixou o marido trocar de canal. Curtiram a transmissão até o final e isso nos dá uma noção do efeito de nosso ataque nos lares do bairro. Aos poucos fomos nos reunindo de volta na casa e é óbvio que a velha se ligou.

- Foram vocês, né seus desocupados?

Mostramos a ela os aparelhinhos e demos belas gargalhadas. Jantamos todos lá e depois fomos comemorar o sucesso da ação no Pacatutucutianão, um bar muito louco que fica ali no Água Verde mesmo. Os deuses nos premiaram com uma louquíssima noite de festa e Jean tirou a sorte grande: agarrou uma gata fenomenal chamada Alana.

Provavelmente o capeta deve ter dado umas quantas espetadas no jornalista morto em nossa homenagem.

- Obrigado Capetãããoo!!

Como era a convivência? Se viam muito? (os posts são muito próximos uns dos outros, tinham q passar o dia fazendo isso)

ataque à igreja, uso de colagens e photoshop, lamento com os efeitos colaterais do vandalismo (gari limpando maquiagem em estátua)

18 de agosto de 2003

Uma Missa para o Lado Selvagem..... [Volta ao índice](#)

(ataque quinze)

Nos últimos tempos o movimento pelos direitos dos homossexuais tem crescido no mundo todo. De um lado gays, de outro homofóbicos e as discussões muitas vezes saem da argumentação pra caírem na violência física pura e simples. Esse é um assunto polêmico em que os preconceitos ocultos mais se manifestam.

Na kitnete dos Delinquentes o assunto veio à tona quando Jean ligou pra mina que conheceu no Pacatutucutianão depois de nosso ataque dos transmissores. Quem atendeu foi o irmão dela, com um alô totalmente boiola. Jean ficou de cara.

- Porra, o irmão da mina é viado!
- Que é que tem, cara? Você tá agarrando ela ou o irmão dela?
- E ainda falou que o nome dela não é Alana merda nenhuma, é Alice, a mina viajou.

Logo depois entramos num longo bate-boca sobre os gays quando comentei aquelas paradas do Vaticano insistir em condenar o casamento dos homossexuais. Jean e Fabio vieram com um discurso escrotamente homofóbico.

- Tem que matar essas bixas todas!
- Já sapatão eu curto. - Escroteou Jean.

Os dois são mesmo uns palhaços safados, Bukowskis degenerados. Vinícius é o mais cabeça aberta, pra ele que se foda.

- Cara, o que cada um faz com seu rabo não me interessa. O cú é teu, mano, faz dele o que quiseres, estou pouco me fodendo.

Sérgio que me surpreendeu; porra, parece que o cara tá sempre querendo me surpreender.

- Olha, eu penso o seguinte: não tenho nada contra a relação de homem com homem ou mulher com mulher. Não vejo nada de errado nisso, a imagem é que choca.
- Como assim?
- Ah... por exemplo, você olha a foto de um casal heterossexual se beijando e enxerga amor, mas se o casal for do mesmo sexo não se vê o amor, apenas o beijo.
- Deixa de ser ridículo!
- Só porque você não vê o amor, não significa que ele não exista e que mais ninguém vê. À merda você com esse seu raciocínio.

O bate-boca foi longe, com momentos até de agressividade, aquela kitnete acabou transformando-se num microcosmo da questão homossexual. Várias bandeiras foram erguidas, várias foram baixadas e no final das contas, como de costume, chegou-se numa espécie de consenso.

Só que infelizmente o consenso não veio porque ninguém convenceu ninguém. O consenso veio porque Vinícius teve uma idéia genial pra um ataque. Só assim pra chegarmos a um consenso mesmo nesse assunto, o que nos une é a delinquência, é o

desrespeito total às instituições. E a idéia do Vini era atacar a Igreja, instituição que a tempos estávamos afim de sacanear.

- Prestem atenção no que eu estava pensando.
- Lá vem bomba...
- O Papa não quer que eles casem, lançou uma campanha mundial e a homofobia só fez crescer no meio católico. Podíamos fazer um belo protesto contra essa atitude conservadora.
- Sim, mas que ataque?
- Compramos um monte de revistas pornográficas de gays, colamos a cara do Papa em cima de cada um que tiver trepando e colamos os papéis numa igreja.

Ficamos em silêncio, pensando, até que Jean caiu na gargalhada.

- Cara! É muita palhaçada! Que plano do caralho, meu!!!

Sérgio também riu, curtiu a viagem.

- E a gente podia avacalhar ainda mais, nos vestindo de travecos e indo assistir a uma missa.

Aí a galera emudeceu mesmo. De verdade. Opa, perai caceta. Apoiar o movimento é uma coisa, dar uma de traveco já é outra bem diferente. Fábio logo já tomou a frente.

- Tô fora!

Fiquei indiferente, até que Vini começou a se mijar de rir pensando na puta cena que seria fazermos isso.

- Imaginem galera, o constrangimento causado pela presença espalhafatosa de bixas locas numa missa. Cara, isso pode realmente ser hilário!!

Acabou que bolamos um plano altamente constrangedor pra nossas masculinidades. Uma verdadeira prova de fogo em que nossos preconceitos mais íntimos seriam postos em cheque. Vinícius ligou pra sua namorada Marília pra conseguir as roupas e as maquiagens. Ela simplesmente não botou fé na nossa piração. Não conseguia nem falar direito ao telefone de tanto que ria.

- Você pára de palhaçada, sua tonga! - Vini ria junto.

Chegou na kit com um sacolão de roupas e uma cara de debochada.

- Essa eu quero ver, se cobrarem vinte reais de ingresso nessa missa eu pago mesmo assim, vale, pode ter certeza que vale.

Fábio e Jean se encarregaram das pornografias. Compraram umas revistinhas e foram na casa do Társis, amigo nosso que tem micro com scanner. Társis também achou a idéia engraçada pra cecete e eles acabaram entrando numas e fazendo altas viagens no Photoshop. A carinha do papa em cima dos gays ficou perfeita. Acompanhando cada panfleto colaram um texto dizendo: "O Ministério do Caos adverte, o mais importante é

o amor". Procuraram na net outras imagens sadomasô e avacalharam ainda mais com o Papa e colocaram cada colagem dentro de um envelope branco pra plantarmos na igreja.

Escolhemos a Igreja Padre Agostinho na missa do domingo de manhã. Não era uma igreja nem muito grande, nem pequena e ficava num bairro, mais sossegado. Passamos a madrugada de sábado dando um trato em nossos visuais. Éramos todos cabaços nesse tipo de coisa e Marília foi nossa diretora artística, dando os toques principais na hora das maquiagens.

Sérgio ficou horrível, seria uma bixa assustadora se o negócio fosse sério. A ironia é que os homofóbicos Jean e Fabio foram os mais perfeitos. Se fossem bixas, seriam bixas de sucesso. Claro que tirei onda deles.

- Hummmm!! Vocês tem é medo! Cabreirisse, rárará!
- Olha a bundinha delas, hummmm!!! - Vini também não desperdiçou a bola na marca do pênalti.
- Vai te fuder Ari!!!

Eu e Vini ficamos meia boca, com uns vestidos compridos até o tornozelo e uns colares breguíssimos. Combinamos que entraríamos todos separados na igreja, pois entrar junto seria muito chamativo e queríamos apenas dar umas alfinetadinhas nos católicos, não porradas. Tolerância religiosa é importante e acreditamos que não estávamos sendo muito intolerantes, apenas estávamos sendo uns palhaços delinquentes.

Domingo cedo pegamos o Água Verde-Abranches e descemos perto do Bosque do Papa, só pra dar um grau cerimonial a nosso ataque. Estava um frio desumano e a grama ainda tinha uma camada de geada por cima. No meio do bosque tem uma estátua de um papa com uma expressão pra lá de macabra no rosto. Maquiamos o papa e fomos pra Igreja.

Vini foi "a primeira" a entrar e ficou bem na frente, na primeira fileira de bancos. Depois entrei eu e fiquei lá pelo meio, do lado esquerdo. Carregávamos todos nossas colagens nos envelopes na mão. Marília e Társis foram vestidos normalmente pra serem platéia e não perderem o show. Jean e Fábio, as duas "bixas gostosas e enrustidas" entraram quase juntos e ficaram próximos uma do outro, no meio, do lado direito. Sérgio que demorou pra caralho.

A missa já tinha começado e já pensávamos que ele não entraria quando chegou e se mocou no fundão. Ele é o tipo do cara que gosta de dar idéias pra que os outros ponham em prática, fazer ele participar de nossos ataques tem sido nossa maior vitória.

Foi incrível como ninguém nos olhava diretamente nos olhos. Era como se fôssemos invisíveis. E também parecia que estávamos fedendo, ninguém ficava perto. No mínimo um metro e meio de separação física.

O padre foi quem se fudeu bem mais pra disfarçar que não estava enxergando nada. Vinícius estava bem na sua frente, bancando uma autêntica bixa loca. Na hora do sermão ficou descaradamente dando em cima do padre e nos cânticos era totalmente "desafinada e estérica".

Só tinha mulheres na primeira fileira e algumas começaram a se invocar, principalmente

quando Vini meio que se emocionava e insinuava que iria dançar no embalo dos hinos. Eu tava olhando pra ele na hora em que levou uma cotovelada de uma delas.

Começou então a dar açenadinhas pro padre, que teve uma hora que chegou até a gaguejar. Nesse momento foi difícil conter o riso. Estávamos sendo o mais escrotos possíveis, cantávamos desafinados, fazíamos comentários bestas sobre trechos do sermão para os vizinhos, que ignoravam solenemente, até que as coisas começaram a se complicar. O padre emendou um sermão contra o casamento homossexual, primeiro insinuando e depois descaradamente. Foi ele quem chutou o pau do barraco primeiro.

A princípio colocaríamos nossas colagens pelos bancos discretamente, mas o sermão improvisado exigiu de nós também um improviso. Era a hora de agirmos diante do inesperado. Um dia isso teria de acontecer, pelo menos foi sob o teto de um deus.

Vinicius tomou uma atitude drástica e interrompeu o sermão.

- Isso é um preconceito absurdo!! Isso contraria completamente a frase de Cristo que diz que o mais importante é o amor.

Falou isso balançando os braços e deixando cair os envelopes com nossas colagens. Caíram vários, próximos ao altar. Sem querer viajar e já viajando, o silêncio dos fiéis chegava a fazer eco. Vini terminou de falar e dirigiu-se à saída a passos largos e resmungando palavrões. Vi muitas almas se benzerem. Em solidariedade à sua atitude saímos todos juntos, indignados também.

- Isso é uma falta de respeito para com o ser humano!

Fomos pedindo licença pras pessoas e deixando propositadamente os envelopes caírem no chão. Sérgio tava tão escondido que nem vi ele sair. Jean foi o último a sair e quando estava na porta virou-se e falou pra todos:

- Êita coração de pedra!

Saímos da igreja todos correndo e rindo. Não sei porque corremos tanto, mas corremos. Chegamos no Bosque do Papa e nos jogamos no chão extasiados pelas gargalhadas e imaginando como a missa poderia ter prosseguido depois daquela cena. Foi muito engraçado. A geada já tinha desaparecido e a maquiagem da estátua também, algum guarda municipal deve ter se ferrado e lavado tudo, efeitos colaterais de nossa guerra, seu guarda, foi mal. Trocamos nossas roupas enquanto esperávamos Marília e Társis.

- Gurizada! Muita cara de pau a deles, seguiram a missa como se nada tivesse acontecido!

- E os envelopes?

- Fizeram de conta que não estavam lá, mas deixe quieto que depois tenho certeza que irão conferir o que tem dentro, aí sim levarão o verdadeiro susto.

Ainda era de manhã e fomos a um bar na Mateus Leme tomar umas cervejas escuras pra comemorarmos. Não tínhamos dormido à noite nem comido nada antes de sair de casa, de modo que o jejum fez com que as beras pegassem valendo.

Voltamos pra kit meio bêbados e dormimos o resto do dia cada um com um sorriso no

rosto imaginando a abertura dos envelopes.

Foi muita palhaçada.

Sexta-feira, Agosto 22, 2003 :::

Ataque a shopping, velhinha se cagando

Eu Não Pedi Pra Nascer, Nem Vou Nascer Pra Perder[Volta ao índice](#)
(*ataque dezesseis*)

Dinheiro é como droga e estamos quase todos viciados. As crises de abstinência são terríveis. Cada vez mais se faz cada vez menos sem ele. Sérgio está desempregado e tá foda de arrumar alguma coisa. Se dar bem hoje em dia é como tirar a sorte grande, ser uma criatura iluminada pelo Deus Mercado. Até os que tem trampo fixo, como eu e Jean, estão pela bola oito, com sérios riscos de perdê-los.

Somos uma autêntica geração de Fudidos & Mal Pagos. Na segunda-feira à noite estávamos chorando as mágoas e brincando de rotular nossa geração.

- Desistam, vocês só vão conseguir isso quando ficarem velhos e a geração da vez já for outra. - Vinícius é um pessimista apocalíptico incurável.

Sérgio é enfático, esse seu chavão até que já é meio antigo, mas ele sempre solta essa.

- Somos os Palestinos do cotidiano, expulsos dos nossos sonhos e das nossas aspirações e refugiados numa realidade que nos exclui.

- Pô, que foda isso...

Eu e Fábio somos do palpite de que somos múltiplos em rótulos, dá pra chamar de uma porrada de maneiras, a Geração Queda-livre, a Geração "O Atrasado Que Paga a Conta" ou então mais perfeito: somos a Geração "O Que é Um Peido pra Quem Tá Todo Cagado?".

- Vocês estão viajando. - Falou Jean calmamente, fumando um Charuto que arrumou não sei onde. - Na verdade somos mesmo a "Geração Espermatozóide".

- É...

- O prêmio é bom, se você fecundar, fica nove meses curtindo e desenvolvendo o corpinho, depois nasce pros prazeres da vida. Mas o vestibla é fudido, são bilhões de candidatos por vaga. Mas tem gente que consegue...

Ficamos naquela, pensando na viagem dele, até que ele deu uma baforada em seu charuto e quebrou o silêncio.

- Inclusive eu tenho um plano de uma ação nesse sentido, não curti a dos travecos, queria fazer algo diferente.

- Que ação?

- Um autêntico ataque.

- Ataque?

- Uma grande palhaçada, pra dizer a verdade.

- Fala logo, porraaaa!

O cara falou só isso e ficamos todos nos olhando e pensando: "Olha a do cara!". Nem

falamos nada, simplesmente ficamos esperando por maiores explicações.

- Fácil! A gente consegue um feto falso, um feto de uns três meses, um pouco de sangue de animal e deixa no banheiro de algum shopping.
- Rapaz, não boto fé nessa tua mente macabra!
- Mas calma aí, não é só, não pode ser só.
- O quê?
- A gente deixa um manifesto, como se o bebê mesmo não quisesse nascer. Tipo um feto suicida.
- Feto suicida?
- Eu não quero nascer nesse mundo de merda!

Pronto. A idéia estava lá. Uma daquelas típicas idéias monstruosas que se agigantam e te dominam. Operacionalizar a idéia já foi mais difícil, pois precisávamos de uma mina, Jean não se encontrou com Alana Alice e essa mina teria de ser a Marília.

Foi foda convencê-la. Nós somos uns malacos, mas ela tá apenas iniciando nos caminhos da delinquência. Somente depois de bolar um bom disfarce que ela acabou topando.

- Vou sair loira, com uns óculos grandes e um casacão de frio.
- É limpo, no banheiro tem várias portinhas, vão demorar pra entrar na que você usou, dá tempo de sumir. - Jean foi o arquiteto da ação.

Fez um mistério lazarento, disse que comprou curtiça e que ele mesmo daria um jeito de esculpir o feto. O manifesto seria com ele também. Aceitamos o mistério porque desde a surpresa do ataque ao salão de beleza do shopping ele, digamos assim, ganhou uma certa moral no grupo.

Eu e os guris cuidamos então do resto.

E o resto era o sangue e os outros apetrechos realísticos. Fábio veio com uma de que víceras de porco são muito parecidas com as humanas e acabou usando seu humor negro pra dar uns toques aterrorizantes ao resultado. Conseguimos umas paradas parecidas com cérebro, muito horrível. Fomos até Campo Comprido pra conseguir o material na casa de um tio, amigo do pai dele.

Vinícius ficou com Marília e seus disfarces e o Sérgio participou do mistério do Jean. Jean queria dar um acabamento artístico no ataque e convocou o monstro.

O sangue colocamos numa garrafa de Tubaína vazia de dois litros e as víceras numa sacola de lixo preta. Antes de sairmos de casa Jean nos chamou num canto e mostrou seu "precioso". Era um feto com dois braçinhos recém formados, sendo que o lado esquerdo estava pra baixo e o braço direito inclinado em direção à cabeça.

- Tá, mas todo esse segredo pra isso? É um feto comum.

Então tirou do bolso uma seringa e colocou na mão do feto.

- Com vocês, o feto suicida!!

Ficou perfeito, hilário, o feto apontava a seringa na têmpora direita, igualzinho a um suicida com uma arma apontada pra cabeça. Depois mostrou o manifesto: O Movimento dos Fetos Conscientes, apresentando quinhentos mil motivos pra não nascer nesse mundo de bosta. Jeanzinho acabou fazendo um manifesto altamente hard-core.

Revoltado mesmo.

Marcamos a ação pra quarta-feira no início da noite, lá pelas sete horas. O desafortunado alvo da vez foi o Shopping Müller, que ainda não tinha sido vítima de nossas sacanagens delinqüentes. Vinícius entrou com Marília e rapidamente se dirigiram ao banheiro. Marília entrou e ele ficou esperando. Logo chegamos nós, que ficamos nas proximidades observando o desenrolar dos fatos.

Marília demorou, demorou e demorou. Deve ter ficado uns vinte minutos lá dentro.

- Será que ela não vai mijar pra trás?

- Relaxa, a mina é das nossas.

Até que por fim ela saiu, apressada, nervosa, a passos largos. Vinícius foi atrás pra saber se ela tinha feito tudo conforme o combinado e também para tranquilizá-la um pouco. Ficamos esperando, torcendo pra que rolasse o maior escândalo possível. Nosso real objetivo ao atacar os shopping é que essas igrejas do consumismo deixem de ser a ilha da fantasia que proclamam ser. Lutamos, digamos assim, contra o apartheid social que é fortíssimo em Curitiba.

Vinicius voltou e contou que saiu tudo conforme o planejado. O bebê ficou com o braço desocupado virado pra cima e somente quando fosse erguido que a palhaçada seria revelada. Marília, mesmo contra a vontade e morrendo de nojo, molhou os dedos no sangue já quase coagulado e escreveu na porta do toalete a frase: Movimento dos Fetos Conscientes.

O tempo foi passando e entrou uma pessoa, depois outra e outra e nada. Já estávamos pensando que o shopping fecharia sem ninguém se ligar quando ouvimos o tão esperado grito. Um autêntico grito de quem leva um cagaço.

- Ai meu deus! Tem sangue lá dentro! Tem sangue lá dentro!

Era uma velhinha, quase morremos de pena da coitada, se mijou de susto, ou se cagou, pois caminhava lentamente com as pernas meio abertas, parecia cagada mesmo. A coitadinha tremia toda e não conseguia pronunciar uma frase inteira, só gaguejava.

- O que foi, minha senhora? ¿ Perguntei disfarçadamente.

- Eu, eu, eu, eu não s-sei! T-tem muito sangue lá d-dentro. Eu não sei! Deus que me perdoe, mas parece que abortaram!

- Abortaram? Lá dentro?

- Eu não sei! Eu não sei!

Fiquei com o coração partido, a apavorada senhora começou a chorar. Não demorou até que um segurança do shopping chegasse junto.

- O que está acontecendo aqui?

- Seu moço! Seu moço! Tem muito sangue lá dentro, eu não sei, eu não sei, mas deve ter acontecido alguma coisa horrível lá dentro!

O rapaz pediu licença, falou alguma coisa no rádio e entrou no mictório. Naquela hora eu desejei ter nascido mulher, só pra ver a cena. Sérgio não desperdiçou a chance e tirou onda.

- Se tivéssemos vindo travestidos que nem fomos à missa, poderíamos ver nossa magnífica obra de arte.
- Cala boca, seu animal!

Vinícius saiu com Fábio falando aos quatro ventos que tinha ocorrido um aborto dentro do banheiro. Todos que ouviam levavam a mão à boca e murmuravam deusmelivres e coisas do gênero.

Quando as pessoas começaram a se aglomerar pra ver o que estava acontecendo chegaram mais três seguranças e fecharam o banheiro.

- O que está acontecendo?
- Estamos verificando, mas a princípio não é nada de mais

Vinícius não cansava de repetir:

- Foi um aborto, a senhora que viu me garantiu que foi um aborto.

O segurança parecia seguro de si.

- Calma, parece que não é nada de mais.

De repente, o circuito interno de som do Müller anuncia.

- Informamos nossos clientes que houve um vazamento de água num de nossos mictórios, mas nossos técnicos já estão resolvendo o problema e em breve ele já estará funcional novamente.

Filhos de uma puta! Lacraram a entrada do toailete em questão e não deixaram ninguém mais entrar no banheiro enquanto o ζ problema ζ estava sendo resolvido. Vimos várias faxineiras entrarem com baldes e panos. Bom, pelo menos elas e alguns funcionários viram, melhor que nada.

Marília voltou sem seu disfarce e ria toda vez que via a cara de deboche das faxineiras que saíam do banheiro. Desta vez foi Marília quem mais riu, merecidamente, foi o primeiro ataque com ela como protagonista principal. Várias pessoas acompanhavam o entra e sai do banheiro e todos, sem exceção desconfiavam que alguma coisa estava acontecendo.

Mas a direção do shopping no mínimo empatou com a gente, conseguiu, na medida do possível, abafar o caso.

No manifesto do Jean estava escrito mais ou menos assim: ζ Já foi uma concorrência dos diabos pra mim, como espermatozóide, conseguir fecundar o óvulo. Não quero nascer pra ter que concorrer de novo, com outros bilhões, por uma vaga bem sucedida nessa sociedade porca. ζ

Voltamos a pé pra casa rindo muito deste e de outros argumentos engraçadíssimos que Jean usou em seu manifesto. Realmente, se houvesse uma opção de escolha, será que todos iriam querer nascer nesse mundo doente?

ζ O Mundo tá muito doente. Tem gente que mata. Tem gente que mente.

25 de agosto de 2003

Invasões e baixa tecnologia
Salte Fora e Puxe a Descarga
(ataque dezessete)

Nesse século que se inicia estamos vivendo uma época de profunda confusão. Quem não está confuso ou está mal informado ou está sendo desonesto consigo mesmo. Ninguém sabe o que está acontecendo e ninguém sabe pra onde estamos indo.

Ficamos muito impressionados com o manifesto que Jean escreveu sobre o bebê que não queria nascer. Ficou um enorme sentimento de desesperança no ar. Não dá vontade de correr atrás das coisas quando se sabe que é impossível alcançá-las.

Era esse o clima na kitnete dos Delinquentes na sexta-feira à noite, depois do aborto no shopping center. Cada um acabou fazendo um breve perfil de sua condição neste mundo de bosta.

Saquem nosso perfil.

Vinícius estuda e batalha pra passar num vestibular enquanto faz bicos como músico. Jean trabalha de moto num serviço de tele-entrega e todo começo de ano volta a estudar e todo meio de ano desiste de estudar. Eu, trampo num escritorzinho sem futuro. Fábio mora com os velhos, tenta sair de casa e vive fazendo planos de vida mirabolantes sem nunca levar nenhum a sério e Sérgio é uma dessas almas de artista, que nunca se encaixam na normalidade da sociedade.

Enfim, temos tudo pra dar errado, somos um caco de vidro esquecido na areia da praia, esperando alguém pisar em cima.

- Às vezes dá vontade desaparecer. - Vinícius, o pessimista.
- Esqueça o futuro, te contenta com o teu presente e te consola com o teu passado.
- Besta isso.

Jean foi o único que não ficou pessimista depois do ataque.

- O canal não é se contentar com o presente e sim potencializá-lo, fazê-lo valer a pena.
- Sérgio então se inspirou.
- Temos que valorizar os instantes.

A noite prosseguiu com mais uma daquelas nossas longas discussões filosóficas que não muito raro, dão em merda. Merda no sentido de que sempre acabam surgindo inspirações pra delinqüências diversas.

Sérgio queria empreender mais uma obra de Terrorismo Poético.

- Queria criar alguma coisa que simbolizasse essa vontade de sumir, esse desejo de desaparecimento.

Fábio, ainda com o orgulho abalado pelo ataque dos travecos, queria viver emoções mais fortes.

- Tô com saudade da ilegalidade, de cutucar a cobra com vara curta.
- Você é lóki.
- Podíamos invadir uma casa. - Interrompeu Sérgio.
- Pra fazer o quê?
- Uma performance de desaparecimento.
- Como assim?

- Se liguem na idéia que eu tive. Altos atos de Terrorismo Poético, só não sei como invadir a casa, isso não é comigo, mas a idéia eu tenho.
- Então fala que estamos curiosos.
- Entramos na casa, vamos até o banheiro e no lado do vaso deixamos todas as roupas de alguém. Como se o cara tivesse se despido ali dentro. Tudo; sapato, meia, cueca, tudo. E no vaso a gente deixa uma meia, simbolizando que o dono das roupas sumiu pela descarga. E com as roupas, talvez no bolso, uma carta de despedida.
- Que louco isso... - Vini curtiu.
- Muito louco mesmo!

Cada um então bolou um jeito de aperfeiçoar a idéia. Cada um mexeu na panela acrescentando seu tempero particular. Concordamos todos que podia ser uma casa da periferia, que a burguesia não merece tão poderosa obra de arte. Pelo menos em uma família, plantaríamos uma sementinha.

Jean e Fábio se encarregaram dos planos de invasão. Deram uma banda de moto pela cidade e escolheram um bairro. Deram uma banda, diga-se de passagem, em pleno horário de serviço do Jean. Fizeram aquilo que costumamos chamar de Subversão de Baixa Intensidade, SBI (Vini costuma dizer que andar sujo em ambientes chiques, também é SBI).

Sérgio, Vinícius e eu nos encarregamos da obra de arte em si. Enquanto Sérgio se internou sozinho na kit pra escrever os textos, eu e Fabio fomos até a casa de Társis, que já é quase um delinqüente, scanear imagens e preparar os documentos do desaparecido.

Tive uma idéia do mal. O cara iria se chamar Jesus Cristo e em todos os documentos colocamos uma imagem padrão do "filho do homem" como fotografia. Fizemos tudo direitinho. Data de nascimento: 25 de Dezembro de 0000. Filiação: Maria de Nazaré (não sei se esse é o sobrenome correto, mas ficou esse mesmo) e José/Deus (a parceria com deus dispensa sobrenomes). Órgão Expedidor: SSP-Belém.

As roupas cada um doou alguma coisa e no sábado à tardinha já estávamos com tudo pronto. Os guris escolheram o bairro Cidade industrial e três casas como alvo.

- Pelo menos numa das três a gente tem que conseguir entrar.
- Escolhemos umas que tem moral de a gente entrar pelos fundos.
- E aparentemente não possuem cachorros.

Os dois, principalmente Fábio, estão ficando especialistas em campanar bairros. Sábado à meia noite juntamos nossos apetrechos, pegamos o biarticulado Santa Cândida-Capão Raso e descemos no terminal Capão Raso, depois pegamos o Rondon. Marília não quis ir, estava se recuperando do estresse do último ataque e ainda não tinha nem aparecido na kit. Já estávamos ficando preocupados que ela fosse desistir do Maravilhoso Mundo da Delinqüência Juvenil.

Descemos e chegamos num boteco pra bebermos algo e nos concentrarmos um pouco.

- O que você acha Ari, é melhor começar pela casa mais fácil ou pela mais difícil?
- A mais fácil, contar com a sorte é o primeiro passo para conquistá-la.

Sáimos do boteco e nos embrenhamos numa rua pouco iluminada. Andamos umas seis ou sete quadras até que Jean fez sinal pra que parássemos. Olhou pra todos os lados,

prestou bem atenção nos ruídos e pulou o muro em que estávamos ao lado.

- Venham! - Cochichou.

Fábio tinha pulado quase ao mesmo tempo que ele e pulamos todos juntos logo depois. Era um desses terrenos vagos esperando por uma construção, especulação imobiliária. Fábio apontou para o fim do terreno, mostrando qual era a casa.

- Mas fiquem espertos porque a casa da esquerda, não a primeira, mas a segunda, tem cachorro e esses porras tem um fudido de um ouvido sensível!

Fomos até o muro da casa devagar, agachados em silêncio, brincando de hobbits carregando o um anel. Pulamos o muro um por um, menos Sérgio, o desajeitado, que precisou de três ajudando para conseguir. O quintal da casa era grande, tinha até uma horta. O Vegan Sérgio não se segurou e chutou umas verduras, enchendo os bolsos.

- Vamos fazer altos cremes de verdura com suco de couve quando voltarmos!

- Blarghh!!

- Pssiu!!

Atravessamos o quintal pé por pé até uma janela que guris falaram ser a do banheiro-alvo. Era uma janela fácil de abrir, dessas inteiras, que se empurra pra fora. Como sou o mais magro da turma fui o escalado para entrar. Se o vaso ficasse perto da janela era só jogar as coisas, mas também seria muita sorte ter as duas facilidades, janela fácil e vaso perto.

Enquanto entrei, Jean e Fabio ficaram cuidando em baixo da janela enquanto Sérgio e Vinícius montaram sentinela no resto das janelas da casa pra tentar ouvir se alguém acordasse. Coloquei tudo direitinho, as roupas ao lado do vaso, os sapatos, uma meia jogada num canto e a outra dentro do vaso. Quanto estava terminando minha tarefa pensei ter ouvido algo e me assustei. Estava sugestionado.

Com o susto levantei-me rápido, escorreguei no piso molhado e caí sentado. Foi um puta de um pacote. Doeu pra caralho. Fora o som do baque no chão, que assustou os dois que estavam no lado de fora.

- O que foi isso Ari? O que houve?

- Nada...nada.

Mas que estava doendo a bunda, isso estava. Escalei a janela pra voltar todo errado por causa da dor e me esforçando pra não gemer. Os guris me puxaram pelo braço e eu tomando todo o cuidado do mundo. Só que na hora que meu pés puf!, caíram no chão, a porra da janela se fechou de uma vez só, fazendo um tremendo de um barulhão. Sérgio e Vinícius, que não estavam ligados do que estava acontecendo ficaram indignados.

- Caralho! O que foi isso? O que vocês fizeram?

- Merda!

O cachorro que tinham falado começou a latir furiosamente e entramos todos em pânico. Corremos feito uns loucos em direção ao muro dos fundos. Não era a intenção, mas na correria acabamos pisoteando a horta toda. Eu corria que nem um manco por causa da dor no traseiro. Acabou que eu também precisei da ajuda de três pra poder pular o muro. Sérgio, obviamente, tirou sarro de mim.

- Viu como deus castiga?

- Vai te fuder, seu panocú!

Dessa vez atravessamos o terreno baldio correndo. "Os Cavaleiros Negros estão atrás de nós, corram hobbits, corram!" Saímos na rua de trás e corremos as seis ou sete quadras até o boteco em que tínhamos estado antes.

Ainda estava aberto. Era um bar boêmio, de madrugada e de cachaceiros mesmo. Resolvemos curtir a noite ali mesmo e ficamos até quase amanhecer o dia, nos vangloriando pra nós mesmos das virtudes de nossa obra de Terrorismo Poético.

Esse ataque acabou servindo pra recuperar nossos ânimos, pois se somos a ralé dessa sociedade porca, pelo menos temos a arte em nossos corações e o que é melhor: arte não corrompida.

Sexta-feira, Agosto 29, 2003 :::

Ataque público

Ali Babá e as Dez Mil Baratas

(*ataque dezoito*)

Se você odeia shopping center, ir ao cinema tornou-se um programa incômodo. Se você não dispõe de muita grana, ir ao cinema tornou-se um programa caro. Todos os cinemas do centro da cidade fecharam, Curitiba ainda tem alguns, mas em cidades como São Paulo eles simplesmente desapareceram. Restaram apenas os pornôns, que provam seu valor de contestação de tabus sobrevivendo como marginais.

Essa introdução foi pra contar de um ataque que a horas já tínhamos planejado. Desde o dia em que Jean surpreendeu a todos deixando uma caixa de baratas no salão de beleza, queríamos repensar esta idéia.

- Cara! Soltar uma porrada de baratas num shopping center num dia que tiver lotado é do caralho!

- Pode crer!

Jean tinha conseguido todas aquelas baratas naquela vez porque tinha ajudado na faxina do depósito onde trampa. Na hora teve a idéia brilhante e catou todas que conseguiu, respondendo que era comida pra iguana da namorada a todos que perguntavam intrigados porque ele estava juntando tantas baratas.

Conseguir baratas na quantidade suficiente revelou ser o primeiro grande problema. Como soltá-las no shopping sem ser flagrado pelas câmeras de segurança foi o segundo. Jean estava perigosamente otimista.

- A gente pode ir na Shopping Curitiba, que tem aqueles canteiros com flores que o povo fica sentado e soltar as baratinhas no meio das flores.

- É, até dá, mas analisando as imagens das câmeras os caras vão se ligar em quem fez.

- Tens razão...

Fui eu quem teve a idéia do cinema, resolvendo antes o segundo problema.

- Podemos soltar as baratas dentro de um cinema.
- Dentro de um cinema?
- Porra Ari, aí já é terrorismo puro e simples.
- Nada véio, a gente pode deixar umas mensagens pra galera ver quando acenderem as luzes.
- Que mensagens?
- Vocês fecharam os cinemas do centro da cidade! Vocês me obrigam a vir aqui! Vocês racham comigo o caríssimo aluguel e por aí vai.
- Não é uma má idéia...

A gurizada começou a se empolgar com a idéia. Fábio foi o primeiro a se animar.

- E é limpo, no escuro ninguém vê nada, todos concentrados no filme.
- Rapaz, - Vinícius começou a rir. - Imagine só, quando se ligarem será tarde demais, as baratas já invadiram toda a sala de cinema!
- Genial!
- Mas tem que ter barata pra caralho.

Restou então resolver o primeiro grande problema. Como conseguir baratas pra caralho? Pensamos em mil e uma soluções, cada uma mais estrambólica e furada que a outra.

- Se formos na lanchonete ali da esquina acho que conseguimos umas quinhentas.
- Vai tomar no teu cú, fala sério.

A solução acabou vindo através de um e-mail do Antonio Silvino, do grupo dos cangaceiros de São Paulo que tinham feito um ataque sincronizado com a gente. Conteí pros piás.

- Ele falou que existe uma lenda de que se deixarmos umas baratas dentro de uma caixa de papelão lacrada, após alguns dias elas se multiplicam e enchem a caixa.
- Sério?
- Não sei, a gente tinha que checar.

Vinícius lembrou então de uma mina que faz biologia na federal. Procurou o número na agenda e saiu pra ligar de um orelhão, pois o telefone da kit está cortado de novo.

Voltou em estado de graça.

- A mina falou que dá certo! Olha como ela explicou: se você colocar dez baratas na caixa hoje, ainda hoje elas colocarão ovinhos. No segundo dia estes ovinhos já terão se transformado em dezenas de baratinhas. No terceiro dia essas baratinhas já estarão botando seus próprios ovinhos. Sacaram?
- Que massa, lôco!!!
- Em dez dias já vai ter mais de mil baratas. Se fizermos dez caixas teremos dez mil baratas!

A idéia teve o efeito de uma bomba entre nós. Cada um abraçou com vontade sua tarefa. enquanto Sérgio, Jean e Fábio ficaram montando as cixas, fui com Vinícius e Marília no lixão catar baratas. foi divertida pra caralho nossa aventura no lixão. Munidos de sacos

plásticos e luvas de borracha reviramos tudo em busca das bichinhas.

Acabamos achando e levando pra casa um monte de coisas legais. E acabamos conhecendo um monte de catadores de lixo legais também. Ser a escória e viver de achar coisas faz deles pessoas com uma visão de mundo maravilhosa. O Palestino do Cotidiano que o Sérgio falou. Voltamos pra casa impressionados e com umas trezentas baratas.

As caixas que os guris montaram ficaram fora de série. Sérgio apresentou o resultado orgulhoso.

- Cada uma delas é uma cidadela.

Montaram só sete.

- São as Sete Cidades .

- Olha o que eu fiz. - Fábio apontou pra uns buracos na lateral das caixas. - Aqui é a entrada de serviço, você puxa esse cordãozinho e tem acesso a um buraco pra jogarmos comida pras nossas procriadoras.

Jean mostrou um papel com a "planta" das cidades, colocaram pranchas de papelão e assim construíram vários ambientes. A maior viagem. distribuímos as baratas nas caixas e nos cobrimos de toda a paciência do mundo pra esperar pelo resultado.

Depois de uma semana já dava pra ver que a parada estava funcionando. Sacudindo as cidadelas dava pra notar que já tinha barata pra cacete lá dentro. Nessa semana chegamos à conclusão que já tinha quantidade suficiente pra montarmos nossas "bombas de baratas", marcamos pra quinta-feira à noite a ação. Escrevemos vários panfletos pra jogar no chão e colar nas poltronas.

Entramos no cinema todos separados carregando mochilas nas costas como se estivéssemos voltando da aula. Só Vini e Marília que entraram juntos como namorados.

Estávamos ansiosos, todos com um sorrisinho no rosto e meio que olhando pros lados e analisando a laje das vítimas. Coitados.

O combinado era que na hora em que apagassem as luzes sincronizássemos nossos relógios. Após meia hora de filme soltaríamos nossas bombas. Acabamos adquirindo uma verdadeira paixão por aqueles bichos, eram como se fossem nossas tão estimadas filhinhas.

Aguardamos impacientes a primeira meia hora, nem conseguimos prestar atenção no filme. Só pensávamos em soltar as bombas, soltar as bombas, soltar as bombas. Quando venceu o prazo abri minha mochila, tirei a bomba (as baratas estavam em sacos plásticos, era só furá-los com o dedo para acionar), coloquei cuidadosamente no chão e abri um salgadinho pra disfarçar. Levantei e pedi licença fingindo estar indo ao banheiro e fui me encontrar com o resto da turma pra aguardarmos o desfecho. Fui ao banheiro e encontrei Vini e Marília, os dois se espremendo de vontade de rir.

Quando todos chegaram confirmando que tinham soltado as bombas voltamos ao

cinema. No ambiente escuro o clima era de total expectativa entre nós. Meu coração acelerava cada vez mais a cada minuto que se arrastava pra passar.

Foram dois longos minutos até que ouvíssemos o primeiro gritinho de susto vindo lá da frente.

- Tem barata aqui!
- O que foi? Onde?
- Aqui, aqui, aqui!!
- Pssssiu!!!

Era um casal de namorados. O cara tava tentando disfarçar e acalmar a mina. ficaram murmurando não sei o que baixinho até que deram um outro grito no outro lado da sala.

Assistíamos a tudo extasiados.

- Tem uma barata na minha perna!!

O casal de antes, ao ouvir isso, acho que se ligou que alguma coisa muito estranha estava aconteceu e saiu fora em direção à saída. Mais pessoas começaram a ficar desconfiada. Vinícius se partia de dar risada. Mais gritos.

- Isso é um absurdo!
- Onde está a higiene disso aqui?

Algumas pessoas começaram a sair e se dirigir à bilheteria exigindo seu dinheiro de volta. Liberou umas poltronas e sentamos todos juntos, longe de onde tínhamos deixado as baratas, é claro, pra curtir a cena e dar risadas. O bafafá já era grande dentro da sala e podíamos rir bastante sem despertar suspeitas.

Gritos de "ai que nojo" para todos os lados, pessoas se dirigindo à saída, o bicho estava pegando quando acenderam as luzes. Os que saíram antes não viram nada, mas quem esperou as luzes acenderem viu nossos panfletos, tínhamos deixado um monte esparramado pelos corredores.

A mensagem, afinal de contas, foi passada. A direção do shopping foi rápida no gatinho pra evitar o escândalo. não sei qual foi o genial gerente a ter a idéia, mas devolveram rapidinho dinheiro pro povo e ainda deram mais um ingresso de brinde.

Lutar contra o capitalismo é mesmo foda, os caras são muito ensaboados e o dinheiro compra tudo. De nossa parte recusamos o presente e saímos fora realizados. Orgulhosos de nossas filhinas. Orgulhosos de nossa prole.

Saímos do Shopping com a adrenalina a mil, foi um de nossos ataques mais arriscado, diferentemente de invadir casas estávamos expostos a uma multidão de pessoas e sem dúvidas seríamos presos se fôssemos pegos. Fomos até um botequinho nas proximidades e tomamos A cervejada pra comerar. Menos Sérgio, o Vegan, que não bebe.

O São Gulik da religião dos [Discordianos](#) é uma barata. Dedicamos esse nosso ataque a ele.

Domingo, Setembro 07, 2003 :::

Retomada do espaço urbano e defesa do vandalismo em detrimento à propaganda de mercado

Tá Vendendo Aquela Calçada Ali Seu Moço? Escrevi Meu Poema Lá (*ataque dezenove*)

Muitas pessoas afirmam que tentar passar uma mensagem sem se importar com os meios é um crime. Argumentam isso toda vez que invadimos casas ou qualquer outro espaço privado para fazermos nossos Terrorismos Poéticos. Concordaria com esses argumentos se não existissem tantos out-doors poluindo nosso campo de visão. Se for assim, então socar propaganda goela baixo também é crime. Uma vez definido isso começamos então a nos entender.

Partindo desse ponto de vista, o que a Prefeitura de Curitiba fez, ao privatizar os pontos de ônibus, é crime. Crime contra a Imaginação Pública, entupindo a cidade de propaganda. Os pontos agora possuem um enorme e luminoso painel publicitário, que além da poluição visual, ainda atrapalha a passagem de pedestres. Não adianta, pedestre sempre se fode. Na kitinete dos Delinquentes, aquele antro de inconformados, a indignação quanto à isso foi grande.

- É muita sacanagem, ponto de ônibus é um lugar público - Vinícius é o mais indignado.
- Ainda se fossem informações úteis...
- É, um mapa da cidade ou alguma coisa do tipo.
- Mas não, é só telefones celulares, concessionárias de veículos e etc.

Agora uma pergunta, que é mais terrorista, nós que invadimos casas pra expor nossos quadros ou eles que invadem nosso cotidiano pra nos convencer de mentiras, induzirem-nos a falsas necessidades?

Óbvio, chegamos à conclusão que são eles, pois ganham dinheiro com isso. Perto deles invadir casas não é nada. Jean começou a contar que as principais técnicas de propaganda usadas hoje em dia foram criadas e testadas pelos nazistas.

- Disso ninguém fala.

Concluimos que nosso próximo ataque deveria ser em relação à isso, retomada do espaço urbano, sabotagem publicitária, enfim, mais uma ação de Terrorismo Poético. Vinícius parecia ser o mais inspirado.

- Se você analisar bem, as cidades estão organizadas de modo a nos condicionar a pensar de um certo modo, a fazermos somente certas coisas e nos comportarmos de uma certa maneira.
- Tudo bem, muito bonito esse discurso, mas e daí?
- Vamos bolar algo, injetar uns vírus nesse sistema condicionante.

Ficamos nessa uma cara, viajando nas possibilidades, porém com mil críticas e nada prático e concreto para fazermos. Jean e Fabio quase fundiram os cérebros pensando em

algo. Nessas horas parece que o descaso resolve. Sérgio, que não estava nem aí pra bagaça, foi quem trouxe a solução. Logo ele, que ainda estava curtindo o sucesso de sua idéia concretizada, o cara que sumiu pela privada. Mas não curtiu que o cara se chamasse Jesus Cristo.

- Muito clichê.

Mas tudo bem, agora são águas passadas e nada nos impede de reutilizarmos a idéia outra vez, sem equívocos.

- Quero escrever poemas.

- Ué, escreve, ninguém está te impedindo.

- É, escreve. - A galera não perdoa, é sarcástica mesmo.

- Mas eu queria eternizá-los

- Ih! Lá vem discurso...

Foi uma coisa absurda. O que tipo de idéia demente que, na boa, não existe, só mesmo sainda da cabeça delirante de um artista plástico sem o que fazer. Saca só a do cara:

- A gente cimenta uma calçada, vestidos de funcionários da prefeitura, joga cimento por tudo, eu escrevo os poemas em baixo relevo e depois deixamos tudo coberto por uma lona preta. Local interditado, uma placas, tão ligados?

Todos rimos, rimos não, gargalhamos. É o fim da picada! Onde fomos parar? Claro que uma idéia dessas não podia passar batida. No ato pensamos na mãe do Fábio, que é costureira e já tinha feito os trajes de padre do dia em que abençoamos o banco, pra providenciar os macacões necessários para pôr em prática o plano de Sérgio Augusto.

Roupas de garis da prefeitura, mais cones e aquelas tiras listadas que os caras usam pra isolar a área. Fora cimento, areia, pá, cimento e o escambau.

Um idéia, como diria Nelson Rodrigues: difícilzinha, mas extraordinária. Uma idéia que nos seduziu devagarinho, feito conversa de boteco. Jean e Fabio se encarregaram da parte civil. Massa de cimento, areia, ferramentas e a logística, entenda-se transporte da tralha toda. Eu e o resto do pessoal cuidamos das roupas, placas e demais apetrechos.

Fizemos tudo no fim de semana. E estava fazendo um frio desumano em Curitiba, sem sol e com um vento fudido. Vinícius e Marília, os românticos da hora, saíram juntos pra escolher as calçadas. Mais uma vez optamos por um bairro classe média, pois a burguesia não merece tal prêmio.

A parte da mãe do Fábio até que foi fácil, afinal trata-se de uma profissional da costura, foda mesmo foi pintar o logotipo da prefeitura nos macacões. Ainda bem que Sergio deu o sábio toque de fazermos dois a mais, para o caso de cagada. Ferramos exatamente com dois, Deus é pai não é padrasto.

Jean e Fábio conseguiram o material de pedreiro e uma pick-up do trampo do Jean.

- Aluguei eles de que precisávamos fazer a mudança da kitinete.

- E precisamos mesmo, essa porra tá pequena.

Marcamos a ação pra Terça-feira à tardinha, afinal os funcionários da prefeitura só trabalham de dia e não queríamos que a obra ficasse um dia inteiro com o cimento fresco dando sopa. Algum curioso poderia meter o bedelho e ferrar com tudo. À noite as chances de isso ocorrer são menores. Pra mim e pra Jean, que trampamos, foi necessário enrolarmos nossos respectivos chefes pra sair mais cedo.

Fomos todos juntos, Agachados & Felizes na carroceria da pick-up, com Jean de motorista paunocuzeando a três por quatro fazendo curvas bruscas pra ferrar com a gente. Na porta do carro: a logomarca da prefeitura improvisada. Só que ela ficou tão horrível que era só dar uma olhadinha com mais atenção e você se ligaria que se tratava de uma palhaçada. Jean então encostou pra que descêssemos com o material e foi estacionar longe do local do crime.

Eu e Vinícius colocamos os cones, as faixas e as placas: *Homens Trabalhando* e *Desculpe o transtorno, estamos trabalhando para embelezar a sua cidade*. Fábio e Jean abraçaram a função de pedreiros. A argamassa já tínhamos deixado pronta pra facilitar as coisas. Esparramaram pelo chão e fizeram a *planagem*, não sei se esse é o termo correto. Sérgio ficou só olhando, com um ar insuportavelmente superior.

- Trabalhem seus manés, aos artistas só cabe o trabalho estético.
- Cala a boca!!!

Nesse meio tempo passou uma senhora com uns setenta e não sei quantos anos e doze pães numa sacola, estava voltando de uma padaria.

- Ah, vão ajeitar a calçada? Já era em tempo, está toda quebrada.
- A senhora vai gostar, isso podemos garantir. *Vinícius*, dando uma de cavalheiro.
- Vão ajeitar a rua inteira?
- Gostaríamos. Gostaríamos muito, mas infelizmente hoje só vai dar pra ajeitar essa.
- É, mas a senhora vai gostar.

Segui pra sua casa com um sorriso no rosto e nós ficamos *poetando*, também com sorrisos no rosto. A parte do cimento até que foi rápida, Sérgio que se amarrou pra escrever o poema, fez uma embromação do caralho. Não queria dizer o que estava escrevendo e nem deixou ninguém vê-lo escrever.

Por fim ergueu a lona um pouco e nos deixou vislumbrar a obra:

Os meus sonhos afogavam as minhas tristezas, mas as minhas tristezas aprenderam a nadar.

Ficou perfeito, o cara ainda jogou umas tintas e o resultado ficou psicodélico em todos os seus aspectos. Recobrimos com a lona e sorrimos satisfeitos. Foi fácil, muito fácil e ainda por cima sobrou um montão de cimento. Quando vimos o quanto tinha sobrado olhamos uns para os outros.

- Não podemos desperdiçar tudo isso. *Fábio*, pensativo.
- Vocês viram que não foi difícil, o povo nem desconfiou de nada.
- Poderíamos sacanear um bairro burguês.
- Bora, então.

Fabio encasquetou que queria cimentar a calçada diante da casa em que tinha mandado seu primeiro poema com estilingue, naquele que foi um de nossos primeiros ataques. A autoconfiança é algo perigoso, mas como era eu quem estava falando ultimamente que contar com a sorte é o primeiro passo para conquistá-la, acabei topando.

Subimos todos em cima da pick-up a partimos pro segundo tempo de nossa intervenção. Jean conduziu a viatura até o Jardim Social e mais uma vez estacionou pra que descemos com o material. Colocamos os cones e outros itens e Fábio imediatamente começou a espalhar o cimento. Desta vez não estávamos tão tranquilos. Sérgio olhava nervoso para os lados.

- Olha galera, acho isso precipitado, sei que vocês já tem uma certa experiência, mas acho que essa porra não vai dar certo. Espero vocês naquela lanchonete.
- Vai seu cagão.
- Ele não deixa de Ter razão, apura aí com essa merda. ζ Eu e Vinícius também estávamos cabreiros.

Fabio terminou de aplinar o cimento e na hora em que estava escrevendo saiu um senhor de dentro da casa. Pela sua cara, não era muito simpático, parecia invocado. Provavelmente vacinado contra vandalismo desde o dia em que recebeu um poema através de sua vidraça quebrada. Fabio enfiou sua cabeça sob a lona preta e ficou escrevendo enquanto Vinícius ficou dando explicações.

- O que vocês estão fazendo?
- Estamos corrigindo umas imperfeições da calçada.
- Imperfeições? Ninguém aqui reclamou nada pra prefeitura.

Imediatamente sacamos que aquilo não tinha como terminar bem. Pisquei o olho pra Jean e fiz um gesto discreto em direção aonde o carro estava estacionado. Jean saiu fora e ficou dentro do carro enquanto vini seguiu discutindo com o morador.

- Fique tranquilo senhor.
- Vocês são mesmo funcionários da prefeitura? Tem algum documento de identificação?

Realmente, tiozinho esperto, se ligou que alguma coisa estava errada. Fiz um sinal pra que Jean viesse com o carro. Estacionou e jogamos tudo sobre a carroceria. Fabio tinha terminado sua frase que nem chegamos a ver.

- Estamos indo, concluimos nosso serviço
- Esperem, quero ver os documentos de vocês.

Saímos literalmente correndo, fugindo. Uma vez todos em cima do carro Jean acelerou e saímos cantando pneu. Ainda bem que Jean tinha improvisado uma placa falsa.

- O que você escreveu, Fábio?
- ζToda propriedade é um rouboζ - A mesma frase de sempre.

Olhamos pra trás e ainda vimos o morador misturando o cimento, completamente indignado. Não deve ter gostado da frase. Rimos pra caralho e paramos num boteco pra

comemorarmos. Da próxima vez, precisamos tomar mais cuidado, pois o que era pra ser simples, quase acabou em merda.

Segunda-feira, Setembro 08, 2003 :::

Um cacho de bananas e ataques a propriedade

As Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas Geneticamente Modificadas

(ataque vinte)

No último sábado aconteceu o segundo Flash Mob Curitiba. A fantástica mobilização relâmpago reuniu cerca de uma pessoa na praça de alimentação do Shopping Curitiba. O elemento solitário ficou em torno de dois minutos em pé ao lado de uma mesa portando uma sacola de bananas, logo depois dispersou--se. Um evento espetacular .

Infelizmente era eu o elemento solitário da cômica mobilização. Estava com uma gripe do cassete e foi um parto me arrastar até aquele antro do consumismo. Voltando pra casa eu era todo indignação. Ainda mais que nenhum dos outros delinqüentes é chegado em Flash Mobs e estariam todos me esperando na kitnete, ansiosos para rirem da minha cara até me deixar me deixar puto .

- E ai Ari? Como foi ?
- Um sucesso! Eu e mais ninguém.

Olharam pra minha sacola cheia de bananas e se partiram de dar risadas.

- Porra véio! Quer dizer que não foi ninguém?
- E o que você vai fazer com essas bananas?
- Enfiar no cú de vocês!
- Estressadinha a boneca.

Era inútil tentar me defender, os malas tinham razão em tirar sarro. O que eu fiz não foi pagar um mico no shopping, o que eu paguei foi um gigantesco King Kong com mais de dez metros de altura. Muito foda, até as dores de cabeça e de garganta que tinham dado uma aliviada voltaram. Me deitei num dos colchões no chão da kit e apaguei, tentando esquecer do mico e da gripe.

Sonhei com o personagem do Tony Ramos daquela novela Torre de Babel que vivia noiado em explodir o shopping. E no meu sonho ele explodia o shopping em todos os capítulos. Eterna recorrência.

Não sei dizer se era sonho ou pesadelo. Acordei horas depois com Fábio chacoalhando o meu braço.

- Ari! acorda, Ari!
- Há, o que foi?
- Tá melhor?
- Tenho uma surpresa pra ti. Talvez te anime um pouco.
- Que surpresa?
- Olha só isso.

Ao lado da minha malfadada sacola de bananas tinham outras três, do mesmo tamanho. Juro que não entendi o que significava aquela palhaçada.

- Que merda é isso, seu viado?
- Calma Ari! Trata-se de material para nosso próximo ataque.
- Que ataque? Você tá ficando louco ?

Eu estava mais perdido que filho de puta em dia dos pais e ainda mal humorado por causa da gripe.

- Alguém pode me explicar que merda está acontecendo por aqui ?

Então Fábio fez uma longa e didática explicação. Meu cérebro parecia engarrafado por causa da gripe, a cada dois minutos eu interrompia Fábio com um *¿* como assim *¿*?

Tratava-se de algo que a horas eu queria fazer, mas não me ocorria exatamente o que. Eu queria bolar uma ação que dissesse respeito aos transgênicos e que se possível fosse ambientada num supermercado. Foi invadindo minha privacidade e fuçando nos meus e-mails que recebi, que os guris compilaram o plano. Mostraram-me um estilete, um rolo de durex, algumas tirinhas de papel e mais umas coisinhas.

- Preste atenção velho Ari. Marília conseguiu uma lista do Greenpeace com os alimentos que utilizam transgenicos. Então a gente vai num supermercado e com o estilete faz um corte na embalagem e enfia mensagens de alerta contra os transgenicos. E depois cola com durex.

Fiquei mudo, apenas tossi sem conseguir rir da demência do plano. Vinícius parecia animado com a idéia.

- Ari, pode ser divertido, agente pode enfiar um pedaço de alface numa caixa de sucrilhos. Sucrilhos geneticamente modificados.

Realmente, não era ma idéia , principalmente se não levássemos em consideração o risco de sermos flagrados por câmeras ou vigilantes.

- Nada! É só sermos discretos e caras de pau e isso eu te garanto que somos.

Mas ainda faltava um detalhinho.

- E as bananas?
- Enfia no rabo...

Pronto. Caíram todos na gargalhada. Aquelas bixas nunca perdem uma oportunidade para sacanear.

- Tô falando sério, seus merdas.
- Calma Ari, essas bananas são pra Segunda parte do plano, pra sensacional saideira.
- Saideira?
- Sim, vamos no estacionamento e enfiamos elas nos escapamentos dos carros.
- Pra que isso?
- Bom, além de protestarmos contra o excesso de automóveis nas cidades ainda

deixamos um papel nos pára-brisas avisando para tomarem cuidado com as bananas transgênicas.

Sensacional! Foi o tiro de misericórdia para acabar com minhas dúvidas. Se precisassem de alguém pra enfiar a banana no rabo de algum carro, poderiam contar comigo.

- Só tem que ser logo.

- É, pra ser massa, tinha que ser hoje.

Sábado à noite é uma hora em que os supermercados estão cheios e marcamos a ação pro Sábado mesmo, no Mercadorama do Bigorriho.

Chegamos logo depois das oito e Vinícius entrou abraçado com Marília, eram o casal fazendo as compras do mês, cada um com um carrinho. Eu e os guris ficamos dando bandas dentro supermercado desbaratinando enquanto esperávamos pra agir na fase das bananas. Sérgio não foi, se revoltou com todos por causa da cagada feita no ataque da calçada. Estava gelando a turma.

Vinícius e Marília trataram logo de encher os carrinhos com as *compras*. E então disfarçadamente faziam os cortes com os estiletos e enfiavam os aditivos. Foi alface nos sucrilhos (e um papelzinho com a frase: cuidado com a terrível alface transgênica assassina). Baratas em geleias (baratas, como outros bichos escrotos, gostam de transgênicos e outras porcarias). Serragem em açúcar (as canas transgênicas assassinas são estranhas). Enfim, uma tremenda sacanagem.

Na verdade ferramos apenas com os donos do supermercado, pois os clientes, assim que vissem as mercadorias alteradas, simplesmente devolveriam ou trocariam. Quem levaria o *prejuízo* seria mesmo a rede Mercadorama. Depois de colocar as coisas eles davam umas voltas pelas prateleiras e devolviam as mercadorias aos seus lugares. No fim abandonaram os carrinhos cheios e deram o sinal pra partirmos pra segunda parte do plano.

Era a fase mais foda, a mais adrena. Tinham três fileiras de carros. Cada um escolheu uma tomando todo o cuidado do universo pra que não fossem vistos pelo guardião nem disparássemos nenhum alarme. Deitei no chão e me arrastei por debaixo do primeiro carro. Tava escuro lá embaixo e tive que esperar pra vista acostumar e conseguir enxergar o escapamento. Primeiro usei uma varetinha pra enfiar uma bucha de papel. Depois entupi a porra do escapamento com bananas. Era Vectra preto. Juntei as coisas e me arrastei até o próximo carro.

Fazia horas que não empreendíamos um ataque tão *cagaçento*, meu coração a mil e minhas mãos suadas. O segundo carro deu pena. Era um fusca e fuscas não merecem. Deixei o fusca intacto. O terceiro carro era um Kadet cinza, mandei ver. Lá pelo quinto carro eu já tinha pego as manhas e estava trabalhando rápido, só não conseguia enxergar os outros guris.

Demorei mais ou menos uns vinte minutos pra terminar minha missão. Quando saí do outro lado do estacionamento os piás já estavam lá.

- Porra, demorasse!

- Tava fazendo o que? Piquenique com as bananas?
- Cara! Juro que pensei que estava sendo rápido!

Quando Vinícius viu que tínhamos acabado tudo atravessou o estacionamento com Marília colocando nos pára-brisas papéis com a seguinte frase:

;&Cuidado com As Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas!!;&

Cômico. Hilário. E não precisa dizer mais nada.

Nos reunimos na saída do supermercado e simulamos uma fila no orelhão pra ficarmos aguardando o resultado. E não demorou. Logo saiu um gordão cheio de sacolas com carne. Abriu o porta-malas de seu Palio, jogou as coisas, entrou no carro e tentou dar a partida. Nem se ligou no papel no pára-brisa.

Tiziziziu! Tiziziziu! Nada. O carro não pegou. Foi então que ele se ligou no recado das bananas no vidro. Leu, olhou para os lados desconfiado e tentou dar partida de novo, obviamente sem sucesso. Saiu do carro pra tentar descobrir o que estava acontecendo com seu carro e então ouviu outro carro, a uns dez metros dali, também engasgando.

Foi conversar com o dono do outro carro levando o papel com a frase da banana. Conversaram um pouco. Dava pra ver de longe que estavam desconfiadíssimos. Quando o terceiro carro também não pegou os dois foram conferir o escapamento e tiveram a revelação: estavam sendo vítimas das Terríveis Bananas Assassinas Transgênicas.

Quase nos cagamos rindo. Não dava pra segurar, a cena toda era muito engraçada. Nenhum carro no estacionamento estava pegando. Logo começaram a se formar grupos de pessoas indo reclamar com a gerência. Negadinha enfiando pauzinhos pra tentar tirar as bananas, mulheres reclamando, crianças aproveitando a deixa pra fazer festa no estacionamento, show, completamente show de bola. E então o mais engraçado de tudo, no meio de todos aqueles carros novos engasgados, eis que o fusquinha que eu tinha poupado funciona e sai cheio de moral com uma velhinha simpática na direção. Saiu sorrindo e dando tchauzinhos pro povo.

Demos um tempinho e saímos fora pra não darmos bandeira. Todos riam, menos eu que só tossia por causa da gripe. Não dava pra rir que a tosse vinha. Tossi tanto que quase cuspi os pulmões pra fora. Foi massa. Acabei melhorando mais da gripe com esse ataque do que com qualquer Benegripe ou chá quente.

Delinquência Juvenil também é homeopatia.
Podes crer que é.

=====

PS.: Este ataque é dedicado três personalidades raras.

Juca Sassafrás, o delinquente contra a mídia, que deu a idéia dos recados dentro das embalagens

Duque das Mil Faces, o delinquente invisível que deu o toque de como colocar as mensagens

e o delinquente juvenil chamado **Ocho**, que em um de seus delírios, profetizou a ação das bananas.

Sábado, Setembro 13, 2003 :::

Fé Cega, Pé Atrás & Um Monte De Gente Batendo À Porta
(*ataque vinte e um*)

Futebol, política & religião não se discute, certo? Errado. Se discute e se discute muito, por isso a razão da existência desse ditado. Intermináveis argumentações e não raros chiliques nervosos e agressões físicas. São assuntos maravilhosamente polêmicos e o problema não está na polêmica. O problema está na intolerância.

O arranca-rabo começou na kit dos delinquentes quando Marília contou que tinha sido professora de catequese e Vinícius, seu próprio namorado, começou a esculhambar.

- É ridículo, a igreja católica é muito ridícula, como podem batizar uma criança que não tem ainda a mínima capacidade para escolher.
- É costume, tradição, cultura.
- Cultura o cacete!

Jean, Sérgio e eu começamos a dar uns pitacos e a discussão pegou fogo. Só pra azarar e colocar ainda mais pimenta no molho resolvi defender as posições de Marília.

- A parte ritual da missa católica eu acho massa.

Vinícius, o niilista, dava pulos de dois metros de altura.

- Massa? O que é massa? Os caras comungam e depois vão pra casa beber e bater nos filhos.
- Isso é geral, não atinge só os religiosos.
- Mas um religioso fazer isso é muita cara de pau, você não acha?

O debate foi interrompido com a chegada do Fábio, careca, com a cabeça completamente raspada.

- Caralho! O que foi isso, véio?
- Raspei ué, não posso?
- Mas pra quê?
- Tava de saco cheio de me olhando mesmo jeito no espelho, precisava dar uma mudada no look.
- Ficou ridículo.
- Parece uma bexiga.
- Vão tudo se fuder!

Imediatamente já mudou de assunto perguntando o que estávamos discutindo.

- Dava pra ouvir gritos de exaltação lá do outro lado da rua.

- Religião, discutiamos religião.
- Não boto fé, esse tipo de coisa não se discute.

Mas não teve jeito, o assunto avançou madrugada a dentro. Vinícius estava inconformado com

Marília. Todos estranharam, porra, logo ele que não se importava com nada. Acabou com ele intimando todos a executarmos mais um ataque, envolvendo religião.

- Mas o que?
- Uma ação para demonstrar com todas as religiões estão certas e erradas ao mesmo tempo.
- Mas como isso?
- Sei lá, acordem seus neurônios.

Então contei de um e-mail que recebi de um cara que assina com o nickname de Sabotage, em que ele sugeria que escolhêssemos uma casa e que de tempos em tempos enviássemos cartas de diferentes religiões convidando para algum evento. Todos custando alguma grana.

- Rapaz! Não é uma má idéia. - Vini se empolgou no ato.
- Só que mandar coisas pelo correio é muito palha.
- Podemos ir pessoalmente.
- Como assim? Juro que não entendi.
- Pois não, olhem para o Fábio.

Todos olharam. Entenderam menos ainda.

- Veja só não parece um hare-krishna? Falta só aquele vestido.

A gargalhada foi geral. Com uma roupa adequada ele poderia muito bem passar por um monge tibetano. Mais alguns detalhes acertados e o plano foi definido e aceito. Seria uma peça de teatro invisível, nos moldes daquela em que discutimos propriedade privada no boteco. Cada um tratou de escolher seu papel. Vinícius tomou a frente.

- Serei católico!

Fábio, seria budista. Jean que sempre sonhou em ter barba, optou por ser um rabino. Sérgio que é negão seria do candomblé. Sobrou pra mim ser evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus. Marília quis ficar de fora.

Quanto ao local do ataque desta vez nossa decisão foi definitiva: esquecer a burguesia. Chega de querer destruir a burguesia. Destruí-la implicaria em colocar alguém no lugar e isso só significaria trocar os nomes dos bois. A burguesia já cumpriu seu papel na história, a questão agora é supera-la. Mais uma vez então, escolhemos um bairro da periferia para nossas atividades.

Sérgio falou com um conhecido que pratica capoeira e conseguiu umas roupas parecidíssimas com as de um pai de santo, um sarro. Até um cachimbo de pau pra da um toque final. Pra mim ficou fácil, uma simples calça social, um sapato careta e uma Bíblia em baixo do braço já fazem de você um evangélico.

Vinícius também não precisou de muitas indumentárias pra travestir-se de católico.

Fábio e Jean que se fuderam. Fábio penou pra encontrar um tecido adequado e convencer sua mãe a costura-lo. Com aquela cara e o seu currículo de vida, a coroa estava desconfiadíssima de que ele queria realmente virar um hare-krishna. Jean só conseguiu trajes de rabino depois de trocentas ligações e depois de fazer contato com uma ex-namorada que participa de um grupo de teatro.

Marcamos a parada pra quinta-feira à tarde, eu passando o migué no trampo de que tive uma recaída da gripe e Jean, que trabalha a maior parte do tempo na rua, matando serviço mesmo. Nos encontramos todos na praça Tiradentes e pegamos um buzum pras quebradas da cidade.

Não tínhamos uma casa/alvo definida. Iríamos na tentativa até encontrarmos alguém que nos desse trela. Não foi tão fácil quanto imaginávamos, muita gente não dá trela pra missionários e crentes em geral. O ceticismo avança e só não sei dizer se isso é bom ou ruim.

Lá pelas duas da tarde alguém finalmente nos atendeu com atenção. Era um cara de uns trinta anos, desempregado, que estava em casa cuidando das crianças enquanto a esposa trabalhava no Pollo Shop numa perfumaria, Vinícius, o católico, foi a primeira visita.

- Bom dia senhor!
- Bom dia.
- Faço parte dos carismáticos.

Assim começamos. Vini convidou para um mocotó na sua paróquia e comentou que estavam clamando por os novos fiéis.

- Vinte reais o mocotó pra família toda e depois, se virar devoto, é só pagar o dízimo.

Vinícius despediu-se depois fui eu. Levei sorte , pois o cara era evangélico e até comentou que se tivesse dinheiro em casa contribuiria com minha causa de assistência social aos pobres. Sérgio, o pai de santo macumbeiro não teve a mesma sorte. Chegou de cara convidando o indivíduo para uma enorme matança de galinhas pretas.

- Uma cerimônia a Ogum, organizado pelo babalorixá Barbozinha de Oxalá.
- O senhor ponha-se daqui pra fora! Em minha casa não entra um adorador do diabo da sua marca!!
- Mas senhor...
- Eu já falei! Não me tira do sério!

Não teve jeito, Sérgio teve que enfiar seu rabinho ζsatânicoζ entre as pernas e tirar seu time de campo. Depois foi o budista Fábio, vendendo incensos e exemplares do Bagavad Gita.

- O quê? Eu não acredito! O senhor já é o quarto a bater em minha porta hoje.
- Isso é um sinal de que você deve lutar pra atingir sua harmonia interior, superar a dor.
- Harmonia interior? Superar a dor? Do que está falando?

Os três filhos do homem estavam espiando Fábio por detrás do pai, estavam se torcendo de rir. De certo nunca tinham visto uma criatura tão esquisita.

- Gostaria também de lhe convidar pra participar de um jantar vegetariano no nosso templo.
- Jantar vegetariano? ¿ O cara já parecia nervoso e impaciente.
- Sim, por apenas trinta e cinco reais.
- Trinta e cinco? Não, o senhor me desculpa, mas não tenho condições. Dá licença por favor.

E bateu a porta na cara de Fábio, que se comoveu e enfiou um envelope de incenso por debaixo da porta. O rabino Jean não demorou mais de cinco minutos pra aparecer. Quando olhou para os trajés de judeu começou a demonstrar explicitamente sua impaciência, colocando a mão na testa.

- Eu não acredito! Eu não acredito! Posso saber o que o senhor deseja?
- Quero convidar o senhor para ir em nossa sinagoga participar de um jantar para angariar fundos de ajuda para os israelenses vítimas dos terroristas palestinos.
- Vítimas do terrorismo palestino? Eu? ¿ O cara coçava o cabelo, já tava ficando com raiva.
- Apenas cinqüenta reais.
- Cinqüenta reais? Isso é um absurdo! Ponha-se daqui pra fora seu turco ganancioso!

Então damos início a nosso ato final. Enquanto o rabino discutia com o morador, o macumbeiro Sérgio voltou, com uma sacola que parecia conter uma galinha preta. O judeu indignou-se com aquela presença e os dois começaram a brigar. O rabino chamando o macumbeiro de satânico e o macumbeiro ameaçando soltar a galinha preta.

Os ânimos estavam alterados quando chegou o budista Fábio.

- Paz! Paz! A paz é mais importante que a discórdia! ¿ Então agachou-se e acendeu um incenso fedorento.

O ambiente estava caótico, o morador inquieto sem saber o que fazer, os meninos rindo que mijavam, quando chegou o católico carismático Vinícius que começou a rezar um padre nosso e jogar água benta nos três. Quando aproximei-me da casa o morador logo me reconheceu e me chamou, parecia confiar nos evangélicos. Cheguei perto estavam todos em frenesi, discutindo quem explorava mais os pobres, quem eram os capitalistas. Uma zona, quase impossível não rir, Vinícius quase não se agüentava. Mas foi só descobrirem que eu era evangélico que começaram todos a me criticar e me apontarem o dedo, até o pacífico hare-krishna. O morador saltou em minha defesa e a discussão pegou fogo. O pessoal gritava tanto que alguns vizinhos até foram à janela ver o que estava acontecendo e outros chegaram e se encostaram no muro da casa do cara apreciar a baixaria. Tinha um certo público, posso te garantir, palavra de delinqüente. Por fim me indignei e tomei uma atitude inesperada.

- Quer saber? Exploramos sim! Mas o dinheiro é muitíssimo bem aplicado na construção de novas igrejas.
- O quê?

Foi a gota d'água, o rapaz se indignou e correu a todos com ameaças de chamar a polícia. Nos dispersamos rapidamente, um pra cada lado com expressões furiosas nos rostos. Nos encontramos de ônibus rindo feito uns dementes. Foi muito engraçado. Com certeza aquela pessoa lembraria da cena para o resto de sua vida e para sempre alimentaria uma desconfiança contra esses pregadores. Pensaria sempre duas vezes.

Missão cumprida. Se existem deuses lá em cima ou no além, devem Ter nos agradecido por termos livrados sua barra suja por esses representantes mortais de araque.

19 de setembro 2003

UM FURO DE REPORTAGEM!!!

Com exclusividade, neste blog, o mais novo ataque dos **Delinquentes de Curitiba**, que aconteceu na noite de ontem. Aqui você irá ficar sabendo de detalhes deste criminoso ato de **Sabotagem & Vandalismo**.

As palavras a seguir são de um dos membros do **bando**.

ataque isolado à publicidade

De Todos os Fogos o Fogo

(ataque vinte e dois)

O crime contra a Imaginação Pública cometido pela Prefeitura Municipal de Curitiba voltou nessa semana a ser assunto entre os delinquentes. Começaram a instalar as malditas propagandas luminosas no ponto de ônibus da kitnete. Os filhos da puta privatizaram os pontos de ônibus.

Agora você chega na janela e o negócio tá lá, impondo-se no escuro da noite. A Sabotagem Publicitária acabou voltando à nossa pauta de negociações. Fábio demonstrou ser o mais obstinado de todos.

- Aquela viagem de cimentar a calçada foi Intervenção Urbana, não Sabotagem Publicitária.

- Ah, mas foi massa.

- Eu sei, mas nós temos que atacar é esses abusos como o ali de fora.

Jean e Vinícius não estavam nem ai pra conversa, só davam risadas e azaravam.

- Tem que tacar pedras nessas porras!

- Fuder com tudo! Meter fogo.

Sérgio está concluindo mais uma série de trabalhos artísticos, os primeiros de sua fase na delinquência. Dá pra ver que mudou muito o estilo. Ultimamente ele anda completamente envolvido com o processo criativo. Entusiasmado mesmo.

- E não tá nada pronto, só estará pronto quando tudo estiver no seu lugar.

- Que lugar?

- O mundo. A vida. As pessoas.

- Não viaja...

Por fim Jean e Vinícius acabaram se interessando pelo assunto e começaram a tramar seriamente alguma coisa. Quer dizer, o mais sério possível tratando-se de nós. Jean anda lendo o Clube da Luta do Chuck Palahniuk e tendo uns planos incendiários.

- Queria experimentar aquelas misturas caseiras, tipo gasolina com coca lighth.
- E será que funciona?
- Pois é! Eu queria testar a parada.

Conversa vai e conversa vem e dos pontos de ônibus privatizados acabou-se chegando ao velho e bom plano de botar fogo em algum out-door. Antigamente o cagaço sempre vencia, só que agora estamos irremediavelmente viciados em cagaços.

As idéias logo começaram a brotar.

- Agente joga gasolina. Chegamos por trás do out-door. Com toda a calma do mundo. Escalamos e vamos derramando gasolina, até encharcar.
- Fábio parecia confiante e metódico, era dele principalmente o sonho de queimar um out-door.

- Pode crê! Litros e litros de gasolina.
- Só! Na frente e atrás.
- Nossa o negócio vai queimar pra caraaaaalho!

Quem acabou dando o toque de mestre no plano acabou sendo o Sérgio. Efeitos pirotécnicos ilegais. Uma coisa de louco, um absurdo.

- A gente arma uma fileira de fogos de artifício por trás do out-door, na hora que a parada tiver pegando fogo, soltamos os fogos.

Uma idéia fantástica. Fantasticamente arriscada.

- Não dá véio, bem na hora de fugir vai ter uma zoada do inferno?
- Culhones, meu filho! Culhones ¿ Sérgio Augusto com uma machíçe surpreendente.
- Não viaja, o negócio é arriscado.
- Temos que pensar num jeito...

Como somos um bando de inseqüentes, fomos logo providenciando material sem ter bolado um plano de fulga decente. Tivemos que investir um troco legal que mesmo repartido em cinco, ainda vai fazer com que fiquemos duros por uns quantos dias. O mais caro foram os fogos de artifício.

O out-door vítima foi escolhido pelos especialistas em alvos Jean e Fábio. Por motivos óbvios não posso dizer onde, mas era um lugar manero. Não digo que tinha muita visibilidade e que seria visto por milhares de pessoas, mas era limpeza pra executar e pelo menos aparentemente, limpeza pra fugir.

Quinta-feira em Curitiba fez um dia esplendoroso, céu azul, coisa rara, interpretamos isso como um sinal. Passamos o dia ligando uns para os outros e dizendo: É hoje! Tem que ser hoje!

Nos encontramos todos na kitnete e aguardamos com uma paciência dos diabos o tempo passar pra chegar uma hora adequada pra ação. Chegou a meia-noite vazamos. Jean, Vinícius & Fábio com as mochilas contendo o material.

Levamos gasolina pura e um pouco de mistura que o Jean fez com coca ligh. No ônibus ele ia explicando como que o negócio funcionava.

- A gasolina queima fácil, só que pra ser um explosivo ela tem que queimar rápido, de uma vez só, aí sim vira um explosivo.

O viado falava alto, o povo do ônibus todo ouvindo.

- Pra queimar rápido precisa de oxigênio. Os refrigerantes dietéticos possuem uma substância que quando esquenta libera oxigênio. Sacaram?

Então encarou todo mundo que tava olhando pra ele, fez uma careta e gritou:

- Buuum!

Descemos do ônibus nos partindo de dar risadas. Descemos um pouco longe do local pra ir desbaratinando. Foi no caminho que bolamos o plano de fuga.

- Vamos todos juntos montar a parafernália toda e depois saem todos e fica só um pra botar fogo. ¿ Fábio foi quem tomou a voz.

- É! É uma boa.

- Um só é bem mais fácil de fugir. Os outros esperam num lugar seguro.

- Tá mas e quem fica?

- Eu é claro! Ô pessoal, é uma causa antiga, quase um sonho pessoal.

- Tá certo...

Pulamos o muro e andamos todos no escuro em meio a vegetação. Nada de Lanternas & nada de Pressa. Foda-se que a madrugada fosse alta & que talvez Ninguém visse. Um espetáculo destes, pra nós mesmos, já estaria louco de bom.

Logo chegamos na parte de trás do out-door. Eu e Jean escalamos a estrutura enquanto os outros montaram sentinela e ficaram alcançando o combustível. Sérgio ficou montando o esquema dos fogos de artifício, apesar de ter sido idéia sua, estava completamente cagado de medo.

- Vamos apurar logo com essa merda.

- Cala a boca e trabalha.

A porra da estrutura do out-door tava podre. Um pedaço de madeira quebrou e Jean quase caiu. Vini e Fábio alcançavam a gasolina obstinadamente.

- Ponha mais! Ponha mais!

Então levei o maior susto dos últimos duzentos mil anos. Do nada, surgiram duas crianças gritando. O susto foi tão grande que pisei em falso, um pedaço de madeira quebrou e despenquei de uma altura de uns quatro metros. Foi um negocio do caralho, o chão parecia que nunca chegava.

Quem diabos eram aqueles meninos? Que caralho eles estavam fazendo ali? Vinícius conversou com eles e saquem o grau da coincidência:

Tinha uma casinha abandonada, minúscula, tipo a única peça de alvenaria de uma casa que muito antigamente existia por ali, no meio do mato, e eles, que eram meninos de rua, dormiam dentro. Mal estava coberta e eles dormiam ali. Puta que o pariu! Definitivamente, o mapa não é o território.

Sem sombra de dúvidas, nossa ação ferraria com o dormitório dos meninos. No calor dos acontecimentos Vini os convidou para dormirem na kitnete.

- Beleza!

- É, a gente dorme lá então.

Os meninos acabaram saindo-se ótimos ajudantes e em poucos minutos encharcamos o painel publicitário de gasolina. Só tivemos que esperar o lezera do Sérgio terminar seu serviço.

Sair fora e deixar somente Fábio acionar as bombas foi de partir o coração. Sérgio terminou, mostrou & saiu correndo com os meninos. Queria fugir dali mesmo. Eu e Vinícius saímos de cabeça baixa, nos esgueirando por entre os arbustos. Lentamente, pois estava com a adrena a mil por causa do susto dos meninos. Jean ficou discutindo com Fábio, queria ficar de qualquer jeito.

Sérgio sumiu enquanto eu e Vini nos escoramos na sombra de um muro pra esperar Jean. Passou um tempão com eles discutindo e a gente vendo e não ouvindo nada até que fizeram sinal pra gente se mandar. Foi quando nos ligamos que eles acabaram resolvendo mandar o plano de fuga à merda e tacaram fogo na bagaça. Assistimos tudo colados no muro num ponto perdido entre Aterrorizados & Maravilhados.

Fábio ateou fogo no out-door e na hora em que as chamas subiram as ganhas Jean acendeu os fogos. No momento senti como se já pudesse morrer, como se já tivesse vendo tudo que bastasse. Nossa fogueira queimou mesmo, queimou pra cacete, o clarão iluminou todo o matagal que até então estava nas trevas. O show pirotécnico dos fogos de artifícios deu o charme supremo, a sofisticação necessária para o momento.

Dez segundos de perfeição.

Dez eternos segundos que quando acabaram cobraram seu preço através daquela situação fulminante de queda-livre.

- Sujou! Sujou!

- Fuja locôôôôô!!!!

Sem nenhum plano de fuga corremos feito uns desesperados. Passamos no ponto combinado e Sergio estava lá com meninos e com um sorriso congelado no rosto.

- Foi massa, foi de matar a pau.

- Bora, véio! Boraaa! Sujou!

- Sujou o que?

- Fugimos todos juntos!

- Foda-se.

- Bora, cara, bora!

Não teve jeito, por mais que ele tivesse razão nosso pânico era maior, corremos todos,

até os meninos, coitados. No caminho Fábio teve um acesso de loucura e quebrou um daqueles painéis de propaganda dos pontos de ônibus. Corremos ainda mais, os meninos riam que se mijavam, quase não conseguiam correr, tínhamos muitas vezes que puxá-los pelo braço.

Não sei quanto, mas corremos acho que uns três quilômetros.

Quando paramos num posto de gasolina pra descansar, tomar uma bera e apresentar um rango pros piazinhos não conversamos nada, apenas ríamos.

Dez segundos pra marcar uma vida inteira e na madrugada:

Uma fogueira.

Entrevista com João Paulo de Oliveira (interventor Juiz-forano)

Descreva o seu trabalho de intervenção. Você grafita, picha? Tem motivações de fundo artístico, político? Atua em grupos informais, sozinho ou participa de um coletivo?

Meus trabalhos se dividem em duas frentes, mas que convergem para um mesmo lugar: a web e são inseridos também no mesmo espaço: a cidade.

O primeiro se chama “Espontâneo: cinema urbano” ([HTTP://espontaneo.blog.com](http://espontaneo.blog.com)). Ele teve início em maio de 2008 e discute a relação entre sujeito e objeto nos centros urbanos. Com uma câmera mini-DV saí às ruas com o objetivo de criar personagens urbanos através da intervenção digital e de toda a teoria do vídeo como espaço limitado pela tela de captura. Ao observar a cidade como um cenário urbano, escolhi como objeto personagens que compõem a urbe não apenas como transeuntes, mas que se inserem ali em seu labor e fazem parte de determinadas minorias como os ambulantes, velhos e crianças. Através de situações espontâneas, as cenas foram sendo criadas tanto por mim, como criador, como pelos objetos que se transformaram em sujeitos das obras. A primeira experiência se chama “Desencarne” e retrata a transformação de um “artista” de rua, vestido de Frei Galvão. Com o tempo, o homem se revela a partir do santo e se transforma em um sujeito um tanto quanto marginalizado, com tatuagens de presidiário. Ele, ao final, termina o vídeo comendo um algodão-doce oferecido espontaneamente por um grupo de jovens que interrompe o seu trabalho. Os outros vídeos seguem a mesma linha e como destaque temos: Imundo. Catadora de latinhas em vestes que chamam a atenção pelo cuidado com os assessórios. Ela está em um ponto de consumo de classe média e recolhe as latas de refrigerantes que chegam ao fim. Porém, antes de colocá-las no saco, toma o último gole que ainda resta nas latas. Além disso, no mesmo cenário, uma criança brinca com uma garrafa de plástico vazia que esta no chão. Sua mãe a repreende dizendo que aquilo está imundo. Portanto, uma contraposição ao trabalho da catadora de latinhas. “Sete cordas” acompanha a performance de um violeiro que sem mais sem menos, vê a corda de seu violão se arrebentar espontaneamente em meio a sua apresentação. Além destes, outros que se destacam é “Majestade”, onde um garoto branco, ocupa os ombros de seu pai, negro, um contraste bastante interessante; e “Espelho”, onde a lente da câmera flagra o movimento de uma criança pelo espelho enquanto sua mãe se articula com outras pessoas.

A segunda intervenção e, provavelmente, a que interessa este trabalho tem como nome “Stencil Art”. Ela tem início com uma série de stencils de Zico, jogador de futebol que em minha opinião é o representante legítimo do verdadeiro herói brasileiro, um exemplo a ser seguido, um ótimo jogador e pai de família. O rosto de Zico foi espalhado por diversos pontos da cidade entre outubro de 2007 e janeiro de 2009. Com um tempo, percebemos haver um diálogo entre este personagem e outros transeuntes e até mesmo, graffiteiros. Hoje, a maioria das imagens foi “apagada” com um picho. Nossa investigação aponta para um motivo interessante: a rivalidade no futebol. Em vários pontos onde havia a figura exposta, juntamente, com outros stencils que não foram pichados, temos a inserção da sigla FJB que significa Força Jovem Botafoguense, arqui-rivais dos flamenguistas, adoradores de Zico. Entretanto, Zico além das ruas, foi parar na Web em um blog-catálogo [HTTP://stencilart.blog.com](http://stencilart.blog.com), onde estão inseridos outros stencils de Juiz de Fora e mesmo, do mundo, além de servir como base para a

produção de algumas camisas e quadros com a mesma máscara. Além de Zico, outros personagens também foram simbolizados nesta série de stencil. Eles fazem parte do meu repertório pessoal, porém o meu objetivo além da experiência viva de intervir no olhar urbano, tem também um toque político ao transmitir estes personagens no intuito de compartilhar com a comunidade àqueles que acredito possuem relevância para as artes e a cultura em geral. Sendo assim, produzi e graffitei outras máscaras como: Frida Khalo, Salvador Dalí, Garrincha e Júnior (jogador do Flamengo da mesma época de Zico). Além, de Dom quixote. Acho que neste sentido, as artes e a política não se separam, apenas se aproximam e tiram o homem de seu cotidiano repetitivo e habitual. Ao passar por um destes símbolos, há uma intenção de que reflitam sobre aquela imagem e que ao mesmo tempo, passem a notar a paisagem urbana de uma forma familiar.

Qual seu objetivo, como interventor urbano?

Meu principal objetivo foi conseguir criar algum tipo de vínculo mais forte com as artes e em seguida, poder compartilhar meu repertório com a comunidade, além de influenciá-los a fazer o mesmo, depositando na urbe a sua parcela subjetiva. Por fim, despertar a atenção da comunidade para o descaso com o meio urbano e com o lúdico na cidade. Antes era ali que nossa subjetividade era montada e remontada. A modernidade nos deu a velocidade e o caminho já não é tão interessante. O homem pensa apenas no seu destino e sua origem, esquece que há vida e novidade no meio.

Como conheceu este tipo de prática? O que o atraiu?

Conheci tanto por meio de publicações alternativas e outras pessoas. Entretanto, foi fundamental o meu casamento com a artista plástica Priscilla de Paula que à época de nosso início de namoro, completava sua tese sobre o graffiti feminino na Espanha. Como não tenho talento para o desenho, preferi a técnica do stencil que me é muito auxiliada pela possibilidade da web e das varias imagens ali depositadas. Minha atração pela coisa se deu pela vontade e a curiosidade de intervir no meio urbano, sentindo ao mesmo tempo o prazer pelo perigo de estar fazendo algo subversivo, além de estar preferindo um tipo de arte que se coloca anônima em termos e que posso discretamente acompanhar o seu desenvolvimento e a atração que causa nas pessoas.

Como faz a escolha do local onde irá interferir?

Zonas excluídas da urbanidade e mobiliário urbano onde já existem algum tipo de intervenção plástica e sem afetar a sinalização oficial ali presente. Meu intuito não é escandalizar ou deixar pessoas indignadas, pelo contrário, é fazer com que reflitam sobre a força que a própria pessoa tem sobre a comunidade e como esta está viva.

É notória a proliferação da arte de rua nos dias de hoje. Na sua opinião, o que motiva esta explosão?

O maior acesso à informação oferecido pela internet, a proliferação da imagem como estandarte de comunicação em todos os sentidos, além da necessidade de se tornar um protagonista do espetáculo e que esta transcenda os meios de comunicação

convencionais e protegidos pelas grandes corporações e pelo estado. Além disso, há um apelo novo pela arte e que ela esteja presente no meio urbano.

Você emprega tecnologia no processo? Usa a internet para divulgação ou pesquisa, por exemplo?

A tecnologia faz parte da pesquisa, da escolha da imagem e da edição, principalmente, Google images e Adobe Photoshop. Além disso, faz parte do processo a convergência da imagem em meio público para o meio digital seja, no flickr ou em um blog como o stencilart.

Como você avalia as conseqüências do seu trabalho? O que já conseguiu realizar, em termos práticos e abstratos? Alcançou quais objetivos?

Ele me permitiu perceber como a arte pode ser precíval e perceptível até por aqueles que se encontram longe dos locais oficiais de exposição. Além disso, possibilitou minha inserção no meio estético, algo que eu não imaginava ver possibilidade. Além disso, percebi uma proliferação de stencils a partir dos meus trabalhos e até criação de oficinas para a confecção de novas máscaras.

Quais pretende alcançar?

Pretendo ampliar o trabalho para a criação de espaços semi-oficiais, onde o entendimento da comunidade sobre o assunto se passa de maneira assertiva e inclusiva, convidando-a para a possibilidade dela responder ao novo paradigma da sociedade civil: somos ao mesmo tempo receptor e emissor, consumidor e produtor. Quando Jesus disse “vóis sois deuses”, eu penso “somos todos criadores”, entretanto, anos de aniquilação da expressão subjetiva deslocaram a nossa crença nesta verdade e produziram um sociedade passiva e que não percebe as artes e a expressão como meio de libertação do estado atual de conformismo e alienação.

A publicidade (e o próprio capitalismo) vem se apropriando das técnicas de arte de rua (ex: anúncios pichados, apropriação dos grafismos e tipos comuns à cultura hip hop, etc). Os espaços aproveitados na intervenção urbana possuem qual vantagem em relação aos meios de propaganda comum?

Nenhum. Por que ambos podem ser percebidos como adaptações espontâneas da subjetividade se inseridos no meio urbano sem a distinção clara se são ou não publicitários. Entretanto, quando esta estética invade a moda, as artes gráficas e as linguagens da TV, vemos o velho esquema de adaptação e transformação em mercadoria de culturas e sub-culturas. Neste sentido, a intervenção urbana feita para campanhas de guerrilha (marketing) acabam tendo um espaço interessante pois usam a criatividade e o inusitado em suas ações, além disso, possuem um fundo artístico da mesma forma que uma legítima que tenta passar uma mensagem política, por exemplo. De certa forma, há publicidade nos dois casos.

Tecnologias como a internet e os novos canais de comunicação (Youtube, blogs, streamings, etc) são novos espaços para reivindicações e manifestos, com vantagens como alcance mundial e disponibilidade 24hs. Então, porque realizar

intervenções nas ruas, onde o alcance é pequeno? A questão do alcance é uma preocupação?

Sim claro. O graffiti é como uma assinatura e as pessoas se vangloriam por estar espalhadas por ai. A publicidade atualmente é personalizada e suas garras chegam no dia-a-dia dos consumidores, independente se o meio é de massa ou as ruas. Quando a intervenção é em via pública, o público são as pessoas que por ali passam e podem refletir sobre os espaços urbanos e essa talvez seja a principal vantagem. A interpretação do simbólico vale para ali, mas também sai do muro e acompanha o sujeito em sua vida.

Enfim, por que a intervenção urbana tem valor numa sociedade altamente tecnológica?

Por que a intervenção urbana, além de discutir o espaço do real é amplamente apoiada pelas vias digitais que a proliferam em suas ferramentas como as citadas na ultima questão e compõem também suas comunidades virtuais desterritorializadas e amplamente interativas.